TORREZÃO

# No Theatro e na Sala

NO THEATRO E NA SALA

GUIOMAR TORREZÃO

# NO THEATRO E NA SALA

COM UMA CARTA-PREFACIO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

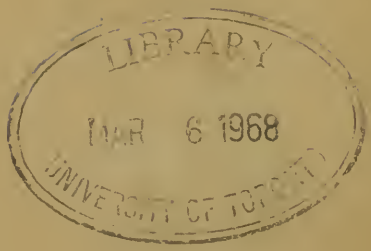
DAVID CORAZZI — EDITOR

EMPREZA DAS HORAS ROMANTICAS

Lisboa — 40, Rua da Atalaya, 52

1881

PQ
9261
N74N6




Typ. J. H. Verde, Rua Nova da Trindade, 17 e 19

# CARTA-PREFACIO

ILL.ma E EX.ma SR.a D. GUIOMAR TORREZÃO

As raras senhoras, que hoje tem nome illustre em Portugal como escriptoras, conseguiram joeirar a hervilhaca das fartas colheitas que fizeram nas searas francezas. Parece antes que formaram a sua escola no decoro e na modestia da litteratura ingleza; e, se alguma vez se deixam seduzir da velleidade menos delicada de parecerem homens, tornam-se mais admiraveis por talento, mas menos amaveis pelas graças.

Aqui, n'este paiz — como v. ex.a decerto não crê — ha tanto lyrismo e tamanha necessidade de o exhuberar em caçoulas de perfumarias, que os lyricos, se uma senhora se faz, em vez de idolo, sacerdotiza — em vez de poetizada, poeta — logo se consternam, cuidando que se lhes apaga uma estrella no seu olympo, e que, d'aqui a pouco ape-

nas lhes será permittido fazer sonetos ás senhoras que tiverem *accessit* no acto de mathematica.

Eu, se estivesse na idade em que a poesia é mais preciza ao amor que a grammatica, decerto não recearia que me escasseassem amores bastantemente ignorantes e ingenuos a quem eu offerecesse a minha lyra para escabello dos seus escarpins; e a rasão é, minha senhora, por que o geito e gosto de escrever com acêrto é extraordinario em damas portuguezas; e, pelo tanto, não é de esperar que o melhor d'ellas se emancipasse da minha devota genuflexão, nem eu me entraria do pavor de as ver todas conjuradas como amazonas para espancarem os poetas e como as damas da Tracia que esposte-jaram Orpheu.

Parece, todavia, que elles, os lettrados, se temem d'isso, a julgar pela malquerença com que os vejo contender com poetizas e romancistas!

Publica-se tanta parvoiçada do meu sexo licenciada e gabada pela critica!

Inliçam-se e subornam-se tantas condescendencias entre os mestres da arte e os remendões que recortam tombas em velhas botas de escriptores esquecidos ou obscuros para armarem tenda de feira da ladra sem que lhes grite a consciencia da ladroeira!

E ninguem lhes desluz a fama nem lhes deita ventosas nas congestões do orgulho!

Quantos escriptores de primeira ordem escrevem em Portugal como v. ex.ª? Quem lhe póde dar exemplos de elegancia de estylo, de profundeza e variedade de idéas indicativas de leitura vasta e methodica? Cada novo livro de v. ex.ª é um aperfeiçoamento que vai justificando os vaticinios dos que lêram as suas estreias balbuciantes.

Ha poucos dias, li a segunda edição das *Rosas pallidas*. È um livro significativo do rapido progresso de uma formosa phantasia que adquiriu as tristes intuições da vida real, e os serios conhecimentos da litteratura que serve a infeitar as melancolias dos quadros intimos.

N'este outro livro, ao qual v. ex.ª me quer dar a honra de associar um nome que representa um dos seus mais sinceros admiradores, revela a poderosa intelligencia de v. ex.ª a faculdade critica, embellecida com todos os donaires e energias de linguagem, que, a não ser extreme portugueza, seria ainda gentilissima.

Tenho reparado com admiração na singular felicidade com que v. ex.ª enquadra nas fórmas pouco doceis e amaneiradas da nossa prosodia as phrases flexuosas e ondulantes da lingua franceza.

Raros talentos varonis conseguiram modernisar tão graciosamente sem desprimor dos fóros da sintaxe venerada por Castilhos e Garretts.

Propende v. ex.ª, a espaços, para a escola da

verdade no sentimento e no vocabulo; porém, tão senhorilmente exercita a arte algum tanto sensualista da nova geração, e tão discretamente se desvia dos escolhos em que tocam os imitadores do romance da bohemia, que, ainda bem, nos faz v. ex.ª comprehender que todos os artificios e modos de expôr idéas são bons, quando os escriptores sabem pensar e escrever, como quem conversa em uma sala com um auditorio de pessoas bem creadas.

Este prazer de uma alegre e instructiva conversação nos dá v. ex.ª n'este novo livro, onde vai o meu nome testemunhando a gratidão de eu lhe haver merecido a deferencia de ser o primeiro a lêl-o e admiral-o.

De v. ex.ª
affectivo respeitador

S. Miguel de Seide,
4 de novembro
de 1879.

*Camillo Castello Branco.*

# NO THEATRO

# AMOR DE FILHA

DRAMA EM 3 ACTOS

# ENTRE PARENTHESIS

Escrevemos o drama *Amor de Filha* ha cerca de doze annos. Mais tarde refundimol-o, embora não conseguissemos arrancar-lhe um sem numero de imperfeições, que hoje resaltam, accusadas pelo olhar frio onde acabaram de extinguir-se as scintillações da mocidade credula e fugaz. Todavia, não o consideramos nem melhor nem peor do que muitos outros dramas-estreias, que durante os annos decorridos têem atravessado os palcos, estereis de originaes.

Este, porém, não obstante haver obtido a sancção da critica, que o ouviu ler, e de merecer a alguns escriptores, como o sr. dr. Guimarães Fonseca,—cujo *compte rendu*, hyperbolicamente laudatorio, transcrevemos do *Jornal de Lisboa*, que Deus haja, de 26 de outu-

bro de 1873 — girandolas de adjectivos, não chegou nunca a representar-se.

Um original soffrivel vale de certo mais do que uma traducção boa.

Os emprezarios e as platéas é que não pensam da mesma maneira, preferem as traducções, e, unidos por um accôrdo tacito, permittem-lhe que sejam detestaveis, medonhas, hybridas, comtanto que á ultima da hora não se locupletem á custa do fisco-recita, virando a casaca e metamorphoseando-se no réo — *Original!*

# A LEITURA DE UM DRAMA

Assistimos á leitura do *Amor de Filha,* drama em tres actos da ex.ma sr.a D. Guiomar Torrezão.

O nome d'esta senhora, engrinaldado com as primaveras da mocidade e do talento, perfumado com as folhas mimosas da poesia adoravel, do sentimento mavioso do bello ideal, das nuvens brancas da aurora da vida, das ineffaveis harmonias do coração, ferido pelo eterno raio da formosura divina, era sufficiente estimulo para acordar sympathias, enlevar esperanças, e desabrochar sorrisos affectuosos de complacencia e cordealidade. Por isso agruparam-se em volta da gentil senhora homens provados nas luctas da sciencia e da arte, como brilhante constellação para illuminarem ainda mais a sua aureola, e para lhe offerecerem os seus esponta-

neos applausos. O sr. visconde de Castilho, o sr. João Anastacio Rosa, o sr. dr. Cunha Belem, e outros distinctos cultores da arte dramatica e das musas, ouviram no silencio da benevola admiração a voz scintillante de perolas da melodiosa leitora.

O drama *Amor de filha,* é uma composição singela, despretenciosa e de uma formusura feminil. Ha n'aquelles caracteres o *quid* delicioso d'esta delicadeza melindrosa, alva, cristalina, languida, scismadora, perfumada, etherea e dulcissima. Revê-se a alma n'aquelles quadros, como n'um lago dourado em desmaios do sol no crepusculo. Sente-se um vago anhelo das harpas mysteriosas da soledade, dos cantos maguados das florestas, dos suspiros do vento, dos trinos do rouxinol e das modulações das ramarias.

Ha tambem, por vezes, a magestade das planicies azuladas do mar, das longas, ondulações dos horisontes, das paizagens largas das campinas, valles e serranias. O estylo florente, elegantissimo, puro e cheio de harmonias suaves, encanta o ouvido e alegra o coração.

O estylo do drama, especialmente, affigura-se-me de uma perfeição incontestavel. Eu não sou estylista, apenas balbucio o rythmo da prosa chã e descorada, mas tenho alguma assonancia no ouvido para perceber a musica da linguagem, e a linguagem do *Amor de Filha* afagava-me deliciosamente, e vibrava-me as cordas da alma com um fremito mavioso.

Cuido que n'este nosso theatro, por nosso mal atravancado de tantos informes aleijões de estrangeirices detestaveis e de entremezes pifios, não haverá muitas peças dramaticas que possam sustentar confronto com a ultima composição da sr.ª D. Guiomar Torrezão.

Cuido isto, porque tenho visto em todos elles uma só coisa que me parece ruim e verberanda, — o relevo do mal, ou o relevo da asneira.

Em D. Maria, por exemplo, n'esse theatro que devera ser escola de perfeição de costumes e de perfeição de caracteres, anda sempre na baila o adulterio pompeado com as galas d'uma civilisação bastarda; o entremez das audiencias... na sala, e outras facecias lorpas; no Gymnasio... no Gymnasio, ainda assim, ha lá um homem de relevantissimo merecimento, uma gloria radiante do nosso theatro, e esse homem, que nós todos veneramos e adoramos, o sr. Taborda, tem segurado pelos cabellos aquelle seu querido theatro para o não deixar resvalar no escorregadio declive ao charco pestilente do pessimo gosto da comedia insulsa, desgrenhada e immoral; na Trindade... eu já disse o que se representava na Trindade, e escuso de provocar o vomito ao leitor que me dá a honra de ler estas linhas fugitivas; na Trindade canta-se a Maria Cachucha e promette-se o can-can á burguezia que precise d'aquelle acepipe immundo; nos outros theatros são sempre os seus emprezarios obrigados a porem na scena dramalhões, para espancar as turbas, se não quizerem representar em familia.

Ora tudo isto será tudo o que quizerem, menos arte, menos drama, comedia, ou quadro da vida com a moldura da interpretação da natureza, que queria Gustavo Planche.

E' uma coisa para a gente rir, gritar, cabeccar e grunhir. Para mais nada não serve, nem mesmo os proprios auctores d'aquillo tiveram em vista outra coisa que não fosse açular os latidos e grunhidos da multidão ignara.

Mas eu creio piamente que o theatro não se fez para a *bête* de que falla Xavier de Maistre, mas sim para o *ange*, para o espirito, para a alma, para o coração, emfim para o ideal.

A arte nunca foi outra cousa senão a «ancia do ideal». Ora mergulhar a gente n'estas realidades sujas da vida boçal e torpe não póde ser trabalhar para o theatro, escrever para o theatro, ou representar no theatro.

E' sim perverter o theatro, profanal-o, deturpal-o e reduzil-o á taverna, ao bordel, á ignominia miseravel e infame.

Felizmente que a sr.ª D. Guiomar Torrezão fugiu d'esta senda pedregosa e ouriçada de cardos, que trilham pela maior parte os nossos escriptores dramaticos, moços aliás de muitissima habilidade, mas que se sacrificam para lisongear o paladar estragado e saburroso das multidões desvairadas.

E é pena que esses engenhos não levantem o nosso theatro á altura sublime da missão da arte.

E' realmente pena!

No emtanto, que as almas de eleição, os espiritos esclarecidos e justos nos dêem ao menos de vez em quando d'estes meritorios exemplos.

Que appareça de vez em quando um drama, como o *Amor de Filha*, que seja phanal, estrella matutina, oasis n'esta peregrinação pelos caminhos esconsos da comedia chula, immoral e esquipatica. Servirá para modelo, estimulo e santificação do ideal.

Não queremos roubar ao leitor o interesse da *mise-en scéne*, porque tem de ver representar o drama e é sempre melhor a espectativa. Diremos só que o seu entrecho é simples mas harmonioso.

Os reparos que ouvi fazer a um dos caracteres proeminentes da obra, urbanamente apresentados pelo sr. Rosa, são realmente attendiveis; nem é corrente a opinião, sustentada pelo sr. Cunha Belem, de que as transições forçadas e impossiveis sejam fataes nas peças do theatro e só indesculpaveis no romance.

No lavor esmerado e delicadamente contorneado de qualquer esculptura está a sua homogeneidade, a sua harmonia, o seu agradavel *ensemble*, a sua perfeição.

Não se lhe ha de pôr um nariz, como a venta inflada e rubra de um piteireiro; ou uma geba, como a do marechal pedagogo da Luz. E' como collocar umas orelhas de onagro na Venus de Phidias.

Não senhor; os caracteres malleiam-se pelas situações, pelas conjuncturas ad hoc preparadas, e passam suavemente, naturalmente, ao logar, á situação, ao lance aonde os queremos levar. Isto tanto no drama, como no romance, como no poema, como em qualquer obra litteraria.

Agora fazer de salto d'um cynico um santo isso é que não póde ser. E de mais a mais é um cynico que se faz santo porque encontra um filho.

Ora um cynico importa-se tanto com os filhos como o Papa se importa com o diabo.

Para o cynico não ha amor paternal, não ha sentimento nenhum humano e bom.

Isto é um parecer, humildemente posto, e contrariavel por quem decerto sabe mais das coisas do coração humano a sonhar do que eu a reflectir profundamente. Mas, ainda bem, que me escudo na opinião veneravel do meu presado amigo, o sr. Rosa, que é incontestavelmente o mais consciencioso apreciador de composi-

ções do theatro, e o mais eximio de todos os nossos actores.

Elle, clara e francamente o disse á illustre escriptora; a natural clareza do seu espirito d'ella comprehendeu-o bem; e nós agora, terminando, fazemos votos porque não se mareie tão desvelada e perfeita obra, como o *Amor de Filha*, com essa nodoa d'um caracter barbaro e impossivel.

Perdoe-nos a maviosa auctora das *Rosas Pallidas* o nosso atrevido dizer; não é critica isto, é applauso.

*F. Guimarães Fonseca.*

# AMOR DE FILHA

## PESSOAS

BARONEZA.
VIRGINIA, *sua filha.*
D. JULIA.
BARÃO.
MANUEL DE MONTEFALCO.
HENRIQUE.
JAYME DE VILHENA.
GUALBERTO PANTALEÃO.
AFFONSO DE MASCARENHAS.
THOMÉ, *criado.*
*Criados e convidados.*
*O 1.º e 2.º actos em Lisboa, o 3.º em Santarem.*

ACTUALIDADE.

A propriedade d'este drama no Brazil pertence, para todos os effeitos, ao sr. Bellarmino Carneiro, residente em Pernambuco.

Reservados os direitos de representação.

# ACTO I

Sala mobilada com elegancia. Portas ao fundo e lateraes.

## SCENA I

A BARONEZA E VIRGINIA

*A baroneza entra pela direita, Virginia pela esquerda.*

**Baroneza**

Disseram-me que não querias ir ao baile do conselheiro; é verdade?

**Virginia**

Se me désse licença, não ia.

**Baroneza**

Póde saber-se porque?

**Virginia.**

Não gosto de bailes, bem sabe, minha mãe.

**Baroneza**

Sabia, mas soppuz que o teu proximo casamento me havia de restituir a filha rejuvenescida e alegre...

**Virginia**

E eu penso que hei de morrer triste...

(*Depois de um silencio cheio de hesitações.*) Acredita

que esse casamento realise os meus sonhos de felicidade?

**Baroneza**

Porque não? O noivo é rico, é nobre, é elegante, e, o que vai sendo raro n'estes annos de prosa em que vivemos, está apaixonado!

**Virginia**

Infeliz!... lamento-o!

**Baroneza**

Porque? Tencionas recusar?...

**Virginia**

Deus me livre! Recusar, eu! eu, que nasci para obedecer.

**Baroneza**

Então sempre vais ao baile?

**Virginia**

Pelo amor de Deus, minha mãe, dispense-me...

**Baroneza**

(*Rindo*). Decididamente errou-te a vocação quem tenão fez freira! Fallemos serio, tu tens algum desgosto?

**Virginia**

(*Irreflectidamente.*) Talvez!

**Baroneza.**

(*Pegando-lhe na mão.*) Confia-m'o!

**Virginia**

Perdão, minha mãe, não faça caso das minhas loucuras, esqueça-as... permitta Deus que o baile a faça esquecer...

**Baroneza**

(*A'parte.*) O baile!... (*alto.*) Censuras-me por gostar de bailes?

**Virginia**

Censural-a, eu! (*beija lhe a mão respeitosa.*)

## SCENA II

AS MESMAS E HENRIQUE

**Henrique**

(*Pelo fundo.*) Incommodo-as, minhas senhoras?

**Baroneza**

Pelo contrario. O sr. Henrique deve saber que não incommoda nunca.

**Henrique**

Sei que v. ex.ª é extremamente benevola para mim, senhora baroneza; nunca o esquecerei, nem mesmo quando o destino me conduzir os passos para muito longe d'esta casa.

**Baroneza**

O que tarde succederá.

**Henrique**

Perdão, senhora baroneza, o que vai succeder dentro em algumas horas.

**Baroneza e Virgínia**

(*Ao mesmo tempo.*) Que diz?

**Henrique**

Digo que recebo as suas ordens, minhas senhoras, e que peço licença para apresentar as minhas humildes despedidas.

**Baroneza**

As suas despedidas, é possivel! Offendeu-o alguem?... (*Henrique vai fallar. Atalhando.*) Fallou com o barão?

**Henrique**

Fallei, sim, minha senhora; disse-lhe, o que tenho a honra de repetir a v. ex.ª, que um negocio urgente me chama ao Porto.

**Baroneza**

Desculpe, mas não acredito. Se tem algum motivo de queixa, seja franco.

**Henrique**

(*Inclinando se.*) V. ex.ª confunde-me...

**Baroneza**

Isso não é responder.

**Henrique**

Não julguei que fosse preciso. Os innumeros e immerecidos favores que tenho recebido respondem por mim.

**Baroneza**

Mas o senhor Henrique, por isso que, infelizmente, não tem familia nem outros laços que o prendam, parecia completamente feliz no seu modesto logar de guarda livros de meu marido.

**Henrique**

Tão feliz, minha senhora, que na convivencia da sua familia chegara a esquecer a perda da minha.

**Baroneza**

E entretanto...

**Henrique**

Tenho forçosamente de partir, e parto! Os filhos do abandono são como as parietarias das ruinas, preferem á luz do sol as sombras e o ermo. Estou-lhes roubando o tempo, minhas senhoras, perdoem v. ex.ªs.

**Baroneza**

Creia que me interesso verdadeiramente por tudo que lhe diz respeito e sinto deveras que nos deixe, muito mais agora que desejarimos associal-o ás nossas alegrias de familia. Virginia casa, como o senhor sabe.

**Henrique**

Sei, senhora baroneza, e ainda não cumpri o meu dever felicitando s. ex.ª.

**Um criado**

(*pelo fundo*) A senhora D. Julia de Castro.

**Baroneza**

Não se retire, senhor Henrique, sem que nos tornemos a ver. (*Sae.*)

## SCENA III

HENRIQUE E VIRGINIA

**Henrique**

(*Saida falsa.*) Se v. ex.ª me permitte...

**Virginia**

Tem muita pressa?

**Henrique**

Pensei que v. ex.ª queria ficar só.

**Virginia**

Porque é que pensou?

**Henrique**

Porque tudo me leva a crer que os momentos de v. ex.ª são hoje mais do que nunca preciosos.

**Virginia**

(*Assentando se e folheando um livro.*) Lembra-se d'aquelle bocadinho da *Moral em acção* que se refere a um sentimento hediondo, egoista, imperdoavel?...

**Henrique**

A ingratidão!

**Virginia**

Exactamente, a ingratidão. Ora diga-me, para que é ingrato?

**Henrique**

Ingrato, eu!...

**Virginia**

(*Levantando-se.*) Oh! seja franco. Esse negocio no Porto não passa de um pretexto.

**Henrique**

Affirmo a v. ex.ª que se engana.

**Virginia**

Ou esconde por ventura algum segredo do seu coração?

**Henrique**

O meu coração não tem segredos, assim como não tem esperanças nem alegrias! E é por isso talvez que elle foge dos felizes que o pungem com o espectaculo dos seus jubilos.

**Virginia**

Quem são os felizes?...

**Henrique**

V. ex.ª... elle... sua mãe... seu pae... todos. . todos excepto eu, que sou o ultimo dos desgraçados!

**Virginia**

E dos illudidos, diga tambem. As apparencias enganam muitas vezes...

**Henrique**

Mas a realidade não mente nunca. (*Saida falsa, inclinando-se.*) Minha senhora.

**Virginia**

(*Com impeto apaixonado, travando-lhe das mãos.*) E se eu lhe pedir que não saia de nossa casa?

**Henrique**

(*Profundamente commovido.*) Virginia!... (*Dissimulando.*) Impossivel, minha senhora! Devo partir hoje mesmo.

**Virginia**

Lembre-se ao menos do que minha mãe lhe pediu. (*Tira um annel do dedo e dá-o a H.*) E acceite este annel como uma saudade do passado, como uma memoria para o futuro.

**Henrique**

(*Beijando-lhe a mão.*) Obrigado, anjo do ceo! (*Sae rapidamente pelo fundo. Virginia segue-o com a vista e sae pela direita, desatando a chorar.*)

## SCENA IV

BARONEZA, DEPOIS GUALBERTO

**Baroneza**

Até que afinal me vi livre d'ella! Que odiosa mulher! A sua falsa amizade convencional parece-se com o odio!...

**Um criado**

O senhor Gualberto Pantaleão.

**Baroneza**

(*Rindo.*) O satellite da ursa!

**Gualberto**

(*Exageradamente vestido, pretencioso e ridiculo como uma caricatura.*) Mil perdões, excellentissima baroneza, vim talvez perturbal-a no exercicio das suas funcções de *menagère?* Imagine v. ex.ª que eu estava compondo uns alexandrinos, no genero dos ultimos de Victor Hugo... De repente, a prosa absorveu a inspiração, a poesia fugiu em debandada; os attritos da vulgaridade prejudicam o ideal! Foi então que me lembrei...

**Baroneza**

De recorrer á musa esquiva!... Encontra-a no meu jardim, no meio das florescencias da minha estufa.

**Gualberto**

Não sei se deva...

**Baroneza**

(*Rindo.*) Deve, deve. Verá como a D. Julia lhe reacende o estro.

**Gualberto**

(*Fingindo-se admirado.*) A D. Julia!

**Baroneza**

Não sabia que ella estava em minha casa?

**Gualberto**

Suspeitava... mas não me atrevia...

**Baroneza**

A pedir-me auctorisação para lhe ir fallar? Dou-lh'a com todo o gosto.

**Gualberto**

Oh! senhora baroneza, v. ex.ª é o cumulo da amabilidade, a fina flor da gentileza!

**Baroneza**

Porque leio no seu pensamento, não é assim?

**Gualberto**

Exactamente!

**Baroneza**

Olhe os seus alexandrinos!

**Gualberto**

V. ex.ª ordena, obedeço, minha senhora. (*Sae pelo fundo.*)

## SCENA V

BARONEZA, LOGO O BARÃO

**Baroneza**

(*Rindo.*) Que galeria de grotescos! São dignos um do outro!

**Barão**

Então deixaste a D. Julia só no jardim?

**Baroneza**

Já não está só. O sr. Gualberto Pantaleão foi pedir-lhe inspirações.

**Barão**

(*Rindo.*) Desventurada! Inspiral-o é atural-o, e atural-o equivale a sentirmos nos ouvidos o zumbido seccante do mosquito.

**Baroneza**

(*Sorrindo.*) És implacavel com os litteratos!

**Barão**

Com os litteratos, não; com os litteratiços e os mediocres, de certo.

**Baroneza**

Mas o sr. Gualberto é um genío.

**Barão**

E'... das magicas do Salitre.

**Baroneza**

Um genio, rival de Victor Hugo.

**Barão**

E irmão da princeza Azulina. Uma gloria dos jornaes baratos, popularisada a vintem por linha.

**Baroneza**

Ao menos não se dirá que é uma gloria gratuita.

**Barão**

Incontestavelmente; além de ser um dos inexgotaveis modelos explorados pelo lapis do Bordallo Pinheiro.

**Baroneza**

Fallemos de Henrique. Não te parece inverosimil o motivo que elle allega para a sua inesperada partida? Seria bom interrogal-o e tentar arrancar-lhe a verdade.

**Barão**

Empenhei todos os meus esforços e nada consegui. Perguntei, argumentei, implorei até, se bem me lembro. Afinal zanguei-me e lancei-lhe em rosto a sua ingratidão. Jurou-me que nenhum de nós influira na sua resolução.

Chorou e fez-me chorar, o que é ridiculo da minha parte. Os velhos teem estas deploraveis fraquezas, agarram-se ás suas affeições e aos seus habitos com a tenacidade desesperada dos naufragos.

**Baroneza**

Pobre rapaz! Escuso de perguntar se remuneraste os seus dedicados serviços?

**Barão**

Quiz, mas nem isso alcancei! Recusou, envergonhado, como se lhe offerecessem uma esmola! Extraordinario caracter!

**Baroneza**

Independente e digno!

**Barão**

Onde está a nossa filha?

**Baroneza**

No seu quarto. Julgas que o noivo que lhe destinaste a fará feliz?

**Barão**

Tenho a certeza.

**Baroneza**

Eu por mim hesito...

**Barão**

Duvidas das excellentes qualidades de Jayme? não serão ellas a mais tranquillisadora garantia?...

**Baroneza**

Não digo que não... Em todo o caso peço-te que não compromettas definitivamente a tua palavra sem adquirir primeiro uma convicção absoluta.

**Barão**

E' verdade que ha dias me parece triste... Pois bem, interrogal-a-hei, lerei no seu olhar que não sabe mentir...

**Baroneza**

Vou buscal-a.

**Barão**

Sim, sim, é boa occasião. (*A baroneza sae*) Por onde andará o pateta do Henrique?... Se eu podesse ainda resolvel-o a ficar! (*Sae pela esquerda.*)

## SCENA VI

D. JULIA SÓ, DEPOIS HENRIQUE

**D. Julia**

(*Pelo fundo*) Selvagens, *parvenus*!... Mandam as visitas para a estufa como se fossem ananazes!

**Henrique**

(*Entra pelo fundo pensativo, sem ver D. Julia. Encarando-a de repente.*) Ah! perdão, minha senhora. (*Saida falsa.*)

**D. Julia**

Ainda bem que o encontro, sr. Henrique. Tenho de sair já e queria dever-lhe o obsequio de transmittir as minhas desculpas á baroneza.

**Henrique**

Com todo o gosto, minha senhora.

**D. Julia**

Acho-o triste: teve algum desgosto? O casamento de Virginia, talvez?.. Era natural que se amassem... a similhança de idades... a convivencia... Desculpe as minhas indiscrições, e até á vista, amante infeliz! (*Sae*).

**Henrique**

(*Só*). Ninguem me comprehende e todos revolvem o punhal na ferida que cada vez mais me rasga o coração! (*Tira do peito uma medalha e beija-a.*) Acolhe-me

tu, santa dos meus cultos, tu que levaste para Deos a força da minha mocidade, a unica alegria, o unico laço que me prendia á vida! Ensina-me, martyr, o segredo das grandes dores silenciosas, diz-me como é que se domina um coração ambicioso e allucinado!... Oh! minha mãe, se a misericordia do Senhor me levasse aos teus braços e eu podesse esconder no teu peito esta pobre cabeça que delira!... Mas nem tu nem Deos me ouvem!...

**Gualberto**

(*Dentro*). Dê-me as suas ordens, sr. barão. A'manhã tenciono ausentar-me de Lisboa.

**Barão**

(*Dentro*). E' possivel!

**Henrique**

O barão! (*Sae rapidamente pela esquerda.*)

## SCENA VII

O BARÃO E GUALBERTO

**Barão**

Não me disse que ia fundar dois jornaes, montar tres typographias, publicar quatro poemas, oito comedias e doze romances? (*A' parte*). A praga dos gafanhotos!

**Gualberto**

Disse, meu caro barão; mas que quer v. ex.ª? Os poetas são como as ondas, versateis e cambiantes. O meu collega Shakspeare estabeleceu um parallelo entre a onda e a mulher, que não é mais do que a theoria da minha these, visto que o poeta é simultaneamente o espelho reflector e a victima expiatoria do eterno feminino. E' por isso que resolvi cortar as azas ao estro!

**Barão**

Faz muito bem, depenne-o! E qual é o termo da sua viagem, se não é indiscreta a pergunta?

**Gualberto**

A Costa d'Africa, onde florescem os jacarés e as pretas.

**Barão**

De maneira que a sua litteratura?...

**Gualberto**

Expirou cantando, como os cysnes! Vingo-me assim da patria, de mim e d'ella! Adeus, senhor barão! (*Sae arrebatadamente.*)

## SCENA VIII

O BARÃO, LOGO A BARONEZA E VIRGINIA

**Barão**

(*Rindo.*) Não mata de uma cajadada dois coelhos, mata tres! uma hecatombe!

**Baroneza**

(*Trazendo pela mão Virginia*). Aqui tens tua filha, vê se consegues alegral-a; eu não fui capaz. (*Sae.*)

**Barão**

(*Acariciando a filha*). O que tens tu, filha, soffres?

**Virginia**

Não, meu pae. Venho receber as suas ordens.

**Barão**

Valha-te, Deus, criança, as minhas ordens! As minhas ordens, quando no fim de contas é ella quem me governa!

**Virginia**

(*Deita-se-lhe nos braços a chorar.*) Meu pae!

**Barão**

Então que loucuras são essas?

**Virginia**

(*Dominando-se*) Perdoe-me... não é nada... (*Comprimindo o coração e soluçando,*) ha de passar... (*abraçando-o.*) Já passou!

**Barão**

Adivinhaste o que eu tinha a dizer-te?

**Virginia**

Creio que sim.

**Barão**

E é por isso que choras?

**Virginia**

Talvez!... Mas não me pergunte mais nada, supplico-lhe!

**Barão**

Porque?

**Virginia**

Porque não posso responder-lhe.

**Barão**

(*Severo*). Em nome de que dever?

**Virginia**

Em nome do dever da obediencia.

**Barão**

Não gostas de Jayme?

**Virginia**

Não, meu pae!

**Barão**

Fazes mal. Jayme é um excellente rapaz.

**Virginia**

Não o nego; mas, bem sabe, meu pae, as sympathias são espontaneas.

**Barão**

E caprichosas! porque o pobre rapaz adora-te!

**Virginia**

Não duvido, porém eu...

**Barão**

Fazes como a maior parte das mulheres, desprezas as grandes affeições, sinceras e leaes, e corres por ventura atraz de algum vago sonho chymerico e inconcebivel! Bem, não fallemos mais em tal. Não casarás.

**Virginia**

Perdão, meu pae, casarei, se é essa a sua vontade.

**Barão**

E julgar-te-has feliz?

**Virginia**

Nunca! (*Dissimulando*). Sim, hei de sel-o. Restar-me-ha o seu amor e a minha consciencia que ha de consolar-me persuadindo-me que mais do que nunca o mereço... (*Absorta, comsigo*). Sonhava, pobre louca! acordei agora. (*Correndo a beijar a mão do pae*). Perdoe-me, meu bom pae, é a primeira e a ultima vez que lhe dou um desgosto. D'aqui eæ diante ver-me-ha sempre resignada e satisfeita. Cumprirei o meu dever.

**Barão**

Enlouqueceste, criança? Julgas que sou capaz de acceitar similhante sacrificio? (*Travando-lhe do braço*). Falla sem receio... confia em mim... abre-me o teu coração... tu amas alguem? (*Virginia chora com a cabeça deitada no peito do pae*) Vamos, explica-te... esqueces que sou o teu melhor amigo?... Repara que me estás infligindo uma tortura com o teu obstinado silencio... falla!

**Virginia**

(*Com a voz afogada em lagrimas.*) Não posso, meu

pae, não posso! (*Solta-se-lhe dos braços e vae a fugir quando dá de frente com Henrique. A'parte, com profunda commoção.*) Elle!...

## SCENA X

BARÃO, VIRGINIA E HENRIQUE

**Henrique**

(*Commovido*). Venho receber as suas ordens, senhor barão.

**Virginia**

(*A'parte, no auge da angustia*). Meu Deus!

**Barão**

Já!

**Henrique**

Deus lhe pague essa palavra tão simples e tão eloquente! Senhora D. Virginia, senhor barão, os pedidos dos ausentes são como a ultima vontade dos moribundos, eu só lhes peço que se lembrem de mim algumas vezes. (*Sae rapidamente, levando as mãos aos olhos*).

*Virginia cae sem sentidos sobre uma cadeira.*

**Barão**

(*Correndo para a filha*) Era elle! ama-o!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

# ACTO II

Sala de receber, elegantemente mobilada; piano; sobre uma meza deve estar um tinteiro e uma pasta com papel. Ao fundo portas, com reposteiros corridos, que dão para a sala principal. (E' noite.)

## SCENA I

BARONEZA E D. MANUEL

*A baroneza entra por uma porta lateral, traz um ramo de violetas que vae metter dentro de uma jarra que está ao pé de um cofre doirado. Beijando o ramo.* Minhas queridas flores!...

**Um criado**

(*Pelo lado.*) O senhor D. Manuel de Monte Falco.

**Baroneza**

Ainda!...

**D. Manuel**

(*Inclinando-se.*) Desculpe-me V. Ex.ª, minha senhora, se ouso arrostar com a sua antipathia; mas não quiz ser dos ultimos a felicital-a. O meu amigo Villena creio que tambem será dos primeiros...

**Baroneza**

Penso, senhor D. Manuel, que não dei direito a ninguem de me tomar contas das minhas sympathias ou antipathias.

**D. Manuel**

Cuidado, senhora baroneza! Não me fira com o des-

prezo, olhe que é uma arma terrivel que tem dois gumes!

**Baroneza**

Uma ameaça! e em minha casa!!

**D. Manuel**

(*Curvando-se risonho.*) Uma advertencia; nada mais.

**Um creado**

O senhor Jayme de Vilhena.

**Jayme**

(*Curvando-se.*) Minha senhora. (*Aperta a mão de D. Manuel.*)

**Baroneza**

Se me permittem, vou avisar o barão. (*Saè.*)

## SCENA II

D. MANUEL E JAYME

**D. Manuel**

(*Seguindo a baroneza com um olhar simultaneamente ironico e apaixonado.*) Odeia-me! (*Alto a Jayme.*) Então, sempre vieste?

**Jayme**

A idéa de que estes villões poderiam suppor...

**D. manuel**

(*Rindo.*) Foi mais forte do que a tua inabalavel resolução... Vamos, coragem, *mio caro.* Napoleão dizia que em presença das grandes catastrophes é que se conheciam os grandes homens. A proposito, ainda não me deixaste ver a carta do teu respeitavel ex-sogro.

**Jayme**

(*Irritado, entregando-lhe um papel.*) Ahi a tens!

**D. Manuel**

(*Lendo.*) «Meu caro, a felicidade dos filhos tem di-

«reitos sagrados que se nos impõem ás vezes bem «cruelmente. Virginia dispozera do seu coração e eu «não tive forças para sacrifical-o. Perdoe ás minhas «boas intenções o mal que involuntariamente lhe vou «fazer.» (*Rindo, e declamando.*) Este ultimo periodo é modesto! O pobre homem está plenamente convicto de que depois d'esta carta só te resta o suicidio. *Aprés moi le déluge*!

**Jayme**

(*Furioso, rasgando a carta.*) Estupidos burguezes, que já se julgam com direito de desprezarem a nossa alliança!

**D. Manuel**

Podera! teem na familia *soberanos*...

**Jayme**

Hei de esmagal-os!

**D. Manuel**

Estavas apaixonado, não ha que duvidar.

**Jayme**

Endoideceste! Ignoras as incalculaveis vantagens que me offerecia este casamento?

**D. Manuel**

Os tais soberanos... percebo!

**Jayme**

Mas juro-te que heide obrigar o barão...

**D. Manuel**

A acreditar que estás deveras despeitado; não é difficil!

**Jayme**

Pensas então que devo...

**D. Manuel**

Castigal-os, é fóra de duvida, mas por outro processo.

**Jayme**

Qual?

**D. Manuel**

Ferindo a baroneza!

**Jayme**

Como? Explica-te!

**D. Manuel**

Sabes que genero de sentimento é o amor?

**Jayme**

Queres que te responda francamente? não!

**D. Manuel**

Sei eu. E' uma doença que affecta simultaneamente o coração e a cabeça e que ou se cura de repente, applicando a formula de Hanemann, ou degenera em alienação mental. Ora a baroneza está doente, não se curou ainda e caminha fatalmente para a crise.

**Jayme**

Mas como sabes tu?...

**D. Manuel**

(*Rindo.*) Adivinho!

**Jayme**

E quando assim seja, a que proposito me contas tu isso?!

**D. Manuel**

A proposito de ti, meu leão sem garras! Em resumo; a baroneza está apaixonada pelo Affonso de Mascarenhas.

**Jayme**

Cuidado! Olha se o barão te ouvisse...

**D. Manuel**

Seria mais rapida a tua vingança.

**Jayme**

Não entendo!

**D. Manuel**

Has de convir que a tua intelligencia é por vezes de uma resistencia...

**Jayme**

Será, mas acaba!

**D. Manuel**

Queres vingar-te sem cair no ridiculo, vingar-te como um homem de espirito, com o punhal na mão *ganté* e o riso na bocca? Arranca a mascara a esse estupido idyllio conjugal!

**Jayme**

Comprehendo e digo-te que é infame!

**D. Manuel**

Parece-te?

**Jayme**

Repugna á minha consciencia!

**D. Manuel**

Ah! tu tens ainda a ingenuidade de acreditar na voz reprehensivel da consciencia? E' sonoro e não deixa de ser bonito. No fim de tudo, fazes bem. A troco de alguns contos de reis e de uma pequena beliscadura na vaidade compraste a tua inapreciavel liberdade de solteiro. *N'en parlons plus.*

**Jayme**

Fallemos, sim, fallemos. Os meus escrupulos são absurdos. Alem de que, chega a ser elegantemente realista, como um capitulo de Zola. Está dito, perfilho a tua idéa!

**D. Manuel**

Como quizeres.

**Jayme**

O que é necessario fazer?

**D. Manuel**

Pouco e muito: uma obra de caridade, ler ao barão o romance sentimental da sua casta Suzana.

**Jayme**

O barão não acreditará. Confia cegamente na mulher...

**D. Manuel**

Deixa-te d'isso. O barão não poderá fugir á evidencia.

**Jayme**

A que chamas evidencia?

**D. Manuel**

(*Designando o cofre doirado.*) Áquelle cofre, depositario das ternas missivas.

**Jayme**

As cartas?!

**D. Manuel**

Sim!

**Jayme**

Mas elles não tinham outro meio de correspondencia?

**D. Manuel**

Tinham de certo. Provavelmente não quizeram confiar o segredo ás indiscrições de um intermediario. Ora o que dirá o barão, se prevenido em tempo opportuno surprehender o roubador da sua honra no acto de cartear-se amorosamente com a mulher?

**Jayme**

(*Aperta-lhe a mão.*) És um talento! mas por força odeias essa mulher!

**D. Manuel**

(*Dirige-se á meza.*) Vejamos se aqui mesmo se póde redigir o libello.

**Jayme**

Escreves tu, sim?

**D. Manuel**

(*Senta se e escreve. Levanta-se.*) Vê se alguem é capaz de adivinhar que está aqui a minha letra?

**Jayme**

(*Rindo.*) Ninguem! Admiravel! E's um genio calligraphico!

**D. Manuel**

(*Dá-lhe a carta.*) Ahi tens a arma, engatilha e dispara!

**Jayme**

Hoje?

**D. Manuel**

Isso é comtigo: se o teu justo resentimento póde esperar, que espere.

**Jayme**

Tens razão; quanto mais cedo melhor! Felizmente, recebem esta noite...

## SCENA III

OS MESMOS E O BARÃO

**Barão**

Oh! meu caro Jayme, não esperava que me désse hoje o prazer de apertar-lhe a mão; sr. D. Manuel. (*Trocam apertos de mão.*)

**Jayme**

Vim trazer-lhe os meus sinceros parabens, barão; bem sabe que sou seu amigo verdadeiro.

**D. Manuel**

Partilho os sentimentos do meu amigo e louvo a bizarra generosidade da sua alma, sr. barão, que não

hesitou tratando-se da felicidade de sua filha diante de preconceitos absurdos e de interesses mesquinhos. E' de suppor que a critica prudhonesca da nossa pequenina sociedade burgueza lhe censure a acção; mas compensal-o-hão de sobra as sympathias de todas as pessoas de bom senso.

**Barão**

(*Commovido.*) Obrigado, meus srs., obrigado!

**Um criado**

A senhora D. Julia de Castro.

**D. Manuel**

(*Á parte.*) A minha collega, chega a proposito.

## SCENA IV

OS MESMOS E D. JULIA, LOGO VIRGINIA

**D. Julia**

Estava morta por lhe fallar, meu querido barão. Então, diga-me, que novidades são estas? Noivos trocados á ultima hora, o seu guarda livros metamorphoseado em genro!...

**Barão**

(*Fazendo-lhe ver com um gesto J. e M.*) Que quer V. Ex.ª? Caprichos de corações femininos, que v. ex.ª deve comprehender melhor do que eu.

**D. Julia**

(*Fingindo-se surprehendida.*) Meus senhores; não tinha reparado!

**D. Manuel**

Que desesperante franqueza!

**Barão**

(*Rindo.*) A sr.ª D. Julia é descaroavel!

**D. Manuel**

(*Rindo.*) É uma tyranna humanisada, a que a natureza e a Aline emprestaram ardilosamente as seducções da belleza e os artificios da toilette!

**D. Julia**

(*Rindo.*) E o sr. D. Manuel é um epigramma ambulante, um cinzelador de phrases sonoras que dispara em girandolas, como os fogueteiros, só para gozar o effeito, mas que não pensa absolutamente nada do que diz nem diz nunca o que realmente pensa.

**Barão**

Bravo, sr.ª D. Julia, a desforra é brilhante!

**Virginia**

Então que é isto, temos desafio?

**D. Julia**

(*Abraçando Virginia e chamando-a de parte.*) Ainda bem que não casas com o Jayme, é um extravagante. O Henrique é que me parece excellente moço! Sentes-te feliz?

**Virginia**

Divinamente feliz! com quanto se me afigure ás vezes que estou sonhando.

**D. Julia**

Não sei como o barão consentiu!

**Virginia**

Meu pae é um anjo!

**Jayme**

(*Baixo a Manuel indicando V.*) Não vês a rapariga? nem sequer me poz olhos!

**D. Manuel**

(*Idem.*) Por mais que digas, estás por força apaixonado!

**Barão**

(*Dando o braço a Virginia.*) Vamos buscar tua mãe; até já, meus senhores.

**Virginia**

(*A Julia, beijando-a.*) Queres vir?

**D. Julia**

Não; espero-te aqui. (*Virgínia e o barão saem.*)

## SCENA V

JAYME, MANUEL E D. JULIA

**Jayme**

Dá licença, minha senhora? (*Tomando M. de parte, emquanto D. Julia folheia os albuns.*) Já não posso atural-os; além d'isso vou tractar do que sabes. Dá á minha saida o primeiro pretexto que te occorrer e prepara-te para assistir ao espectaculo, que eu applaudirei... de longe. (*A Julia.*) Minha senhora. (*Sae.*)

## SCENA VI

D. MANUEL E JULIA

**D. Julia**

Então o seu amigo deixou-nos?...

**D. Manuel**

Foi tractar de um negocio urgente. Ainda bem que estamos sós. Imagine v. ex.ª que por sua causa experimentei o pungir do remorso.

**D. Julia**

Por minha causa?

**D. Manuel**

Tal qual! Se nem sequer lhe agradeci as preciosas revelações que me fez!

**D. Julia**

E dizem que as mulheres é que são curiosas!

**D. Manuel**

Quem confessa o seu peccado...

**D. Julia**

Pois é possivel que ainda se lembre!

**D. Manuel**

Como se fosse hoje!

**D. Julia**

Interessaram-n'o muito?...

**D. Manuel**

Quasi tanto como a v. ex.ª.

**D. Julia**

Como? a mim! mas quem lhe disse?...

**D. Manuel**

Que v. ex.ª detesta Affonso de Mascarenhas um pouco mais talvez do que eu odeio a baroneza? E' jogo franco, bem vê.

**D. Julia**

Observar-lhe-hei que além de enigmatico está sendo um poucochinho inconveniente!

**D. Manuel**

Já esperava a advertencia. Vós, mulheres, não desgostaes de surprehender os segredos alheios mas não perdoaes nunca que vos adivinhem os vossos.

**D. Julia**

Senhor!

**D. Manuel**

Resumamos. V. Ex.ª está apaixonada.

**D. Julia**

Basta, senhor D. Manuel!

**D. Manuel**

Perdoe-me v. ex.ª, todos os meios são bons para

chegar aos fins. *Je prend mon bien où je le trouve*, é a maxima de Voltaire... e a minha!

**D. Julia**

Enigmatico e contradictorio! Começou dizendo que eu odiava o sr. Mascarenhas e acaba affirmando que o amo!

**D. Manuel**

Se eu não fosse já o mais convicto admirador do seu espirito, sel-o-hia hoje.

**D. Julia**

(*Rindo.*) Muito obrigada. Isso é declaração?

**D. Manuel**

Deus me defenda! (*Passando a mão pelo cabello.*) E as brancas?... Limito-me simplesmente a fazer-lhe uma proposta.

**D. Julia**

Continua a charada! assevero-lhe que não cultivo o genero.

**D. Manuel**

Eu me explico. Ha offensas que uma mulher verdadeiramente superior, como v. ex.ª é, não perdoa nunca e que só podem ser esquecidas no momento em que forem vingadas.

**D. Julia**

E... quem me afiança que não se está divertindo á custa da minha credulidade?

**D. Manuel**

A minha palavra de homem de bem.

**D. Julia**

Tambem o odeia?

**D. Manuel**

Creio que sim.

**D. Julia**

Por causa da baroneza?

**D. Manuel**

Póde ser.

**D. Julia**

Começo a apreciar a reciprocidade dos nossos interesses . . .

**D. Manuel**

Odeio-o tanto quanto a amei a ella. Não pretendo impor-me á sua sensibilidade assumindo a *pose* tragica de Werther ou Manfredo. Não sou nem mais feliz nem menos desgraçado do que a maioria dos homens. Ganhei apenas mais cedo a experiencia que só se adquire tarde e á custa de terriveis desenganos!... O acaso approximou-me um dia da baroneza; a minha fantasia emprestou-lhe uns dotes idealmente bellos, que ella não possuia; o destino, ou o demonio, mostrou-m'a atravez dos veos diaphanos da miragem, como a Margarida apparece a Fausto. Amei-a e confessei-lh'o sentimentalmente, prhudhonescamente, com uma ingenuidade saloia digna de Florian e do meu leiteiro. Ella, como era de esperar, riu-se de mim e voltou-me insolentemente as costas. Não estranhei, mas comecei a perceber que a odiava, e, como tambem é natural, colloquei me na espectativa dos acontecimentos. V. ex.ª alcançou confirmar umas vagas suspeitas que ha muito rumorejavam ao meu ouvido... Soou finalmente a hora em que me é licito ver abatido o orgulho que ousou desafiar o meu! N'esse delicioso momento, ha tanto esperado, quando todos a abandonarem, marido, filha, amigas, a consideração do mundo, descerei até onde ella tiver cahido só para lhe dizer:— Aqui tem como se vingam os desprezados!

Agora que sabe tudo, está disposta a auxiliar-me?

**D. Julia**

O que é necessario fazer?

**D. Manoel**

O barão ha de receber esta noite uma carta anonyma: se duvidar e for absolutamente necessario o depoimento de uma testemunha, posso contar com v. ex.ª?

**D. Julia**

Se não houver outro meio...

**D. Manuel**

Bem; afinal, entendemo-nos! (*Aperta-lhe a mão*).

## SCENA VII

OS MESMOS E GUALBERTO

**Gualberto**

(*Que ouviu as ultimas palavras e viu o aperto de mão, áparte.*) Ama outro! já devia esperal-o, e eu que trazia um acrostico de proposito para offereeer-lhe!... Oh mulheres!

**D. Manuel**

(*Rindo.*) União eterna e discrição absoluta.

**Gualberto**

(*Desce.*) Perdão, desejo saber se a sr.ª D. Julia auctorisou as palavras que acabo de ouvir?

**D. Manuel**

E eu respondo-lhe, que nem eu nem a sr.ª D. Julia estamos para o aturar.

**Gualberto**

(*Furioso.*) Senhor D. Manuel!

**D. Manuel**

(*Rindo*) Ó meu caro poeta, romancista, jornalista, dramaturgo, ou o que o senhor é, porque não foi para a Africa? Afianço-lhe que ninguem morria de saudades.

**Gualberto**

V. ex.ª insulta-me!

**D. Manuel**

Não ha tal, lastimo-o!

**D. Julia**

E eu peço-lhe pela centessima vez que me deixe!

**Gualberto**

(*A'parte.*) Ingrata! (*Alto.*) E' a sua ultima decisão, minha senhora?

**D. Julia**

(*Rindo.*) Ultima! Se me faz favor, primeira e unica!

**Gualberto**

Talvez se arrependa...

**D. Julia**

Asseguro-lhe que não!

*Veem-se entrar senhoras e homens para a sala immediata. Os creados preparam mezas para o jogo. O barão, Virginia e Henrique apparecem na mesma sala e dirigem-se aos convidados. Entra a baroneza pela esquerda.*

## SCENA VIII

OS MESMOS E A BARONEZA

**Baroneza**

(*Apertando a mão de D. Julia.*) Boa noite, minha querida; desculpa não ter vindo logo. Oh! o senhor Gualberto Pantaleão! Desistiu da projectada viagem?

**Gualberto**

(*Curvando-se.*) Não, minha senhora, mas...

**Baroneza**

(*A'parte procurando alguem.*) Como tarda!

**Manuel**

(*Á parte.*) Procura-o!...

**D. Julia**

(*Á baroneza que tem ido aspirar o ramo de violetas.*) Já sei que estamos em vesperas de matrimonio; dou-te os meus parabens.

**Baroneza**

Já os déste a Virginia? Ella está doida de alegria!

**D. Julia**

Bem vi. Henrique é que de certo não esperava...

**D. Manuel**

Poucas vezes se realisam assim os ambiciosos sonhos da mocidade!...

**Baroneza**

(*Respondendo a Julia.*) Merece-a bem: é um excellente e digno rapaz! (*Tomando-lhe o braço.*) Queres dar uma volta pelas salas?

**D. Julia**

Irei.

**Um criado**

(*Pela direita.*) O senhor Affonso de Mascarenhas.

**D. Julia**

(*A'parte, notando que a baroneza lhe larga irreflectidamente o braço e fica.*) Como se condemna!

## SCENA IX

OS MESMOS E AFFONSO, LOGO O BARÃO, VIRGINIA E HENRIQUE

**Affonso**

(*Aperta as mãos aos homens e comprimenta as senhoras.*) Desejei vir mais cedo para trazer a v. ex.as os meus parabens, mas não me foi possivel; ainda assim espero que elles não me sejam rejeitados.

**Baroneza**

De certo que não.

*Gualberto sóbe. O barão que tem visto Affonso desce, bem como Virginia e Henrique.*

**Barão**

(*A Gualberto rindo.*) Então que é isso, viajante, mudou de projecto? (*em segredo.*) Ha alguma esperança?

**Gualberto**

Nenhuma! (*á parte.*) Que vexame! (*Dirige-se para a outra sala onde persegue differentes pessoas lendo papeis e gesticulando; ninguem lhe dá attenção. Veem-se alguns convidados assentados ás mezas, jogando.*)

**Barão**

(*Rindo.*) Desventurado! (*A Affonso, apertando-lhe a mão.*) Que lhe parece aquelle martyr?

**Virginia**

(*A Affonso.*) Ora até que chegou! Estava anciosa pela sua visita: não se falla senão do seu novo poema; temos muito que conversar a esse respeito.

**Affonso**

O meu poema! Oh! minha senhora, v. ex.a é que é a poesia, e a felicidade tambem. (*Apertando a mão de Henrique.*) Não é verdade, Henrique?

**Henrique**

Oh! se é, uma felicidade infinita e sobrehumana que me deslumbra!

**Barão**

Sabe que este ingrato queria deixar-nos?

**Henrique**

Virginia, peça-lhe que me perdoe.

**Virginia**

(*Deitando-se ao pescoço do barão.*) Meu bom pai!

**D. Manuel**

(*Á parte, motejando*) *Tableau!*

**Virginia**

(*A Affonso*) Dar-nos-ha hoje o prazer de lhe ouvirmos alguns excerptos do seu poema, sim?

**Affonso**

A poesia hoje não se declama, sente-se.

**Virginia**

Por isso mesmo que se sente é que se declama.

**Affonso**

Talvez; mas n'esse caso só a v. ex.ª é dado esse privilegio, mesmo porque só as senhoras teem na voz a musica que os poetas compõem, mas que não sabem executar.

**D. Julia**

É verdade, queridinha, repete-nos os ultimos versos do sr. Mascarenhas.

**Baroneza**

(*Perturbada, á parte*) Ah!

**D. Julia**

Os que elle escreveu no album de tua mãe.

**Barão**

Excellente idéa! e eu que ainda não os vi!

**Affonso**

Não se fatigue v. ex.ª... não vale a pena...

**Henrique**

Pelo contrario, vale muito a pena. (*A Virginia*) Então, minha senhora, recite!

**Virginia**

E' uma verdadeira conspiração; não ha remedio!... *Entra um criado com uma carta.*

**Criado**

Uma carta para o senhor barão.

**D. Manuel**

(*Á parte*) Finalmente!

**D. Julia**

(*A'parte.*) A carta!...

**Barão**

(*Ao criado.*) Deixa-a ahi; agora não estou disposto a ler cartas; (*rindo*) provavelmente trata de cifras e eu prefiro-lhe notas, de outra especie ...

*O criado põe a carta sobre uma meza á esquerda e sae. Tremulo na orchesta acompanhando o recitativo.*

*Os convidados fazem circulo e approximam-se de Virginia. A baroneza mostra-se muito perturbada.*

**Virginia**

A ELLA! (*)

Passa no ceu a radiosa estrella
presa ao destino de algum astro irmão!
se á luz do ceu alguem levanta a mão,
cança-o o desejo, mas não póde havel-a!

(*) Estes versos, escriptos expressamente para o drama *Amor de Filha*, foram-nos delicadamente offerecidos pelo seu auctor, o sr. Candido de Figueiredo.

Oh! minha estrella de celeste alvor,
que radiante me guiaste os passos!
se á tua luz embalde estendo os braços,
a tua imagem me reaccende o amor!

Tenho-a ao meu lado—Quando inclino a fronte
aos devaneios d'um sonhar febril,
surge formosa, como o sol de abril,
que beija o valle e sobredoira o monte.

Quando esta vista, que essa luz cançou,
se eleva aos astros procurando-a a ella,
nos raios vividos de cada estrella
acho os vestigios que essa luz deixou!

Aspirações que tão acima erguera,
crenças tão fundas que ella em mim nutriu,
fugiram como de manhã fugiu
a branca nuvem da azulada esfera!

Passai ó nuvens que velaes o ceu,
que me ensombrais a minha luz querida!
que eu possa ainda resurgir á vida,
que o vento leve o tenebroso veu.

Baldado anceio! a minha luz caminha
longe dos olhos que não tem farol!
e á luz que ha pouco me era estrella e sol,
só nos meus sonhos eu direi—és minha!

Quem me trouxesse a inspirada luz
que désse vida a um coração que é morto,
d'um mar de escolhos me seria porto,
e cyrenneu d'esta pezada cruz.

Mas ah! ninguem na dolorosa via
me entende as maguas que soltando vou!

procuro a pomba que de mim voou,
ninguem me diz aonde a pomba iria!

Minha não és, mas aos ouvidos teus
leva estas fallas o ligeiro vento,
leva-as da flor o perfumado alento,
leva-as o canto que remonta aos ceus!

(*Applausos dos convidados*).

## SCENA X

OS MESMOS E GUALBERTO

**Gualberto**

A arte pela arte, felicito-o, confrade; mas sempre lhe direi, queira Deus que a sua *ella* não pertença ao genero d'aquellas de quem Francisco I escrevia:—*Souvent femme varie, bien fol est qui se fie*! Se me dão licença vou-lhes recitar uns versos meus; estão ainda tepidos...

**Barão**

(*Rindo.*) E moles, como o pão quente. Creio, porém, que a sr.ª D. Julia ia cantar.

**Gualberto**

Ah! preferem Euterpe a Erato! (*á parte*) Oh! poesia, renegam-te. (*Alto.*) Se me dão licença, retiro-me.

*Henrique e Virginia conversam n'um grupo. Os convidados, formando grupos, conversam.*

**Barão**

Pois não, meu amigo, não se constranja.

**Gualberto**

Vou concluir o XI capitulo de um romance da novissima eschola realista. Imaginem que o protogonista

morre de amores por uma mulher que o despreza. O capitulo abre em uma noite de baile, sala povoada de mulheres e de flores, scintillante de perfumes e melodias; pouco mais ou menos é assim que eu digo. O meu heroe vagueia pelas salas, ou pára silencioso e pensativo encostado ás ombreiras das portas. Inesperadamente surprehende a ingrata em *tête à tête* com o rival preferido! Que partido imaginam que lhe cumpre tomar em tal lance?

**Henrique**

Suicidar-se!

**D. Manuel**

Como Werther!

**Gualberto**

Diz bem; adopto o seu conselho. (*A' saida para D. Julia.*) E ella, que nome entende v. ex.ª que deverei dar-lhe?

**D. Julia**

(*Rindo.*) Pergunte-o á madrinha.

**Baroneza**

Dê-lhe o nome de Julia.

**Gualberto**

Admiravelmente respondido! obrigado, minha senhora. O romance terá por titulo — *A victima de uma mulher!* (*Sae*).

## SCENA XI

OS MESMOS, EXCEPTO GUALBERTO

**Virginia**

(*Rindo.*) Pobre homem!

**D. Julia**

Nós, que o aturamos, é que somos dignos de lastima.

**D. Manuel**

V. ex.ª é cruel!

**Barão**

E' inexoravel!

**D. Julia**

(*Baixo a D. Manuel.*) O barão não leu a carta!

**D. Manuel**

(*Idem.*) Lerá. (*Affonso vae até á meza do cofre. Manuel passa pela meza da esquerda, olha para a carta com apparente indifferença. Os convidados ao fundo da scena.*) Talvez v. ex.ª não reparasse, barão, esta carta traz no sobrescrito a palavra urgente.

**Barão**

Sim? vamos a ver. (*Approxima-se da meza.*) Se me permittem, meus senhores... (*Rasga o sobrescrito, no acto de ler Affonso, que tem as costas voltadas para elle, introduz um papel no cofre. O barão levanta os olhos da carta e demora-se algum tempo olhando para Affonso, depois dirige-se á meza, abre com gesto violento o cofre, tira a carta e lê.*) Miseravel!

*Gesto de espanto em todas as figuras que estão em scena.*

**Baroneza**

(*Na maior angustia.*) Meu Deus!

**Barão**

(*A meio da scena, amarrotando a carta.*) Ha quem receie mais a vergonha do que a deshonra, preferindo occultal-a mesmo a troco dos mais ignobeis artificios; eu não! Entendi sempre que os grandes crimes devem ter grandes punições! (*Indicando a baroneza.*) Veem aquella mulher? roubou-me o socego da velhice, correspon-

deu á minha confiança atraiçoando-a, lançou uma nodoa eterna na minha honra immaculada, assassinou-me! Quem ultraja assim os deveres de mãe e de esposa não inspira senão desprezo! (*Mostrando-lhe a porta.*) Póde sair, senhora! (*A baroneza cáe sem sentidos sobre uma cadeira, Virginia na maior angustia corre a soccorrel-a.*)

**Affonso**

Senhor barão!...

**Barão**

Silencio! nós, mais tarde. (*Dando a carta a Manuel.*) Leia, senhor D. Manuel; desejo que todos oiçam.

**D. Manuel**

(*Lê*) «Minha formosa Virginia, não faltarei á hora do costume, entrarei pela porta do jardim; o teu Affonso.»

*Gesto de grande espanto em todos que estão em scena. Algumas senhoras vão saindo.*)

**D. Julia**

(*A' parte.*) Estou vingada!

**Henrique**

(*A' parte, consternado.*) Infeliz!

**Virginia**

(*Depois de ter estado pensativa, ajoelha aos pés do barão lavada em lagrimas.*) Perdoe-me, meu pae... perdoe a uma desgraçada... Não, não perdoe, eu não mereço o seu perdão, perdi-me e perdi-o! mas, por Deus, não castigue senão os culpados! Minha mãe está innocente, peça-lhe que lhe perdoe... e que me perdoe... Aqui não ha senão uma criminosa... fulmine-a com a punição que merece, é a sua filha!

**Henrique**

(*Como doido.*) Que diz ella?!!

**Affonso**

(*Baixo a Virginia.*) Que faz, minha senhora?!

**Virginia**

(*Baixo.*) Salvo-a! (*Deixa-se ficar de joelhos.*) Espero a sua sentença, meu pae!

**Barão**

(*Apertando a cabeça nas mãos.*) Endoideço! Ella!!... a minha filha!!...

FIM DO 2.º ACTO.

# ACTO III

Sala ao rez do chão, mobilada com singeleza adquada a uma casa de campo, portas e janellas abrindo para o jardim.

## SCENA I

HENRIQUE E THOMÉ

**Thomé**

(*Entrando pelo lado.*) Chamou, senhor Henrique?

**Henrique**

(*Trajando de preto e muito abatido.*)

Chamei; manda pôr o coupé, vai na almofada e espera na portaria do convento as ordens da senhora D. Virginia.

**Thomé**

A senhora vem hoje?

**Henrique**

É provavel.

**Thomé**

Deus o queira! Estas visitas, de quinze em quinze dias, são a unica alegria da nossa casa.

**Henrique**

(*Pensativo.*) Assim é.

**Thomé**

Verdade seja que depois a senhora baroneza ainda fica mais triste. Pobre senhora, aquillo é que foi mudar! Vão lá fallar-lhe agora em festas e bailes. Tirante os pobres de Santarem, ninguem mais lhe põe a vista em cima.

**Henrique**

Boa alma!

**Thomé**

O que ella quiz foi mandar-se mudar para perto da filha. Quem havia de pensar!...

**Henrique**

(*Severo.*) Thomé!

**Thomé**

Olhe, senhor Henrique, sempre lhe quero dizer que trago ha tres mezes uma tineta encaixada na bola...

**Henrique**

(*Atalhando.*) Thomé!

**Thomé**

Porque sabe o diabo muito? porque é velho: eu cá me entendo...

**Henrique**

Thomé, advirto-o de que não consinto que na minha presença se pronuncie uma palavra menos respeitosa com referencia á senhora D. Virginia.

**Thomé**

Faltar-lhe ao respeito, eu! Ora essa, senhor Henrique! Eu que lhe tenho tanto amor! Parece que ainda a sinto aqui a pular-me nos braços! E' por isso mesmo...

**Henrique**

E' por isso mesmo?...

**Thomé**

Sim, senhor, é exactamente por isso que eu desconfio dos taes senhores Monte Falco e Vilhena.

**Henrique**

Não entendo!

**Thomé**

Não entende! (*A'parte.*) Isto é que é trigo sem joio! (*Alto.*) Eu me explico. Na mesma noute em que succedeu aquella desgraça, passando eu pela sala do piano pesquei que o D. Manuel e o senhor Jayme fallavam em segredo. Fez-me aquillo especie, demais a mais eu nunca pude tragar aquelles peralvilhos. Volta para aqui, volta para ali, cheguei a ouvir algumas palavrinhas; tratava-se de uma carta... Ora eu tenho bom olho...

**Henrique**

(*Rindo.*) E bom ouvido!

**Thomé**

Ria, ria, senhor Henrique, os moços riem sempre da experiencia dos velhos, mas no fim cá vem bater. Lá diz o dictado... Eu cá por mim era capaz de ir pôr as mãos no fogo em como tudo foi tramado por aquelles impostores.

**Henrique**

Thomé, os inferiores não devem discutir o que veem e sabem, quanto mais o que ignoram!

**Thomé**

(*A'parte.*) Isto é que é fallar!...

**Henrique**

Olhe que são horas de ir...

**Thomé**

Vou já, senhor Henrique. Não se me dava de apostar que o tal D. Manuel...

**Henrique**

Basta, Thomé, basta!

**Thomé**

Apparece por ahi qualquer dia, oh, se apparece! Eu tenho bom olho! (*Sae.*)

## SCENA II

HENRIQUE SÓ, DEPOIS A BARONEZA

Talvez elle tenha razão; se eu conseguisse obter a prova!... Mas que interesse poderia determinar uma tal infamia?... E d'ahi, não vimos a carta, não confessou ella propria?... Desgraçado que eu sou! Esta idéa fixa absorve me a vida, tortura-me, desvaira-me!...

**Baroneza**

*Vestida com a maior simplicidade.* Fez o que lhe pedi, senhor Henrique?

**Henrique**

(*Inclinando-se.*) Sim, minha senhora, estão cumpridas todas as suas ordens.

**Baroneza**

Ordens! Já lhe disse, Henrique, eu não ordeno, peço!

**Henrique**

Senhora baroneza...

**Baroneza**

Não me trate assim; chame-me simplesmente pelo meu nome; é mais affectuoso e mais intimo.

**Henrique**

Perdão, minha senhora, mas esse nome...

**Baroneza**

Tambem o senhor é despiedoso?

**Henrique**

Soffro!...

**Baroneza**

Desculpe-me; as mães cegam-se! O senhor tem sido um anjo de abnegação e misericordia. Podendo, tendo todo o direito de queixar-se, não accusou ninguem! Querendo ausentar-se de Portugal, ficou a rogos meus. Devo-lhe ainda a consolação suprema de abraçar minha filha duas vezes por mez, e Henrique, se não fosse a sua dedicação, constante e inalteravel, não sei o que seria de nós... o barão não consentiria nunca...

**Henrique**

Por quem é, minha senhora.

**Baroneza**

Já que não posso dar-lhe a felicidade de que é digno, deixe-me ao menos testemunhar-lhe o meu reconhecimento.

**Henrique**

Qualquer faria o que eu fiz; ha só uma cousa em que ninguem me excederia, na immensa dor que me punge!

**Baroneza**

E ella? Calcule o que soffrerá!

**Henrique**

Ella é um anjo!... Se não fosse esta inquebrantavel convicção, talvez inexplicavel, morreria desesperado!

**Baroneza**

Obrigada, Henrique; Deus lhe pague as suas generosas palavras!

## SCENA III

OS MESMOS E O BARÃO

**Barão**

(*Pelo fundo.*) Venho dizer-te que não posso cumprir o que prometti. Tenho de ir visitar um amigo que chegou hoje de Lisboa e que retira amanhã.

**Henrique**

(*Á parte*) Sempre evasivas!

**Baroneza**

Deixarás de visitar esse amigo, que não vale de certo mais do que os outros. (*Pegando-lhe na mão.*) Não saias hoje, Pedro, supplico-te!

**Barão**

Não posso!

**Baroneza**

Em nome de tua filha! A desventurada chora sem consolação; ha tres mezes que debalde se arrasta aos teus pés implorando que lhe perdoes e que lhe permittas ao menos a esmola de beijar-te a mão.

**Barão**

Hoje é impossivel!

**Baroneza**

Pois não será uma crueldade esse obstinado rigor contra uma pobre criança?...

**Barão**

Esqueces que essa criança me deshonrou? Já agora deixa-me dizer-te tudo, pela primeira e ultima vez. Recuso vel-a porque tenho ainda a cobarde fraqueza de a adorar. Mas se este desatinado amor me allucinasse a ponto de perdoar-lhe, seria horrivel, porque

depois de a desprezar a ella teria de me desprezar a mim proprio!

**Baroneza**

(*No auge da commoção.*) Oh! Deus!...

**Henrique**

Senhor barão, tenha dó de sua mulher; olhe que a está matando!

**Barão**

Tens razão, Henrique; pobre mãe! Perdoem-me; se eu sou tão desgraçado! (*Sae rapidamente.*)

**Baroneza**

(*A'parte.*) E não caio eu aqui fulminada!... (*Sae pelo lado opposto.*)

## SCENA IV

HENRIQUE, DEPOIS VIRGINIA

**Henrique**

Como acabará tudo isto? Tantas victimas penando agonias sem nome e o algoz impune, vangloriando-se talvez do seu facil triumpho!

**Virginia**

*Pelo fundo; trajando de preto, com a cabeça envolvida em uma mantilha de renda.* Henrique!

**Henrique**

(*Irresistivelmente*) Virginia! (*dominando-se.*) Vou prevenir a senhora baroneza. (*Vai a sair.*)

**Virginia**

Henrique! por Deos!... Tudo supportarei, excepto o seu odio!

**Henrique**

Odio!!

**Virginia**

E se me odiasse poderia eu accusal-o?... Eu que lhe menti, que o illudi, que despedacei o seu coração, esse coração que só póde amaldiçoar-me!

**Henrique**

Não me faça soffrer mais!

**Virginia**

Tem soffrido muito, pobre e querido Henrique! Sei que tem sido divinamente bom e generoso, sei que é a unica consolação de minha mãe e sinto que o não merecia! A minha alma não comprehendia a celestial nobreza da sua... Eu sou uma creatura vulgar que nem sequer mereço a esmola da compaixão!... Não soffra... esqueça-me... dê a outra, que o adore, as perolas que eu deixei cair das mãos como uma criança doida e condemnada por um demonio invisivel!... Deixe-me só repetir de longe o seu nome, no segredo pungitivo das minhas lagrimas, abençoal-o e pedir a Deus que o faça feliz...

**Henrique**

Oh! cale-se! faz-me rir e chorar, bemdizel-a e amaldiçoal-a, julgal-a anjo e demonio! Pela ultima vez lhe supplico, tenha dó de mim, arranque-me do peito este cilicio que o dilacera deixe-me ler na sua alma, falle-me como se falla a um pai, a um irmão! Em nome de Deus que nos ouve, diga-me toda a verdade; amava aquelle homem?

**Virginia**

(*A'parte com alegria e anciedade.*) Elle duvida! (*alto.*) Pois não leu a carta?...

**Henrique**

(*Atalhando.*) Que me importa a carta? que me im-

porta a evidencia? Só acreditarei o que me disser, mas por piedade, diga-me tudo!

**Virginia**

Oiça-me Henrique; juro-lhe pelos cabellos brancos de meu pai que não amei nem amo outro homem. Agora não me faça mais perguntas; nada mais posso dizer-lhe. Separa-nos um abysmo que ninguem ousará transpôr.

**Henrique**

Ousarei eu! o amor ministrar-me-ha forças. Que genero de provações póde inventar a fatalidade que eu não seja capaz de vencer? Vem, meu doce amor, vamos ajoelhar aos pés de teu pai, elle hade abençoar-te logo que eu lhe diga que abençoa em ti a minha esposa...

**Virginia**

Acorde d'esse sonho insensato, Henrique. Se eu tal acceitasse faria a sua e a minha desgraça!

**Henrique**

Oh!... é porque ama aquelle homem!

**Virginia**

(*Depois de um olhar demorado e dolorosamente accusador que acaba em lagrimas.*) Tem razão, Henrique; é porque amo aquelle homem!

**Henrique**

Ai de mim! (*Sae rapidamente pela direita.*)

## SCENA V

VIRGINIA, LOGO A BARONEZA

**Virginia**

Desgraçada! Amal-o com todas as forças da minha alma e não poder dizer-lhe, o abysmo que nos separa

é a honra de minha mãe! (*Deixa-se cair sobre uma cadeira e leva o lenço aos olhos.*)

**Baroneza**

*Entra pela esquerda e fica pensativa vendo a filha.* Pobre criança! peza-te nos frageis hombros a cruz de ferro do sacrificio incomportavel... Como has de tu perdoar á peccadora o ter feito da tua grinalda nupcial uma corôa de martyr, o ter semeado de espinhos o teu caminho que Deus fizera de rosas?! (*ajoelha.*) Perdoa-me, se podes, pede a Deus que me perdoe, filha, que a hora da expiação começou já... a condemnação vai cair inexoravel sobre a fronte da culpada!...

**Virginia**

(*Vendo a mãe, deita-se-lhe nos braços.*) Minha mãe!... (*Choram ambas abraçadas.*) De joelhos!

**Baroneza**

E' assim que devem estar os criminosos!

**Virginia**

Os santos tambem peccaram...

**Baroneza**

Sim, mas não condemnaram innocentes.

**Virginia**

Onde está meu pai?

**Baroneza**

Virá logo, socega!

**Virginia**

Não tente illudir-me, bem sei que não virá. Se elle soffre tanto, pobre pai!

**Baroneza**

Espero que hoje mesmo elle reconheça a tua innocencia e louve a tua sublime abnegação.

**Virginia**

Hoje?!

**Baroneza**

Deixo-lhe a confissão de tudo n'esta carta. (*mostrando um papel.*)

**Virginia**

O que quer isso dizer, minha mãe? Para onde tenciona ir?

**Baroneza**

Para um convento. Não posso acceitar por mais tempo o sacrificio da tua felicidade.

**Virginia**

E julga que a gosaria se me fosse restituida por semelhante preço?! Não sabe que ha lagrimas doces e venturas que envenenam o coração? Nunca me queixei; não lhe mereço a crueldade de destruir a minha obra. Que importa o socego, a felicidade, o futuro dos filhos quando se trata de salvar a honra dos pais? Perdoe se a offendo, mas é que ia desmoronar sem proveito o edificiosinho com tanto amor construido! Verá que meu pai acabará por perdoar-me; Deus hade permittil-o, e quando me fôr dado viver entre ambos que mais poderei exigir?

**Baroneza**

Mas antes d'isso matar-me-hiam os remorsos! Não, não, é impossivel!

**Virginia**

E eu não sobreviverei á leitura d'essa carta, juro-lhe!

**Baroneza**

E pensas tu que terias forças para continuar a renunciar a tudo que constituia a tua ventura e que poderias humilhar-te como os culpados, tu que és pura e casta como os anjos? O que has de tu responder ao coração, visionaria! quando elle te pedir a realisação dos seus ardentes sonhos juvenis?

**Virginia**

Minha mãe!...

**Baroneza**

Responder-lhe-hei eu salvando-te, mesmo contra tua vontade, restituindo a vida a esse pobre rapaz, que te adora, e que a despeito das apparencias crê na tua innocencia. E' absolutamente preciso que sejas feliz, só assim me serão perdoadas as tuas lagrimas.

**Um criado**

*Pelo fundo trazendo uma carta sobre uma salva de prata.* Uma carta para v. ex.ª. (*Sae.*)

**Baroneza**

(*Reconhecendo a letra da carta.*) Ah! (*Abre a carta com gesto febril e lê; alto.*) É uma carta de Affonso de Mascarenhas pedindo-me que em quanto o barão anda por fóra o receba pela ultima vez, porque resolveu suicidar-se!

**Virginia**

Oh! meu Deus, que horror!

**Baroneza**

(*Comsigo.*) O que heide fazer? (*Alto.*) Não o recebo, não posso recebel-o!

**Virginia**

Perdão, minha mãe, mas parece-me um dever de consciencia evitar a todo o custo semelhante crime.

**Baroneza**

Sim... tens razão! (*Dirige-se á janella e põe o lenço no peitoril, n'essa occasião cae-lhe a carta.*)

**Um criado**

O senhor D. Manuel de Monte Falco.

**Virginia**

Monte Falco!... E' melhor não o receber, minha mãe.

**Baroneza**

Sempre é bom indagar o motivo que o traz a nossa casa. (*Ao criado.*) Mande entrar. (*O criado sae.*) Vae, minha pomba; (*da-lhe um beijo.*) demorar-me-hei o menos tempo possivel. (*Virginia sae.*)

## SCENA VI

A BARONEZA E D. MANUEL

**Baroneza**

A que virá este homem? e em semelhante occasião!

**D. Manuel**

*Pelo fundo.* Finalmente tenho o gosto de encontrar v. ex.ª! Custou! A sua casa, remota, emboscada entre as folhas verdes das arvores, parece um ninho de rouxinoes ou uma thebaida de anachoreta! O que diriam os nossos *gommeux* da Havaneza se vissem uma das suas mais brilhantes estrellas occulta nas sombras do ermo como uma nebulosa?!

**Baroneza**

Foi só para fazer espirito que o sr. emprehendeu uma jornada?

**D. Manuel**

Vejo que é sempre a mesma, minha senhora.

**Baroneza**

Sempre, e já que se referiu aos seus amigos, obsequeia-nos dizendo-lhe que vivemos aqui a vida patriarchal dos tempos primitivos, ou antes a vida dos egoistas, não recebendo ninguem e esquecendo todos.

**D. Manuel**

Os meus amigos, como V. Ex.ª lhes chama, imitam as andorinhas; revoam para onde ha sol e flores. Logo

que cheguei a Santarem encontrei um, o sr. Affonso de Mascarenhas.

**Baroneza**

(*Comprehendendo a intenção mas illudindo-a.*) Creio que V. Ex.ª não me disse ainda a que devemos o prazer da sua visita?

**D. Manuel**

Perdão, senhora baroneza, esqueci que tenho forçosamente de justificar as visitas que faço a V. Ex.ª! Hoje sou apenas um plenipotenciario a quem coube o glorioso encargo de depor nas mãos de V. Ex.ª uma credencial. (*Entrega-lhe um bilhete de visita.*)

**Baroneza**

O que é isto?

**D. Manuel**

É a participação de casamento de Jayme de Vilhena.

**Baroneza**

Ah! do seu amigo... casou?

**D. Manuel**

(*Alto.*) Casou, sim minha senhora, epilogou assim vulgarissimamente o seu romance. Imagine V. Ex.ª que o *spleen* dos inglezes excentricos apoderou-se de repente do meu amigo. Sorria-lhe o rewolver como a natural solução do dilemma que o ensandecera. N'esta determinada crise psychologica e pathologica, resolveu o meu amigo ir arejar a paixão no ambiente do Manzanares, que como V. Ex.ª sabe é *tão subtil que mata um homem e não apaga um candil.* A sensação do chocolate e do toiro, da mantilha e do *salero*, curou-o totalmente, ou por outra adoeceu-o

deveras, porque o meu pobre Jayme acaba de matrimoniar-se com uma *niña*, possuidora de um sem numero de *abanicos* e de outras tantas seducções.

**Baroneza**

Queira transmittir-lhe os nossos parabens. Agora, se me permitte, tenho de ir ler a minha correspondencia. (*Sae.*)

## SCENA VII

D. MANUEL E JULIA

**D. Manuel**

E assim me põe na rua!

**D. Julia**

(*Trajando de amazona.*) Oh! o senhor D. Manuel!

**D. Manuel**

A senhora D. Julia! Não esperava ter o prazer de encontral-a aqui. Decididamente sou um homem feliz!

**D. Julia**

Um homem amavel, é que quer dizer.

**D. Manuel**

E V. Ex.ª uma senhora encantadora!...

**D. Julia**

Onde ia?

**D. Manuel**

Retirava com armas e bagagens, despedido pela baroneza. Ha muito tempo que está em Santarem?

**D. Julia**

Ha quinze dias. Foi o barão que me pediu que viesse fazer companhia á mulher.

**D. Manuel**

O barão é de uma imbecilidade unica! Pois é possivel que elle tome a serio toda esta comedia?

D. Julia

O barão? Ora essa! Adora a mulher.

D. Manuel

Pobre homem! E ella?

D. Julia

Detesta-me, como sempre. Agora, talvez para illudir melhor o marido e alcançar o diploma de virtuosa, passa os dias correndo becos e travessas e entrando em quantos casebres repugnantes existem em Santarem.

D. Manuel

Effectivamente, achei-a muito mudada!

D. Julia

E o Affonso de Mascarenhas, onde está? que é feito d'elle?

D. Manuel

O Cherubim? Creio que chega a proposito para suspirar debaixo do balcão da Rosina.

D. Julia

Que quer dizer?!

D. Manuel

Como sabe, sou satellite d'aquelle planeta, segui-o e aqui estamos ambos em Santarem.

D. Julia

É possivel!

D. Manuel

Agora, sejamos caridosos, deixemol-os dialogar em paz até que julguemos prudente introduzir em scena Almaviva. A situação deve ser deliciosamente comica!

D. Julia

E eu que julgava a baroneza emendada!

## SCENA VIII

OS MESMOS E THOMÉ

**Thomé**

(*Pelo fundo, á parte.*) Olá! o senhor Monte Falco cochichando com a viuvinha!

**D. Manuel**

Creio que posso contar com V. Ex.ª?

**D. Julia**

Ainda o duvida!

**Thomé**

(*Á parte.*) Temos namoro! Lá bom olho tenho eu. Esperem que eu já os arranjo. (*Alto, descendo.*) Minha senhora, o cavallo está apparelhado.

**D. Julia**

Ah! é verdade, tinha-me esquecido. (*a Manuel.*) Disse que sahia, não ha remedio. Peço-lhe què se não retire ainda; quem sabe o que Cherubim e Rosina serão capazes de emprehender? E necessario aproveitar a occasião...

**Thomé**

(*A'parte.*) Que segredos serão aquelles? Vou já metter tudo no bico ao senhor Henrique. (*Sae.*)

**D. Julia**

(*Apertando a mão de M.*) Até já! (*Manuel acompanha-a até ao jardim.*)

**D. Manuel**

Ah! senhora baroneza, senhora baroneza, atreve-se ainda a levantar o seu orgulho acima do meu! Veremos qual de nós vence! (*Vae a sair e vê a carta, apanha-a e lê. Olhando para o peitoril.*) Já lá está o signal.

Chama-se a isto o arrependimento de uma mulher! (*Olhando pela janella.*) Eil-o! Como vem disfarçado! Faz um gesto com a mão, provavelmente é para ella. Onde me hei de esconder? (*Vendo uma latada de trepadeiras, visivel para o espectador.*) Ah! (*Esconde-se.*)

**Thomé**

(*Espreitando pela porta lateral e vendo M. esconder-se. A'parte.*) Ha mouro na costa, não tem que ver; bom olho tenho eu! D'esta vez não me dirá o senhor Henrique que estou doido. (*Atravessa a scena a correr e sae pela porta fronteira.*)

## SCENA IX

AFFONSO E A BARONEZA

**Affonso**

*Embrulhado em um grande capote, chapéo de abas largas e oculos escuros. Certificando-se de que ninguem o vê tira o chapéo e os oculos.* Finalmente vou vel-a! (*Pondo a mão no peito.*) Cala-te, coração... (*Entra a baroneza muito commovida. Affonso ajoelha-lhe aos pés.*) Virginia!

**Baroneza**

Levante-se, senhor!

**Affonso**

Senhor! O que significa essa injustificada frieza?

**Baroneza**

Significa que se consenti em recebel-o foi só para lhe pedir que se esqueça do passado.

**Affonso**

Já me não ama!

**Baroneza**

Por Deus, lembre-se d'aquella martyr. As suas lagrimas purissimas pedem-nos severas contas.

**Affonso**

Mas se eu vou morrer, porque me não deixa acreditar ainda algumas horas no seu amor? E' tão triste morrer odiado!

**Baroneza**

Morrer! pois não vê que o sacrificio da sua vida seria um crime inutil? Se lhe pedi o esquecimento do passado foi para lhe impor a existencia do futuro. A voz austera da consciencia ensinou-me que não se expia um crime com outro crime, que só se regenera aquelle que offerece os hombros á cruz e caminha sem murmurar, dando a felicidade e o repouso em holocausto! A esses que soffrem silenciosos e resignados a punição das suas culpas, perdoa-lhes o Christo que perdoou á Magdalena, creia.

**Affonso**

Não me diga essas palavras que me condemnam e que eu adoro ainda assim! Deixe-me morrer; de que lhe serve a minha vida?

**Baroneza**

Affonso, tenha dó de mim; soffri e soffro muito!... poupe-me esse horror! Em nome do passado, já que é preciso invocal-o, pela alma de sua mãe, viva! Não lhe peço muito... O que exige em troca? Que o ame? amo-o, sim, amal-o-hei sempre; mas fuja, desgraçado, esqueça-me, seja feliz!...

**Affonso**

(*Com profundo desalento.*) Feliz!...

**Baroneza**

Não quer? pois bem, juro-lhe que vou ajoelhar aos pés do barão e confessar-lhe tudo. Cairá assim sobre o unico culpado todo o rigor da condemnação! (*Vae a sair.*)

**Affonso**

Não, não! Obedecer-te-hei! viverei para ti!

**Baroneza**

Viveremos para Deus, que perdoará talvez aos algozes em nome da victima. Prometta-me que partirá para nunca mais voltar?

**Affonso**

Para que quer então que eu viva?

**Baroneza**

(*Com intima commoção.*) A tua vida, poeta, consagra-a ao culto ideal do bello e do justo. Pede á tua dor o balsamo para suavisar as dores da humanidade, pede ao teu espirito a chamma para encaminhal-a nas trevas. Sê o apostolo da justiça, o protector do opprimido, o evangelisador de todas as ideas uteis e generosas. E' esta a tua nobre missão na terra, cumpre-a e ella te ministrará os balsamos suavissimos da resignação.

**Affonso**

Quando entrei para aqui amava-te; agora adoro-te e respeito-te. (*Ajoelha.*) Aqui me tens aos teus pés, escravo da tua vontade!

**Baroneza**

(*Curvando se para Affonso que lhe beija a mão.*) Adeus, Affonso... adeus para sempre! (*Sae rapidamente suffocada em lagrimas.*)

## SCENA X

AFFONSO E D. MANUEL

*Affonso, depois de ficar por algum tempo ajoelhado e com a cabeça escondida nas mãos, prostrado pelo soffrimento, levanta-se automaticamente. D. Manuel deve estar ao fundo da scena, pallido e ironico. Affonso approxima-se d'elle sem o ver.*

**D. Manuel**

(*Rindo.*) Ah! ah! ah! que scena tão pathetica!

**Affonso**

(*Recuando.*) Ouviu-nos? Está perdido; vae pagar com a vida a ousadia!

**D. Manuel**

(*Desce.*) Deixemo-nos de bravatas. Os poetas são de certo habeis seductores, mas mais nada!

**Affonso**

Insolente! (*Vae para dar uma bofetada em D. Manoel, Henrique apparece e segura-lhe o braço.*)

## SCENA XI

OS MESMOS E HENRIQUE

**Henrique**

Que é isso, senhores! Esquecem onde estão?

**D. Manuel**

(*Com desdem.*) Ah! é o senhor Henrique? creio que nenhum de nós o chamou.

**Henrique**

Bem sei, senhor D. Manuel; porém, o dever impoz-me que viesse e vim.

**D. Manuel**

O dever!

**Henrique**

Se me permitte, desejo fallar-lhe em particular. Senhor Affonso de Mascarenhas, peço-lhe que nos deixe por alguns momentos.

**Affonso**

Pede o impossivel, senhor Henrique; os instantes d'esse homem estão contados, pertencem-me!

**Henrique**

Julguei que tinha alguns direitos á sua generosidade...

**Affonso**

(*Caindo em si.*) E tem, nada lhe posso recusar. Lembre-se, porém, de que o tempo urge.

**Henrique**

Lembrar-me-hei.

*Henrique e Affonso saiem.*

## SCENA XII

D. MANUEL, LOGO HENRIQUE

**D. Manuel**

O que me quererá este idiota?

**Henrique**

(*Voltando*) Ha muito que me preoccupa uma explicação que queria pedir-lhe.

**D. Manuel**

Uma explicação! Sobre o *deve e ha de haver*?

**Henrique**

Advirto-o que não consegue humilhar-me. Creia v.

ex.ª que os homens verdadeiramente superiores não descem nunca a insultar os pobres.

**D. Manuel**

Não é feia a sua rhetorica: porque não a offerece aos eleitores? Vamos ao que importa, o que me quer?

**Henrique**

Quero dizer-lhe uma coisa singular, extraordinaria, ridicula talvez, segundo o seu ponto de vista; é que duvido que v. ex.ª tenha consciencia!

**D. Manuel**

Começo a ter dó do senhor; sinto deveras que os desgostos lhe subissem á cabeça.

**Henrique**

Falle serio, ao menos uma vez na sua vida, e responda-me a uma pergunta.

**D. Manuel**

Advirto-o que não está perfeitamente na linha do *savoir vivre.*

**Henrique**

Por Deus, responda-me com seriedade; lembre-se que a Providencia tem represalias terriveis.

**D. Manuel**

Ai! meu caro senhor Henrique, trate da sua saude...

**Henrique**

Em nome da sua honra, senhor D. Manuel, emprazo-o a que me diga se foi v. ex.ª o auctor d'aquella terrivel carta anonyma?

**D. Manuel**

Doido e ainda por cima insolente!

**Henrique**

V ex.ª fez a côrte á baroneza e foi repellido. Ninguem offende impunemente um orgulho da tempera do seu; quiz talvez vingar-se da mulher ferindo a mãe;

quem sabe mesmo se aquelle bilhete teria sido ali introduzido...

**D. Manuel**

(*Cortando lhe a frase.*) Senhor Henrique!

**Henrique**

Perdoe-me, não quero offendel-o, ninguem é responsavel pelas loucuras que lhe estou dizendo! Só lhe peço que a salve, que, se póde, lhe restitua a felicidade. Não o accusarei, não tenho direitos, nem mesmo sei quem é o culpado. Falle v. ex.ª ao barão; elle é um excellente homem; diga lhe que foi o senhor que... diga o que lhe parecer, mas, por Deus, levante a immerecida condemnação que fulminou a pobre Virginia, porque ella está innocente, juro-lhe! Se for preciso uma mentira accuse-me a mim, diga que fui eu o calumniador, que escrevi a carta anonyma para me livrar do casamento, disponha da minha vida, da minha honra, mas em nome de tudo que lhe é caro, salve-a!

**D. Manuel**

(*Rindo.*) Ah! ah! ah! pobre Henrique! Oiça, se é que o senhor está em estado de ouvir-me. Em primeiro logar confesso-lhe que não percebo absolutamente porque é que o senhor me faz intervir nos negocios da baroneza ou da sua ex-noiva! Depois, ha de permittir-me que lhe diga que está representando um papel grotesco. Cervantes matou a cavallaria andante com todas as suas hilariantes quixotadas. Depois d'isso a innocencia, não achando quem a defendesse, resolveu recolher-se á vida privada.

**Henrique**

Custar-lhe-hão caras essas palavras; exijo lhe uma satisfação!

**D. Manuel**

Ainda agora pedia-me uma explicação, agora quer uma satisfação! São originalissimas as suas exigencias, e no fim de contas, em que direito as funda, não me dirá?

**Henrique**

No direito sagrado que tem todo o homem de bem, quando se dirige a um miseravel!

**D. Manuel**

Escusa de incommodar a sua larynge, que não consegue que o tome a serio.

**Henrique**

(*Apertando-lhe a mão e sacudindo-lhe o braco.*) Nem mesmo se eu lhe partir um braço?

**D. Manuel**

Olhe que me cravou o sinete do annel no dedo, peço-lhe que não me obrigue a chamar o meu lacaio.

**Henrique**

Cobarde! (*Repara no annel de M. e fica estupefacto.*)

**D. Manuel**

(*Voltando-lhe as costas e dispondo-se a sair.*) Um duche, meu caro, um duche!

**Henrique**

(*Correndo para elle e cortando-lhe o passo.*) O brazão d'esse annel pertence-lhe?

**D. Manuel**

(*Parando.*) Loucura variada, cambiante, sem idéa fixa, antes assim! (*Vae a sair.*)

**Henrique**

(*A'parte.*) Oh! Deos do céo! (*Alto.*) Responda-me, senhor!

**D. Manuel**

O que quer que lhe responda?

**Henrique**

Se esse brazão é da sua casa, se deu um annel como esse a uma mulher?...

**D. Manuel**

Continua o interrogatorio; é divertidissimo!

**Henrique**

Por piedade!

**D. Manuel**

O sr. abusa da minha paciencia!...

**Henrique**

Responda, supplico-lh'o!

**D. Manuel**

O brazão é meu, sim senhor, e já que faz tanto empenho, dir-lhe-hei que é verdade que dei um annel igual a este a uma desgraçada, que como as rosas de Malherbe viveu apenas o espaço de uma manhã. Mas que interesse tem o sr.?...

**Henrique**

(*Commovido.*) Muito!... E essa mulher chamava-se Henriqueta?

**D. Manuel**

Chamava, conheceu-a? Não, não póde ser; o senhor tem vinte annos e foi exactamente ha vinte annos que ella morreu. (*Vencido pelas recordações.*) A infeliz teve um filho...

**Henrique**

Sei!

**D. Manuel**

Um filho que era a ultima e suprema esperança de alguem, abandonado por todas as esperanças.

**Henrique**

E esse alguem nunca procurou o filho?

**D. Manuel**

Procurou-o, mas desgraçadamente sem resultado! (*Rindo.*) Tudo isto porém não explica...

**Henrique**

Tudo isto vem de Deos...

**D. Manuel**

Que diz, senhor?

**Henrique**

Digo que esse filho perdido... sou eu!

**D. Manuel**

O senhor!... Tu!... (*Depois de violenta luta.*) Não... não é possivel!... não póde ser!... Deus não havia de querer tal!

**Henrique**

(*Tirando de uma carteira um annel.*) Veja, senhor.

**D. Manuel**

(*Pondo a mão nos olhos.*) Oh!... (*Explosão de sentimento.*) Embora! Se és meu filho has-de perdoar. (*Abre os braços, Henrique abraça-o com effusão.*)

**Henrique**

Meu pai!...

## SCENA XIII

OS MESMOS E AFFONSO

**Affonso**

*Entrando impetuosamente.* Não posso esperar mais tempo; (*a Manuel.*) vamos senhor. Então?

**D. Manuel**

Dispense-me; não me é licito dispor da minha vida.

**Affonso**

Nem assim?... (*Vae para lhe dar uma bofetada, Henrique segura-lhe o braço.*)

**Henrique**

E' meu pae!

**Affonso**

Seu pae!!

**D. Manuel**

Comprehende agora que não me pertenço?

**Affonso**

Mas o senhor D. Manuel...

**D. Manuel**

Sei o que vae dizer, offendi-o mortalmente; estava cego, sacrifiquei tudo á minha cegueira. Creio que se julgará sufficientemente vingado quando avaliar a angustia que n'este momento me despedaça o coração! Socega, Henrique, ainda has de ser feliz.

**Henrique**

Feliz!...

**D. Manuel**

Vou empenhar todas as minhas forças para restituir-lhes a felicidade. Quer auxiliar-me, senhor Affonso de Mascarenhas?

**Affonso**

Disponha de mim.

**D. Manuel**

Terei talvez de dispor do seu coração.

**Henrique**

O que vae fazer, meu pae?

**D. Manuel**

O que eu vou fazer adivinhaste o ou por outra indicaste-m'o tu. Vou dizer ao barão que o denunciante calumniador fui eu. Elle ha de perdoar-me em nome do

que lhe restituo. (*Absorto comsigo*) Meu pobre filho!... (*a Affonso.*) Lembre-se da sua promessa. (*a Henrique.*) Se eu não voltar d'aqui a uma hora trazendo-te a tua noiva, não voltarei mais! (*Sae rapidamente.*)

**Henrique**

(*Estendendo os braços para Manuel.*) Meu pae!

**Affonso**

Coragem, Henrique, Deus hade restituir-lh'o.

**Henrique**

(*Depois de reflectir.*) E' necessario sair; o barão póde chegar de um momento para o outro.

**Affonso**

Tem razão. (*A'parte.*) Adeos, meu primeiro e meu unico amor! (*Alto*) Vamos! (*Saem.*)

## SCENA XIV

A BARONEZA E VIRGINIA, LOGO THOMÉ

**Baroneza**

Adeos, meu anjo; diz-me o coração que até muito breve.

**Virginia**

Confio no seu juramento.

**Thomé**

(*A'parte, descendo.*) O senhor Henrique fechou se por dentro com o poeta, o outro sahiu como um raio! Aqui anda marosca. Eu tenho bom olho...

**Baroneza**

Ah! é você, Thomé.

**Thomé**

Perdão, senhora baroneza, V. Ex.ª aqui e eu sem

as vêr! Se a gente anda com a cabeça a razão de juros!...

**Baroneza**

Mande chegar a carruagem.

**Thomé**

Então a senhora D. Virginia sae! Pensava que...

**Baroneza**

O que pensava?

**Thomé**

Nada, minha senhora; queira perdoar. (*A'parte.*) Lá bom olho tenho eu!

**Virginia**

Succedeu alguma cousa extraordinaria?

**Thomé**

Extraordinaria, não, minha senhora; um sustosinho, mas já passou.

**Baroneza**

Um susto!

**Virginia**

Explique-se, Thomé!

**Thomé**

Pois eu disse um susto? Valha-me Deus, e o senhor Henrique que me havia recommendado...

**Virginia**

O senhor Henrique! Falle, diga depressa, o que aconteceu?

**Thomé**

V. Ex.as ordenam, não ha remedio. (*A'parte.*) A fallar a verdade, morrendo por dizer tudo estou eu! (*alto.*) A cousa passou-se assim...

**Virginia**

Não, não diga nada! Se o senhor Henrique lhe pe-

diu segredo, é porque assim é preciso; não lhe parece, minha mãe?

**Baroneza**

Certamente.

**Thomé**

Então a menina não quer?...

**Virginia**

Não. Avise o senhor Henrique que desejamos fallar-lhe.

**Thomé**

(*A'parte.*) Esta não esperava eu! (*Sae.*)

## SCENA XV

A BARONEZA, VIRGINIA, LOGO HENRIQUE

**Virginia**

Aconteceria alguma cousa ao senhor Aff'onso de Mascarenhas?

**Baroneza**

Queira Deos que não!

**Virginia**

Quem sabe se Henrique...

**Henrique**

(*Pelo fundo.*) Aqui estou ás suas ordens, minhas senhoras.

**Baroneza**

Sei que nunca faltou á verdade; conte-nos o que se passou.

**Henrique**

Para não faltar á verdade é que peço a V. Ex.ª que não me interrogue; nada posso dizer.

**Virginia**

(*A'parte.*) Oh! Deus! que mais será?!

## SCENA XVI

OS MESMOS E D. JULIA

**Baroneza**

(*Entrando.*) Voltaste agora do teu passeio ?

**D. Julia**

Voltei, e não o esquecerei nunca.

**Baroneza**

(*A'parte.*) Todos enigmaticos! O que succederia ?

**Virginia**

(*A Julia.*) Póde saber-se porque ?

**Henrique**

(*Baixo a Julia.*) Silencio, por Deus ! (*A'parte, olhando para o fundo.*) Morro de impaciencia !

**D. Julia**

Logo te direi.

**Barão**

(*Dentro.*) Virginia, minha filha, onde estás ?

**Virginia**

(*Querendo retirar-se.*) Meu pai!

**Henrique**

(*Não a deixando sair.*) Peço-lhe que fique, minha senhora.

**Baroneza**

Veja o que faz, Henrique!...

## SCENA XVII

OS MESMOS, O BARÃO E D. MANUEL

*Grande sobresalto nas pessoas que estão em scena.*

**Henrique**

(*A'parte.*) Meu pae !

**Barão**

*Correndo para Virginia e abraçando-a com paixão.* O' meu anjo, meu querido anjo, perdoa-me!...

**D. Manuel**

Henrique, vá dizer ao senhor Affonso de Mascarenhas que o barão quer fallar-lhe.

**Baroneza**

(*Desorientada.*) Ah! (*a Henrique que sae.*) Henrique! (*Quer sair.*)

**D. Manuel**

Perdão, senhora baroneza, precisamos de V. Ex.ª

**Virginia**

(*A'parte na maior angustia.*) Meu Deos! meu Deos!

**Baroneza**

(*A'parte.*) O que vae ser de mim?!...

## SCENA XVIII

OS MESMOS E AFFONSO

*Entrão Affonso e Henrique.*

**Affonso**

(*A'parte.*) Faltam-me as forças!

**D. Manuel**

Venha, senhor Affonso de Mascarenhas, restituo-lhe o seu bom nome e a estima d'esta honrada familia. O unico criminoso...

**Barão**

Senhor D. Manuel!...

**D. Manuel**

Tem razão, senhor barão, não se pronunciará o nome do réo já que elle obteve o misericordioso perdão do seu juiz.

**D. Julia**

(*A'parte.*) Que mudança!!

**D. Manuel**

Senhor barão, como tive a honra de dizer-lhe, o senhor Affonso de Mascarenhas deseja apresentar-lhe (*indica Julia*) a sua noiva.

**Affonso**

(*A' parte.*) Que punição!

**Barão**

(*A Affonso.*) Fui injusto para com v. ex.ª, desculpe-me e seja feliz, que lh'o desejo de todo o coração.

**D. Julia**

(*A' parte.*) Se elle me amasse!...

**Barão**

E tu, filha, perdoar-me-has?

**Virginia**

Meu querido pae!...

**D. Manuel**

Agora, senhor barão, consinta-me que lhe peça a mão de sua filha para meu filho Henrique de Monte Falco.

**Baroneza**

(*A'parte.*) Comprehendo tudo. Oh! Providencia!

**Barão**

Ahi a tens, Henrique; é digna de ti!

**Henrique**

(*Apertando as mãos de Virginia.*) Ainda me amas?

**Virginia**

Quando te perdi, perdi a vida; hoje resuscito!

**D. Manuel**

(*A' baroneza.*) E v. ex.ª perdoará tambem?

**Baroneza**

Salva-a, e ainda o duvida?!

**Thomé**

(*Dentro.*) Por aqui, senhor Pantaleão.

**Gualberto**

(*Dentro.*) Annuncie-me!

## SCENA XIX

OS MESMOS, GUALBERTO E THOMÉ

**Gualberto**

(*De casaca, sapato de laço e chapéo de pasta.*) Ora até que acertei! (*Comprimenta todos que estão em scena.*) Estou rico, meus senhores, riquissimo! Descobri uma mina, quero dizer, morreu-me um tio que me deixou millionario.

**Barão**

(*Rindo.*) E as suas poesias?

**Gualberto**

Deitei-as fóra; eram flores que não davam fructo. (*A D. Julia, calçando uma luva branca.*) Minha senhora, tenho a honra de pedir lhe a sua mão. (*D. Julia volta lhe as costas e vae conversar com Virginia.*)

**Barão**

Chegou tarde, meu amigo; a senhora D. Julia vae casar com o senhor Affonso de Mascarenhas.

**Thomé**

(*A'parte.*) Temos casorio! lá me queria parecer, bom olho tenho eu!

**Gualberto**

E eu que vim no comboio expresso!!! em coupé reservado! (*a D. Julia*) V. ex.ª jurou a minha morte... pois não lhe hei de fazer a vontade. Comprarei com os contos de réis de meu tio todos os amores da ter-

ra, princezas, marquezas, condessas... e esquecel-a-hei! Adeus para sempre, ingrata! Meus senhores. (*Enterra o chapéo na cabeça e sae a correr.*)

**Affonso**

(*Que tem estado concentrado.*) Perdi-a irremediavelmente!

**Baroneza**

(*Comsigo.*) Oh! amor de filha, (*apertando a filha nos braços.*) salvaste-me!

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO

# THEATRO ITALIANO

## AS DUAS DAMAS

A auctora d'esta ligeira noticia, sem florilegio rhetorico e sem pretensões criticas, começa por declarar que não morre de amores pelo theatro italiano. Tem ella lido as comedias de Goldoni, o classico, de Renzi, o *galantuomo* da ribalta, de conceitos finamente cinzelados e dialogos fundidos em bons versos, sonoros e balsamicos, tem ella igualmente lido os pesados dramas de Giaccometti e as comedias dramas, diffusas e interminaveis metaphisicas, de Ferrari, o dramaturgo laureado das *Duas damas*.

Pois bem, nenhuma d'essas comedias, nenhum d'esses dramas, nenhum d'esses proverbios, que são o *triple extrait* da litteratura dramatica italiana, lhe deram a commoção profunda, proveniente da humanisação perfeita, consciente e artisticamente trabalhada, que experimentou lendo e vendo representar as peças de Augier; em nenhum d'esses mestres da escola italiana se lhe depararam as scintillações prismaticas, de um brilho intenso e deslumbrador, a logica mordente, implacavel, bordada de paradoxos e colorida estranhamente de finos esmaltes inimitaveis, como um mosaico de Florença, idoneas ao theatro de Dumas filho;

nenhum d'elles conseguiu sustentar a acção movimentada das peças de Sardou, palpitantes de imprevisto e desenhadas com o traço largo e breve, indispensavel ao espectador moderno; e por ultimo, nenhum escriptor italiano teve nunca a graça irresistivel, de um comico *à la diable*, de effeitos explosivos e profundamente hilariantes, peculiar á musa bohemia de Meilhac e Halevy.

O theatro italiano é principalmente massador, á força de prolixo, e nimiamente frio e fóra de todos os processos do naturalismo, á força de querer equilibrar-se nas regiões vagas do abstracto e do intangivel.

De todos estes senões se resente o drama *Duas damas*, que subiu á scena pela primeira vez em beneficio da actriz Falco, uma actriz muito formosa e muito intelligente, que é possivel entretanto que venha a ser mediocre á força de quererem os thuriferarios do noticiario que ella seja já hoje infallivel e impeccavel... como o papa!

Parece que a peça de Ferrari pretende insinuar, embora muito indistinctamente e muito discutivelmente, a these contraria á regeneração das *Nanas*, sustentada por Dumas, Sardou e outros.

E dizemos muito discutivelmente, visto que elle começa por nos apresentar a marqueza Rosalia como uma matrona romana, d'essas de quem a tradição commemorava a austera vida impoluta, epilogando-a no conhecido epitaphio:

*Casta vixit;*
*Lanam fecit;*
*Domum servati.*

Segue, revelando-nos no fio da acção, que nem sempre *casta vixit*, isto é, que houve uma lacuna, um eclipse durante a rotação do astro, uns compassos de espera na successão do viver casto do velho epitaphio, e acaba recortando-lhe o busto n'um fundo glorioso de apotheose, com hymnos de phrases e attitudes de genuflexões seraphicas.

Pelo lado da coherencia, indispensavel á correlação dos factos e unidade dos caracteres, tambem se nos offerecem varios pontos controversos.

Aquelle conde, por exemplo, aquelle ideal longiquo de um amor romanesco, que desabrochou de subito e ergueu as petalas alvas e castas para o ceu, como as nympheas dos tanques pantanosos que teem a corolla branca como uma aza de cysne e embebem a raiz nos tentaculos viscosos dos limos putrefactos; aquella sobrehumana creatura que renuncia á mulher amada, que não quer mesmo avistal-a senão uma vez por anno, quando lhe vem trazer umas phrases banaes e umas violetas de convenção, que tem todas as esquivanças do José da capa legendaria e todas as contradicções que estão fóra da natureza, (como Ferrari está fóra da arte moderna) indo pedir a um amigo condescendentemente prudhonesco que faça favor de comprar a mulher, ao lanço da qual elle não poude attingir, com o seu coração repleto e a sua bolsa vazia; como é que aquelle Lovelace grisalho, repetimos, passa sem transição de um afastamento inconcebivel a uma assiduidade massacrante, desde a qual elle cessa de ser em casa de Rosalia um estranho, para ser um familiar, um intromettido que, assiste invariavelmente e persistentemente ás scenas mais escabrosas, aos dialogos mais intimos e aos casos mais funambulescos, acon-

tecidos de repente em casa d'esses marquezes que até então viviam placida e obscuramente no seu lar cheio de sorrisos e de jubilos?

E porque artes, seja-nos tambem permittido perguntar, póde a marqueza Rosalia prever o desenlace da scena capital do terceiro acto, preparando as cousas de modo que o duque assista como espectador, ou por outra como espreitador, o que a fallar a verdade não lisongeia as tradições de *grand seigneur* ostentadas pelo nobre fidalgo, sem que haja no espirito da marqueza a menor orientação antecipada acerca d'essa scena, só e exclusivamente dependente da estranha ameaça impudente feita por miss Emma?

Depois d'essas duas perguntas que ahi ficam, e para as quaes não achamos resposta plausivel, acrescentaremos que a peça de Ferrari possue algumas scenas admiraveis, vigorosamente dramatisadas, de um desenho brilhante e de uma interpretação esplendida.

Paladini, incumbida do principal papel, do unico talvez, em torno do qual giram como accessorios, mais ou menos insignificantes, todas as situações e todos os personagens, teve algumas inflexões e alguns gestos que affirmam de uma maneira irrecusavel a superioridade do seu talento. É surprehendente o desempenho do segundo e terceiro acto e admiravel a todos os respeitos a declamação do monologo, inverosimil á força de abstracto, mas em todo o caso formosissimo, do segundo acto, e chamamos-lhe monologo, apesar de ser dialogo, porque o pobre actor Brazão, sacrificado em holocausto á torrentuosa eloquencia da marqueza oradora, quasi não faz outra coisa em toda a noite senão ouvir e calar!

Falco disse bem o seu papel, aliás insignificante e

inferior ao merito da actriz, o que em todo o caso exemplifica a superioridade do seu espirito, que não duvidou ceder a outrem a palma do triumpho que n'aquella noite pertencia unicamente á beneficiada. O vulto da marqueza Gilberta, leviano, garrido e inconsequente, foi gentilmente desenhado pela elegante actriz e luxosamente vestido, diga-se tambem.

Virginia teve todas as suaves delicadezas inherentes ao seu papel, que é um esboço, um traço, um perfume, um sonho doce e casto que esvoaça, deixando no espirito uma recordação enternecida e boa.

Rosa Damasceno foi uma rapariguinha inconscientemente leviana e ligeiramente *coquette*, tal qual o auctor a preconcebeu. A scena com o primo no 2.º acto ninguem no nosso theatro a representaria melhor.

Nos papeis dos homens, de uma insignificancia atroz, distinguiu-se João Rosa, que fez um velho duque excentrico, digno de figurar n'uma galeria de Champfleury.

Baptista Machado comprehendeu intelligentemente o galan generoso e intrepido que lhe coube, não obstante faltar-lhe na scena do 3.º acto, a grande scena apaixonada que resume e compendia todas as forças e todas as attracções do drama, o grau de calor consentaneo á violencia de tantos sentimentos desencontrados.

Augusto Rosa, Brazão, Pinto de Campos, Pires excellentemente, embora, como já dissemos, não haja no seu trabalho d'esta vez as complexas responsabilidades correspondentes a talentos feitos e provados.

A traducção das *Duas damas* é devida á penna experimentada do sr. Pinheiro Chagas, o que nos dispensa de qualquer elogio que não poderia deixar de ser banal á força de ser repetido.

# CAUSAS E EFFEITOS

Ha poucos dias escreviamos nós a proposito das *Duas damas*, de Paulo Ferrari, que não morriamos de amores pelo theatro italiano.

O drama *Causas e effeitos*, do mesmo auctor, que subiu á scena no theatro de D. Maria para beneficio da actriz Paladini, com quanto superior ás *Duas damas* em muitos pontos de vista, não conseguiu modificar a nossa opinião.

A proposito do reportorio do fecundo dramaturgo lembra-nos que o *Suicidio*, premiado pela Junta dramatica governativa de Florença com duas mil liras, considerado pela critica como uma das melhores peças de Ferrari, não é todavia isento de defeitos, sendo os menos desculpaveis, quanto a nós, a prolixidade dos dialogos e a nebulosidade das theorias, sempre mais ou menos extravagantes.

E' certo que o meio em que Paulo Ferrari escreve os seus dramas é completamente diverso d'aquelle em que escrevemos esta obscura critica theatral. E' mesmo de suppor que as paixões italianas, as causas que as determinam e os effeitos correlativos se inspirem nas grandes ondulações poeticas do ambiente artistico em que se desenvolvem, n'essa terra cheia de tradições gloriosas e de ideaes romanescos, onde o enthusiasmo não perdeu ainda as suas brancas azas luminosas, onde

o amor continua a ser o loiro cupido do velho Olympo pagão.

Todavia, é tambem fóra de duvida que o coração humano, isto é, o abysmo insondavel onde a paixão accende n'uma hora de jubilos ineffaveis as suas chammas divinas, onde o desespero chora as suas lagrimas corrosivas, onde as perfidas volubilidades expungem nomes queridos e sanctificados, onde finalmente se debatem todos os desencontrados sentimentos contradictorios e indefiniveis que agitam o homem, é sempre o mesmo,—independente de todos os paizes, de todas as nacionalidades e de todas as escolas.

E se necessitassemos provar em relação á Arte esta affirmativa, que não carece de demonstrações, bastaria que citassemos o theatro de Shakspeare, que não obstante ter sido inspirado pela Inglaterra do seculo XV, é ainda hoje profundamente humano e admiravelmente coherente.

Paulo Ferrari esboça no principio de todas as suas peças uma these, prepara-nos para as illações correspondentes, para os corolarios que resultam de todas as theses e para a demonstração final.

Succede, porém, para nos servirmos de um theorema geometrico, que quando o nosso espirito, levado pela logica das deducções, espera encontrar o dramaturgo no vertice do triangulo sae-nos elle exactamente na extremidade opposta! Donde se conclue que o ponto de vista de Ferrari, não obstante os quilates superiores do seu talento, é falso e perfeitamente inverosimil.

As *Causas e effeitos*, não obstante os seus vigorosos lances dramaticos, demonstram-o talvez mais do que nenhuma outra peça do illustre dramaturgo.

Ali caminha-se de surpreza em surpreza.

Ha, por exemplo, um casamento *desigual*, incompativel, (segundo a theoria italiana) que produz uma filha anemica e estiolada, a qual filha emmurchece ao cair da tarde da vida como as plantas melindrosas á mingua de seiva.

Examinemos agora a idade dos conjuges: a esposa tem 18 annos, o marido tem 30 annos!

Paulo Ferrari chama a isto uma união desproporcionada!!!

Ha tambem um primo Arthur, um elegante, capitão de artilheria, cabeça cheia de devaneios e coração cheio de ternuras, dedicadas á prima, que lhe corresponde na mesma moeda.

A noiva do marquez (Brazão), gosta do primo, o pae idem, a tia idem, as primas idem, pois bem, exactamente porque todos gostam é que todos, a começar por elle proprio, se oppõem a que o ideal Arthur — o ultimo! — case naturalmente e logicamente com a companheira da sua infancia, com a mulher das suas preferencias, representante da mesma raça aristocratica! E este primo que, podendo fazel-o, não casa com a mulher amada, prefere, esquecendo o proverbio de casa, *fra moglie e marito non mettere un dito*, prefere, diziamos, impor-lhe levianamente a sua presença, namoral-a, embora platonicamente, no recinto conjugal, e provocar o escandalo que determina a origem de quasi todas as desventuras da marqueza Amelia!

Não proseguiremos no terreno das demonstrações que nos levariam longe.

A traducção, do sr. Jayme de Séguier, pareceu-nos elegante e cuidada, abstraindo comtudo do tratamento de vós, perfeitamente dispensavel e anti-natural.

Coube á eminente acrtiz, Celestina de Paladini, a interpretação do papel da protogonista, em relação ao qual os outros papeis não passam de perfis incompletamente esguissados, sendo esse tambem um dos defeitos de Ferrari, isto é, preoccupar-se demasiado com o desenho de um personagem descurando os outros.

Lutando em condições absolutamente desvantajosas para a actriz com as difficuldades inherentes á indole exageradamente ingenua de Amelia, nos dois primeiros actos, não tendo ainda a posse plena e segura da lingua em que se exprime, vacillando por vezes na vocalisação das syllabas graves, é forçoso confessar no entanto que, á parte leves senões secundarios, Paladini representou admiravelmente, como raras vezes temos visto representar nos nossos theatros.

Ninguem declamaria melhor a deliciosa e espirituosissima scena do 1.º acto com o noivo, ninguem poria mais funda commoção nos dialogos com o marido e como primo, ninguem representaria com mais dramatica verdade as scenas pungitivas do 4.º acto, o melhor da peça, quando a esposa abandonada e falsamente accusada vê fugir-lhe dos braços o anjo que resumia todas as suas esperanças, todas as suas alegrias, toda a coragem da sua heroica abnegação materna.

E' assombroso esse trabalho feito segundo os processos da arte moderna e que acorda as nossas mais intimas e reconditas commoções.

Falco interpretou com superior intuição o personagem da baroneza Eulalia e conservou-se á altura das successivas gradações d'esse papel, que toma por ponto de partida um baile do alto mundo aristocratico e finalisa na mansarda, onde a infeliz expira legando a

filha á santa e generosa alma materna da mulher que atraiçoara.

Brazão comprehendeu com o seu fino talento penetrantissimo a individualidade dubia e fleugmatica do marquez *roué*, que lhe coube, e representou brilhantemente.

Augusto Antunes, embora demasiado preoccupado com a linha fidalga do seu personagem, affirmou no entanto mais uma vez os seus elevados dotes.

Augusto Rosa se nem sempre teve as inflexões dramaticas requeridas pelos lances ora apaixonados ora dolorosos em que interveio, soube reproduzir ainda assim as juvenilidades idealistas e a dignidade de um coração amante mas honesto e leal.

Baptista Machado, muito bem, consencioso sempre e sempre correctissimo.

A peça pareceu-nos bem ensaiada, com quanto as figuras secundarias, pertencentes ao *fashion* italiano, deixem muito a desejar como conversadores de salões dourados, frequentados por duques e marquezes.

Em resumo, as *Causas e effeitos* agradaram extraordinariamente, tendo já dado á empreza quatro boas casas e promettendo dar muitas mais.

# GIACINTA PEZZANA

O theatro ha de exercer sempre sobre todas as gerações, mais ou menos remotas, mais ou menos illuminadas pelo facho da civilisação, o seu irresistivel influxo dominador.

Desde as tragedias de Sophocles, Euripides e Eschylo, o famigerado auctor dos *Persas*, que arrastavam os seus eternos monologos e os seus longos mantos roçagantes perante o pávido olhar dos areopagos gregos; desde Plauto e Terencio, que La Fontaine affirmou que reviveram em Molière, até á *Calandra* do cardeal Bibieria e á *Sphoniske* do prelado Trissino, a primeira comedia e tragedia que marcam a renascença do theatro italiano; desde o acordar de um Titan, que, communicando ao amor, ao ciume, ao remorso uma nova expressão poderosa e eloquente, povoou de repente o seculo XVI com os vultos esculpturaes de Romeo, Othello, Macbeth, Hamlet, Lear, até á primeira representação da *Semiramis*, na qual os espectadores invadindo sem ceremonia o palco declamaram confundidos com os actores; desde a apparição de Molière, o relampago mordaz, a ironia viva e caustica, fustigando os ridiculos burguezes, a philaucia dos nobres, as torpezas doiradas e as virtudes hypocritas do seculo de Luiz XIV com o mesmo chicote implacavel com que Aristophanes castigára, 434 annos antes da era christã, os vi-

cios dos athenienses, sem que nem Aristophanes nem Molière conseguissem extinguir a interminavel raça dos tartufos, dos avarentos e dos pedantes, até Racine e Corneille, o poeta dramatico do seculo XVII, brilhante nos impetos leoninos do *Cid*, obscuro e imperfeito no *Pertharite*, constituindo essas duas peças de tão oppostas qualidades, bafejadas pelas auras propicias do hotel Rambouillet, o maior triumpho e o *fiasco* mais completo do theatro francez; desde Voltaire, o renovador audaz, o tragico nebuloso do *OEdipo*, até aos dramas dissolventes de Dumas pae, os dramas realistas de Dumas filho e os dramas metaphysicos de Paulo Ferrari, o theatro, elemento poderoso para a gloria de um Estado, segundo asseverava Voltaire, fóco de luz onde irradiam confundidas n'uma promiscuidade gigantesca as concepções dos maiores poetas, tem sido sempre a preoccupação dominante dos espiritos cultos.

D'ahi o prestigio que reveste aos nossos olhos com as suas tintas ideaes os grandes artistas, interpretes do genio; harpas sonoras que repercutem musicas divinas.

Na sua rotação harmoniosa, quer se chamem Rachel ou Adelina Patti, Mars ou Sarah Bernhardt, Rossi ou Ristori, Salvini ou Pezzana, segue-os sempre o nosso olhar enlevado e curioso.

Registramos-lhes os triumphos, decoramos-lhes os nomes; cada syllaba canta ao nosso ouvido a estrophe de um poema, e quando acontece, como agora, que um d'esses astros brilhe em cheio para nós, curvamo-nos reverentes e se não temos, como Leicester, um manto de velludo e perolas para arrojar-lhe aos pés, offerecemos-lhe em thuribulo de oiro os exquisitos e finos perfumes da nossa admiração.

A fama, que illude ás vezes como uma *coquette*, desfolhando por capricho aos pés do amante a capella de flores tecida por ambos, assoprára o nome de Giacinta Pezzana nas suas *fanfaras* altisonantes como o da primeira actriz italiana do seu tempo.

A larga esphera da nossa espectativa impunha-se á artista.

Não lhe bastava ter talento e manifestal-o; era indispensavel que o seu grande vulto, resaltando de improviso, deixasse na sombra tudo que até alli nos parecera digno de admiração.

Raro e difficilimo encargo para uma actriz que só tinha para collocar ao nivel do seu maravilhoso talento a extrema singeleza dos seus processos artisticos, sobretudo para um publico peninsular, amante de colorido e de grandes sensações violentas e explosivas.

A *Medêa* esperava-se que fosse uma tempestade de rugidos e largos gestos dramaticos: preparara-se-lhe uma ovação em casa e levara-se para o theatro com os binoculos e as claques.

A' falta de uivos, de visagens, de pantomima descabellada, o publico amuou e prometteu vingar-se da *Medêa* em Margarida Gautier.

Entrou no theatro glacial como um russo, convicto de que a agonia da *Dama das Camelias* não lhe arrancaria nem a vigesima dynamisação de uma lagrima.

De subito, perante o seu olhar severo e frio operou-se uma metamorphose verdadeiramente extraordinaria.

Pezzana Gualtieri desappareceu; substituiu-a a peccadora immortal de Dumas filho, cujo retrato, mais ou menos desfigurado, tinhamos visto; a pallida Margarida Gautier, viva e real, com o seu romance opprobrioso, soluçado de agonias pungitivas e histericas.

Nos ultimos actos, os dialogos com Duval, pai e filho, e o lance final, adquiriram uma expressão imprevista.

As contradicções, os caprichos do coração humano, a angustia silenciosa, a paixão e a morte com todos os seus mysterios psychologicos e pathologicos, o realismo emfim, na exactidão rigorosa da verdade, sem excluir o ideal artistico, subjugaram o auditorio assombrado, arrancaram-lhe applausos delirantes e confirmaram que por excepção não mentira a fama apresentando Giacinta Pezzana como a primeira actriz da Italia moderna.

Singela, natural a ponto de assimilar sem o menor esforço todos os diversos caracteres que interpreta: estrepitosa, ostensiva, com larga abundancia de gestos e phrases burguezas, na senhora Guichard; melancholica, nervosa, apaixonada na *Dama das Camelias;* imperiosa, altiva, ciumenta na princeza Jorge; sem recorrer a nenhuma *ficelle* de effeito, sem violentar a voz, o gesto ou a physionomia, que ou fulgure illuminada pelas chammas do amor, ou esmoreça languida e pensativa, ou dardeje o raio da colera e do ciume, conserva a sua inalteravel pureza; Giacinta Pezzana, pelas condições extraordinarias da sua natureza artistica, foge á analyse da critica vulgar e acorda-nos no coração oppresso e no espirito deslumbrado commoções inteiramente novas.

A intelligencia singular da impugnadora de Pallavicini comprehende, o que raro comprehendem os grandes artistas, que era indispensavel á serena radiação do seu nimbo glorioso rodeiar-se de actores que lhe soffressem sem vacillar o confronto.

Effectivamente, Micheleti, que é gentilissima como

uma verdadeira italiana, Lollio, Fabri, Fortuzzi, são artistas de talento superior.

A signora Micheleti, não obstante representar ao lado de Pezzana Gualtieri, alcançou um triumpho na *Princeza Jorge:* e Lollio, na esplendida comprehensão do personagem de Montaiglin, maravilhou a platéa que o applaudiu sem restricções.

A voz de Giacinta Pezzana não tem por ventura a melodia avelludada, a nota argentina e fresca que seduz o ouvido; e entretanto, essa voz de registro ingrato passando pelos labios da insigne actriz, cheia pelas sonoridade da lingua italiana, fascina, subjuga, arrasta como uma torrente impetuosa:

*Che spande di parlar si largo fiume*

como de Virgilio exclamava o Dante.

# MARIA ANTONIETA

## I

E' ella! a formosa, a fascinadora, a legendaria rainha!.. E' ella, a intrepida amazona do bosque de Bolonha e Fontainebleau, que emquanto o duque de Berry caçava a monte, galopava ao lado do conde de Artois, ebria de luxo e festas, alegre como uma *grisette*, pueril como uma criança, orgulhosa como uma leôa, seguida pelos olhares ardentes e curiosos dos parisienses, cuja estranha admiração ia depois expandir-se em dithyrambos e satyras!...

E' ella, a singularissima princeza, que na hora suprema em que as flores de liz lhe coroavam a fronte eburnea, ajoelhava, coberta de lagrimas, á beira do cadaver de Luiz XV e escrevia a sua mãe:

«*Deus tenha piedade de nós, o rei cessou de existir! Meu Deus, que vae succeder-nos?... O' minha boa mãe, não poupe conselhos aos seus desgraçados filhos.*» (10 de maio de 1774).

E' ella, a brilhante Maria Antonieta do Trianon, que sem descortinar as ciladas que se urdiam na sombra, os perigos que a ameaçavam, as mãos sinistras que distillavam no coração do povo venenos lentos, seguia risonha e incauta pelo braço do Judas, crivando de epigrammas amigos leaes e arrojando ao vortice do *Casamento de Figaro*, cavado pelo braço demolidor de Beaumarchais, os prestigios da realeza!..

E' ella, a mesma orgulhosa austriaca que execrava Lafayette, o bello archanjo trigueiro de azas tricolores que em Versailles a arrancou ás garras dos populares; desprezava Mirabeau, a sonora voz vibrante e apaixonada, que respondeu uma vez ao fidalgo que ousou censural-o: «*Je ne me juge pas, monsieur, je me compare*»; escarnecia Malesherbes, o fiel amigo, e não duvidava embrenhar-se nos tortuosos dedallos da politica estrangeira, arrastando comsigo o pusillanime monarcha, ateando as paixões partidarias e avisinhando assim o tremendo desenlace!...

E' tambem ella que, com a temeridade sublime das consciencias immaculadas, ordena que abram as portas das Tulherias ao povo enfurecido, commandado por Santerre, e lhe dirige essas eloquentes e sensibilisadoras palavras que deveriam prostrar-lh'o aos pés, se no bronze eterno das edades não houvesse soado a hora decisiva em que a revolução, lentamente elaborada atravez dos seculos, houvesse afinal de irromper como a lava de um vulcão, immergindo de subito das entranhas de um mundo convulsionado.

E' ella que no Templo e mais tarde na Conciergerie, realisa o sonhado ideal da melhor das esposas e da mais terna das mães; tragando, uma após outra, todas as dores, vergonhas e ultrajes que a um ente humano pódem infligir-se e curvando resignada, como a ultima das mulheres, a fronte onde pousara a corôa de França.

E' ella, finalmente, que no instante supremo que precede o derradeiro supplicio escreve á princeza Isabel a carta que pela estranha eloquencia dominadora parece reflectir a grande luz serena e mysteriosa da eternidade e que é considerada como um dos primeiros autographos do mundo.

D'este conjuncto de tão oppostos sentimentos, d'esta synthese de grandes qualidades e de graves erros, d'esta aureola de romantismo que envolve o vulto excepcional da filha de Maria Theresa, resulta ser ella uma das mais prestigiosas figuras de rainha que o passado offerece ao nosso captivado olhar e á nossa ingenua admiração.

Maria Antonieta, formosa e espirituosa, rainha e martyr, conforme a tradição a pinta, é a segunda Sybilla de Delphos que o irrequieto meridional e o pacifico indigena collocaram deante da sua investigadora analyse, da sua arrojada phantasia ou da sua perpetua curiosidade...

As mulheres sentimentaes e os poetas lyricos adoram-n'a; o burguez, vagamente republicano, reprehende a piedade da esposa que se lhe afigura subversiva: uns deificam-n'a; outros levantam-lhe a loira cabeça aristocratica do mar de sangue onde jaz, como um lyrio n'um pantano, para immergil-a no pelago do desprezo ignaro e do rancor posthumo!

O pintor e o esculptor extasiam-se perante as linhas suaves do seu busto austriaco.

Alexandre Dumas, cedendo ás suggestões do officio de novelleiro, profanou-lhe o thalamo.

A revolução, de juba erriçada e fulva e garra adunca, escreveu com sangue e fel o seu epitaphio!

No meio das correntes desencontradas da opinião publica é curioso folhear a *Correspondencia entre duas princezas, de 1770 a 1780*, publicada em Vienna d'Austria, em 1865, por Alfredo d'Arneth. Consta o volume de 163 cartas escriptas por Maria Theresa d'Austria e Maria Antonieta.

Apparece-nos ahi o vulto epico da imperatriz que

durante quarenta annos, e atravez de innumeras difficuldades, sustentou na cabeça a corôa da Austria, da mulher que o seculo XVIII collocou a par dos homens mais eminentes e acêrca da qual Frederico II da Prussia disse: «*que executava planos dignos de um grande homem*». Vemol-a personificando a magestade intelligente e honesta, a maternidade extremosa e o bom senso pratico, na penumbra desartificiosa e intima de uma correspondencia familiar.

Mas, reunidos a tão elevados dotes, salteam-nos tambem os defeitos imperdoaveis de Maria Theresa, a facilidade em dar credito aos delatores, facilidade ou credulidade que William Coxe, auctor da *Historia da casa d'Austria*, menciona como uma das sombras que toldaram o brilho do seu reinado; a excessiva ambição, que depois de leval-a a apoiar-se na côrte de Versailles pelo casamento da filha, a impelliu a intervir directa e indirectamente na existencia de Maria Antonieta.

A imperatriz por pouco não asphixia a filha sob a *avalanche* das mercuriaes, cilicia-a com censuras previas, illaquea-a n'uma rede miuda de terrores pueris, de advertencias absurdas, de escrupulos irrisorios; applaude o que anteriormente condemnara, o que succede em relação ás princezas, irmãs de Luiz XV, cuja intimidade primeiramente se lhe afigura nociva e mais tarde util e indispensavel, dando-se exactamente o contrario com respeito á condessa Dubarry.

O delirio politico chegou a ponto de allucinar a virtuosa e austera esposa de Francisco de Lorena, que tanto ambicionava transmittir impolutas á filha as açucenas da pureza, instigando-a a impellil-a para a intimidade da favorita de Luiz XV!...

Por outro lado, cedendo á influencia de um rigor absurdo e exagerado, prohibe a Maria Antonieta, em carta de 31 de dezembro de 1772, que monte a cavallo, receiando provavelmente que a monarchia caia e torça o pé; que use fitas, rendas e plumas, — plumas, fitas e rendas que a barbara Maria Theresa não percebia, ó incrivel cegueira imperial! que constituiam o principal encanto da realeza;—condemnando-as d'est'arte, em carta de 15 de março de 1775: «*Une souveraine s'avilit en se parant.*» (!)

Os innocentes caprichos da rainha de França aterravam por tal fórma a imperatriz que lhe transformavam a penna n'uma especie de hyssope...

Em carta datada de Schœnbrunn, (2 de junho de 1775) leem-se estas tenebrosas linhas:

«*Perdoa o sermão, mas confesso-te, os passeios com o conde de Artois lançaram violentas perturbações na minha alma; prevejo-lhe as consequencias e não penso senão no meio de arrancar-te ao abysmo que se te abre aos pés! Deita á conta da minha ternura estas apprehensões, mas não as julgues superfluas.*»

Não páram aqui as insolitas contradicções provenientes da ambiciosa politica da imperatriz e do cioso amor exclusivo da mãe.

A infatigavel penna caprichosa e desinquieta de Maria Theresa ora definia o povo francez como uma raça prevaricada e decadente, chamando a rainha ao dever de edifical-o com o exemplo das virtudes patriarchaes, idoneas ás antigas matronas romanas; ora lhe aconselhava que renegasse a França.

«*Não adoptes a leviandade franceza. Não deves envergonhar-te de ser allemã,* JUSQU'AUX GAUCHERIES!» (Fevereiro, 1774).

E essa mãe apaixonada, que treme pelo futuro da filha, nem mesmo hesita antes de despenhar nas ondas revoltas e turvas da politica militante, a mulher, a esposa, a mãe, a rainha, que no momento supremo e angustioso em que resoava ao longe, como um vago prenuncio, o canto impetuoso e ardente da Marselheza,—o *Te-Deum* da Liberdade, como lhe chamou Gœthe, e a revolução erguia o dorso tigrino preparando-se para derruir um throno de doze seculos, deveria assomar no limiar do paço, tranquilla, suave, conciliadora como o archanjo do perdão e do amor infinito.

A correspondencia de Maria Theresa expunge por vezes totalmente o brilho intenso com que se impõe á nossa admiração esta magestosa figura imperial.

E' incontestavel que é sobre a imperatriz austriaca que pesa a responsabilidade da funesta intervenção do gabinete de Versailles, que alliando-se com a Austria pelejou ao lado de José II d'Austria contra Frederico II da Prussia, n'essa guerra que o espirituoso e diplomatico Frederico chamou *da penna*.

E' Maria Theresa quem exacerba o descontentamento do partido republicano, que não vê de boa sombra a alliança estrangeira; é ainda ella que colloca o senhor de Maurepas no dilemma perigoso de não deixar de prestar apoio ás exigencias da alliada, á medida que ia recebendo as confidencias do rei da Prussia...

William Coxe, historiador já citado, define admiravelmente a attitude franceza em presença das exigencias da Austria.

«A França, escreve elle, pretendia impedir o engrandecimento e salvar ao mesmo tempo a honra da casa de Austria.»

Que papel poderia representar n'esse procelloso dra-

ma a joven princeza, agitada por tão oppostas influencias, criticada, mal aconselhada pela duvida, pelo orgulho desmedido, pela desconfiança, que lhe iam pouco a pouco desflorindo a alma; escutando apenas a linguagem hyperbolica, vivendo cercada da *vil raça cortezã*, como lhe chama Triboulet; isto no momento em que a creança enthusiasta e sonhadora, exilada em paiz estrangeiro, no seio de uma nova familia, necessitava mais do que nunca da indulgencia que conforta, da força que protege e da doçura que pacifica?

E entretanto, Maria Antonieta, não obstante achar-se collocada entre duas nações igualmente poderosas e naturalmente inimigas, participando-lhe das predilecções e não conseguindo subjugar-lhe os odios; arrastada pela imperial ambição materna, desvairada pela lisonja, deslumbrada pelo fulgor que irradiava o throno de S. Luiz; Maria Antonieta, se por instantes obedece ás tendencias caprichosas e arrebatadas do seu caracter, como na occasião em que substitue em peitos francezes as côres da França pelas da Austria, não infringe nunca, nem mesmo em presença da guilhotina, o decoro da mulher e a magestade da rainha, destacando os traços finos, graciosos e altivos do seu busto no marmore da historia, á medida que o de Luiz XVI desapparece na penumbra da vulgaridade.

O martyrio poetisou o descendente de S. Luiz e Roma intenta canonisal-o; mas nem por isso o Capeto logrou subtrair-se á fatalidade do seu panegyrico, que se resume n'estes termos:—«Amava as artes mechanicas e era eminente na serralharia.»

Occorre-nos a proposito um curioso estudo do doutor Corlieu acerca da morte dos reis de França, des-

de Francisco I até 1793, e que é como que o boletim da agonia da dynastia Capeto.

Essa grande raça que tivera sempre, consoante a phrase dos velhos publicistas, Deus ao seu lado, parece a partir do seculo XVI marcada com o sello de uma fatalidade irremissivel. Francisco I succumbe victima de l'Avocate; Henrique II caie de uma janella atravessado pela lança de Montgommery; Carlos IX expira banhado em suor de sangue; Henrique III morre ás mãos de Jacques Clément; Henrique IV ás de Ravaillac; sobre o cadaver de Luiz XIV trovejam os insultos do povo; o ataúde de Luiz XV tem de penetrar clandestinamente nas cryptas de S. Diniz para evitar novos tumultos, e o sombrio drama da realeza franceza extingue-se perante a apparição espectral da guilhotina.

Maria Antonieta entrou em Paris em 1770, no periodo da decadencia, em plena dictadura da condessa Dubarry. Os seus cabellos de oiro emmolduravam uma radiosa physionomia de quinze annos, divinisada pelas reverberações de uma alma honesta e corajosa.

Mas a fatalidade, a eumenide dos antigos, invejava-a talvez e ameaçava nas conspirações da sombra.

Desagradaveis occorrencias assignalaram-lhe o casamento e regaram-lhe de sangue homicida as flôres do thalamo.

Altiva e invulneravel Maria Antonieta desafiava tacitamente o despeito dos republicanos; o despeito alliciou a calumnia...

Carteando-se com sua mãe uma simples palavra ás vezes patenteia os mais intimos e secretos pensamentos da rainha.

A's advertencias que lhe prohibem a approximação da favorita de Luiz XV responde:

«*Não necessito que ninguem me advirta em questões de honestidade.*»

A' critica dos enfeites e dos passeios a cavallo, ás censuras e reprimendas:

«*Os meus penteados são talvez ridiculos, mas a moda autorisa-os: os olhos habituam-se a vel-os e não os estranham.*»

«*O rei e o sr. delphim gostam de me ver montar a cavallo.*»

«*Nos dias em que sahi com o conde d'Artois andava o rei á caça e eu não podia ir ter com elle; além d'isso foi o proprio rei quem me aconselhou estes passeios.*»

«*Estamos em plena epidemia de canções satyricas; ninguem na côrte escapa, não exceptuando o rei, e especialisando-me a mim.*»

E mais adiante, querendo attenuar a culpabilidade dos pamphletarios, scintilla-lhe o espirito malicioso e ironico:

«*As pennas e as linguas dizem bastantes cousas que não existem nos corações...*»

Referindo-se aos boatos propalados pelos allemães:

«*O grande infortunio da maior parte dos paizes consiste em não serem nunca as pessoas delicadas e espirituosas as que viajam!*»

Esta resposta revela a fina observação sagaz que caracterisava Maria Antonieta.

Intentando a princeza desarmar a hostilidade systematica da *bella matribus:*

«*Sou um tanto preguiçosa, mas espero corrigir-me.*»

«*Não deixei de tocar nem de occupar-me utilmente. Até estudo Historia romana!*»

«*Que infelicidade, que minha mãe acredite em meu desfavor boatos muitas vezes falsos e quasi sempre exagerados*... etc., etc.»

Pobre Maria Antonieta!... que adversario por mais implacavel, que juiz por mais severo, que corações por mais frios não se enternecerão ao ver-te, altiva e encantadora rainha, inclinar a fronte submissa, como a creancinha que receia a punição materna, e beijar, filha respeitosa, a mão que de longe mesmo te governa?...

Quem não perdoará qualquer leviandade que por ventura annuveasse as transparencias da tua alma ao fitar o torvo abysmo insondavel, que a despeito da dedicação dos teus amigos e da compaixão inseparavel da natureza humana, tragou de golpe a tua fulgurante cabeça idealmente bella?...

Pobre rainha! se te fosse dado preadivinhar o futuro, como trocarias sem hesitar a terrivel celebridade que te immortalisou pela existencia obscura da mais humilde das tuas subditas!...

Se acaso o martyrio, que semelhante ao de Christo, teve a suprema vergonha, a suprema humilhação, o supremo opprobrio e a suprema dor, não te purificasse, absolver-te-hiam estas cartas, este testemunho insuspeito que apez oitenta annos veio solemne e profundamente eloquente repellir, como a voz da eternidade, a affronta dos algozes, as calumnias dos romancistas e a protervia dos indifferentes!

E não foi nenhum dos teus amigos que se encarregou de prestal-o; não partiu dos tumulos de Malesherbes, Sezé ou Chauveau Lagarde.

Foi a logica dos acontecimentos: foste tu, que, forte pela innocencia, santificada pelo amor, vieste, dei-

xando-nos ler na tua immaculada alma de filha, resgatar para a historia a tua honra de mulher!

## II

O terror dominava a França!

Os demagogos agitavam o rubro gonfalão do exterminio e cobriam o estertor dos moribundos com as musicas da Marselheza!

A convulsão fôra medonha e pavorosa como uma pagina do Apocalipse!

«A cada ataque da côrte—é E. Quinet quem falla—respondia um ataque do povo; a cada reacção uma nova revolução; á assembleia real de 23 de junho de 1789, a sublevação de 14 de julho; á reunião das tropas e festas da Orangerie, a invasão de Versailles, a 5 e 6 de outubro; á recusa de sanccionarem o decreto contra os padres e emigrados, a 20 de junho, a queda do ministerio girondino, a 10 de agosto: á tomada de Verdun, a mortandade setembrista; ao Manifesto de Brunswick, o supplicio de Luiz XVI; ao exercito de Condé, o exercito revolucionario; á Liga, a junta de salvação publica; á provocação de Cambrai, o supplicio de Maria Antonieta; á alliança dos reis, o terrorismo!»

Cahira um mundo e erguia-se outro!

A Consciencia e a Liberdade, novos Titans, levantavam-se, a toda a altura da sua athletica estatura e como que iam arrancar aos astros o decalogo novo, o verbo igneo que deveriam soltar aos espaços do futuro!..

Entretanto, o assassino legalisava-se. O homicidio, livido e ensanguentado, assentava-se, como a estatua do commendador, no festim dos vivos!...

A guilhotina, o monstro insaciavel, arquejando sob os herculeos braços de uns gigantes de pedra que se chamaram Robespierre, Danton, Saint Just, Billand-Varennes, funccionava periodicamente.

E á beira d'esses homens sinistros, que promettiam salvar a França plantando a arvore da liberdade sobre cadaveres e regando-a com o sangue dos francezes, desfilavam, pedindo represalias e estampando-lhes nas frontes o estigma que nem todas as aguas lustraes do mundo serão capazes de apagar, os espectros de milhares de victimas innocentes:—Luiz XVI, Maria Antonieta, a princeza de Lamballe, a perfumada violeta da côrte; Luiz XVII, a tenra flôr de liz estiolada ao contacto de mãos brutaes; André Chénier, o devaneador ardente, que na derradeira hora pedia á poesia o canto do cysne:

Comme un dernier rayon, comme un dernier zéphyr
Anime la fin d'un beau jour,
Au pied de l'échafaud j'essaie encore ma lyre,
Peut-être est-ce bientôt mon tour!

. . . . . .

Ao longe rugia, convulsionada pela ira, a trovejante voz de Mirabeau; e o povo delirante, allucinado, apaixonado pelos grandes espectaculos ruidosos, acclamava Robespierre.

«As mães—como diz E. Quinet — davam os filhos, os filhos davam o sangue!»

Foi n'esta dantesca epopeia, n'esta tragedia ciclopica que Giacommetti, um dos mais fecundos escriptores dramaticos da Italia, procurou inspirar-se.

Arrancando ao fatal 93 a sua mais sensibilisadora

pagina, dando-lhe o nome da principal heroina e colorindo-a com os prestigios do seu talento, desenrolou-a depois perante as plateias italianas, que a transmittiram, traduzida em diversas linguas, ás plateias da Europa.

Giacommetti é tambem auctor da Judith, creação de uma magestade biblica, onde a célebre Ristori e mais tarde Emilia das Neves, traduzindo Mendes Leal de proposito a tragedia para ser representada pela actriz portugueza, manifestaram todos os complexos recursos das suas organisações artisticas.

Giacommetti, estudando o novo S. Bartholomeu de 1793 que precedeu e succedeu a queda dos Bourbons, revolvendo, como esses ousados operadores de que falla S. João Chrysostomo, as ensanguentadas chagas da Revolução, cravando o bisturi anatomico nos personagens que pretendia reconstruir para a nova vida da arte, escrevendo emfim a *Maria Antonieta*, apartou-se inteiramente da vereda seguida por Alexandre Dumas.

Pondo de parte os relevos da phantasia, as attracções do artificio, preferiu aos faceis mas ephemeros triumphos provenientes dos episodios romanescos, a legitima satisfação de haver obedecido á coherencia histosica e á logica dos acontecimentos.

Travou da Historia, dialogou-a, dividiu-a em scenas, deu-lhe os requisitos de peça theatral e correspondeu assim não só ao seu ponto de vista, mas o que e mais, ás primeiras e principaes condições que a Italia exige aos seus auctores dramaticos. Isto é um grande escrupulo historico e uma fantasia opulenta destinada a pôr em evidencia os grandes artistas, mercê de papeis creados expressamente para elles.

Ninguem ignora o que a Arte significa para a Italia.

Alli os principes da scena agrupam-se, auxiliam-se reciprocamente, enlaçam as coroas, cruzam os sceptros, e depois de reunidos n'uma especie de familia intellectual percorrem o reino, offerecendo occasião, ora a Napoles, ora a Florença, ora a Veneza, ora a Verona, de admirarem e applaudirem, nas delirantes e estrondosas ovações meridionaes, o que Milão, a pedra de toque da Italia, de antemão consagrara.

A companhia da Ristori, por exemplo, possuiu sempre um ou dois artistas de primeira ordem, competidores e emulos da inimitavel tragica.

Teve Salvini, mais tarde Rossi; durante algum tempo Rossi e Salvini, e juntos representaram os tres magistraes comediantes a famosa *Francesca de Rimini*, sendo Ristori a Francesca, Rossi o Paulo e Salvini o Lanciotto.

Em Lisboa a grande vantagem da *Maria Antonieta*, que subiu á scena no theatro de D. Maria II, consistiu tambem em facultar occasião a Emilia Adelaide e José Carlos dos Santos de ostentarem a grande superioridade do seu talento, demonstrando-nos como é que actores portuguezes sem escola, sem estimulo e sem espectadores, são no entanto susceptiveis de representarem papeis de tão alta significação artistica.

Santos comprehendeu, ou por outra adivinhou a linha esbatida e vaga, a côr indefinida e dubia d'esse perfil da realeza que elle roubou, como um estudioso, á Historia de França para reconstruil-o, como um grande artista, na historia do palco.

Assombra e gela esse extremo grito dilacerante onde se ouve como que o baque surdo de uma cabeça decepada e de um coração que estala: «*Ah! que a natureza humana não póde mais!...*»

José Carlos dos Santos consubstanciou n'esse grito não só o drama pavoroso de Luiz XVI, mas a tragedia da Revolução.

Emilia Adelaide, a formosa Galatheia que sob o influxo do Pygmalião — a Arte — accende, inflamma e divinisa o marmore das formosas concepções; Emilia Adelaide não recuou perante a responsabilidade de corresponder ao ideal transcendente, que exige da artista encarregada de humanisal-o todas as successivas fases da existencia da filha de Maria Theresa, todos os variados aspectos de mulher garrida, esposa, mãe dedicada, rainha e martyr!

Em torno de Santos e Emilia Adelaide, os dois astros, gira uma verdadeira constellação.

Gertrudes e Antonio Pedro, a primeira no papel de madame Izabel e o segundo no do senhor de Malesherbes, foram simplesmente admiraveis.

Virginia e Amelia Vieira, *Madame royal* e o *Delphim*, deram-nos um grupo loiro, suave e ethereo como os archanjos alados que illuminam os missaes gothicos.

Alvaro desenhou com notavel propriedade o vulto de Lafayette, o leão republicano, coração energico, palavra viril e severa.

Cesar de Lima apresentou um Caron de Beaumarchais espirituosissimo.

No mais, o que na *Maria Antonieta* encanta e avassalla as plateias italianas, representa para nós a condição negativa.

Não se aprecia em Portugal o drama tragico nem ha a orientação intellectual que consagra as grandes obras e os grandes auctores.

O quadro da revolução é demasiadamente conhecido; e, conforme já se disse, Giacommetti desprezou o caixi-

lho pintalgado do romantismo, preferindo a moldura de bronze da Historia: ficou pois a curiosidade sem estimulo.

E se a peça, por singular excepção, subsiste em scena com alguns espectadores e outras tantas palmas, afigura-se-nos que não é a Revolução, nem a Historia, nem Giacommetti que operam o milagre, o qual provém exclusivamente de Santos e Emilia Adelaide e até certo ponto da especie de encantamento que exerce em nós a memoria de Maria Antonieta.

# THEATRO DA TRINDADE

## JOANNA, JOANNINHA E JOANNICA

Houve um seculo em França que depois de fascinar os contemporaneos com a opulencia da sua côrte brilhante e faustosa, depois de embriagal-os com os filtros enervantes dos seus costumes de uma moralidade equivoca, ficou subsistindo na historia como um quadro de intenso colorido originalissimo, que tem por condição attrair os olhos e captivar os sentidos das gerações subsequentes.

Esse estranho seculo, ridente, almiscarado, ingenuo e amoroso como um idyllio pastoril gorgeiado em molles estofos de setim, atravez de pesados reposteiros de velludo, sobre macios tapetes de Gobelins, teve por ventura a missão grotesca de humanisar, em pleno salão de Versailles, o Olympo da velha mythologia...

Luiz XIV foi o Jupiter tonante e cada uma d'essas picantes marquezas, cheias de pós e de signaes, pagãs na fórma e metaphysicas no espirito, representaram de divindades *bonne enfants*, como as suas predecessoras, ficando aos *talons rouges* a interpretação dos diversos personagens addidos á côrte pagã...

Como consequencia inevitavel, o seculo XVIII tem sido de todos o mais analysado.

Poetas, prosadores, pintores e musicos teem mergulhado successivamente n'esse oceano cambiante e irisado de pulverisações diamantinas, e cada um por sua vez conseguiu arrancar-lhe uma perola ignorada e despertar-nos uma nova commoção retrospectiva.

N'esse empenho infatigavel cabe a palma a Arséne Houssaye. Ninguem como o perfumado estylista francez, que parece escrever, como Bouffon, com os pulsos afogados em rendas, ninguem como elle tem na palheta de artista as *nuances* subtis, a observação picante, o traço incisivo, o *raffinement* descriptivo e o colorido garrido e provocante indispensaveis para renovar aos nossos olhos a galeria typica d'essa epoca singularissima.

O seculo XVIII, que possuiu a dita invejavel de agrupar no dominio da sua esphera os mais celebres pintores, os homens mais illustres e as mulheres mais espirituosas da França, alcançou ainda em nossos dias, mercê do talento observador de Arséne Houssaye, o privilegio de acordar redivivo e perfeitamente caracterisado.

Foi ainda a esse maravilhoso seculo, em que a galanteria amaneirada e a orgia do luxo reinaram despoticamente, que Lacôme, (um maestrino que lembra, por vezes, vagamente, a inspiração doce e poetica do auctor da *Mignon*) foi ainda a esse seculo prodigo que Lacôme deveu o *spartito* da opera comica que se representou no theatro da Trindade.

*Joanna, Joanninha e Joannica* pertence ao genero de peças que attendendo unicamente á musica desprezam totalmente o enredo.

O idyllio mallogrado de um marquez com uma taberneira; o inicio do reinado da soberana da *main*

*gauche,* a Dubarry; os caprichos galantes de Guimard, a diva da Opera, resumem o poema.

Polvilhou-o com o sal attico da boa pilheria portugueza a penna espirituosa de Francisco Palha, traductor da peça.

Ninguem possue como elle o segredo de armar em meia duzia de palavras duas ou tres coplas irresistiveis.

A *mise-en-scène* é um deslumbramento!

Se Arséne Houssaye, com os seus livros espirituosos, retratou fielmente o seculo XVIII, Carlos Cohen, o Grevin portuguez, com a sua thesoura prodigiosa revestiu-o de novos encantos.

O espectador maravilhado mal póde crer o que vê; diante dos seus olhos, que difficilmente logram apoderar-se d'esse conjuncto multicor, agita-se uma choreia de mulheres bonitas, arrastando setins e velludos, pompeando fitas e rendas caras.

São esplendidas as *toilettes* de Herminia, Florinda e Emilia Ferreira, particularmente no 2.º acto.

Na disposição dos grupos, que é irreprehensivel, admira-se a proficiencia do ensaiador, o actor Leoni.

Fallemos agora do desempenho.

Herminia, essa vocação imperiosa que logo aos primeiros passos na scena revelou que podia e devia ir longe, conquistando pouco depois, sem apparente esforço, o logar de uma das nossas primeiras actrizes de opera comica interpretou admiravelmente o papel de Guimard. Se a voz, pequena e fatigada, lhe foge, por vezes, esquiva e rebelde, ás difficuldades da musica de Lacôme, em compensação ninguem representaria melhor, com a expressão picante da *coquetterie* maliciosa, a scena, aliás difficil, com o principe de Soubise.

Augusto fez uma *charge* engraçadissima.

Florinda cantou excellentemente alguns trechos de musica e apresentou-nos uma Dubarry fiel á tradição.

Ribeiro declamou primorosamente o seu pequeno papel e fez d'elle uma miniatura deliciosa. Queiroz, encarregado da parte do coronel, marquez de Nocé, deu-lhe o indispensavel relevo.

A ceia, em casa de Guimard, abrilhantada pelo grupo luxuoso e galante dos abbades, é um quadro de Watteau commentado por Houssaye.

# OPERA COMICA FRANCEZA

## LES BRIGANDS

O titulo d'esta opera burlesca de Offenbach, representada com magnifico exito pela companhia franceza do Principe Real, vibra os nervos delicados e susceptiveis da leitora. *Les Brigands*, os salteadores!

A Calabria, com as suas cordilheiras erriçadas de bacamartes!... Cartouche!... Fra Diavolo!... Diogo Alves!... (não roubemos á patria a gloria insigne de inscrever um d'estes grandes nomes symbolicos no volumoso registro de todos os... larapios illustres.)

Socegue a timida e apprehensiva leitora, cobre animo, deixe em paz o elegante crystal facetado que contém o ammoniaco preparado com dissolução de rosas...

Aquelles salteadores em vez de tiros disparam canções, em vez de subterraneos pavorosos, povoados de carcereiros deshumanos, passeiam ao ar livre, pelo umbroso bosque, *bras dessous* com o bello sexo da visinhança; banqueteando-se como principes, alegres e farçantes a ponto de uma pessoa se esquecer, no decorrer da peça, que elles são no fim de contas, por obra e graça de Offenbach, ou por graça e obra de Meilhac e Halevy, *les brigands*, isto é a legitima, a impagavel, a burlesca caricatura dos ladrões de estrada!

O libretto tem toda a malicia petulante, toda a galhofa, toda a facundia communicativa que conferiram aos autores a merecida fama de primeiros no genero.

Uma aventura de galanteria... á brigand, um *truc* ardilosamente tecido pelo bando aguerrido, prepara as cousas de modo que s. ex.as, os srs. salteadores, em companhia de Fiorella, filha de Falsacappa, o chefe, e de Fragoletto, noivo da dita, substituem na côrte do duque de Mantua uma princeza hespanhola, com quem sua alteza vai contrahir o santo sacramento do matrimonio, a sua comitiva e o respectivo capitão de carabineiros, encarregado de receber os tres milhões do duque de Mantua, appetitosa isca que attrahe o cardume...

De subito, apparece a verdadeira princeza com a sua real comittiva. O duque enfurece-se, Fiorella supplica, Fragoletto implora, e a clemencia desce e pousa sobre as oscillantes cabeças dos bandidos, (namoradas de longe pela forca). Como se vê, o desenlace é propriamente o *tour de force* offenbachiano.

Risota! Cantata n.º 1, canção n.º 2, casamento aqui, casamento acolá, panno abaixo! *Et vive la joie!*

Os dramaturgos, os fazedores de scenas patheticas, lances elegiacos, situações ultra romanticas, andam descontentes com a invasão da musica de Offenbach e Lecoqc.

Em França, onde ha um sem numero de escriptores dramaticos de mais ou menos talento, espalhara-se ha tempo (boato adrede confiado aos quatro ventos cardeaes ...) que a opera comica, a *operette* e o *vaudeville* declinavam a olhos vistos... Os parisienses, movidos por um só impulso, encarregaram-se de desmen-

tir a noticia, officiosamente propalada. Philibert Audébrand, o chronista da *Illustração Franceza*, contava ha dias, referindo-se a ella, o delirio, a especie de fanatismo com que Paris em peso e a população fluctuante de reis, principes e diplomatas, entre outros o rei de Hanover, o ex-rei de Hespanha, D. Francisco d'Assis, a princeza de Metternich, o coronel Lambert, o marquez d'Espeuilles, etc., etc., affluem todas as noites a ver e applaudir o *Kosiki* e a deliciar-se com as travêssas canções de Zulma Bouffar.

Lisboa, a pacata e meditabunda Lisboa, obedece ao mesmo influxo demoniaco, almoça Offenbach, janta Lecóqc e ceia Offenbach!

Pinto Bastos, o alchimista dos maravilhosos elixires, magnetisou-a, entornou-lhe nas veias a ebriedade que se manifesta em palmas, em bravos, em flores e... em libras!...

A *gomme* do theatro de S. Carlos, que a avassallava despoticamente, passou com armas e bagagens para o theatro da rua Nova da Palma.

Elle não chega para as encommendas, elle recebe todas as noites o *chic* da litteratura, do jornalismo, da aristocracia, das *finanças*, elle tem de declarar, com periodica insistencia, que o contheudo não póde por mais que faça exceder o continente.

A nova *chanteuse*, mademoiselle Preciozi, que arrebatou as plateias na *Perichole* e no desempenho do papel de mademoiselle Lange, representou hontem pela primeira vez o Fragoletto dos *Brigands*, de que anteriormente se incumbira outra actriz.

A parte de Fragoletto, pequena e pouco favorecida pelo maestro, não dá occasião á elegante actriz de ma-

nifestar todos os recursos da sua voz fresca e metallica, irrisada pelas faiscações alegres do *entrain* francez.

Maria Denis interpretou a parte de Fiorella, ou por outra gorgeiou as suas volatas crystalinas e cantou correctamente os graciosos *couplets*: «*Je suis la fille du bandit.*»

Loury e Letellier muito bem!

Os córos afinados, a musica viva, original, petulante, endiabrada!

# THEATRO DE D. MARIA

## HERNANI

Assim como é indispensavel subir a uma grande elevação, acima do nivel da terra, para que se rasguem diante do nosso raio visual as largas e accidentadas perspectivas, as paizagens ondulantes, os edificios juxtapostos em magestoso amphitheatro, formando como que uma renda de pedra de torreões e campanarios, os fundos e sinuosos horizontes marchetados de vividos esmaltes, os plainos azues do mar salpicados de flores de espuma; assim tambem é indispensavel remontar-mo-nos ás cúspides do ideal sempre que tenhamos de encarar as olympicas creações do genio.

O theatro de Victor Hugo não cabe no nosso acanhado microscosmo litterario, nem nas condições restrictas em que se move a nossa critica.

E' titanico, é assombroso, é *outre mesure!*

O ponto de vista em que temos de collocar-nos para analysal-o é para o ponto de vista a que se subordinam os reportorios modernos, as *graciosas* comedias sem espirito e os commoventes dramas sem paixão, o que o polo arctico é para o polo antarctico, o que a zona torrida é para a zona frigida, o que os Al-

pes ou os Appeninos são para a montanha russa... do jardim da Estrella.

A critica tem de levantar-se com o drama, o critico tem de pairar nos altos ceos da grande arte, de que Victor Hugo é sacerdote maximo.

Comprehende-se que n'essa radiosa esphera, dentro d'essa crise inspiradora, ella seja severa e imperativamente exigente para tudo quanto tenha a produzir-se ou a fundir-se na obra genial de Victor Hugo. Comprehende-se que desde o momento em que ella transubstanciou na alma do poeta tenha direito de exigir que o escriptor que o traduz, que o interpreta, que se illumina ao calor da chamma do seu nimbo, seja um genio, que os comediantes incumbidos de humanisarem as figuras lendarias do seu pantheon artistico, destacando completamente das vulgares proporções do actor portuguez, tenham a pujança athletica dos grandes luctadores antigos.

Estará, porém, a nossa critica n'essa determinada crise psychologica, mediante a qual o observador, o commentador, o analysta da Arte assume, como Taine, pelo assombroso poder do estylo e pela fina e transcendente percepção dos mais reconditos segredos do bello, a mesma importancia e o mesmo prestigio glorioso assignalados aos grandes e immortaes artistas, aos poetas e prosadores consagrados pelos posteros?

Não está, infelizmente, e, não estando, a severidade que poderia ser sublime é simplesmente grotesca.

Negar ao sr. Pinheiro Chagas o applauso a que tem direito o seu brilhante trabalho de transplantador do *Hernani*, porque o sr. Pinheiro Chagas não poude, a despeito do seu complexo talento, a despeito dos seus louvaveis esforços, ser em Portugal o que Vi-

ctor Hugo é em França; chamar á autoria os actores de D. Maria, interpretes do *Hernani*, unicamente porque a sr.ª Virginia não póde, com toda a sua boa vontade e finissimo temperamento artistico, ser mademoiselle Mars ou Sarah Bernhardt, as duas estrellas do antigo e do moderno theatro francez, as duas radiosas castelhanas, ideal de Dona Sol: accusar Brazão, João Rosa, Pinto de Campos porque não se chamam Firmin ou Lemaitre, Joanny ou Michelot, é, quanto a nós, barbaro como a injustiça ou irrisorio como a ignorancia.

Em relação ao seu paiz, ás deficientes condições do seu meio, aos frios desalentos que derivam de um publico desdenhoso, distraido, inconsequente, que não professa nenhuma especie de enthusiasmo pelas grandes obras immortaes, que entre Victor Hugo que o narcotisa e Offenbach que lhe dá a hilariante seducção da opera comica, raras vezes hesita; em relação á sordida *mise en scène*, á pobresa franciscana do scenario que no ultimo acto, em vez da decoração exigida pela rubrica do autor, isto é: «*Um terraço, onde se veem mascarados conversando; um palacio illuminado onde luzem vagamente repuchos deslisando entre flores e onde vibram as harmonias da musica e da dança.*»

O templo do amor, emfim, o livro doirado em cujas paginas frementes ia escrever-se o mavioso poema nupcial, o quadro do epithalamio ennublado pelo vago presagio da morte, onde por entre o languido aroma da larangeira em flor Dona Sol murmura:

«La lune tout à l'heure à l'horizont montait
Tandis que tu parlais; sa lumière qui tremble,
Et ta voix toutes deux m'allaient au cœur ensemble;

Je me sentais joyeuse et calme, ô mon amant,
Et j'aurais bien voulu mourir dans ce moment.»

Em vez de moldura adequada a esse dramatico e assombroso quadro, os espectadores do *Hernani* tiveram diante dos olhos um pobrissimo scenario amparado por umas claudicantes columnas de lona mal pintada!

Em relação a tão oppostos elementos, a estimulos perfeitamente negativos, a uma tão completa ausencia de culto pelo bello, parece-nos, guardadas as devidas proporções, superior ao resultado alcançado pelos actores da *Comédie Française* o resultado obtido pelos actores do theatro de D. Maria.

O *Hernani* é o primeiro drama de Victor Hugo: nenhum possue a alteza de idéas, o vigor de estylo, a opulencia de versos, o arrojo de concepção que lhe conferiram immortal prestigio.

O *Hernani* foi o paladino gentil que brandindo um gladio de chammas saiu á arena a terçar em lucta aberta e victoriosa contra o velho classicismo: nenhum dos campeões igualou a sua esforçada bravura, nenhum apresentou a sua reluzente cota d'armas, o seu brilhante elmo de pluma ondeante e cavalheirosa, nenhum vibrou mais relampejantes e certeiras cutiladas á escola classica, até então indisputavel soberana da Arte.

A primeira representação do *Hernani* em Paris levantou uma tempestade. Trovejaram todos os doidos e ardentes enthusiasmos da geração nova e explosíram as mais odientas represalias por parte dos que se bandeavam no grupo inimigo.

A maré tumultuante de cabeças leoninas exhibindo

gorros á Henrique III, pittorescos artistas trajando *à la diable*, a legião romantica á frente da qual caminhavam Theophilo Gautier, agitando a sua mirabulante cabelleira, Balzac, Gerard de Nerval, Boulanger, Ernesto de Saxe Coburgo, espraiou-se em fluxo e refluxo n'esse theatro francez por entre as flexuosas sedas e os macios velludos, por entre os hombros nus, afogados em diamantes, das mais bellas e illustres mulheres da França.

Os grandes amigos do poeta, os bohemios, os romanticos, os sonhadores do ideal, esses apaixonados espiritos juvenis que cultivavam em todo o seu brilho e opulencia a ignea flor do enthusiasmo, invadiram o theatro ás tres horas da tarde, entrincheiraram-se na plateia, nas galerias, no balcão e de clavina em punho, isto é de mãos abertas para as palmas e de labios frementes para os bravos que lhe exhuberavam do peito generoso, aguardaram a hora decisiva do combate.

Contra a insidia dos invejosos, contra o rancor protervo dos que calumniavam o autor e a peça, mesmo antes da sancção do publico, contra o despeito dos velhos idolos ergueu-se a França nova, a França radiosa de 1820, a França que tinha de gravar em caracteres de oiro o nome dos seus poetas e dos seus artistas e acclamou Victor Hugo, como só ella podia acclamar, com a irresistivel força triumphal, com o predominio dominador dos que sabem *sentir* e *admirar*.

Os jubilos d'essa noute compensaram largamente o poeta do fel que a proposito do *Hernani* lhe tinham distillado no coração os invejosos, os despeitados e os proprios actores.

Mademoiselle Mars, que contava então cincoenta annos engrinaldados de florentes louros, eximia-se como era natural ao trabalho e responsabilidade de crear reportorio novo. Trinta e cinco annos de successivos triumphos impunham-n'a como uma potencia ao theatro e aos auctores.

Acceitando contrariada o papel de Dona Sol que não se lhe afigurava de molde a realçar os seus eminentes dotes, não havia noute de ensaio em que ella não fizesse pagar caro a Victor Hugo a sua condescendencia.

Este esplendido verso, admiravelmente recitado pela actriz Virginia:

«Vous êtes mon lion superbe et genereux!»

soffreu as mais asperas torturas nos labios da actriz franceza.

Mademoiselle Mars não admittia a possibilidade de chamar *mon lion* ao seu collega Firmin, discutia com Victor Hugo, virava e revirava o verso, crivava-o, com o mordente despeito de mulher e de comediante, de epigrammas, pedia a suppressão do hemistichio e impacientava o desgraçado auctor, que só depois de lhe retirar o papel conseguiu que a maliciosa Mars o tomasse verdadeiramente a serio.

O *Hernani*, que é o primeiro drama do poeta da *Pitié suprême*, é tambem o primeiro na difficuldade do desempenho.

Relativamente, como já observámos e attendendo ás contrariedades que o saltearam em Portugal, pareceu-nos bom.

Brazão, a quem coube encarnar o esculptural per-

sonagem de Hernani, esbelto, heroico e namorado como um heroe de Shakspeare, se nem sempre conseguiu desprender-se da melopêa peculiar á recitação do verso fóra do theatro, se a sua voz forte e sonora careceu por vezes de umas inflexões mais suaves e brandas, em harmonia com os sentimentos ternos que expressava, não deslisou comtudo da elevada esphera em que lhe cumpria manter-se e tanto no idyllico dialogo do 2.º acto com Dona Sol como na ultima scena, desenhada a traços gigantescos, vigorosa e tragica como um *fresco* de Miguel Angelo, illuminou-o a espaços o relampago da inspiração.

João Rosa pareceu-nos um rei em corpo e alma: já lh'o disse um dos nossos mais delicados espiritos, confirma-lh'o o nosso, embora incompetente, voto.

O monologo, ou antes o dialogo de Carlos V com o espectro de Carlos Magno, aquelle grandioso monologo que na sua expressão profunda e larga parece não dever satisfazer-se com as restrictas inflexões da acanhada voz humana, valeu-lhe um triumpho.

Pinto de Campos, sobre quem pesou o terrivel e complexo encargo de dar vida e colorido proprio ao quasi sobrehumano vulto de Ruy Gomes, que é por ventura o primeiro do drama e uma das mais transcendentes figuras d'essa, já hoje deserta, galeria de nobres, nobres na accepção ampla da palavra, fidalgos que perfilhavam, como dogma transmittido de paes a filhos, a maxima: *antes quebrar que torcer.*

Pinto de Campos, a quem não obstante a sua aptidão e provado talento minguavam recursos idoneos á naturesa do personagem, se não logrou vencer não ficou todavia completamente vencido: na scena dos retratos, embora prejudicado pela *mise-en scène*, pela fi-

gura, pela voz, e na scena final, alcançou por vezes o grande colorido dramatico e a magestosa serenidade espectral que lhe exigia aquelle lance supremo.

Resta-nos fallar de Virginia, a Dona Sol do *Hernani*. A sua doce voz avelludada e macia, voz de uns tons puros, suaves, de um encanto indizivel, nem sempre acertou ferir na gamma dos procellosos e arrebatados impulsos apaixonados que vibravam no peito da ardente fidalga hespanhola, a nota que devera ser relampago, a ameaça que devera ser rugido, a phrase apaixonada que devera ser vulcão explosivo.

Virginia, se não foi absolutamente a Dona Sol de Victor Hugo, a impetuosa amante do exilado que respondia ao amor dos reis com punhaes e ao amor dos bandidos com arrulhos, que não hesitava em seguir para os antros das asperas penedias o seu *leão soberbo e generoso*, foi comtudo uma ideal figura suavissima e disse adoravelmente os versos, nos seus dialogos com Hernani, desferindo um largo vôo no ultimo acto e librando-se em regiões só accessiveis a quem como ella tem na fronte o lume sagrado do talento.

# SARAH BERNHARDT

## DE PERFIL

Difficilmente preconceberão as pessoas que vivem alheias ás correntes vibrateis do meio parisiense, profundamente caracteristico, como é que a retirada caprichosa de uma comediante póde occupar a attenção de uma cidade!

Sarah Bernhardt, porém, não era uma simples actriz a quem se paga para que nos distraia, a quem se applaude como um estimulo de que dependem para nós outras tantas sensações aperfeiçoadas.

Sarah Bernhardt era um idolo, uma potencia, uma sybilla mysteriosa e allucinada cujas palavras encerravam oraculos, cuja personalidade tinha como as das velhas trindades mythologicas o dom estranho e maravilhoso da ubiquidade!

Sarah Bernhardt, ou por outra Dona Sol, pintava como Rosa Bonheur, esculpturava como Pradier, escrevia como George Sand e representava como Rachel!

Não somos nós que o dizemos: é a critica franceza que ha seis ou sete annos o repete, que ha seis ou sete annos canta em todos os tons o nome d'essa israelita predestinada para a qual o céu inventou um milagre cem vezes mais admiravel do que o maná offerecido á sua raça.

E' por isso que ella naturalmente se reputava infallivel e impeccavel como o Papa.

Ha em Paris, n'esse pristino foco brilhantissimo para onde convergem todas as fulgurantes irradiações modernas, uma paixão inconsciente e devoradora ás fascinadoras miragens da qual ninguem resiste,—é a paixão da mulher do theatro.

A actriz significa para a capital da França o mesmo que a hetaira significava para a velha Roma pagã. Da mesma fórma que os philosophos dobravam reverentes o joelho diante d'essas esplendidas estatuas de carne, que proclamavam impudentemente os triumphos do amor livre e a baixa materialidade abjecta que não levava em mira senão a divinisação do corpo, ajoelham tambem os parisienses aos pés d'estas modernas peccadoras galantes, menos formosas, mais vestidas, mas não menos perigosas do que as suas antecessoras.

São estas Circes que envenenam lentamente os candidos corações inexperientes.

São ellas que aureoladas pela divina chamma ideal da poesia, envolvidas nas espiraes tremulas do gaz, coloridas artificiosamente pelo *fard*, aformoseadas pela optica do theatro, como as estatuas pela luz combinada dos *ateliers*, cheias de sorrisos perfidamente estudados e de olhares violentos, de um fingido langor apaixonado e de uma scintillação aguda de punhal malaio; são ellas que desabam de subito nos castos lares penetrados de uma suave tranquillidade honesta, arrancando os maridos aos braços de suas mulheres, roubando os filhos ás mães, os paes aos filhos, os irmãos ás irmãs de quem eram esteio e lançando no coração d'esses pobres ludibriados uns filtros inebrian-

tes, de uma volupia agri-doce, que depois de se evaporarem ao contacto da realidade despoetisadora deixam em seu logar um longo tedio incuravel, cheio de desalentos estereis e de cansaços dolorosos!...

No delicioso romance, *Les amours de Philippe*, Octavio Feuillet pinta com as delicadas meias tintas do seu formosissimo estylo a fascinação que arrasta para essas sereias e o momento terrivel em que, como nas mutações das magicas, ellas se revelam sob o seu verdadeiro aspecto mercantil.

Sarah Bernhardt que acaba de calcar insolentemente aos pés as corôas que Paris lhe arrojára no seu doido enthusiasmo delirante, unicamente porque o mesmo Paris cusou assistir á representação, ou por outra ao fiasco da *Aventureira* sem rebentar as luvas, não é positivamente uma peccadora como as suas collegas; é simplesmente uma excentrica.

Sarah Bernhardt deitou o coração á margem, como Gœthe, e emquanto as outras actrizes exploravam a pluralidade do verbo amar, a gloriosa *filha de Roland* ensaiava a *pose*, a eterna seducção da sua vaidade colossal, em todas as attitudes e sob todos os aspectos.

Concluiremos arrancando a uma aguarella de Felix Platel, o brilhante *Ignotus* do *Figaro*, o perfil d'essa extraordinaria comediante que encheu o mundo com a fama do seu nome prestigioso:

«Sempre que Sarah não representa levanta-se no dia seguinte ás 5 horas da manhã. A's vezes monta a cavallo. Outras esculpe, pinta ou escreve. Veste então umas calças, um collete e um jaquetão de lã branca. Por unico penteado passa os dedos pelos seus finos cabellos loiros. Logo depois chegam as visitas—a segunda platéa. A sua vida é um espectaculo quasi sem

entreactos. Não descreverei a sua casa. Paris está habituado ao luxo doido d'essa existencia elegante e dissipadora. Direi apenas que o quarto de dormir de Sarah é forrado de setim preto. Vê-se ahi um caixão coberto de velludo preto capitonado, que servia antigamente de cama á illustre actriz. Estas extravagancias premeditadas não chegam mesmo a surprehender a quem tem assistido ao desfilar de tantas mulheres excentricas. Defronte da Psyché da alcova vê-se um esqueleto authentico. Inclinado para o espelho reflecte n'elle durante o dia e a noite, á claridade incerta da lamparina que lhe põe umas sombras grotescas.

«Referir-me-hei apenas ao seu talento de esculptora, de pintora e de escriptora. São as reverberações complexas e secundarias, como todos os reflexos, da sua luminosa natureza privilegiada.

«Demonstram, sobretudo, a ancia mysteriosa de crear, independente da obra apparentemente esteril do theatro. Denunciam a vaga luta de um espirito inquieto que deseja perpetuar-se alem do trabalho ephemero da scena. Revelam, sobre todas as cousas, o desejo de alimentar a curiosidade — a curiosidade é o amor — do publico que é sempre para ella a platéa... do publico, o unico amante que soube escravisal-a. Em resumo, Sarah Bernhardt é sempre actriz. Pode-se affirmar que ella não transpoz nunca o traço luminoso da rampa para entrar na vida real.»

# NA SALA

# O MATRIMONIO

IMPRESSÕES DE LEITURA

Aqui está um titulo privilegiado, deliciosamente sonoro, um titulo feiticeiro que ha de prender irresistivelmente o olhar da leitora e quem attrae os olhos não tarda, por via de regra, que prenda os corações.

Já não direi que succeda outro tanto ao leitor... em relação ao titulo!

A vida do celibatario com as suas longas noites silenciosas, com o seu lar ermo e triste, desherdado de cabecinhas loiras e gorgeios infantis, na penumbra do qual não se desenha o vulto casto e doce da espesa coroada de venerações e santificada pela maternidade, não deixa, ainda assim, como todas as cousas más, de possuir o seu lado bom, a sua vantagem habilmente insinuada pelos egoistas, que engatilhando ao canto da bocca o riso amarello do epigramma e chamando a terreiro o libello contra o *eterno feminino*, escripto por pennas célebres e inspirado por despeitos não menos singulares, concluem pegando com as pontas dos dedos na phrase de S. Paulo: «*melhor é casar-se do que queimar-se*» e fechando-a á *huis clos* no cofre das

epistolas eroticas, das flores seccas e das estrophes claudicantes, como um antidoto infallivel.

O leitor, porém, que por deliberado proposito antipathisar com o titulo nem por isso deixará de ler o livro a que elle pertence.

Conta dois volumes esta curiosa obra de um escriptor hespanhol, o sr. Sanchez de Toca, trasladada a portuguez pelo doutor Pinto de Freitas.

O primeiro volume destina-se especialmente a estudar a questão complexa do casamento nas suas variadas e secretas ramificações com a familia; analysa as evoluções que determinaram as successivas fases do seu maior ou menor ascendente sobre os costumes e moralidade dos povos, o seu predominio sobre o homem, o prestigio que conferiu á mulher e os impulsos, quer para o bem quer para o mal, que, consoante a maneira de interpretal-a, se lhe devem; divide o seu admiravel estudo psychologico em nove capitulos que tratam da familia, da união indissoluvel, autoridade marital, divorcio, etc.

Encarando o thema que se propoz explanar no elevado ponto de vista da philosophia humanitaria; revolvendo com mão segura e firme o pelago das paixões para arrancar-lhe o diamante da verdade; gizando a linha recta do bom caminho a par da linha curva do erro, illuminada tambem pelos fogos fatuos do prazer sem ideal, do amor livre cujo impuros gosos se desfazem em cinzas, como os fructos malditos do lago Asphaltes, compara-os, applica-lhes a logica do bom senso, o profundo olhar synthetico do critico que depois de ter sondado, como prático experiente, os vortices da duvida impia e da licença impudica que a antiguidade pagã deixou assignalados no solo movediço, ainda não

remido do peccado original, só presta culto á virtude, só póde adorar a esposa christã, o amor conjugal, as fortes alegrias das consciencias honestas e das existencias laboriosas. Deduzindo o corollario resultante de uma larga investigação historica e psychologica é então que o autor poderá dizer:

«Eu que encaminhado pelo estudo e norteado pela ambição de derramar algumas gotas de balsamo no dilacerado coração do homem desci, como Dante, á pavorosa estancia do erro, onde ha rangidos de dentes e chammas eternas, eu que tentei orientar-me nas trevas em demanda de um raio de luz, que palpei as chagas do leproso e penetrei no esphera dos escolhidos; eu que colloquei diante da minha atilada investigação o problema da missão do homem isolado na sociedade ou aggregado á collectividade dos seres dispersos, embora enlaçados pela grande harmonia universal, e que se não consegui resolvel-o alcancei ao menos illuminal-o com a scentelha do meu espirito, — posso affirmar que se não é facil encontrar a felicidade (que debalde se procura no atalho que conduz á negação de todos os sentimentos e á apostasia de todos os cultos) na vereda ampla e lisa da virtude, é porque a ignota divindade só em sonhos, a furto e invisivel, como o alado amante de Psyché, oscula a fronte dos que a invocam.

Sanchez de Toca não retalha com o estylete da satyra, como usam fazel-o os romancistas, dramaturgos e casuistas modernos, a these que propoz ás suas eruditas dissertações.

O matrimonio para elle não é o pleito galante de Dumas filho, que de deducção em deducção termina pelo verbo *matar*, conjugado de varias maneiras espirituosas e escandalosas; tambem não é a flor lethal do

adulterio dissecada pelas mãos habeis de Sardou, Belot e Zola: é unicamente a alta e gravissima questão de moralidade e solidariedade da familia, estreitamente filiada com a humanidade pelos mais apertados e inquebrantaveis laços, a ponto de lhe serem communs jubilos e dores, triumphos e derrotas.

O intelligente moralista, comparando os amores legitimados pela egreja ás paixões desregradas castigadas pela duração fugaz e amargos desenganos, emprega para subtrahir-nos á fatal embriaguez dos sentidos a eloquencia biblica dos missionarios alliada á facundia litteraria dos doutos.

O segundo volume, que excede o primeiro como alteza de conceitos, largo conhecimento das civilisações ethnicas e das gerações remotas, consagra-o o auctor exclusivamente á mulher.

Tomando por ponto de partida o Oriente e conduzindo-a das margens do Tyrio e do Euphrates, afagadas pelas brisas voluptuosas impregnadas nos luxuriantes jardins encantados, ao Occidente; levantando-a em pedestal de rendilhados arabescos, onde o satyro lascivo espreita a desgrenhada coma esparsa da bacchante, Phrynea de contornos esculpturaes, marmore branco e polido doirado pelo sol da Grecia, atravez do qual o sangue lateja generoso e ardente e o amor irrompe desordenado e livre, o escriptor hespanhol pinta-nos com as tintas brilhantes da sua ardente fantasia o doido culto da formosura que allucinava e escravisava a Grecia, prostrando-a humilde adoradora da belleza feminina.

«Desde o momento em que se creava a religião do bello, acrescenta elle, era inevitavel o predominio, todo physico, da mulher. No mar attrae com a har-

moniosa voz de sereia; nas fontes e nos bosques representa-se-nos sob o aspecto da nympha de cabellos soltos, enchendo o espaço com a chuva de perolas da sua voz argentina; nas choreias graciosas, celebradas em honra de Venus, apparece-nos coroada de hera e verbena; nos torneios bellicos, nas festas do lar, nas fainas da colheita, figura identificada nos formosos vultos de Minerva, Venus, Ceres ou Juno. O orador pede-lhe a inspiração, o guerreiro a coragem, o artista o ideal! O namorado cinzel de Phidias arranca ao duro marmore inflexivel o vulto esplendido de uma heteria; os patricios, os philosophos, os senadores, o povo hellenico, emfim, curvam reverentes o joelho, e como o amante do templo de Gnido dizem-lhe: —«*Oh! mulher, deixa cair o véu que te occulta e pede altares!*»

A plastica reina despoticamente emquanto a esthetica mal vislumbra na mysteriosa bruma do futuro!

Da Grecia pagã e voluptuosa a mulher encaminha-se a Roma, subjugada pelo funebre reinado do Terror.

A bacchanal tripudia, revolta e indomita; a heteria sobreleva em opulencias e prestigios á matrona romana, e esta, sedenta de gosos sensuaes, do predominio que lhe negam, dos respeitos e preferencias que a abandonam, foge allucinada do lar, divorcia-se do esposo, renega os filhos e escarnecendo o austero exemplo de Hypacia, que divinisara o amor e proclamara a soberania da alma, arrasta pela via Appia, maculada e amarrotada, a alva tunica de linho!

Entretanto, mesmo na medonha voragem que a arrasta, depois de haver desfolhado com delirio insano a corôa virginal da pureza, é manifesta a poderosa, embora funesta, influencia da mulher.

Em rapida e eloquente synthese a define o auctor do *Matrimonio:*

«O inexplicavel predominio da mulher, escreve elle, expressam-n'o em voz harmoniosa as lendas de todas as nações. Ao lado do dogma universal da quéda do homem, e junto á consoladora esperança da sua divina redempção, apparece em toda a parte o nome da mulher. Os amores ou o rapto de uma donzella, a paixão violenta de uma rainha, são sempre no Oriente a causa ostensiva das grandes revoluções sociaes e politicas. O primeiro choque entre o Oriente e Occidente, a lucta grandiosa entre a civilisação oriental e a civilisação europea, é a cruzada heroica da Grecia para restituir ao rei de Esparta as caricias de uma esposa infiel; e Troia, incendiada por haver protegido com as suas muralhas a impunidade de um adulterio, é o facho providencial que allumia com seus vivos fulgores a sombria origem das nascentes sociedades europeas. Em cada pagina da lenda romana apparece o nome de uma mulher heroica.

«O amor conjugal e a piedade filial das Sabinas unem dois povos irmãos, que mutuamente intentam destruir-se, e mediante os carinhos de uma filha e abraços de uma esposa celébra o povo romano o seu primeiro tratado de paz. A castidade de Lucrecia derriba o throno dos Tarquinios. A innocencia de Virginia destroe o despotismo dos decemviros. O pranto de uma mãe e os rogos de uma esposa salvam Roma dos odios implacaveis do soberbo Coriolano; e nas virtudes republicanas de sua mãe Cornelia inspira-se o heroismo dos Gracchos, os dois ultimos heroes da democracia romana. Perdidos nos gelos do norte e na sombria escuridão das selvas o escandinavo e o germano divisam

tambem em suas mulheres alguma cousa de sobrenatural e mysterioso, e cheios de assombro attribuem-lhes o dom divino de entrever no cahos insondavel do futuro. O arabe, vagabundo atravez das ardentes solidões do deserto, olvida tambem a melancolia dos monotonos areaes, cantando os feitiços da sua noiva e repetindo as inspirações dos Mohalakas, onde transparecem o amor e formosura da mulher.»

Ao passar do Oriente para o Occidente o vulto pagão da mulher, adoradora de Venus, readquire pouco a pouco a casta serenidade de Judith, Debora e Sara; como que lhe pousa suavemente na fronte o primeiro alvor do christianismo. De subito, illuminam-se as montanhas da Judeia com os fulgores do novo astro; o Olympo, com todo o seu cortejo de falsos e irrisorios deuses, divindades sensuaes e cultos ephemeros, apaga-se, como uma miragem vã destinada apenas a subsistir no dominio abstracto da poesia.

Uma voz harmoniosa brotou como um aroma, purificando a terra, e vibrando de polo a polo annunciou a divina lei do amor infinito, da caridade e esperança nos destinos da alma immortal, o termo da escravidão, a igualdade do homem e da mulher e a redempção d'esta que jazia humilhada e polluida, como miseravel instrumento de deleite, que o homem adorava e despresava simultaneamente!

Maria, a delicada flor da arvore de David, curvou-se solicita para a Opprimida e ungiu-a com o puro oleo da maternidade, roçou-lhe pelos labios o carvão ardente do propheta, accendeu-lhe no coração a chamma ideal, inicio da religião austera do dever e da abnegação illimitada. A hieteria grega e a matrona

romana cederam o passo á virgem christã, coroada de niveas açucenas, á casta e immaculada esposa.

«*Deuses immortaes*—exclamavam os pagãos recuando penetrados de assombro em presença d'esses singelos vultos de mulher, santificados pela estranha e sobrehumana auréola do christianismo,—*que esposas e que mães as dos christãos!...*»

A mulher, libertada pela vinda do Messias, tornou-se o transumpto do bello, o mais valioso diamante do Evangelho.

Concluindo o seu admiravel estudo atravez dos seculos com a definição da missão exercida pela mulher na idade média, em que se por um lado exalçavam a sua influencia os epicos heroismos dos lendarios cavalleiros medievaes, que floreavam em justa aberta em prol das fracas e indefezas donas, assegurando-lhes os respeitos do mundo, pelo outro desprestigiava-a a tyrannia dos senhores feudaes, emparedando a mulher á menor represalia, estimulada pelo ciume ou pelo capricho, nos sombrios e remotos aposentos dos seus castellos inexpugnaveis e silenciosos como tumulos, e despojando-a das prerogativas de esposa á vista dos proprios filhos!

Deslisando da idade média para os tempos modernos, e referindo-se á apparição do protestantismo, e á singular e austera figura de Luthero, é soberbo o perfil, fundido em bronze, do audacioso reformador.

A traducção d'esta obra de propaganda, digna de ser lida e meditada, não obstante o silencio com que foi acolhida pela critica,—o que não depõe nada contra o livro, por isso que igual sina persegue a maioria das publicações portuguezas,—devida á penna correcta do

doutor Pinto de Freitas, não deslustra o original nem altera a disposição artistica das flores de estylo, que animam com suas côres e aromas o que poderá haver por vezes de menos attracnte nas divagações historicas.

# COSTUMES MADRILENOS

Savigny encontrou uma noite George Sand na Porte Saint Martin.

Sósinha no seu camarote, a célebre romancista assistia á representação de uma peça detestavel.

Savigny, admirado, perguntou á auctora do *Marquis de Villemer* como podia ella supportar a exhibição de similhante espectaculo.

Então a espirituosa mulher, respondeu:

«Nunca me aborreci no theatro. Se a peça é boa sigo-lhe o enredo; se é má corrijo-o.»

E' isto o que até certo ponto se póde dizer em relação aos livros de viagens.

Se são bons, ou como tal se nos afiguram, acompanhamol-os, jornadeamos com o auctor, identificamo-nos com as suas impressões, com a sua critica; applaudimos a indispensavel noção de bom senso pratico que haja no seu raciocinio ou enlevamo-nos com as idealidades da sua phantasia; voamos confundidos em espirito, até ás cumiadas alpinas, onde a neve recorta flores e estrellas de prata; subimos até ás agulhas de granito das cathedraes de marmore que se perdem nas nuvens; pairamos sobre as gothicas abobadas dos templos catholicos, perfumadas pela maviosa poesia do christia-

nismo; ou descemos passo a passo as sinuosas veredas das campinas suissas; transpomos curiosos a porta dos museus, paramos extasiados em frente das télas onde palpita, eternamente visivel, a alma do genio; e assim vamos percorrendo successivamente as grandiosas paginas immortaes,— escriptas em bronze, ouro e marmore, — do livro das nações, os seus monumentos e joias artisticas e os seus gloriosos pergaminhos de civilisação, comprehendendo emfim o axioma do Cosmopolita: *L'univers est une espèce de livre dont on n'a lu que la première page quand on n'a vu que son pays,* mercê do talento descriptivo do nosso cicerone ou da poderosa e irresistivel sympathia de affinidades que affeiçoou á sua a nossa maneira de ver e julgar.

Se, pelo contrario, o livro é mau, ou nos desagrada, refazemol-o.

A téla collectiva e uniforme não póde deixar de subsistir:—paiz, povo ou costumes que retrata.

Porém, a nossa liberrima phantasia sobredoura os vultos, altera as tintas, rarefaz as sombras, suavisa os longes e empresta aos horisontes a suave transparencia que não tinham; applica, emfim, ao plano geral a analyse objectiva de uma optica particular.

A litteratura de viagens é vastissima e complexa.

Desde Byron até Dumas pae, desde Garrett até ao mais obscuro dos auctores portuguezes, raro é aquelle que de bordão em punho e mala a tiracollo não tenha sacrificado no altar das viagens e obedecido á seductora tentação de contar o que viu e ouviu, tão espirituosamente criticada por Julio Sandeau no prologo da sua deliciosa narrativa: *Concerto para os pobres.*

Escriptores ha que limitam o seu plano ao desam-

bicioso processo da photographia, como Luciano Cordeiro; outros, como Thomaz Ribeiro, bordam o thema com rendilhados lavores romanticos; outros, servindo-se do colorido quente e vigoroso de Rubens e Ticiano, conseguem algumas vezes, como o visconde de Benalcanfor, que a copia pareça o quadro e este a copia; outros, finalmente, assimilam, contemplando, e reproduzem depois, não o que propriamente viram e admiraram, porém, sim, a philosophia intuitiva das cousas que só se manifesta a quem tente profundar-lhe os inextricaveis arcanos, pedindo á critica definida, ao estudo positivo e serio, divorciado do eclectismo, a conclusão logica e elucidativa.

De todas ao chronicas de viagens são estas as menos vulgares, por isso que são as mais difficeis. Para escrevel-as não bastam o poeta ou o prosador de periodos sonoros; requerem um erudito.

O novo livro de Magalhães Lima, *Costumes Madrilenos,* dedicado a D. Benigno Joaquim Martinez, sympathico jornalista hespanhol que mais parece compatriota nosso, tão acrisolados extremos lhe deve Portugal, tão affectuosamente lhe querem os portuguezes, não pertence no rigor da palavra a nenhuma d'essas quatro maneiras, comquanto participe genericamente de todas ellas.

Magalhães Lima não photographou, não romantisou, não coloriu nem estudou philosophicamente Madrid: elle bem o sabe...

Passeiou apenas pelas *calles* da Villa Coronada a sua jovial e despreoccupada alegria de *touriste;* e á medida que lhe desfilavam diante dos olhos, atravez da espiral de fumo do charuto, os homens ou as cousas, os monumentos, os museus, os theatros,

os pequenos ridiculos ou as grandes virtudes do povo hespanhol — o mais pittoresco e original povo do mundo! — o auctor da *Senhora Viscondessa,* sem deixar de rir, assestava-lhes o implacavel e petulante *lorgnon* de madame de Girardin e desenhava rapidamente na carteira successivos perfis, maliciosos e grotescos como um traço de Cham.

Taes são os capitulos do livro intitulados: *A lenda do bandido, Templos e religião, O salerc, O Prado, o Retiro,* etc.

Em alguns, como *A politica, Historia inedita, Homens illustres,* etc., desapparece o bohemio e substitue-se pelo pensador que observa e expõe com despretenciosa elegancia.

Em resumo, o novo livro de Magalhães Lima, faiscante de vivacidade e bom humor, breve e variado, lê-se de um folego.

Raro segredo é esse! Cabe ao auctor a legitima ufania de haver conseguido descobril-o.

# NAS PRAIAS

Aperto affectuosamente a mão da leitora e remetto este folhetim para ser lido depois do banho, á hora do calor, quando o sol dardeja a prumo as suas farpas de fogo e inutilisa por isso todo o encanto que resulta dos passeios ao ar livre, atravez do pinhal, da areia da praia ou da poeira da estrada, assim como quem quebra a monotonia de um velino côr de peito de rôla com meia duzia de palavras effusivas e o manda pela posta á amiga da sua preferencia. Já vê, leitora, que não pretendo sacrificar á minha prosa descórada e trivial os preciosos momentos da sua villegiatura.

Supponha-me, por um quarto de hora, admittida na sua intimidade, assentadas ao lado uma da outra no ondulante lençol de areia que se prolonga pelo mar fóra, reciprocamente fascinadas por esse estranho magnetismo do oceano, envoltas na poeira opalina que se desenrola á superficie das ondas, como um véu de noiva: e assim, na branda quietação impregnada de melancolia, longe do tumulto das cidades, conversemos, como duas boas amigas, communiquemos as nossas impressões e confessemos que o livro de Ramalho Ortigão, *Nas praias,* ultimamente publicado, é a leitura mais cheia de côr local e de actualidade que po-

dia offerecer-nos um escriptor elegante e um homem de fino gosto.

Menciona elle em phrase colorida e amena todos os predicados que assignalam as differentes praias de Portugal, abraça em rapido e penetrante olhar, ás vezes singularmente lucido, os seus variados caracteristicos, colhe de surpreza os senões ou os ridiculos que por condição humana andam jungidos ás cousas boas, pinta com magico pincel os maravilhosos aspectos de kaleidoscopo, os mysteriosos segredos do mundo animal e da fauna maritima, offerece um valiosissimo codigo de hygiene pratica, consagrado pelo testemunho dos homens da sciencia, e sacrifica até em parte á pluralidade do leitor singelo, obscuro e montesinho, mediocre apreciador dos arabescos de estylo, a sua brilhante individualidade de auctor inseparavel do paradoxo.

O paradoxo, que Julio Janin compara ao marmore branco e nitido de um sarcophago, que attrae e enleia o espirito a ponto de impellir-nos a erguel-o suavemente para de repente desabar, sepultando-nos na fria campa, sem que haja modo de se descortinar quem é que ficou jazendo alli; o paradoxo é o terrivel ariete que Ramalho Ortigão maneja com superior habilidade e rara subtileza.

Aconselho á leitora a uso de banhos, á leitora matinal e intrepida, que expõe a sua fina epiderme á brisa mordente da costa, saturada de iodo e chloreto de cal, e troca com heroica abnegação a elegante *toilette* de percale ou cretonne, com rendas de Mirecourt, — a renda ultimamente adoptada pela flor do *chic* feminino — pela medonha camisola de barregana, que agradeça á Providencia, ou antes a Ramalho Ortigão, a ausencia d'esse ironico apreciador.

Destacam no quadro, onde o epigramma incisivo, a analyse critica, a observação intuitiva e as aguarellas colhidas em flagrante se completam, unificando-se, dois traços vigorosamente lançados: Pedrouços e Povoa de Varzim. Aquella commoda que sae pela janella para a visita entrar pela porta é incontestavelmente o simile da villegiatura de Belem a Pedrouços, onde o conteúdo, com grave offensa de todos os processos chimicos, excede o continente.

O vulto pittoresco do poveiro, aferrado ás suas superstições, á sua ignorancia, á sua gente, ao seu torrão natal, á sua pobreza honesta e laboriosa, com a mesma tenacidade que prende o mollusco á concha, lembrando pela constancia com que perpetua a mesma invariavel raça o caso do duque de Levis que, segundo conta Boccacio, possuia um quadro, objecto de luxo, que mostrava radiante a toda a gente.

Representava a celebrada téla, obra da Renascença, um Levis armado de ponto em branco, no acto de encontrar-se de frente com a mãe de Salvador, na bifurcação de uma estrada. O Levis, como perfeito gentilhomem, varria o chão com a pluma do chapéu; porém, da bôca da Virgem saía uma bandeirola onde se lia, com inexcedivel jubilo do seu nobre descendente: *Cubra-se, meu primo!*

O poveiro, associando em causa commum no intuito de subtrair-se á lei do recrutamento e respondendo ao rei que, encontrando-o no mar alto e estranhando o seu typo saxonio, lhe pergunta se é portuguez: *A gente semos poveiro, meu senhor;* o poveiro, acantoado na promiscuidade da raça piscatoria, fica sendo, mercê do lapis correcto e espirituoso do auctor das *Praias de Portugal,* uma esbelta figura de keepsake, similhante á dos gondo-

leiros de Veneza, aos lazzaroni de Napoles, aos pescadores de Procida ou aos gitanos de Sevilha.

Se eu não escandaliso o delicado olfacto da leitora habituada ao *sachet á la marechale,* ao opoponax côr de topasio, ao jockei club de mellicos perfumes, a toda essa adoravel dissipação de toucador, perguntarei ao illustre escriptor qual a rasão por que, alludindo ao Espinho, emulo da Granja, desconsiderou, a ponto de nem sequer lhe escrever o nome, o principal ramo de commercio da terra, a sua alegria, a sua gloria, a fonte de receita do pescador, o attractivo dos paladares embotados pelas *mayonnaises* da cosinha franceza,— a sardinha!

A sardinha do Espinho, ideal da sardinha portugueza, (acamada ao sol na areia loura) roliça, azulada, de escamas de prata, popular a ponto de não haver ninguem, pobre ou rico, fidalgo ou plebeu, que não lhe preste á mesa o tributo da admiração ou antes da deglutição, vingar-se-ha de Ramalho Ortigão substituindo-se no seu *menu* por qualquer truta de agua dôce.

E já que o assumpto e a época, consagrada á immersão maritima, estão convidando a jornadear de praia em praia, ou antes a borboletear com a versatilidade que os poetas folgam de attribuir-nos, permitta-me o laureado estylista, e dê-me a leitora licença, que lhe diga duas palavras acerca de Cascaes, d'onde lhe dirijo este bilhete de visita azotado pelas emanações salinas e provavelmente impregnado de semsaboria, predicado que, entre outros identicos, distingue esta sua humilde serva.

O elevado espirito de Ramalho Ortigão não se compadece de certo com os despeitos pueris, inseparaveis

dos mediocres, nem uma simples e obscura opinião pessoal poderá ter peso na balança da critica: assim, sem mais preambulos, consinta-me que lhe observe, o que naturalmente occorre aos leitores das *Praias de Portugal,* que Cascaes não lhe mereceu os cuidados dispensados ás suas rivaes.

Percebe-se que olhou para a villa de revez, como os homens costumam olhar para as mulheres feias; está-se a ver que não descalçou a luva côr de perola da côrte para tomar-lhe o pulso e que nem sequer se deu ao trabalho de assentar o bem calçado pé de *gommeu* nas estreitas e sinuosas viellas de Cascaes, quando mais não fosse para testemunhar a sua medonha feiaidade. Tanto assim que os principaes traços physionomicos, a linha chorographica, fornece-lh'os o livro que, sob a designação de *Apontamentos para a historia da villa de Cascaes,* publicou ha tempo o sr. Pedro Barruncho.

É devida talvez á superficialidade da noticia a illusão de optica do auctor, colorida como o são de ordinario as illusões, que Byron comparou ás serpentes, no largarem annualmente os seus envolucros pintalgados, asseverando contar a modesta villa dez escolas! Tem apenas duas, e pela segunda dá graças a Deus, visto que a deve unicamente á dedicada iniciativa do padre José Loureiro, que se presta a leccionar gratuitamente.

Alludindo ao banho forçado de que ia sendo victima ha annos a familia real, Ramalho Ortigão confundiu a riba, conhecida sob a designação de Mexilhoeiro, theatro da catastrophe, com a *Bôca do Inferno,* onde almoçaram em festiva *camaraderie* os espirituosos auctores das *Farpas.*

É notavel tambem que, referindo-se, a proposito da sociedade de banhistas do Espinho, á descentralisação de classes, não mencionasse Cascaes, affectada como nenhuma outra praia d'essa molestia ou d'esse ridiculo comido de traça, como um bahu velho.

Se ha localidade onde Cappulettis e Montecchis, vermelhos e azues, assestem baterias, jurem bandeiras e formem grupos distinctos e incompativeis, atravez dos quaes passeia o Tedio de braço dado com a Monotonia, é esta!

O psalmo plangente das ondas, fustigando indomitas a penedia abrupta, *qual grito funebre cupo ribomba,* a immensidade do oceano arfando convulso, reflectindo todos os prismaticos matizes, exhalando todos os murmurios indefiniveis da saudade e da melancolia, occultando no seio o fragor da procella e o gelado osculo da morte; a paizagem agreste, ondulada de outeiros desfloridos, accidentada pelas sombrias oliveiras e pelo pinheiral que se prolonga ao longo da gandara onde repastam, n'uma pacificação monotona rebanhos de fórmas anemicas; dominada pelos rendilhados torreões, pelos telhados de ardósia, côr de aza de corvo, dos chalets, atalaiada pelas severas torres do Bugio e S. Julião, que comprimentam de longe a cidadella, emquanto esta namora a formosa bahia admiravelmente descripta pelo visconde de Benalcanfor; tudo isto banhando-se em torrentes de ouro e azul, ao nascer do sol, ou mergulhando no pallido esmaecer do dia, entre a derradeira vibração do *Angelus* e a primeira scintillação das estrellas, quando se confundem nas diffusões nocturnas a luz e a sombra com todos os seus ignotos mysterios indecifraveis; contemplado do terraço ao Club ou de qualquer das eminen-

cias dos parques, n'estas tardes que têem já na pallidez do crepusculo o vaticinio do outono, parece que produz effeitos altamente curiosos, o de exacerbar em Guelfos e Gibelinos a incompatibilidade que os separa.

Comquanto Cascaes gose do privilegio de alojar anannualmente a melhor sociedade portugueza, não creio que seja esta, como Ramalho Ortigão affirma, a plena vida da côrte na sua mais alta e mais completa significação.

A villegiatura em Cascaes não se recommenda por nenhuma especie de originalidade, a não ser pela invariavel rotina com que executa a uma hora prefixa uma determinada tarefa.

Toma-se banho nas praias da Ribeira ou da *Bôca de asno*, dá-se um pequeno passeio á tarde até ao parque da sr.ª duqueza de Palmella, entra-se ás oito horas da noite no Club, sae-se ás dez, contempla-se o piano... fechado, sonha-se com uma soirée mytho, com uma recita hypothética, assiste-se á expressiva e animada mimica dos jogadores, conversa-se raras vezes com receio justificado de damnificar a voz, adquire-se finalmente a desoladora convicção de que o *savoir vivre*, a alegria communicativa, o despreoccupado jubilo dos que se divertem sem programma, é possivel que residam aqui, mas logo por infelicidade permanecem fechados em uma boceta que nem sequer tem no fundo, como a da fabula, a esperança!

# CONFLICTO NA CORTE

O auctor d'este notavel romance historico pertence ao raro e privilegiado numero dos trabalhadores infatigaveis, que sem levantarem mão do lavor diario, sem nunca esmorecerem e porfiando sempre, descobrem progressivamente novos horisontes de estudo e observação e sazonam na plena irradiação do sol os fructos que a principio brotavam estiolados e pallidos, privados ainda do rubro frouxel appetitoso, encanto e enlevo do paladar...

Denunciando logo nos primeiros passos da sua carreira litteraria a pujança destinada a progredir em novos commettimentos, longe estava ainda assim o delicado cantor das *Rosas brancas,* o ameno *touriste* das *Peregrinações n'aldeia,* do estylista dos *Opusculos romanticos* e do estudioso romancista, auctor do *Conflicto na côrte.*

A maneira de Alberto Pimentel libertou-se pouco a pouco do lyrismo exagerado das suas primeiras tentativas e do archaismo, imitado ou intempestivo, de que particularmente soffria o seu *Testamento de sangue.*

O novo romance de Alberto Pimentel abre no seculo XVI, no derradeiro periodo do reinado de D. Manuel, o *afortunado.* Os primeiros capitulos destinados a esboça-

rem essa côrte frivola e analphabeta, que pretendia sobredourar a ignorancia ou os deploraveis instinctos viciosos com os thesouros arrancados ás minas do Oriente, que tinha todas as superstições, todas as leviandades, todos os esbanjamentos ruinosos do reinado de D. João V, seu successor, e nenhum dos elegantes e seductores prestigios que assignalaram a época, devota e galante, do Luiz XIV portuguez; esses capitulos que obedecem á tradição, escriptos no estreito convivio dos chronistas da época, taes como Damião de Goes e outros, em que um dos autos de Gil Vicente, o grande iniciador do nosso theatro, representa o principal papel, são por ventura monotonos e falhos de interesse, consequencia talvez do meio que copiam, visto que, conforme assevera Gautier: *Les livres suivent les mœurs,* acrescentando mais o brilhante estylista francez, com a *verve* do seu espirito ironico e profundo: «*La Régence a fait Crébillon, ce n'est pas Crébillon qui a fait la Régence.*»

Por fortuna, a pomba dos castos amores idilicos, prendendo-nos ás suas niveas azas perfumadas, levanta-nos acima d'aquelle diluvio de casquilhos da côrte, vaidosos e ignorantes, do complicado trama de intrigas e adulações rasteiras, onde atravez do formigueiro de pretenciosas damas e louvaminheiros ambiciosos raras vezes se descortinavam vultos da levantada estatura de Sá de Miranda, Gil Vicente, Vasco da Gama, Bernardim Ribeiro e D. Leonor de Mascarenhas, a madame Du Deffant da sua época e nacionalidade.

O poetico e mallogrado drama dos amores do marquez de Torres Novas, neto do heroico D. João II, com a filha do conde de Marialva, é narrado pelo auctor com a singeleza elegante que naturalmente se ex-

prime e naturalmente tambem identifica o leitor com os personagens do livro, sobrelevando a todos o formosissimo lance do 2.º volume, capitulo 5.º

A melancolia da paisagem ao caír da noite penetra-nos suavemente; no fundo azul do firmamento avistamos a ondulação dos cómoros arrelvados, a aridez das fragas e o arvoredo sombrio e immovel. De subito, reboam no espaço, e como que palpitam na aza da viração, canticos sagrados... Atravez da azinhaga que segue ao longo do valle, em direcção ao moinho onde agonisa um christão, caminha o Sagrado Viatico. Incorporados no cortejo aldeão e confundidos na turba dos camponezes deparam-se-nos os soberbos Marialvas, pae e filha, e D. João de Lencastre, o denodado paladino de Almeirim, que mal consegue occultar no disfarce de mendigo a fidalga gentileza. Ao som dulcissimo do *bemdito,* perfumado pelo aroma dos campos, como outr'ora na côrte ao som dos responsos resados por alma da rainha D. Maria de Castella, encontram-se os dois amantes e dirigem um ao outro a palavra ha tanto occulta no coração.

O quadro, desenhado com a delicadeza de traços do verdadeiro artista, é encantador, e imprime-se-nos na memoria como uma paisagem de Corot.

O vulto idealmente bello, rico de estranhas abnegações, de Violante Gomes, filha da Pelicana,—destinada a representar na historia o papel da La Vallière do infante D. Luiz,—é uma das mais graciosas figuras do romance, tão graciosa e attraente que se está a ver que Alberto Pimentel, pondo de parte o rigor historico, só confiou á poesia a inspiração d'esse retrato de mulher, formoso como uma esculptura grega, e casto, puro e immaterial como um seraphim.

Os amores de D. Guiomar Coutinho e D. João de Lencastre, combatidos por tão pungitivas angustias, alumiados a espaços pelo clarão fugaz de breves e ephemeros jubilos, que seguimos anciosos da primeira á ultima pagina do romance, terminam, conforme o desenlace historico, perdendo o marquez de Torres Novas a amante e por ventura a esposa, que, victima resignada da derradeira vontade do rei D. Manuel e da ambição paterna, contrae nupcias com o infante D. Fernando.

Em torno do severo e taciturno vulto de D. João III, coração prematuramente envelhecido pelo desflorir das primeiras illusões de amor,—cujo sombrio reinado assignalado por funebres tragedias abre no 2.º volume — presentem-se já os sanguineos reflexos das fogueiras inquisitoriaes.

Á côrte venal e prodiga succedêra a côrte fatal e sinistra, influenciada pelo demonio das represalias sangrentas, que parecia segredar ao ouvido do rei mysterios de coleras e punições tremendas. Fica-nos, portanto, suspensa a curiosidade á espera da conclusão d'esse singularissimo periodo da Historia de Portugal, terrivel como uma pagina do Apocalypse!

É provavel que Alberto Pimentel nol-a satisfaça, não só em relação ao seculo XVI como a outras épocas da historia, aproveitando assim a sua incontestavel aptidão para este genero de litteratura tão difficil pelos innumeros e complexos dotes que exige do escriptor, e raras vezes explorado entre nós.

# NO PRESBYTERIO E NO TEMPLO

Ha livros que surgem no meio de uma época como um protesto vivo e eloquente: e se a época, vertiginosamente enlaçada pelas choreias do prazer, inebriada pelos licores do festim ou utilitariamente absorta em cifras, em progressivas innovações, em calculos geometricos, em problemas sociaes da força do *Tue-lá;* ou finalmente, batendo, nova Catilina, ás portas de Roma, e tentando de camartello em punho desmoronar os monumentos e desthronisar os symbolos, endeusados pela velha consciencia que se lhe afigura senil e desprestigiada matrona; se a época engeita o livro e nem sequer se digna abril-o e commental-o, nem por isso deixa elle de subsistir e personificar o solemne protesto a que alludi.

É sob este ponto de vista que tenho a honra de apresentar aos leitores *O presbyterio e o templo,* do padre Senna Freitas.

Se eu podesse e soubesse definir em breves traços as sãs doutrinas que expende, compendiar os preceitos que formula, synthetisar as maximas que desenvolve, fal-o-ia gostosa, porque obteria assim a convicção de que, pelo menos a maioria, não deixaria de aprecial-o.

Porque o folhetim, ligeiro, superficial, *bon enfant,* o

folhetim que é como que o espelho reflector das tendencias da época, lê-se mais facilmente do que o livro; sobretudo quando o livro defronta, como este, contra preconceitos e aversões absurdas, trazendo no frontispicio, em vez do nome de Belot, o nome de um padre, e substituindo a designação de *romance* pela epigraphe que implicitamente revela a essencia da obra.

E eu quizera perguntar ao meu paiz, embora as questões theologicas e orthodoxas me despertem um terror instinctivo, se essa malquerença que existe latente na alma do seculo contra o clero, se esse desamor que desgraçadamente parte d'elle justifica, se essa duvida constante que nos afasta e prohibe que o olhemos como o archanjo das infinitas misericordias, que na hora da provação ha de espargir-nos nas frontes pallidas e alanceadas os divinos balsamos do perdão e do conforto, se tudo isso que confrange e enregela não será a origem primordial dos extravios que condemnamos?..

Affigura-se-me que, se o padre fosse considerado, conforme admiravelmente o descreve o auctor do *Presbyterio e do Templo, menos do que ninguem,* em face da humildade christã que o nivelou ao parea, instituindo-o servo commum, *mais do que todos,* maior do que os principes e os potentados da terra, porque a sua missão resume todas e abraça os dominios do mysterioso e do incommensuravel; se o venerassemos com o respeito devido aos paes, com o amor consagrado aos filhos, esse clero, prodigamente accusado, desherdado de affectos, enleiado pelas fascinadoras caricias da serpente peccaminosa, vendo multiplicarem-se em torno de si as attracções do vicio, as suggestões do conforto material, as doutrinas subversivas que o impellem á re-

volta, comprehenderia então, e só então, a sublimidade cheia de tremendas responsabilidades e tambem de ineffaveis doçuras do seu ministerio, e, em vez de maculal-o, procuraria corresponder á confiança d'aquelles que acreditassem n'elle e o amassem como pastor de almas transviadas que arrebanharia um dia e encaminharia ao aprisco.

Infelizmento não succede assim!

A maioria que tolera e não corrige os desmandos da demagogia, não admitte em face da critica evolucionista um livro que traga a assignatura de um padre!

Ora, a respeitabilissima maioria, que sem discutir condemna, esquece que os cimentos do nosso edificio litterario, que permanece de pé, magestoso e eterno, são obra dos frades que o construiram nos claustros, na penumbra das cellas, d'onde saíram, como uma legião gloriosa, os classicos.

José Joaquim de Senna Freitas, exemplarissimo como sacerdote, e para aquelles que o não conhecem ahi estão a retratarem-n'o com a fidelidade da photographia os capitulos do seu livro: *A prece, estudos historico-christãos, indifferentismo religioso, claro escuro dos mysterios da fé,* etc.; modelo de filhos, irmãos e portuguezes, e para prova consulte-se o *Ave patria!* paginas onde o amor da familia e da patria, consubstanciados em caricioso amplexo, fallam a expansiva e eloquente linguagem do coração; poeta pela ideal intuição da arte e pelo culto do bello, que o instigaram a visitar os principaes monumentos e o conduziram ao museu de Madrid, avassallando-o ahi a commoção do assombro perante as esplendidas creações de Raphael, Corregio, Van-Dick, Ticiano, Guido, Murillo e Miguel Angelo, commoção que reflecte vivissima nos capitulos: *Cathe-*

*dral de Burgos, Madrid, Cartuxa de Burgos e Ideal christão nas bellas artes,* e finalmente, habil e atilado argumentador, acerando, não raro, as setas da replica no acume do epigramma, e modificando a austeridade sacerdotal no humorismo do conversador, conforme se vê do trecho *Atravez do caminho de ferro,* que advoga o celibato ecclesiastico (debatida these que meia duzia de padres Jacinthos impugnam com a palavra e deprimem com o exemplo), conseguindo triumphar do adversario, que reduz ao silencio.

Sacerdote por espontanea vocação, catholico por irresistiveis tendencias d'alma e espirito, escriptor por indole, forte pela consciencia, rico pela crença, opulento de dotes intellectuaes, o padre Senna Freitas percorreu a Europa, depois de haver folheado os mais oppostos livros, Bossuet e Renan, os evangelistas e Voltaire, adquiriu, viajando e meditando, a sciencia dos homens e das cousas, investigou e deplorou as fragilidades do seculo; fitou de frente, tranquillo e sereno, as suas constellações, sondou os seus abysmos, e se bem que o pensador attingisse a méta que ambicionára e lhe assignalara o destino, o padre voltou o mesmo, singelo e bom, misericordioso e crente.

A mocidade é que lhe ficou em parte nos sertões do Novo Mundo, onde, missionando e exemplificando a doutrina de Jesús Christo, mil vezes arriscou a vida.

A alma, porém, como que refloriu no convivio da natureza inculta, similhante ao lyrio que desdobra as suas bellas folhas niveas e immaculadas na gandra solitaria.

---

Pois a verdade, pungitiva e amarga, que preferiria calar e que por isso talvez deixei para o fim, mas que a consciencia me impõe que lhe não occulte, é que, embora inspirado pela mais santa de todas as convicções, perfumado pelas suaves flôres do christianismo, dictado por uma consciencia elevada e recta que anceia solicita o bem da humanidade, o seu livro, que não é só um bello livro lançado ao papel com singular facilidade e aprimorado estylo, condão de raros engenhos; que é um livro bom, sem deixar de ser moderno, cristal onde se espelham as convicções do auctor, convicções subordinadas á justiça e á liberdade, não a liberdade inventada por Danton, Marat e Robespierre, tinta de sangue e proclamada ao som da Marselhesa; não a liberdade da communa, sinistra bacchante afogada em petroleo e brandindo o facho do incendio; mas a liberdade prégada pelo primeiro de todos os revolucionarios, Christo, aquella que não deslembra nunca o preceito fundamental: *Dae a Cesar o que é de Cesar;* a liberdade que expulsa estranhos invasores em 1640 e desenrola victoriosa o seu aureo pavilhão, sabendo tambem prostrar-se e quebrar como o oceano «o furor das vagas contra o grão de areia que lhe oppõe o Creador».

O seu livro, e todos os que se lhe seguirem, hão de impor-lhe a difficil e laboriosa tarefa de Sisipho luctando contra o rebelde granito; e, referindo-me á mythologia, se é licito evocar em pleno presbyterio idolos pagãos, occorre-me a proposito a fabula de Anteo...

Concluo prestando ao auctor a homenagem da admiração e respeito que me inspira, e certificando-lhe que ninguem transporá o limiar do seu *Presbyterio,* embora haja de antemão reforçado o espirito com os

sophismas do atheismo, sem experimentar o mysterioso e indefinivel enleio que despertam em nós os canticos entoados em louvor do Eterno, fluctuando entre nuvens de incenso atravez das sonoras naves e espraiando-se em ondulações pelas rendilhadas cupulas das cathedraes gothicas.

# REMINISCENCIAS DO OLYMPO

ANTITHESE.— MISE-EN-SCÉNE FRANCEZA.— AO FUNDO AVISTA-SE O QUARTO E ULTIMO NAPOLEÃO.— «TABLEAU».— A HESPANHA ANATHEMATISA OS BOURBONS.— PROSTRA-SE AOS PÉS DE CASTELLAR.— NAMORA PRIM. — DEIXA-SE SEDUZIR POR MARTINEZ CAMPOS.— ACABA POR ADORAR OS SUPRA CITADOS BOURBONS QUE ANATHEMATISÁRA.— A MULHER HESPANHOLA.— A POLITICA PORTUGUEZA.— «CLARIDADES DO SUL», POR GOMES LEAL.

A biographia das nações, estudada na successão dos seculos e na evolução historica, offerece-nos um problema curioso.

É que nunca em tempo algum, quer individualmente quer collectivamente fallando, se oppoz ao axioma francez «*A união faz a força*» maior e mais completo desprezo!

Os homens de hoje não se reunem aggridem-se, não se agrupam hostilisam-se, não se invejam, o que produziria ao menos o derivativo do estimulo, detestam-se!

É indubitavel que as sociedades não tenderam nunca demasiadamente para a sonhada fraternidade universal, é indiscutivel que no coração humano fermentou sempre mais ou menos o germen da opposição e que o christianismo, não obstante a sua doutrina de

amor infinito e de caridade inexhaurivel, não conseguiu jámais apagar da face da terra o vestigio da gentilidade, a memoria do mundo pagão, subordinado aos abominaveis caprichos e eternas rixas dos velhos deuses mythologicos.

A civilisação, rompendo no cahos como um fóco de luz redemptora supprimiu o Olympo e apeou os deuses, mas não deixou de todo de sympathisar com os seus extravios, achou commodo o seu egoismo garoto, facil a sua moral elastica, e deu-se ao curioso passatempo de imitar-lhes, de vez em quando, as homericas façanhas...

Entretanto, esse espirito bellicoso que herdamos talvez do paganismo, nunca tão desassombradamente se manifestou como no seculo XIX.

Parece que estremece no ar o espirito da antithese!

A negação fez-se systema e a revolta dogma.

A politica, o doido pesadelo das nações, desgrenhada, ebria, vestida de mil côres como uma bacchante grega, perde-se, convulsionada pela ira, n'um dedalo de controversias.

Em França, depois de amesquinhar as epicas tradições do imperio napoleonico, sacrifica ao capricho de um Bonaparte decadente a gloria de uma nação esplendida; villipendia-a em Sedan, deixa que lhe trespassem o peito eburneo as balas prussianas, vinga-a da affronta sepultando-a n'um oceano de petroleo, brandindo o facho incendiario e trocando o Napoleão de gesso pela communa de lama; expulsa a communa e divinisa Thiers, Thiers que atravessa fugazmente esse horisonte procelloso, phantastico, constantemente agitado, onde as mutações são rapidas e febris como as visões de um allucinado.

É assim que substitue a corrupção pela vergonha, a vergonha pelo exterminio, o exterminio pela loucura da inconstancia governamental!

E quem sabe, quem sabe se a geração nova, a crente legião coroada pelos sóes da esperança, terá de assistir ao estranho espectaculo de ver no austero busto da Republica, Messias que se lhe afigurou ser de uma segunda renascença para a França, os esguios e acerados bigodes do quarto, ultimo e anemico Napoleão?

Ao nosso lado, a oeste, quasi a irmanar-se comnosco pela similhança dos idiomas e visinhança das fronteiras, quasi a bater-nos na quieta espadoa portugueza com a fogosa e arrebatada dextra do Cid, tumultua a Hespanha, arrastada tambem por essa funesta e extravagante potencia que se chama politica!

Ora parece eleval-a ao fastigio, revestindo a ignea chlamyde da gloria e inspirando-lhe heroicos commettimentos, expulsando n'esse paroxismo a raça bourbonica e votando-a á execração no acto de proclamar a Republica; ora avassalla as multidões arrojando-as aos pés de Castellar, o moderno Demosthenes, que solta dos labios o jorro inflammado da sua incomparavel eloquencia; ora, endeusando Prim, consente que o guante do valoroso general amarrote o linho das tunicas republicanas e vá, batendo á porta do estrangeiro, mendigar a esmola de um rei, para no dia immediato crivar de balas o espadaúdo peito do heroe de Alcoléa e arrancar da fronte da recemnascida monarchia a corôa de espinhos; ora levanta em pedestaes de argilla gigantes, que horas depois, reduzidos ás proporções de pigmeus, obriga a abdicar; ora recorre um dia ao phenomenal e inconcebivel expediente de ac-

cender na bôca de Martinez Campos a proclamação affonsina, que rebentando inopinadamente foi quando menos se esperava erguer de sobre a proscripta raça bourbonica o véu de crepe, que á similhança do que cobre o retrato de Marino Faliero a amortalhava, e volver ao throno a vergontea do lascado tronco!

A profunda incompatibilidade d'esses mil grupos politicos, devorados de uma incongruencia chronica, reflecte, particularmente em Hespanha, no lar domestico, na existencia da mulher, no seio da familia, nos mais leves incidentes da vida commum.

Quem dirá, por exemplo, que essas delicadas madrilenas, essas tentadoras andaluzas, essas elegantissimas sevilhanas de cabellos de setim e olhos avelludados e negros scintillando atravez dos bordados da mantilha, que vão rojar-se, como os ascetas da idade média, no pó das cathedraes, curvando as eburneas frontes luminosas dignas do pincel de Van-Dick, quem dirá que são essas as mesmas mulheres, que á imitação das impudicas e crueis patricias romanas dos amphitheatros, incitam o touro com o voltear do leque buliçoso e cravam na arena, onde se dilaceram mutuamente homens e animaes e o sangue fumega em jorros, o feroz e ardente olhar do enthusiasmo, o mesmo olhar que horas antes, enternecido e brando, fitava atravez do pranto e das rendas o pallido e macerado Christo?...

Quem dirá que esses *caballeros* de capa e espada, que floreiam estocadas aos quatro ventos do universo, apostolisam o casamento civil, não dispensando á cautela o expedito trabuco nem os jubilos barbaros da vingança, são os mesmos, sem tirar nem pôr, que professam pela dulcissima Virgem christã o mais unctuo-

so de todos os cultos, a mais fanatica de todas as adorações, e combatem, inclusive, com o rosario enfiado na espada e o olhar suspenso da benção papal?...

Portugal, com a sua pacifica indole lusitana, susceptivel de acordar, unica e exclusivamente em defeza da estremecida autonomia, tem resistido inabalavel aos desvarios da politica, oppondo-lhe invariavelmente o regimen monarchico liberal, que é indubitavelmente, em relação ao seu organismo politico, a unica republica possivel; Portugal assiste, como simples espectador, ao reportorio, successivamente comico, dramatico e tragico, que estão representando a França e a Hespanha; mas em torno do colosso impassivel, como em volta dos purpurinos rosaes, quantas borboletas multicores! quantas atarefadas abelhas sequiosas!... quantas vespas que não espreitam senão o momento propicio para cravarem os seus ferrões viperinos!...

Pois essa mesma contradicção latente e combatente, esse duello de idéas, essa lucta de principios autocratas e constitucionaes, republicanos e monarchicos, realistas e democratas, onde a analyse fria e profundamente investigadora do philosopho verá provavelmente a fatalidade historica por meio da evolução da qual se elabora a solução futura, reproduz-se nos dominios mais inoffensivos, embora não menos tempestuosos, da Arte.

E já que invocámos a Arte, o Protheu moderno, depois de havermos descaído um pouco pedantemente para o escorregadio declive da politica, seja-nos licito espairecer o animo e reconquistar as boas graças da leitora folheando o livro de Gomes Leal, *Claridades do Sul*.

O que particularmente distingue o livro de Gomes Leal é a excentricidade.

Divide-se elle em cinco partes: *Inspirações do Sol, Realidades, Carteira de um phantasista, Mysticismo, Humorismo, Ruinas*, e de todas resaltam a vida, a imaginação, a ironia, o sol e a liberdade, o mais heroico entre todos os ideaes, como lhe chama o poeta.

Não me cumpre investigar agora detidamente este livro, procurando descortinar qual o meio que o determinou, a inspiração que lhe deu o ser, as tendencias que revela e a escola a que pertence, que o auctor affirma que não é a *realista*, que suppõe exagerada e, conforme o preceito de Pigault-Lebrun: *Tout ce qui est exagére est insignifiant* e tão pouco a *satanica*, que reputa *philosophia absurda*, sem todavia votar ao exterminio, como usam fazer os da idéa nova, o calumniado Lyrismo; antes offertando á Mulher e ao Amor, eternos symbolos da poesia, que lhe são origem nativa e consagração maxima, a sua lyra harmoniosa.

Limitar-me-hei apenas a indicar á leitora os versos que prefiro, sem me deter a definir litterariamente a rasão da preferencia.

Os *lobos, as aldeias, mysticismo humano, carta ás estrellas, á pomba que voou, junto do mar, doente*, e outros, distinguem-se, a meu ver, pela scintillação dos esmaltes, pela cadencia sonora do rythmo e pela novidade das imagens.

Entretanto, o poeta que verbera altivamente o abuso do systema convencional, e que pretende, acima de tudo, evitar os perigos do *exagero* e do *mau gosto*, ha de permittir que lhe diga que *A tortura das chymeras*, a pag. 98, não está absolutamente isenta d'esses defeitos.

# GUIA DAS MÃES E DAS AMAS

Acaba de saír dos prelos portuenses esta excellente obra, fructo das investigações pathologicas, humanitarias e scientificas do dr. G. Anneri, de Brest, trasladada para o idioma vernaculo por outro medico distincto, o dr. Antonio Vieira Lopes.

A sociedade protectora da infancia, de Paris, conferindo em sessão publica de 23 de janeiro de 1870 um premio a esta obra de tão vastos e proficuos resultados, nada mais fez do que prestar homenagem ao merito e patentear bem alto a utilidade de um livro que significa a propaganda mais virtuosa, (permitta-se a palavra) que póde emprehender um benemerito da sciencia a bem da humanidade enferma.

Traduzir esta obra moralisadora e instructiva, em dicção clara, fluente e elegante, brindar com ella o nosso mercado, tão carecido d'estes saudaveis livros de vulgarisação hygienica e preceitos salutares, são verdadeiros serviços que devemos agradecer ao dr. Vieira Lopes, e a Manuel Malheiro, ambos naturaes do Porto, o primeiro traductor, o segundo editor da *Guia das mães e das amas.*

Em seis capitulos se divide este bem-fadado livrinho, que conta duzentas trinta e seis paginas, nitidamente

impressas. Inspirado, como as obras de Aimé Martin, Legouvé e outros, no casto amor da familia, no culto ineffavel da infancia, deixando por vezes cair sobre as louras cabeças dos *babys*, que ameiga, protege e defende dos perigos e vicios da má aleitação, do desamor das mães e amas, e de tantas infracções da hygiene, que os estiola á nascença,—pobres arbustos, tenros e frageis, que á menor intemperie inclinam as debeis hastes!—mananciaes de estremecida devoção materna, como a pag. 41, em que cita, para reforçar a doutrina sensata e indiscutivel, que aconselha ás mães que não deixem por fórma alguma, e sob nenhum pretexto, de crear seus filhos, as palavras significativas de Bernardin de Sainte Pierre, quando affirma ter a sabia e engenhosa natureza formado a mulher com todos os signaes evidentes e caracteristicos da missão que lhe impoz, de amamentadora de seus filhos, desbastando-lhe os hombros mais estreitos do que os flancos, e inclinando-lhe levemente a cabeça para o peito, pendendo para o centro de gravidade, synthese de todos os amores, que suspende nos braços,—seu filho!

O dr. Anneri, prevendo os engenhosos sophismas com que a maioria das esposas declinam o sacratissimo encargo de aleitar os filhos, fechando obstinadamente os olhos ao exemplo maravilhoso que a natureza, na sua linguagem universal, espalhou em todos os pontos da terra, desde o beiral do telhado onde a andorinha envolve no tepido manto de pennas das suas azas a prole implume, até aos antros da floresta onde a leoa varre humilde o chão com a juba para aquecer os filhos, — oppõe-lhe a logica irrespondivel do bom senso, e demónstrando-lhe a futilidade das suas evasivas, prova-lhes até á saciedade as innumeras

vantagens que redundam, não só para a creança como para a mulher, no duplo ponto de vista da hygiene e da moralidade, quando ella cumpre o dulcissimo dever de crear seu filho com o leite dos seus peitos, depois de o haver gerado com o sangue das suas entranhas.

Ninguem resiste á eloquencia, singela como a verdade e como ella imperiosa, d'esse humanitario que comprehendendo a sua missão de medico na esphera elevada e complexa em que ella deve ser exercida, trabalha a favor da mais nobre de todas as causas, a divinisação da familia pela comprehensão absoluta da maternidade.

O habil clinico francez, depois de provar victoriosamente o grande alcance do apostolado generosissimo que emprehendeu, apresenta na sua excellente guia todos os preceitos indispensaveis para a boa e saudavel nutrição de uma creança, a partir do seu primeiro vagido nos braços maternos e a terminar no periodo difficil da dentição.

Para nós, esta obrasinha, que é possivel que a muitos se afigure de secundaria importancia e superfluo conselho, significa uma das mais serias e graves questões sociaes, que não é occasião de debater aqui.

Quem sabe se o *divorcio*, esse sinistro elemento dissolvente que cada vez mais desaperta os laços amoraveis da familia, não encontrará no afastamento em que as mães deixam os filhos, entregando-os á ama mercenaria, um dos seus auxiliares mais expeditos?...

Por todos estes motivos, entendemos cumprir um dever indeclinavel recommendando calorosamente ás nossas leitoras a nova *Guia das mães e das amas*.

# MARGARIDA

AO PADRE JOSÉ JOAQUIM DE SENNA FREITAS

Á thebaida silenciosa e agreste, onde conversas com Deus, mando este contosinho. Penso que no esboço do padre logrei colher um traço da tua alma,—a melhor que tenho conhecido. A visita é humilde, mas para os humildes reservas tu, sacerdote de Jesus Christo, o melhor dos teus sorrisos e a mais espontanea das tuas bençãos.

Era um ramilhete orvalhado aquella aldeia! Horisontes extensos, valles floridos, trigais fecundos, campos excellentemente lavrados, moinhos laboriosos, brisas oxygenadas e rebanhos de ovelhas e cabras pastoreados pelos zagais. Dominava-a o antigo solar dos Albuquerques, que a punha em ares de festa, quando os senhores se dignavam, uma vez por anno, visital-a. Então mudava-se a côrte para a aldeia. Caiavam-se as frentes das casas, amanhavam-se as hortas e até os campos se afidalgavam abrindo flôres, como quem abre sorrisos. As moçoilas não faziam outra cousa senão espreitar os fidalgos; os rapazes amuavam e riscavam com os varapaus a medida do seu despeito...

A igreja demorava ao norte da aldeia, emboscada no arvoredo. Os sinos do campanario, repicando alegremente, attraíam-n'a todos os domingos para a folga e para a benção. A casaria accidentava a paizagem, animava a aldeia e pendia da crista dos montes como ninhos de tordos.

Á porta de uma das casas trabalhava uma rapariga. Brilhavam-lhe nos olhos os vinte annos e a intensidade do sol, colhido a monte, accusava-se no trigueiro das faces, macias e rosadas. Os cabellos, abundantes, azulados á força de pretos, cingiam-lhe a cabeça ennastrados em tranças grossas como calabres.

Nem por isso era extraordinario o affecto que inspirava aos Lovelaces da aldeia aquella Clarisse. Não cantava nem sapateiava no bailarico domingueiro, e á noite, em quanto elles íam para a taverna e ellas para o serão, a rapariga deitava-se no cerrado, enramado de baunilha e rosas bravas, e quedava se pelos modos a contar as estrellas.

Era triste, conversava pouco, e elles desadoravam gente triste. Tristezas não pagam dividas; isso era bom lá para os da cidade, que não tinham mais que fazer!

Que cuidados opprimiriam a rapariga?

Vão lá saber que soes ou que atomos estonteiam as cabeças moças?...

Quando a morgadinha, a filha dos Albuquerques, acontecia passear na aldeia, arrastando os setins e os velludos na poeira da azinhaga, as cachopas acotovelavam-se ao desafio, e era qual havia de ir mais pressurosa fazer venia á fidalga, beijar-lhe a pellica das luvas e fital-a com o olhar deslumbrado e humilde que tanto lisongeia a riqueza.

A do pé da fonte, a Margarida, essa fugia, escondia-se, e de longe, atravez do cannavial, espreitava, com relampagos nos olhos, a desdenhosa morgadinha. De uma vez, inesperadamente, surprehenderam-n'a. Lavava no rio e a fidalga veio analysar as lavandeiras. Deu-lhe na vista a Margarida, não só porque era bonita como porque ficara de lado a devoral-a com os olhos. Aproximou-se e disse-lhe:

—Tens medo de mim, rapariga?

—Medo!... Nunca tive medo de ninguem.

—Pareço-te feia? (isto pedia evidentemente um comprimento.)

—Feia! ora essa, fidalga!... (a rapariga dava inconscientemente uma resposta diplomatica.)

—Que tens tu que te afflija? Quando cheguei eras a unica que estava calada e triste!

Dizendo estas palavras a fidalga requebrara-se dengosa, intentando revelar ao primo barão, aspirante á posse do coração e dote da morgadinha, os requintes de sensibilidade abafados pelo espartilho da Arrigoti.

—Isto é doença velha, senhora fidalga, acudiu Margarida córando e sorrindo com uns longes de ironia. Deus fez-me esquiva e agreste como as ortigas.

A rapariga dizia a verdade; faltava-lhe acrescentar que a ortiga podia de repente fazer-se rosa se a transplantassem para outro terreno.

O primo barão, que achou esquipatica a resposta, dignou-se pôr olhos na lavadeira e não lhe desagradou aquelle archanjo trigueiro e sadio que em vez de voar, lavava roupa.

Á noite, logo depois da ceia, Margarida fugio para o cerrado, sentou-se no chão e atirando com os olhos

ao largo ficou reconcentrada e muda. Ouçamo-lhes o pensamento, cuja estranha eloquencia suppre o silencio da rapariga.

— Porque ha de ella ter velludos e aquellas pedras que brilham e queimam, e eu um pobre vestido de chita?!... Deu-lhe Deus um casarão enorme, reluzente de espelhos e sedas, onde cabe a aldeia em peso, emquanto que a mim, pobresinha! é isto que se vê... Vivemos juntos, eu, o porco e as cabras!...

E que mãos! que regalo!... As minhas, negras e calejadas. Podera! emquanto eu moirejo noite e dia, passeiam elles e riem á custa da gente!... Nem por isso lhe querem menos!... Os paes, o noivo, os criados... Os meus vinte annos, bem ao contrario dos d'ella, arrastam-se pela terra como as toupeiras!... E ainda por cima tenho de aturar todas as noites as bebedeiras do pae!... Á mesma hora em que ella ouve as musicas dos theatros oiço eu o chiar da nora, o mugido das vaccas, o caír da agua do açude, o bramir do vento, o ramalhar das arvores ou o praguejar d'essa gente que odeio!... E diz o senhor padre prior que o campo é a poesia!... a felicidade!... E diz-se isto a quem vio a cidade!...

Não sei como não perdi o juizo!...

Que grandeza!... que ostentação!... Cega-nos, endoidece-nos!...

Ia n'estas alturas o monologo, quando uma voz grave e dôce disse á beira de Margarida:

— Que scismas são essas, pequena? Ora queira Deus que não ande por ahi a morder-te a tarantula do peccado.

— O sr. padre prior! exclamou a rapariga pondo se em pé. Estava a pensar, senhor padre prior, que é

triste a gente nascer e morrer, assim como o outro que diz, como o boi preso á nora.

O prior era um velho magestoso como um patriarcha e suave como um martyr. A testa ampla, enrugada e calva, podia comparar-se a um livro aberto onde se lia, pagina a pagina, um preterito difficil e doloroso. Tomára ordens aos trinta annos, pouco depois de lhe haverem morrido nos braços, victimadas pelo colera, a mãe e a noiva. Então o homem legou ao padre os restos de sensibilidade que sobreviveram ao naufragio. Das proprias dôres extraiu balsamo para as dôres alheias e, quando a desgraça ou a descrença arrancavam aos homens gritos de blasphemia, o padre attraia-os para os prender ás azas da fé e levantal-os até onde o seu espirito norteava a promettida bemaventurança. Vendo-se pastor d'almas, sonhou immediatamente com um presbyterio aldeão, onde as ovelhas não lhe desdenhassem o aprisco. Realisou-lhe Deus o sonho dourado.

Aqui está, pouco mais ou menos, o que era padre prior. Queria-lhe muito a aldeia, uma especie de idolatria pagã, que o padre encaminhava, sempre com o nome de Jesus na bôca, para o céu.

—Pensavas mal, rapariga, respondeu severo padre prior, tenho-te dito muitas vezes, o trabalho é a unica riqueza dos pobres. Tu não vês que até a formiga trabalha? e repara como lá de cima cae sempre uma aresta para a pobresita... Deixa te de doidices, Margarida. Amanhã é dia de Nossa Senhora; vae ter commigo á igreja; tenciono conversar comvosco ácerca de Maria Santissima; aposto que vens de lá mais alegre. És desagradecida, rapariga! Com estas alcatifas viçosas a atapetarem-te os pés, e ali aquelle docel azul a

cubril-as como se fossem rainhas, e tu a invejares não sei que douradas miserias, pobre borboleta tresloucada!... A vinda dos fidalgos á aldeia faz-lhes mal a vocês, tontas! que não adivinham que são incomparavelmente mais ricas do que elles!...

Padre prior disse e despediu-se da rapariga, estendendo-lhe a mão que ella beijou reverente.

Margarida ficou immovel: por muito tempo o seguiu com os olhos turvos de lagrimas. A consciencia reforçava a voz do padre approvando-a; mas a tentação deslumbrava-a com os prismaticos esplendores que cegaram outra identica Margarida.

A noite corria placida e luminosa; o vento trazia de longe os cheiros acres do feno e da arribana, e fustigava as arvores que meneavam os grandes ramos folhudos. O canto do grillo era a unica voz que punha a sua nota aguda e estridula entre os vagos murmurios que expiravam indistinctos nos longes adormecidos.

Margarida estremeceu, como se lhe houvesse enlaçado o collo o collar de Mephistoopheles...

A natureza brinca ás vezes inconsideradamente com o destino das mulheres...

De subito, ouviu-se assobiar *La donna é mobile* e em vez de Triboulet, ou do seu regio amo, assomou das bandas da estrada o primo barão, noivo da morgadinha.

Margarida tentou fugir. O barão, que não ignorava a lenda do mysterioso doutor, cortou-lhe o passo exclamando:

— Ingrata! Venho procurar-te e foges-me? Gostei da tua resposta á prima. Padre prior já me havia dito que eras romantica...

— Se eu sei o que isso é?...

—Nas tuas circumstancias, é detestar a pobreza e morrer pelo luxo...

Margarida teve medo e diligenciou de novo fugir.

O mais que elles disseram levou-o o vento que varria os campos esmaltados pelo luar.

D'ali a quinze dias era assumpto obrigado de todas as conversações da aldeia a subita e inesperada desapparição da Margarida. Affirmavam uns que horas mortas haviam visto o diabo em pessoa, botando enxofre pelo nariz e pelos olhos, pegar na rapariga e leval-a. Outros, menos phantasticos, certificavam que o caso não era estrânho ao namorico com um casaca, e segredavam que a partida dos Albuquerques para Lisboa coincidira com a fuga da cachopa.

—Nem ao menos teve dó do pae que ficou pateta, aquella desalmada! obtemperou uma celibataria madura que no seu foro intimo ambicionava um demonico que a levasse e mais aos seus cincoenta annos.

Pouco a pouco a aventura descaíu da actualidade para o dominio da legenda. Ficou de conserva para nos invernos subsequentes a contarem as avós ás netas, quando o granizo fustigasse os tectos de colmo.

. . . . . .

Uma noite de dezembro, voltava padre prior de administrar a extrema unção a um moribundo, quando no degrau da porta topou com um vulto immovel e silencioso, abraçando uma creança. O padre condoeu-se e cuidando que era uma mendiga, deixou-lhe cair no regaço uma moeda de prata, murmurando commovido:

— Vae, filha, vê se isso te chega para hoje.

O vulto ergueu-se e, convulsionado pelos soluços, ajoelhou aos pés do sacerdote.

— O que eu quero, padre prior, é o seu perdão, é que me receba o meu filho, filho orphão de pae e d'aqui a pouco de mãe, porque eu vou morrer, padre prior, e vim procural-o... como o cão ao dono... para morrer na minha terra e não ter outras rezas senão as suas... Perdoe-me, olhe que não havia dia nem hora que o remorso não repetisse os seus conselhos...

— Mas quem és tu? interrogou o sacerdote afflicto e estupefacto.

— Pois não me conhece?... É possivel que seis annos me tenham assim mudado!... Não vê que sou a Margarida? ..

— Desgraçada! bradou o padre curvando-se e levantando-a. Deus te perdoe a morte de teu pae que de ha muito te perdoei eu já.

Oito dias depois d'esta scena descia á terra o corpo de Margarida, e o padre prior, voltando do cemiterio, sorria tristemente para um pequenino louro e vestidinho de preto que recebera em casa e adoptara como filho.

# A ACTRIZ

A MARIA ROMANA PEIXOTO

## I

A walsa, nimiamente peccaminosa, amaldiçoada do alto dos pulpitos e do fundo das alcovas senis, atormentadas de rheumatismo, apertou uma noite com as suas finas mãos, febris e transparentes como as mãos dos phtisicos, o laço que devia eternisar-lhes a união.

Tinha elle recolhido do Minho onde fôra a ferias do terceiro anno de direito.

Na plena quietação do solar paterno, seroando no convivio affectivo da familia, e amanhecendo por montes e valles em busca de gallinholas e perdizes, vooulhe rapidamente o tempo.

A natureza dotára largamente este rapaz; fizera-o esbelto e insinuante, dera-lhe a expressiva mobilidade physionomica, a fina inflexão espirituosa e accendera-lhe nos olhos pretos, grandes e velludosos, um fulgor compassivo que suavisava a harmonia intelligente do sorriso, como a gota do orvalho quebra o vermelho cru da flor do cato.

Um patrimonio de duzentos contos e uma copada arvore genealogica, fructeada pela nobre ascendencia

de varios e preclarissimos avós, realçava os dotes nativos do primogenito dos Pachecos.

O pae conservava no vestuario, no methodo de vida simples e patriarchal, na palavra rude e viril, accusando rijeza de animo e pulmões sadios, e no gesto leal e franco, a physionomia pittoresca do fidalgo agricultor, hoje inteiramente affeminada ao nivel do dandysmo.

A mãe, que aos vinte annos dera a mão de esposa áquelle bom e honesto rapaz, que só a ella amára no mundo, era uma singela e credula alma, d'essas que raro se nos deparam no commercio falseado das salas. Usava intrepidamente os seus precoces cabellos brancos, com a sciencia exacta de serem elles o principal attractivo dos seus formosissimos quarenta e cinco annos. Quem sabe até se encommendara a Deus os fios de prata que lhe alvejavam na fronte só para tecer a rede de amor em que tinha preso o filho?... Certo é que a todos e tudo a preferia elle, e quando se recostava no espaldar negro, de pregaria amarella, da velha cadeira solarenga o busto casto e meigo da santa, com a touca de finas rendas a cubrir-lhe o alto da cabeça; quando a sua diligente ternura, o seu previdente governo domestico, espalhavam no grande palacio aldeão, povoado de servos activos, a salutar atmosphera hygienica de uma casa sabiamente administrada, desenhava-se no espirito de Alberto, nitidamente, a convicção que se o pae era a força, o predominio, o argumento inquebrantavel da honra que lhe traçava a linha de conducta, a simples dedicação obscura da mãe era a pagina viva do Evangelho do lar, cuja leitura deveria inundal-o um dia de celestes jubilos.

A influencia d'este raro modelo união de conjugal

communicou-se ao filho e subtraiu-o ao contagio do moderno elemento dissolvente. Naturalmente, sem lucta, sem violencia, formou-se-lhe o esprito no tirocinio da vida util e pratica, longe do Marialva analphabeto e do poeta realista.

Alberto ignorava a sciencia hippica do *géntleman-rider*, o preceito de *quartear* um touro e a arte engenhosa de arrancar com a ponta da unha, negra de cigarro, harpejos dolentes das cordas da guitarra,—uma apotheose de hypodromo, circo de feras e serenatas de comes e bebes, onde affirmam tersos brios e raras prendas parte dos actuaes descendentes da velha fidalguia portugueza!

Alberto preoccupava-se burguezmente com o seu direito, e tinha a insolita ambição do estudo no seio da riqueza, como se lhe não facultasse ella a regalia de ser impunemente ignorante!...

Um dia, ao espelho, descobriu Alberto que possuia um fino e annelado bigode; este symptoma, pronunciadamente viril, saiu-lhe ao rosto antes que o filtro do amor lhe distillasse nas veias os seus capciosos espiritos.

Similhante isenção, phenomenal á primeira vista, explicava-se pela logica dos acontecimentos.

No Minho, já dissémos que tirante a conversação com os paes, á hora da comida e á noite, no circulo alegre e quente formado pela chamma do candieiro de bronze, ninguem punha a vista em cima de Alberto, a não ser que, orientado pelos latidos da matilha, fosse procural-o ao alto da serra, quasi inabordavel, ou aos fundos reconcavos da planicie.

Em Coimbra, o tempo que restava das aulas entretinha-o carteando se com a mãe, na dôce e plena effusão de duas almas que se attraem.

A terna sensibilidade, o bom senso moral, a elevação e o calor communicativo d'esta correspondencia, dar-lhe-íam talvez direito a lembrar-nos a de Edgard Quinet com a mãe, se acaso o meu obscuro e modesto heroe podesse vislumbrar um pallido reflexo do creador luminoso do *Prometheu* e *Ashaverus*.

É, pois, evidente para a leitora que na folha branca do coração do bonito rapaz de vinte annos, que lhe apresentamos, não escrevera ainda a mão delicada de Margarida a palavra mysteriosa que allucinou Fausto...

Positivamente por este tempo, fôra Alberto ao Porto e recebera convite em cartão lustroso para o baile da prima Malafaya Côrte Real, cuja nobre ascendencia entroncava com os Pachecos no vinculo opulento dos morgados de Miranda do Douro.

A filha unica da abastada viuva Côrte Real educara-se em Inglaterra.

Os dotes peregrinos da belleza de miss Mary, — era assim que lhe chamavam no collegio em Londres — a fina intelligencia occulta n'uma modestia rara, as prendas da sua vasta e brilhante educação, a solida fortuna que lhe cabia em dote, tornaram-se o assumpto palpitante da chronica diaria.

Os jornalistas portuenses, calçando a luva *gris-perle* do madrigal, offereciam periodicamente uma phrase á *menina e moça,* que fizera da sua chegada á cidade invicta uma gala publica.

A commoção sagrada do desconhecido pairava sobre a cabeça, de risca ao meio, dos *gommeux* da rua da Cedofeita.

Quarenta e oito horas depois do baile que transfigurara Alberto, ajoelhava elle, mentalmente, e n'uma carta, vibrante da irresistivel eloquencia da paixão,

confiava á mãe a impressão profunda que lhe deixara o encontro com a prima.

«Se lhe dissesse que é um anjo, querida mãe, (escrevia Alberto) não lhe daria idéa exacta de como ella é. Imagine a fria gravidade britannica sob o aspecto de uma rosa branca, inundada pelo sol da Peninsula!... A cabeça, suave e extatica, do mais puro e correcto desenho, parece arrancada de uma tela de Guido!...»

Mais adiante, acrescentava:

«Maria, conversando, revela-nos o fundo de bom senso pratico escondido na infantilidade apparente dos seus dezoito annos. Singelamente, sem dar por tal, sorrindo e córando, cada gesto, cada palavra sua, lavrava a condemnação de tantas artificiosas bonecas de Nuremberg que a rodeavam!...»

Maria Côrte Real era com effeito a Julietta idealmente sonhada pelo Romeu dos vinte annos.

As linhas flexiveis do seu corpo quebravam-se em curvas serpentinas. A transparencia dourada dos cabellos louros, abundantes e finos, coroando-lhe o busto delicado, envolviam-n'a no fluido azul do lyrismo antigo, e no raio brilhante dos seus grandes olhos claros desdobrava as niveas petalas, como no cristal dos lagos, a nymphea, a morbida flor do romantismo.

A poetica natureza physica de miss Mary tornava mais frisantes ainda as qualidades, accentuadamente pozitivas, do seu caracter.

Do alto de um *pupitre,* abastecido de bons e solidos compendios doutrinarios, a circumspecta miss Mary aprendera a discriminar o ridiculo, a prezar acima de tudo a verdade, o methodo, a ordem, o dever cumprido sem ostentação.

O estudo purificara-lhe a imaginação, repellindo a

chymera romantica e oppondo-lhe as simples noções da vida real. Severa, escrupulosa, pedante como uma these de philosophia allemã, a educação ingleza deixara cair o seu apagador de bronze sobre o espirito fogoso de Maria.

Em compensação, rasgara-lhe perante o olhar curioso horisontes novos, fundas e largas perspectivas, tornara-a, emfim, uma mulher digna, natural e desartificiosa.

Tres annos depois do baile, onde pela primeira vez a vira, entregava Alberto ás mãos pequeninas que lhe tinham preso o coração o nome honrado que recebera dos paes.

Radiantes de ventura, os noivos sairam do Porto para o Minho, indo esconder no thalamo agreste, velado pelo docel do arvoredo, os divinos mysterios da lua de mel.

## II

Consinta-me o leitor que lhe occulte o nome da aldeia, no alto da qual se desenham nitidamento as velhas torres acastelladas do solar dos Pachecos.

E agora, cortemos pela sebe viva, orlada de espinheiro bravo e abundantes cachos de sabugueiro; á direita empina-se o outeiro do moinho erriçando, como uma pinha colossal, as folhas da piteira, chatas, de um verde baço, terminando em aguilhão. Na espalda do monte desenrola-se um manto dourado de giestas, que vem alcatifar os degraus partidos da capella. Á direita, na linha extrema do olival onde a bifurcação do terreno abre os dois magros braços, angulosos, estrei-

tos e longos, das azinhagas, exhala o rio o aroma fresco e sadio da roupa lavada e mordem a sonoridade da atmosphera as inflexões asperas e agudas do riso das lavandeiras. No fundo das largas planicies cultivadas desenham-se, esfumados, como n'uma tela de Landseer, os contornos zebrados e duros das vaccas. Pela azinhaga estreita e contorneada vem caminhando a passo lento, ruminando as hervas altas arrancadas pelo caminho, duas juntas de bois. Na grande pacificação do campo a tarde desce, brandamente; a terra, lavrada em sulcos, abre os seios turgidos e bebe sequiosa a agua que serpenteia irisada e reluzente como um filão de cristal. No cotovêlo da azinhaga, marginada de magros platanos de tronco alto, quebrado em corcovas, abrindo em cima em pára sol, rumoreja a agua do açude, batendo compassada, monotonamente, com a oscillação de um pendulo; a vegetação, rebentando em luxuriante desordem, entrelaçando os ramos dos arbustos, pulando em festões de verdura, formava um cortinado espesso que velava mysteriosamente esse pequenino oasis. Guardavam-n'o, como sentinellas vigilantes, os castanheiros e as oliveiras que repelliam com o tecido das suas pequeninas folhas miudas, de um verde metallico, o sol que só de relance, obliquamente, enfrestava uma claridade esbatida e suave. Zumbiam os ephemeros na corrente do ar fresca e balsamica; as abelhas chupavam voluptuosamente as petalas escarlates das papoulas e as borboletas punham brancuras de perola e scintillamentos de rubi nas hervas rasteiras e nos musgos orvalhados.

Alberto e Maria visitavam quotidianamente o *Ermiterio dos Castanheiros*. Chamavam-lhe assim, e na candida exaltação dos corações felizes pensavam em

gravar ali uma lapida, destinada a commemorar os jubilos da sua união.

As flores vermelhas, azues e brancas, que serpentiavam em girandolas enroscadas nos troncos, mosqueando os musgos, os fetos e as gramineas, tinham sido classificadas n'um herbario originalissimo, proveniente de uma botanica singular.

Chamavam-se o *beijo, o abraço, a confiencia,* uma data, o nome d'elle, o d'ella, ou ambos enlaçados.

A mãe de Alberto acompanhava-os repetidas vezes nos passeios: quanto á prima Côrte Real ficára no Porto presidindo á administração da sua casa.

Dê-me a leitora o braço, levantemos o reposteiro de folhagens enredadas que esconde a entrada do *Ermiterio,* e deixemos o nosso olhar penetrar-se do fulgor inherente a esse maravilhoso quadro conjugal de dois esposos, que no fim de vinte e quatro mezes, em vez de ambicionarem vagamente a nacionalidade belga e suissa, que sancciona o divorcio, ambicionam apenas a prolongação da mesma felicidade inalteravel.

O tempo decorrido accentuara virilmente a belleza mascula e intelligente de Alberto: o bigode, amplo e sedoso, occultara os beiços vermelhos do adolescente; o olhar adquirira a firmeza do raciocinio claro e consciente. Ella, pela sua parte, offerecia aos namorados olhos do marido um rostinho fresco e viçoso como uma rosa orvalhada; na testa lactea espalmava-se uma franja de cabello fulvo que o vento annelava.

A comprehensão da gravidade inseparavel da esposa dava á pequena pessoa de miss Mary um aspecto precocemente serio e deliciosamente gracioso; no timbre musical da sua voz sentiam-se palpitar as commoções

sagradas, os beijos enternecidos da maternidade que se denunciava nos flancos opulentos.

—Grande mau! disse Maria Côrte Real, deitando no hombro do marido a fina cabeça espirituosa, inventou de proposito, agora que eu não posso acompanhal-o, aquelle *grande negocio!...*

— São apenas quinze dias, verás; antes de quinze tias tens-me aqui, no Ermiterio, aos teus pés, a contar-te o inferno de saudades que de antemão me pungem!

—Inferno!... em Paris!... volveu ella fitando-o longamente. Tenho medo... sabes? acrescentou endireitando a cabeça.

Depois, disse-lhe timidamente ao ouvido:

— Se por um só momento o teu pensamento deixar de pertencer-nos, a mim e a elle, sublinhou córando e baixando os olhos, morreremos ambos!

Um beijo apaixonado cortou-lhe a phrase.

## III

O theatro *Buffos parisienses* pinta-se á imaginação curiosa do indigena como um *sabbat* diabolicamente fascinador: povoam-n'o, segundo affirma a lenda dos *touristes,* vivas tentações peccaminosas, de cabelleiras louras e espaduas nuas...

Corre fama que a terrivel indignação da moralidade devota e a maldição do *syllabus* trovejam ás vezes medonhamente nos crescendos da orchestra: rosnam ameaças nos rufos dos timbales, assobiam-n'as nas bôcas metallicas das trompas e fagotes ou psalmodeiam nenias nos tremulos dos violinos. Outras vezes, cho-

ram os bicos de gaz lagrimas côr de sangue e dos bambolins das gambiarras resalta a traço igneo, o *Mane Thecel Phares* do festim babylonico.

Exactamente pelo tempo em que o expresso da minha phantasia conduz a leitora á capital da França, proclamava a versatil e caprichosa fama parisiense o nome de uma actriz célebre.

Na vespera, uma faustosa e principesca ceia, offerecida pela alta *gomme* do Club e do boulevard dos italianos, consagrara, entre libações de Champagne, o nome de mademoiselle Leoni e levantara-o ao zenith da apotheose.

O novo astro brilhava com a forte irradiação de uma estrella de primeira grandeza.

E todavia, em relação ao horisonte cambiante do theatro, bastaria o eclipse produzido por uma pequenina nuvem caprichosa para que outra constellação a substituisse.

E menor é a duração d'estas frageis realezas de bastidores, mais absoluto é o imperio que exercem, imperio que, especialmente em Paris, attinge o cumulo extravagante de um verdadeiro fetichismo.

No camarim de mademoiselle Leoni, ornado com maravilhosa e exquisita opulencia, onde se agglomeravam todas as caprichosas phantasias de um luxo doido e todos os provocantes segredos da garridice, reuniase a fina flor da mocidade franceza, que solicitava um sorriso da comediante com o mesmo ardor apaixonado com que os *raffinés* da côrte de Luiz XIV pediam uma phrase a Ninon.

Mademoiselle Leoni não era o que propriamente se chama uma mulher formosa.

O pincel correcto e ethereo de Holbein regeital-a-ía

como modelo vulgar e imperfeito: a plastica grega acceitar-lhe-ía enlevada o contorno puro, modellado na vigorosa esculptura antiga.

Illuminava o rosto pallido da actriz o fulgor selvagem de dois grandes olhos negros, poderosos de seducção, que recebiam da linha azulada do bistre uma vaga expressão de soffrimento picante...

Os seus dentes brancos e miudos destacavam na côr sensual dos beiços, como um fio de aljofres n'um estojo de velludo escarlate.

Uma floresta exuberante de cabellos pretos e ondeados, coroando-lhe a cabeça airosa e petulante, torciam-se-lhe nos hombros nus, de um bello marmore, rijo e brunido, e mordiam-nos como serpentes lubricas.

Mademoiselle Leoni conhecia os mais intimos processos do *fard*, elevado pela actriz franceza á glorificação de uma Arte. Ninguem collocava com mais provocadora *coquetterie* a *mouche* ao canto da bôca maliciosa, ninguem annelava na testa, com as pontas dos dedos agudos, recurvados, de unhas côr de rosa, mais picante e *folâtre* madeixa de cabello, ninguem afogava o collo em rios de perolas e diamantes com mais insolente e natural indifferença, e o *couplet canaille* de Offenbach e Lecocq vibrava na sua bôca carminada e sensual como o *evohé* das antigas saturnaes.

Leoni foi durante um inverno parisiense uma revolução permanente, uma especie de 93, guilhotinador de milhares de corações despeitados ou traídos.

Subia o panno no 2.º acto da *Boite au lait* quando Alberto Pacheco appareceu em um *avant scéne* dos *Buffos parisienses*.

Na vespera de voltar ao Minho, reconduzido pela saudade da esposa que de longe o chamava, entrara

Alberto no theatro attraído pela curiosidade de conhecer a mulher que absorvia as attenções de Paris.

Inteiramente concentrado no seu grande orgulho de uma paternidade proxima, evocando em espirito a dôce companheira cuja ausencia se lhe tornara intoleravel, indifferente, distraído, não chegara a perceber o motivo que determinava a convulsão electrica de gritos e palmas que abalava a sala.

Casualmente, a actriz descobriu na penumbra do camarote aquelle bello rapaz pensativo, cabisbaixo, alheio á acção do seu dominio, fóra do circulo cabalistico onde ella apertava, n'um abraço morbido e lascivo de cascavel, o publico fanatisado.

Pela segunda vez Leoni fitou-o curiosa e intrigada.

Alberto contemplava n'aquelle instante mentalmente o seu paradasiaco Ermiterio. Esse olhar abstracto, perdido no vacuo, encontrou eventualmente o olhar interrogador da comediante.

Então, operou-se no espirito de Alberto uma mutação curiosissima de optica psychologica.

Rarefizeram-se pouco a pouco as linhas do quadro que o enlevava, até que de todo se apagaram n'uma bruma condensada. O theatro, resplandecente de mulheres formosas, constelladas de diamantes, com os seus jorros de luz crua, agitado pela vertiginosa musica Offenbachiana, escravo da belleza mundana de Leoni, imprimiu-se lhe vigorosamente na imaginação, apagando-lhe a consciencia e a memoria.

A poderosa fascinação da actriz subjugou triumphante o crédulo e desartificioso rapaz, inteiramente alheio ao uso dos modernos antidotos que outros Albertos oppõem áquelle veneno modernissimo.

Comprehende-se que a riqueza de Alberto Pacheco

foi o principal elemento vivificador d'aquelle idyllio á Rigolboche.

Rebates da consciencia, supplicas maternas, gritos dilacerantes da pobre abandonada caíam sem acordar um ecco na funda embriaguez d'essa paixão culpada.

Uma carta, tarjada de luto, noticiando-lhe a morte da mulher que succumbira dando á luz o filho, conseguiu a final arrancal-o de Paris e atiral-o atterrado, com a rasão perdida, para a sua aldeia.

Os braços da mãe que o esperava, compadecida e affectuosa, e a loura creança que lhe deram a beijar, rasgou mais incuravel ainda a chaga do remorso que lhe esphacelava o coração.

Alberto comprehendeu que lhe era impossivel arrastar a condemnação d'essa idéa fixa e implacavel que principiou a devorar-lhe a existencia.

As velhas theorias de Obermann, a tragica impiedade de Lara e Rolla, que elle classificava como symptoma doentio de uma decadencia na Arte; o suicidio que se lhe afigurara sempre uma cobardia, um crime sem attenuantes, impunha-se-lhe agora como unico meio de libertação.

## IV

No momento em que, pendido para o tumulo do anjo que adormecera com o perdão nos labios, Alberto levantava o rewolver á altura da testa, a mão delicada de uma mulher suspendeu-lhe o braço.

Alberto, tomado de assombro, voltou a cabeça.

Diante d'elle, com a fronte radiosa e um sorriso ineffavel, estava Maria Côrte Real.

Julgando-se victima de uma nova crise de loucura, o desgraçado sacudiu violentamente a cabeça.

—Sou eu, sim, disse-lhe ella com a sua dôce voz harmoniosa, prendendo-o no collar dos braços, sou a tua pobre Maria!... A minha supposta morte foi o teu castigo... Se depois d'esta suprema prova me deixasses ficar sepultada, como por tanto tempo estive, no frio esquife do abandono, pediria a Deus a morte que elle me recusou quando lh'a implorei ao perder a esperança de rehaver-te.

Ajoelhada, com o meu filho nos braços, suppliquei aos teus bons paes que me permittissem empenhar todos os esforços, não recuando diante de nenhum meio, para readquirir o meu paraiso perdido.

Foi o primeiro e o unico romance da minha vida...

Perdoas-me?...

Por unica resposta, Alberto curvou-se, beijou a e chorou as suas primeiras lagrimas na orla do vestido da santa.

# O FILHO NATURAL

Ha muito que não se publica em Portugal uma tão formosa collecção de romances!

Cada novella do Minho, isto é, cada pittoresca miniatura d'aquellas paragens montesinhas, sombreadas de copado arvoredo, onde a vida deslisa uniformemente, concentrando-se toda no sentimento individual e reflectindo por vezes as gradações do matiz da paisagem chilreada de canticos, fecunda em mananciaes uberrimos, onde brotam a messe de espigas côr de ouro, os vinhedos de cachos louros ou azevichados, embrulhados em pampanos de um verde esmeraldino: ou immergindo na tristeza infinita do inverno, quando as carvalheiras, os platanos e os choupos, fustigados pelo sudoeste, torcem os desfloridos troncos convulsionados ou mergulham as raizes descarnadas na cheia que rebentando do leito do rio extravasado, crespo e espumante como um mar revolto, precipita-se ululando atravez da vasta planicie e do remansoso valle, arrebatando com impetuosa sofreguidão tudo que ousa deter-lhe a passagem e trocando, não raro, a tranquilla abastança do lavrador, pelos gelados desconfortos da pobreza: — cada um d'esses quadros bu-

colicos é um modelo de observação, de fina critica e por vezes de sentimento dramatico.

A escola realista, que conta em França numerosos representantes, entre outros, Zola, Flaubert, Droz, Vignon, Feydeau, Daudet, é propriamente aquella a que de ha muito pertence a indole litteraria de Camillo Castello Branco. Não é esta a opinião da critica, se é que a critica chegou a formular uma opinião. Indica ella o *Crime do padre Amaro* como o nucleo entre a evolução e o naturalismo.

O que não obsta que seja Camillo Castello Branco o primeiro, para não dizer o *unico*, escriptor realista que existe em Portugal. Elle não mutila a verdade, como fazem os saltimbancos ás creanças no intuito de arrancar-lhes visagens grotescas; elle não impõe ao estylo a extravagancia convencional e premeditada, mediante a qual se obtêem os effeitos espectaculosos; elle não vae pedir aos objectos inanimados, aos pequenos accessorios, ás cousas futeis e pueris as tintas descriptivas, mercê das quaes os arabescos da moldura acabam por substituir o quadro. Estuda apenas o coração humano, sonda-lhe as voragens, comprehende-lhe os mysteriosos pudores, as obscuras delicadezas, adivinha-lhe as ignotas aspirações incomprehendidas, condemna ou louva, e duvida ás vezes: o seu poderoso estylo, mordente ou elegiaco, brilhante de humorismo, como a proza de Heine, mas sempre profundamente triste, deslisa copioso, espontaneo e correntio, espelhando com igual facilidade ora as pungitivas *realidades* do drama, ora os idealismos do sonho, ora as colorações hilariantes da satyra. Nos livros de Camillo sente-se o naturalismo realisado sob todos os seus complexos aspectos; e a par da opulen-

cia descriptiva depara-se-nos a sciencia psychologica remodelada no ouro classico dos Vieiras e Bernardes.

Mal podem estes pequenos contos minhotos conter a extraordinaria pujança creadora do autor, mas por isso mesmo que o espaço obedece a limites de antemão fixados, concentra-se n'elle o vigor e a flexibilidade, a força e a graça, tudo que constitue o segredo e encanto d'esse talento originalissimo.

O *Filho natural* é um romance admiravelmente delineado. Conta-se n'elle a historia de uma infeliz, de condição humilde, que fascinada pelas seducções de um fidalgote provinciano resvala á perdição, sepultando no mesmo abysmo que lhe absorve a honra, a vida do pae. D'esses amores, que Vasco Marramaque,— vergontea abastardada de uma arvore illustre — entretem como desenfado de muitas horas consumidas na politica, (Vasco, alem de fidalgo, é politico pae da patria, *membro de salvação publica. . .)* calcando-os desdenhosamente aos pés logo que se lhe afiguram indignos da sua nobre estirpe; d'esse amor que transforma e envelhece prematuramente, arrancando-lhe sem piedade todas as crenças, alegrias e illusões, a singela e ignorante filha do povo, dando-lhe todavia no auge do infortunio a consciencia da dignidade, d'esse amor ou por outra d'essa desgraça, nasce um filho, um gentil e honrado moço, que o Brazil, ou antes o trabalho engrandece. Alvaro Affonso de Granja, o filho natural, instrumento da Providencia justiceira, encarrega-se mais tarde de punir o desnaturado pae, restituindo-lhe com generosa dedicação parte dos cabedaes que o Marramaque consumira.

É profundamente enternecedor o lance em que Alvaro expande os thesouros do coração nas lagrimas

que chora sobre as joias que lhe traz a irmã, a filha legitima de Vasco, que suppondo-o pobre e desamparado pretende soccorrel-o.

Nada iguala a prodigiosa fecundidade do talento de Camillo, diante do qual o tempo deixa de ser um limite inexoravel. Como que ouvimos resoar atravez das paginas dos seus livros as palavras que saíam da cabeça de bronze de monge Bacon:

«*Le temps est, le temps fut, le temps n'est plus!*»

# FALTARA-LHES O BERÇO

A...

Chamavam-lhe os paes, os tios, os primos e os amigos dos primos, *creança prodigio.*

Josephina nascera, evidentemente, sob os auspicios de um perdulario genio tutelar, que lhe dera, alem dos dotes physicos, o *dote* positivo, averbado em rendosas inscripções, e todas as raras espertezas, todas as subtis malicias, todas as engenhosas comprehensões precoces.

No quarto de Josephina, morno, algodoado como um ninho de cysne, previdentemente mobilado e preparado para immediata satisfação de todos os enervantes ocios, penetrado dos cheiros dôces e inebriantes das aguas de Lubin e Pivet, penujado de pó de arroz, refractario á renovadora e hygienica acção da luz do sol, intencionalmente repellida pelos transparentes pintados em grande pompa de colorido, com verduras tenras, serpenteadas de regatos azues, e um Daphnis e uma Chloé loura e semi-núa, no acto de enlaçarem os braços côr de lagosta e mutuarem um casto beijo pastoril; n'esse quarto, objecto da complacencia materna, attracção absorvente da bolsa paterna, d'onde irrompia todas as manhãs, fulgurante e radioso, e

onde immergia todas as noites o sol da familia, n'esse delicioso quarto, sensual e garrido como o camarim de uma actriz, afogado em rendas e mergulhado em estofos capitonados, amontoava-se uma desordem provocante e premeditada de *bric-á-brac* pittoresco: Psychés de alabastro, cupidos de bronze, urnas chinezas com relevos de dragões e mandarins, gravuras de keepsake, *gueridons* de malachite, cristaes de Veneza, porcelanas caras, esmaltes de Limoges, estatuetas pagãs, bustos esbatidos na meia luz opalina coada pelo globo espherico e fosco de uma lamparina de prata; e sobre a cama, pequena, macia e dourada como um berço, um cysne vermelho de azas abertas.

Josephina passára, brilhante e victoriosa, por todas as risonhas gradações da existencia de *enfant gâté*.

Foi primeiro a *bambina* de carnação rosada e lactea, vestida de beijos quentes e sofregos e exhibida nos joelhos maternos ás vistas da parentela absorta, como o mais precioso e raro dom da Providencia; subiu depois ao posto honorifico de oraculo, cujas balbuciações, interpretadas pela mãe e pelo pae, eram sempre uma revelação, uma fonte de graça perenne e incomparavel, e cujos caprichos constituiam uma lei, que ninguem, sob pena de incorrer na colera do céu e na trovejante ira dos donos da casa, ousaria transgredir.

Só por incidente, que marcava época, deixava a sua imperativa e soberana vontade de ser fielmente executada.

A princeza, saciada de gosos, farta de desejar e de possuir, desilludida de que houvesse no Benard ou no Seixas boneco ou boneca que lhe não pertencesse, a princeza, achando a terra pequena para conter as suas phantasias, lembrou-se uma noite, ou por outra, orde-

nou que lhe fossem colher ao céu aquelle grande fructo transparente e leitoso, aquella inaccessivel lua que a impacientava.

— Só uma vez se lembrou d'isto! dizia a mãe em transportes de gratissima ternura.

— Só uma! repetia o pae maravilhado.

Mais tarde, Josephina era chamada á falla, e por meio de engenhosos pretextos, mediante fascinadoras promessas, timidamente, humildemente, solicitavam-n'a os desvanecidos paes que deixasse vêr o quanto ella contribuia para glorificação da familia, recitando odes á lua, dithyrambos apaixonados, adivinhando charadas, tocando cavatinas e expondo *chrochets* e bordados a branco, a froco, a missanga, a escomilha.

Josephina cantava, com flebeis e cadenciados trilos, a *romanza* da *Traviata,* com os olhos turvos de pranto, n'uma grande desolação de notas agudas e soluçadas, penetrando se da romanesca individualidade de Violeta e invejando-a vagamente...

A belleza de Josephina affirmara-se na successão dos annos e opulentara-se, modelando-se pela mais correcta e pura estatuaria.

O oval bem desenhado, a pelle fina, macia, com tons de um pallido ardente, descobrindo nas mãos e nas fontes o tecido das veias, a bôca vermelha e zombeteira, o olhar curioso e petulante, dissimulando a custo no véu setinoso das pestanas a expressão altiva do commando, o nariz de azas palpitantes, a cabeça dominadora, levemente descaída para traz, o gesto deliberado e o andar de *emancipada,* poderiam fazel-a passar por uma *péronnelle,* se acaso ella não fosse uma formosura.

A mãe não quizera afastal-a da immediata vigilan-

cia do seu imprudente amor; o pae annullara-se e dera carta branca ao governo dictador da filha e á tacita vassallagem da mãe; e Josephina, deixando de entrar n'um bom collegio francez, inglez ou allemão, que a tempo e apropositadamente lhe fosse amputando os aleijões moraes, provenientes da viciação caseira, recebeu no seu despotico throno, e na posse plena de todas as suas vontades e caprichos, a superficial e espectaculosa educação ministrada por meia duzia de professores adventicios, largamente retribuidos, que depois de lhe ensinarem inglez, francez, piano, canto, bordado e dança, entenderam que não lhe podiam ensinar mais nada.

Ignorando completamente as mais elementares noções da educação moral, não tendo ácerca do regimen disciplinar que subordina a acção da vontade á pressão do raciocinio a mais remota idéa, desconhecendo, com a mesma absoluta ignorancia, o veneno propinado pela peccaminosa indulgencia dos paes, pela falsa cultura artificiosa e esteril dos mestres, e o antidoto opposto pela philosophia christã e pelo estudo profundo e serio da botanica, da mineralogia, da physica, da chimica, da geographia, mediante o qual se estabelecem as deliciosas e effusivas intimidades consoladoras entre a grande e inspiradora alma da natureza e a nossa alma; desconhecendo igualmente os deveres impostos á mulher na esphera menos elevada mas não menos nobre da vida intima, onde lhe cabe a dôce e ideal missão de se constituir o nucleo da sorridente paz do lar, dos contentamentos suaves, dos gosos pacificos, attraindo os fugitivos, reconciliando os inimisados e fazendo-se amár e abençoar em cada hora do dia pelos paes, pelos filhos, pelos irmãos ou pelo

marido; retribuindo-se de todas essas laboriosas e santas fadigas na felicidade dos entes que a estremecem e bemdizem; não conhecendo os remedios heroicos com que se debellam as doenças moraes e não curando de saber se era bom ou se era mau o temperamento que, com todos os defeitos e imperfeições, como um corpo que repelle a pressão do espartilho, largamente se desenvolvia, Josephina possuia em troca a sciencia do toucador, estudada nas suas mais subtis applicações.

Pulia as unhas com engenhosa pericia, dando-lhe o brilho intenso da agatha, embebia o arminho na *veloutine* e frouxelava a cutis com inimitavel arte, annelava o caracol da testa com seducção verdadeiramente provocadora.

A *maquilage* do toucador era, depois das *primeiras representações* e dos *ultimos bailes,* o objecto que mais persistentemente occupava o pensamento de Josephina.

As suas leituras, tirante o jornal de modas e o livro da missa, circumscreviam-se a seis ou oito romances: *Rocambole, Os cavalleiros do punhal*, *Pepita Ximenes, O primo Bazilio.*

Este, emprestara lh'o subrepticiamente uma prima, precedendo-o de uma abundancia de sorrisos picantes e de ahs e ohs admirativos.

Josephina levara-o occultamente para o quarto, e, defronte do transparente onde se osculava o par bucolico entre as hervas verde-salsa, serapintadas de papoulas sanguineas, em presença do cysne encarnado e á claridade mysteriosa e lactea da lamparina, procedera á leitura do peccaminoso livro.

Foi n'esta determinada crise psychologica que Josephina *flirtou* pela vez primeira.

Os adagios sentimentaes da musa lyrica italiana, que ella cantava ao piano, os romances *realistas* da musa portugueza, que ella lia ás escondidas, na deliciosa sensação saboreativa do fructo prohibido, tinham-lhe paulatinamente, n'uma dôce e embriagante somnolencia identica á do bebedor de opio, depravado o coração e o cerebro.

Para Josephina, o ideal masculino cifrava-se n'um sugeito de risca apartada ao meio, bigode encerado, suissas pequenas, do feitio de costeletas, que com voz abemolada e gestos de *tenor*, com ditinhos espirituosos e phrases romanescas, soubesse apropositadamente vibrar o teclado fremente dos seus nervos.

Havia sobretudo um nome, o nome de um heroe de Octavio Feuillet, um nome mavioso e idyllico como os trilos de uma frauta pastoril, que preconcebidamente Josephina amava, dotando o personagem a que elle houvesse de pertencer de seducções irresistiveis.

Era o nome de Arthur. Inconscientemente queria-o louro, candido, timido, escravisado, como os paes e os criados, a um gesto d'ella; mas não desgostaria, tambem inconscientemente, que elle fosse atrevido e insolente como o *primo Bazilio*.

Sobretudo que fosse *chic!*

E especialmente que não tivesse os burguezes joanetes paternos!...

Uma noite, no jardim dos Recreios, entre o clangor metallico de uma banda marcial que punha no ar, nos massiços de verdura e nas folhagens tremulas das arvores, o som rispido e petulante dos clarins, Josephina encontrou finalmente um Arthur.

Os magros cobres de amanuense do predilecto de

fórma alguma poderiam conferir-lhe direitos de pretendente á mão da filha unica de um banqueiro.

Arthur resolveu heroicamente sepultar aquelle nascente amor n'uma orgia do café inglez, entre uma fatia de *rost beef* e uma garrafa de Collares.

Porém, a vontade imperiosa e soberana de Josephina cortou resolutamente todos os obstaculos; e, seis mezes depois, coroada de flor de larangeira, velada como uma vestal antiga, n'uma grande pompa luminosa de setins, rendas e diamantes, ao lado de Arthur, imprensado na casaca irreprehensivel do Keill e frisado pelo Godefroy, Josephina saía da igreja de S. Domingos para tomar posse do papel de senhora casada.

A liberdade, que no estado de solteira lhe parecera inutil e desaproveitavel, começou a apparecer-lhe, depois dos jubilos extaticos da lua de mel, sob o aspecto de uma garantia tranquillisadora.

Os habitos de independencia, adquiridos no lar paterno e transmittidos para a existencia matrimonial, invertendo a ordem natural das cousas, produziram occorrencias verdadeimente curiosas.

O imprevisto, a corda bamba dos saltos mortaes, agitava se fumnambulescamente n'aquella casa onde ninguem sabia pela manhã o que succederia á noite, onde os esposos casualmente se encontravam para logo depois se separarem, perfeitamente estranhos um ao outro, ignorando reciprocamente de que genero poderiam ser os seus pensamentos, os seus passeios, as suas distracções successivas.

Arthur tentou a principio oppor-se áquella torrentuosa invasão de divertimentos, áquelle luxo doido e perdulario, áquelle viver exterior fatigante e absorvente.

Elle trouxera dos bastidores dos theatros, das baixas convivencias, das bacchanaes pelintras do Dafundo e *da espera de touros,* para o casamento, onde imprevistamente o precipitára um sentimento physico e uma sede devoradora de dinheiro, a favor da qual conspirára a caprichosa phantasia de uma menina romantica e mal-creada, o gasto e arido coração onde nunca mais poderiam desabrochar as divinas flores azues que se chamam illusões.

Ella, que se enganara com o louro raphaelesco dos cabellos e com a fatuidade de Arthur, que tomara á conta de espirito, não lhe perdoou o engano e começou a votar-lhe a raiva surda e implacavel dos que se sentem ludibriados.

Assim foi que a umas breves e hesitantes recriminações do marido, que ousou censurar-lhe o abuso da toilette e dos divertimentos, respondeu com abundante copia de palavras asperas, agudas como farpas, distillando ironias humilhantes:

—Que não fosse ella tola, não teria casado com um pobre de Christo!

— Que bem lhe dizia a prima Antonia.

—Que depois de enriquecerem á custa do seu dote, pretendiam escravisal-a.

—Que se não queria o *senhor* acompanhal-a, ella não precisava; tinha muitas companhias, muitos que suspiravam pela honra de offerecer-lhe o braço: o primo tenente, o Henriquinho, o conselheiro e até o visconde!

O acaso, que é a providencia dos romancistas, levou-me um dia a visitar o palacete da rua de Buenos Ayres, cujo trespasse os jornaes annunciaram.

Os moveis de acajú, os contadores marchetados, os estofos setinosos, os espelhos pura Bohemia, as alcatifas Gobelins, as pratas amontoadas pyramidalmente nos aparadores, os candelabros de vidros foscos, as porcelanas, os cristaes, o *parquet* luzidio, punham na casa deserta, onde melancolicamente zumbiam, cortando o ar frio e humido, meia duzia de moscas, a sensação de uma grande opulencia dinheirosa.

Evidentemente, pensava eu percorrendo uma galeria envidraçada, guarnecida de arbustos e plantas de estufa, deveria ser muito feliz a existencia que houvessem desfructado aqui os proprietarios d'esta mansão de fadas.

E todavia, na disposição geral dos trastes, das decorações, do que propriamente constitue a harmonia de uma casa, percebia-se a desordenada attitude do abandono, a tristeza vaga e indefinida do isolamento.

Tinham-me dito que aquella casa pertencera a uns noivos.

Não havia, porém, nenhum objecto de uso domestico que me deixasse crer na existencia de uma creança loura, de um cherubim risonho, que enchesse a casa com as notas cristalinas da sua dôce voz infantil e alegre.

No *boudoir*, com as paredes capitonadas em velludo côr de lyrio, um frasco aberto em cima do toucador Pompadour exhalava o tenue aroma do benjoim.

No *gueridon* de nacar, como que rapidamente lançadas, com gesto violento, jaziam abandonadas umas luvas de doze botões, um leque de varetas de filagrana e um ramo de violetas murchas.

Mordida pela tarantula da curiosidade, não resisti ao desejo de interrogar o porteiro ácerca do motivo que determinara a subita partida dos noivos.

—A senhora, disse-me elle com um fleuma imperturbavel, fugiu para França com o visconde, e o sr. Arthur abalou a semana passada com a bailarina da opera.

—Ella não tinha um filho? perguntei.

—Graças a Deus, não tinha.

Faltara-lhes o berço!

# AS MINHAS CONVERSAS COM A LEITORA

A LEITORA ATRAVEZ DAS PRAIAS, DOS PASSEIOS BUCOLICOS E DOS PIANOS DOS CLUBS.—DUAS RAINHAS.—CONSPIRAÇÃO DO INVERNO COM A MESA DO SERÃO E O CANDIEIRO DE PETROLINE A FAVOR DA LITTERATURA PORTUGUEZA.—O SERÃO E A GEORGE SAND.—LIVROS.

Ha quanto tempo não conversamos, leitora!...

Ha quanto tempo não espalho eu aos teus pés as vermelhas rosas da minha phantasia de poeta ou os incipientes malmequeres da minha semsaboria de portugueza!...

E entretanto, é certo que temos convivido intimamente, a dôce, tranquilla e inoffensiva intimidade do silencio, que é como que o pingo de lacre preto que fecha a radiosa pagina da eloquencia!

Contemplei de perto os accidentes variados e nem sempre dourados da tua vida balneatoria; vi-te affrontar impavida o terrivel escolho da baeta e do oleado, para surgir, ao cabo do merguilho, risonha, encharcada e triumphante como uma nereida; vi-te, á hora dos poentes rubros, sentada á beira-mar, absorta, como os poetas tantas vezes te pintam, em cogitações ideaes,

ou meditando porventura na incoherencia dos mesmos poetas e perguntando a ti mesma que estranhos pontos de contacto encontraria Shakespeare, *o bardo da lingua de mel,* entre o coração da mulher que batia ali, de encontro ao teu espartilho, e a languida onda que vinha gemendo quebrar-se-te aos pés; vi-te, de lapis em punho, com o olhar suspenso das ribas, sombrias esphinges do oceano, desenhar *croquis* em que a Arte nem sempre lograria affirmar-se, mas que serviam em todo o caso para justificar-te aos olhos d'aquelles que te suppõem exclusivamente entregue á preoccupação do figurino; vi-te nos passeios, entre nuvens de poeira, guiando o *phaeton* ou cavalgando ousada, como uma *ecuyère* do *Hyde Park;* vi-te nas salas dos Clubs discutindo a ultima palavra do *Journal des dames et des demoiselles,* desfiando atravez dos dentes, mais ou menos esmaltados, um rosario de pequenos nadas frivolos, de subtilidades francezas, polvilhadas de sorrisos e bocejos... portuguezes: costurando como uma boa burgueza, jogando o *ecarté* como uma *touriste* de Biarritz ou levantando do marfineo teclado, como uma heroina de Octavio Feuillet, girandolas de notas, a começar em Beethoven, o classico taciturno, em Bellini, o lyrico, e a acabar em Lecocq, o realista orpheonico.

Vi-te, constellada de diamantes, no pequeno Trianon de Cascaes, mansão de fadas, que surgiu recamada de flores, luzes e mulheres formosas sob a prestigiosa invocação de um sonho regio, e onde duas rainhas, a Paladini, rainha da arte, e a sr.ª D. Maria Pia, rainha do throno, reciprocamente se saudaram, depondo a primeira aos pés da segunda as raras e inapreciaveis perolas do talento, ao desferir da harpa de todos os

canticos, que é a alma do artista, o rythmo de todas as melodias, que é o dialecto italiano.

E agora que as arvores inclinam melancholicas os desfloridos troncos, como quem tem saudades das folhas que são as illusões d'ellas, agora que as tardes são anemicas, os dias chloroticos (estylo realista), e as noites profundas como um artigo de fundo do *Times,* agora que o inverno bate á porta e que á vida exterior dos campos e das praias vae succeder á vida intima do gabinete, onde uma mesa redonda representa todas as noites um estado independente, regido por leis exclusivas, habitado por um povo devotado e fiel, agrupado sob as tepidas reverberações do candieiro de carcel; dê-me a leitora um logar na sua mesa de trabalho e no sanctuario dos seus affectos, e sem a distrair do convencional *crochet,* a que a minha apreciavel collega Valentina de Lucena presta tão espontanea vassallagem, permitta-me que lhe diga algumas cousas ácerca de uns livros novos que recebi e aqui agradeço aos seus amaveis auctores.

E a proposito de mesa e *crochet,* lembraram-me agora uns deliciosos periodos de um dos ultimos livros d'esse grande talento, simultaneamente varonil e feminino, que se chamou George Sand. Diz ella:

«A mesa do serão reune todos os pensamentos e todos os estudos; é o centro e o laço. É ao mesmo tempo o trabalho e o recreio da familia, a harmonia e a alma da casa. É um sanctuario intimo e um altar domestico. O seu maior encanto é a leitura em commum.

«Ha poucos jubilos tão dôces, attraentes e duraveis como aquelle de ter as mãos occupadas com um trabalho qualquer, emquanto uma voz amiga (sonora ou

velada pela commoção) nos faz ouvir simplesmente, sem emphasis e sem pretenção, um bello e bom livro.»

Se a leitora dá licença, serei eu *a voz amiga,* que, se não é sonora, como exige George Sand, é pelo menos commovida.

Comprimentemos sem mais preambulos a *Senhora Viscondessa,* de Magalhães Lima. O auctor consagra em breve e elegante dedicatoria o seu livro á mulher, o que quer dizer, leitora que, *par droit de conquête,* tem Magalhães Lima o direito de exigir que o leias.

A *Senhora Viscondessa* aspira a ser um quadro realista.

A vida moderna, arrebicada e postiça, enfeitando-se com pechisbeque, collocando as suas estioladas flores em canteiros symetricos, onde á falta do bom sol e do fecundo orvalho refrigerante, sustentam-se de Champagne e Tokai, apparece ali em diversos aspectos, por vezes habilmente conduzidos.

A viscondessa é uma peccadora do seculo XIX, nervosa, contradictoria, inconsequente, tendo por unica norma o capricho desregrado dos sentidos e não sabendo sequer applicar ao instincto o fino sentimento esthetico susceptivel de purifical-o. E a proposito da sua protogonista, vulgar Ninon de amores faceis, ha de Magalhães Lima permittir que lhe observe que não faz bom uso dos seus adjectivos quando qualifica essa mulher de *nobre* e *angelica!*

Dir-lhe-hei tambem, não como auctoridade critica, que não sou, nem a dizer a verdade desejo ser, mas com a franqueza com que costumo expender as minhas opiniões: prefiro incomparavelmente os seus precedentes estudos economico-sociaes, a sua philosophia libe-

ral, ardente e profundamente democratica, ás suas novellas.

O romance do moço bacharel não é completamente, destituido de merecimento; falta-lhe, porém, entre outras cousas, a paixão e a coherencia, e falta-lhe tambem a synthese final, sem o que o espirito moderno, profundamente exigente, tem direito de perguntar ao artista como o critico francez: —*Mais, qu'est ce que cela prouve?*

Cabe-me tambem noticiar a publicação das *Maximas moraes hygienicas* do dr. Nilo, breve opusculo que o illustrado medico dedica e offerece á sua neta. Não é difficil de perceber, não só pela dedicatoria como pela materia de que resa o curioso e interessante livrinho, que o avô adora a netinha, como madame de Sevigné adorava a filha.

Segue um livro de versos assignado por uma mulher de reconhecido talento, Maria Rita Chiappe Cadet. A auctora intitula-o *Sorrisos e Lagrimas,* titulo bonito e singelo que só tem contra si, como muitas cousas identicas, o estar velho á força de uso. Dedica-o ella a madame de Gerando, distincta senhora que não conheço pessoalmente, mas que por tradição sei que se não sacrifica no altar das letras, perfuma-o entretanto com o puro aroma da admiração.

Ha muito testemunhei eu já o subido apreço que me merecem os raros dotes de espirito de Maria Cadet, a espantosa facilidade de versejar que a caracterisa.

O livro, que estou folheando rapidamente, especialisando desde já as poesias *Gama e Portugal, A oração, Epistola* e outras, não deslustra os creditos da poetisa; pelo contrario, affirma-os e avigora-os. Pena

é que a fecundidade do estro afogue por vezes no seu deslisar copioso as flores da inspiração, e que nem sempre a correcção da fórma corresponda aos primores da idéa.

# AS FARPAS

E O

## Almanach das Senhoras

O sr. Ramalho Ortigão, com o seu estylo incisivo como um agudo bisturi, exerce mensalmente a alta clinica litteraria, operando infatigavel os abscessos da maldade ou da ignorancia, todas as paixões humanas que, á similhança de um mandarim chinez, saciam o appetite em *menus* em decomposição, ou como os lilazes gostam de florescer, em cachos abundantes de côr e aroma, sobre a leiva das sepulturas!

Com o seu largo riso rabelaisiano, com as suas gavetinhas de estudo atacadas de Proudhon, como a velha arca de um casal minhoto ajoujada com a riqueza do bragal, com o seu talento complexo, sustentado de Taine, Pascal, Guizot, Cousin, Renan, Quinet, Strauss e Hegel; com o seu desdem altivo, erguido de pé no pedestal das suas pequenas brochuras, vibrando na sinistra um feixe de raios e na dextra uma lanceta, o

auctor das *Farpas* impoz a si mesmo a tarefa laboriosa de endireitar o mundo e castigar, com as ventosas da ironia, as peripecias comico burlescas da nossa farça politica, os *tics* sentimentaes do nosso drama psychologico, a elaboração difficil e a producção copiosa das nossas artes e lettras!...

N'este louvavel intuito civilisador, dardejando chammas como um astro, cultivando a carnificina como um medico, o sr. Ramalho Ortigão retalha, corta, espreme, fulmina e queima!

Nada escapa ao dominio do seu olhar synthetico.

A *toilette* dos principes, o sr. Melicio, os folhetins do poeta Vidal, a eloquencia trovejante do sr. Manuel d'Assumpção, os dramas tragicos do sr. Luiz de Campos, a politica e os processos chimicos do sr. Fontes, as *soirées* do paço, os exames do lyceu, a arte dramatica, a sciencia culinaria, a emancipação feminina, os grandes homens e as pequeninas mulheres obscuras! ...

O paradoxo, arremessado como um ariete de guerra, assobia atravez da oração, dividida em periodos breves, euphonicos, de um colorido brilhante e nitido como um esmalte de Petitot, e caindo em cheio sobre o Ridiculo, despojando-o da sua cabelleira postiça, do seu nariz de cera, da sua *maquillage* ostensiva, levanta o bom senso do artista ao periodo culminante em que, depois de libertar-se, como Proudhon, da veneração da rotina, da admiração dos grandes personagens e da adoração de si mesmo, não consegue todavia evitar que um misero mortal o adore a elle!...

Succede, porém, ás vezes—muitas vezes! —que, *n'este jardim á beira-mar plantado*, a agitação ephemera, creada pelo ruido de alguma aventura fortuita,

d'essas a que o auctor das *Guêpes*... lisbonenses consagra a sua critica investigadora, mergulha de repente na estagnação somnolenta de uma existencia monotona e invariavel, sem luctas nem commoções violentas. A parte de policia emmudece, os jornaes de dez réis vacillam e os noticiaristas, esgrouviados e lividos como as allucinações de Hoffman, offerecem os seus louros em troca de uma noticia.

Em tão solemnes momentos, o sr. Ramalho Ortigão, encarcerado nos estreitos muros de Lisboa, com as insignias da sua realeza de critico na algibeira, a—lanceta e o feixe de raios,—melancolicamente ocioso, não achando em que empregar as altas faculdades do seu espirito, digna-se baixar á terra—onde florescem em canteiros orvalhados as violetas e os sapos, e onde abundam os almanachs—o seu olhar investigador.

A essa crise de silencio collectivo, a esse compromisso individual que se impõe ao escriptor com as suas 95 paginas em branco, que têem de converter-se, applicadas ao flanco de Calino, em 95 disciplinas, deveu o *Almanach das Senhoras* a honra insigne de ser analysado por s. ex.ª

Calçando a nossa melhor luva de sete botões, guardada para os dias solemnes, enviamos ao sr. Ramalho Ortigão um *shake hands* agradecido.

Ha de permittir-nos, porém, o illustre litterato, o homem de espirito scintillante, cujo raro talento constitue uma das nossas admirações mais completas—e para testemunho, embora humilde, bastanos invocar os 3:000 exemplares do *almanach* para 1876--que fazendo meia duzia de observações e outras tantas perguntas, no nosso pobre estylo feminino,

desenfeitado e incorrecto, as submettamos ao juizo esclarecido de s. ex.ª

Affirma o sr. Ramalho Ortigão que o *Almanach das Senhoras,* confrontado com outras publicações estrangeiras de igual indole, é pueril e nullo, visto que não tem artigos graves, serios, meditados, que revelem conhecimentos praticos, aspirações elevadas, pensamentos nobres.

«De tantos problemas sociaes que affectam a condição da mulher na sociedade contemporanea e que solicitam a attenção d'ella para serem resolvidos pela parte mais interessada e mais competente da humanidade, — escreve o auctor das *Farpas* — nem um só foi julgado digno do estudo de alguma das senhoras que fazem imprimir e publicar os seus escriptos em Portugal! Estas senhoras produzem versos, não como os de madame Hackerman,» (Ackerman, soppunha eu que se chamava a descrente harmoniosa dos *Poëmes philosophiques;* mas o sr. Ramalho Ortigão, que trocou o *A* pelo *H,* o sr. Ramalho Ortigão que é infallivel, lá terá os seus motivos especiaes...) «cujos poemas recentemente publicados» (consinta-me s. ex.ª que lhe observe que me parece um tanto hyperbolica a palavra *recentemente,* applicada a uma publicação que conta pelo menos quatro ou cinco annos!) «constituem uma revolução na poesia moderna, e são o grito mais profundo e mais lancinante que ainda expediu no mundo a alma mais sedenta de verdade e de justica, — mas sim trovas de uma sentimentalidade de segunda mão, sem ideal, sem paixão, de uma pieguice grotesca.»

Eliminando a minha insignificante individualidade litteraria, que não vale a pena de ser discutida por s. ex.ª, e referindo-me apenas aos nomes brilhantes e

aos livros festejados de Maria Amalia Vaz de Carvalho, Ribeiro de Sá e Chiappe Cadet, collaboradoras que tenho a honra de contar no *Almanach das Senhoras*, lembrarei ao sr. Ramalho Ortigão, que a sua invectiva, disparada assim á queima roupa, deverá surprehender dolorosamente todos os que consideram s. ex.ª como um perfeito *gentleman*, irreprehensivel nos preceitos de fina galanteria e delicada attenção devidas ás senhoras.

Acceitando, porém, em parte a critica do sr. Ramalho Ortigão, concordo que muitos dos versos *á lua* ou *ás estrellas* que figuram e continuarão a figurar nas paginas do almanach, não correspondem a nenhuma das transcendentes exigencias do ideal artistico.

Mas nem por isso deixarei de estranhar que s. ex.ª chame á barra, em proveito da sua inexoravel censura, madame Ackerman, a filha da França, educada no seio das modernas civilisações, sustentada pelas fortes caudais do estudo methodico e consciente, da applicação constante, do exemplo proficuo, do estimulo creador, que sentindo desfolhadas pela mão de ferro da realidade as rosas das suas illusões, escreve n'uma lingua universal versos arrojados como estes:

«Nous te dépossédons de tes divins royaumes,
Dominatrice ardente, et ton jour est venu!
Tu ne vas savoir plus ou loger tes fantômes!
Nous fermons l'Inconnu!»

para comparal-a á escriptora portugueza, privada de instrucção, sem nenhum curso superior que a habilite, sem o menor impulso que a encaminhe, sem um estimulo que a fortaleça; que ninguem lê, ninguem conhece, — e que pela voz eloquente e vibrante d'aquelles que,

como o sr. Ramalho Ortigão, podiam e deviam nortear-lhe o espirito e conduzil-a ao *Fiat lux* emancipador, é simplesmente e rudemente apupada!!!

Diz mais s. ex.ª:

«Escrevem tambem pequenos contos ou novellas de amores infelizes...»

Não existindo em nenhum dos onze almanachs, saidos a lume, artigo que possa assimilhar-se a novella de amor, feliz ou infeliz, tenho eu de concluir que, ou o sr. Ramalho Ortigão fallou do almanach sem o ter lido, ou, lendo-o, levou a sua generosidade a ponto de bordar sobre o thema, que se lhe afigurou monotono, umas variações compostas por s. ex.ª

«Em Portugal, assevera o auctor das *Farpas*, a educação litteraria, segundo o programma dos lyceus, nem dá *ménagères* nem dá litteratas.»

Se é essa a convicção de s. ex.ª, porque não volta contra os lyceus, contra os poderes publicos, contra a indifferença peccaminosa dos ministros que, tutelando a educação dos cavallos desprezam a educação das mulheres, a sua critica severa?

Dê s. ex.ª, lealmente, as mãos á palmatoria e confesse, sob pena de lhe applicarmos o padre Vieira, quando diz algures: *Deus nos livre de vontades indurecidas que ainda são peiores que as pedras*, que os modestos escriptos das senhoras portuguezas e o *Almanach das Senhoras*, o mais humilde entre todos os livros, que mereceu ainda assim, no segundo anno de publicado, a honra da collaboração do auctor das *Farpas*, — assegurando eu novamente a s. ex.ª que não dou ás minhas pobres tentativas litterarias ou á parte que me caiba no almanach a importancia de commental-as ou defendel-as — significam relativamente mais,

pela ausencia completa de elementos fecundos e productivos, do que a grande propaganda philosophica e phisiologica, de economia politica e economia domestica, de viagens, estatisticas e noções praticas, emprehendida pelas pennas varonis de Mary Carpenter. Florence Nightingale, Bessie Parkes, Barbara Collett, Florence Hill, Sarah Remand, mistress Wigins, mademoiselle de la Ramée e outras.

Lamenta o sr. Ramalho Ortigão, que tanta menina honesta sacrifique ao amanho de tão sáfara lavoura intellectual o tempo que melhor empregaria nas fadigas nobres do *ménage*. Mas essas meninas honestas, a quem s. ex.ª aconselha, a pagina 91, a *cultura do espirito, tão necessaria á mulher para que ella assuma na sociedade a parte de poder a que tem direito,* a quem s. ex.ª, a pagina 93, censura a ousadia de imprimirem os seus escriptos (!) — não ignora o sr. Ramalho Ortigão que se deixam influenciar por diversas *manias,* incomparavelmente mais perigosas e menos uteis, no ponto de vista da instrucção e da moralidade, do que a *mania* litteraria.

«*On est jolie quand on le veut*» disse uma mulher de espirito.

Não é tão facil, porém, só pelo facto de *querer* e sentir germinar no cerebro, como um viveiro de plantas exoticas, as vagas noções do Bello, sem outro auxilio mais do que um pouco de francez e inglez, dois dedos de geographia, chorographia, astronomia e arithmetica, escrever uma pessoa de um folego a *Estatistica dos hospitaes*, a *Escravatura na America*, a *Condição das mulheres operarias*, etc., etc., sem o que o sr. Ramalho Ortigão não admitte a authenticidade de uma escriptora!

O auctor das *Farpas* deplora que o *Almanach das Senhoras*, repositorio dos talentos femininos portuguezes, não possa, como o *Jornal das donas de casa da Allemanha* e a *Revista das mulheres inglezas*, exercer uma alta influencia salutar nos costumes e habitos da vida domestica.

Deplorâmol-o tambem: fizemos mais, esperámos, do fundo da nossa ignorancia, que o sr. Ramalho Ortigão se dignasse traçar-nos, com a sua penna de diamante, o itenerario da nossa pequenina viagem.

«*Vulgarmente acontece que os mestres não fazem critica, e os criticos não são mestres*», escreveu o sr. Thomaz Ribeiro.

Aqui, porém, dava-se a excepção: havia o critico e havia o mestre.

Folheámos avidamente a collecção das *Farpas*, lemos e relemos, pedimos-lhe que nos ministrasse o facho de luz que fecunda o espirito, a lição que o depura, o conselho salutar que o eleva; mas as maliciosas deram-nos apenas a *reprimenda* ingloria, que não fortalece nem ensina!...

Percebemos unicamente que o sr. Ramalho Ortigão, usando da prerogativa de critico absoluto, e considerando o lyceu um ultrage para a mulher intelligente, a sala um objecto de luxo para a mulher elegante, convida a intelligente, a espirituosa e a ignorante a recolher á cosinha, e promette fornecer-lhes em compensação um curso completo de chimica culinaria.

«Não temos estomagos sãos porque não temos mulheres instruidas» exclama s. ex.ª, e no calor da hyperbole pede á mulher portugueza um caldo, offerecendo em troca o seu coração, como o rei Ricardo III pedia um cavallo, offerecendo em troca a sua corôa!

Concluimos ousando perguntar a s. ex.ª:

Se em virtude de um milagre estupendo, operado pelo influxo da *agua de Lourdes,* o *Almanach das Senhoras,* perdendo o seu aspecto superficial, ligeiro, banal, pueril, incompleto, se convertesse de subito na grave e austera publicação scientifica, citada por Taine:

«*Transactions of international association for the promotion of social sciences*», o sr. Ramalho Ortigão em vez de chamar-lhe inutil, não lhe chamaria pedante?

*Commedia in commedia!* como dizem os italianos.

# O DIA PRIMEIRO DE DEZEMBRO

(Carta)

Pede-me v. ex.ª duas palavras para o numero do seu illustrado jornal, destinado a commemorar o dia 1.º de dezembro de 1640, e pede com tão boas maneiras, tão fina é a grangeia da lisonja com que polvilhou o pedido, que não havia modo de recusal-o.

Comprehendendo a logica d'este raciocinio, assentei-me á minha mesa de trabalho, escolhi uma penna nova em folha e o mais assetinado velino com que deparei, e, sem reflectir, nem hesitar escrevi, com uma calligraphia de largos traços á ingleza, cinco palavras symbolicas:

— *O dia primeiro de Dezembro* —

Repentinamente, o *diabinho azul*, o *blue devil*, que costuma alojar-se ás vezes entre os meus papeis, no fundo do meu tinteiro, em cima das minhas canetas, nos bicos da minha penna, deu um pulo, torceu-se em

visagens de um comico irresistivel, zumbiu-me ao ouvido uma frase aguda e maligna, e com a ponta da aza raspou, até desapparecerem de todo, as minhas quatro palavras symbolicas!...

Profundamente indignada, dispunha-me a mergulhar o traidor n'um banho de tinta negra, quando de subito, do fundo insondavel da memoria, brotou-me um pensamento vago, indistincto, delgado como um cabello, fugitivo como a espiral de fumo que o vento desenrola e desfaz no espaço. Pouco a pouco a realidade deu-lhe côr, prendeu-o, fortificou-o, e emquanto um profundo sentimento de curiosidade me absorvia todas as faculdades maravilhadas com as metamorphoses do pensamento recem-nascido, o diabinho, descrevendo uma ellipse cabalistica, bateu as azas e desappareceu!...

Eis aqui, pouco mais ou menos, o que o meu pensamento me suggeriu.

Disse-me, sem admittir contestações, que o amor da patria não escolhe a eburnea lampada onde accende a chamma immortal, isto é, tanto palpita em coração de homem como de mulher, por isso que é a dignidade suprema dos povos livres.

Porém, que se ao homem é dado manifestal-o, abrindo com buril de diamante no bronze da historia a pagina que deverá perpetual-o, talhando com a espada o terreno das immunidades, assestando o *krupp* contra quem quer que ouse ameaçar-lhe a autonomia, ou vindo á tribuna e soltando, como José Estevão, o jorro inflammado de uma eloquencia torrencial; á mulher é permittido apenas conserval-o latente no intimo altar da consciencia, perfumal-o só com o subtil incenso da dedicação obscura, engrinaldal-o com as

modestas flores da maternidade, heroica, referindo-se a Filippa de Vilhena, vulgar, mas não menos gloriosa, tratando-se da mulher do povo.

Madame Rolland — concluiu o severo pedagogo do meu pensamento — se lhe perdoaram a furia patriotica, foi em attenção a haver-lhe ella sacrificado a vida; e mesmo assim... quantos risos de Juvenal têem boiado á flor do mar de sangue que arrebatou a cabeça da exaltada jacobina?...

Dou as mãos á palmatoria.

D'esta vez o *diabinho azul* raciocinou como qualquer professor do curso superior de lettras, e teve carradas de rasão arrancando violentamente do papel as quatro symbolicas palavras.

Não! se eu fosse casada, e Deus me fizesse mercê de um filho, não empunharia a espada civica para entregar lha; não seria *uma nova Filippa de Vilhena*, como me supplicava ha annos que fosse um conspicuo membro da commissão Primeiro de dezembro.

Não, meu pensamento, não meu *blue devil!*

Eu, obscura mulher, amaria meus filhos, não renegaria por caso algum a nacionalidade, honraria a patria no que em mim coubesse, como infimo atomo de uma mole gigante; mas por caso algum consentiria o meu braço em impellil-os para onde a morte aguardava a presa, e um inimigo, infinitamente peor do que a morte, o *Ridiculo*, poderia trespassar-me a mim com a sua garrocha embebida em acido prussico ..

Ora aqui está, sem nenhuma especie de arrebiques de estylo, explicado o ponderoso motivo por que não posso, como v. ex.ª desejava, escrever um artigo ácerca do illustre anniversario, que respeito e préso, mas que prefiro saudar com a grande eloquencia... do silencio.

# ALEXANDRE HERCULANO

AO SR. RAMALHO ORTIGÃO

Responder ao sr. Ramalho Ortigão não é facil, embora pareça á primeira vista que não possa haver nada menos difficil do que assoprar um paradoxo e desfazel-o no ar, como se desfaz um globo de sabão irisado pelas faiscações do sol.

Todos sabem que o estylo do grande humorista das *Farpas* é principalmente paradoxal; as suas idéas, que elle veste com uma pompa de bazar do Oriente, avistam-se ás vezes nos polos oppostos da theoria e sorriem reciprocamente com a malicia dos augurios...

Entretanto, nem por isso deixam de fascinar esses bellos paradoxos reluzentes como joias nitidamente facetadas, que o habil artista engasta no ouro estreme do seu bom senso de polemista moderno, exactamente como fazem as duquezas caprichosas quando, por um singular requinte de *coquetterie*, põem nos cabellos e nos braços perolas falsas!

Eis aqui porque, parecendo facil, é profundamente difficil contestar as affirmativas do estylista brilhante que deslumbra a galeria com jogos malabares de vocabulos multicores.

Essa difficuldade, porém, toma proporções assustadoras em presença do desiquilibrio cruel de dois espiritos que não se identificam, ou porque não possa attrail-os mutuamente o iman da sympathia ou porque as prendas raras de um exagerem a deficiencia do outro.

Todavia, a liberdade de dizer cada um o que pensa e o que sente, a dôce liberdade cheia de garantias que floresce exuberantemente á sombra da Carta, permittindo e até certo ponto impondo o exercicio do raciocinio independente, inimigo do dogma autoritario, a necessidade de discutir que caracterisa a nossa época, explicam e por ventura absolvem o meu arrojado commettimento.

O sr. Ramalho Ortigão, referindo-se, em um folhetim publicado na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro e transcripto no n.º 4 das *Ribaltas e Gambiarras*, á grande idéa patriotica de levantar um monumento a Alexandre Herculano, para a realisação da qual uma illustre commissão composta dos srs.: José Gregorio da Rosa Araujo, João de Andrade Corvo, Francisco Antonio Pereira da Costa, José Maria Borges, José Manuel da Costa Basto, Francisco Xavier de Almeida, João Maria Galhardo, José Joaquim Gomes de Brito e Eduardo Coelho dirigiu um convite ao publico. apeia, arbitrariamente, a figura veneranda do grande historiador do seu pedestal glorioso, estende-a, sem mais preambulos, sobre a sua banca de trabalho, como um morto anonymo que nem sequer tenha o privilegio de sub-

traír-se á profanação anatomica, e de lanceta na mão e monoculo no olho, procede á escalpelisação minuciosa do organismo moral d'esse homem. Mediante esse processo, verdadeiramente engenhoso, que expõe a physiologia interna e externa do escriptor, o sr. Ramalho Ortigão pretende demonstrar que Herculano foi um insignificante, que não fez senão a *Historia de Portugal,* um caturra que teve a barbaridade de voltar as costas aos escribas que o apedrejaram, um descontente que ousou condemnar tacitamente a immoralidade galante das nossas instituições, um ambicioso que reputando insufficiente o que lhe offereciam, as commendas, as gran cruzes, os titulos, o pariato, essas pequeninas bagatellas que os seus concidadãos acceitam, porque não haja modo de recusar uma fineza, regeitou tudo, preferindo ir lavrar a terra, como Cincinnato!

Depois de o analysar, de o voltar por todos os lados, de arrancar-lhe o coração, o figado, os intestinos, de abrir-lhe o cranco e de pesar-lhe, scientificamente, os miolos, o sr. Ramalho Ortigão larga a lanceta e o monoculo e exclama com um largo gesto irado:

—*Portanto, ás acclamações enthusiasticas que nos ultimos quinze dias têem saudado em Herculano o* MAIOR CIDADÃO PORTUGUEZ, O CATÃO D'ESTE SECULO, *eu sinto o dever de ajuntar uma palavra:* — *discordo.*

O protesto do sr. Ramalho Ortigão, que por meio da sua auctoridade de critico, da sua poderosa influencia de escriptor e dos prestigios inherentes ao grau de corypheu de uma legiãosinha que vive de imitar as audacias, verdadeiramente revolucionarios, da sua toilette e da sua litteratura, orienta mentalmente a decima parte, pelo menos, da população portugueza; esse

protesto, formulado na presente occasião, explosindo como um obuz e crivando de balas... de papel a columna dos subscriptores do monumento, que com os seus tostões, espontaneamente offerecidos, vão fundir a estatua do grande homem, representa uma especie de attentado litterario e patriotico, tanto mais para deplorar quanto é certo que tem por alvo um morto!

E se no momento solemne em que a nação, animada da devoção civica e da gratidão infinita que deve áquelles que a honraram, cobrindo-a de gloria, palpita inflammada de ardente enthusiasmo e corresponde ao appello feito por meia duzia de homens com a effusão de milhares de almas; se n'esse momento a palavra do sr. Ramalho Ortigão tivesse o condão fatal de arrefecer o enthusiasmo e de matar o culto patriotico, que é como que a affirmação de uma nacionalidade; se esse conflicto chegasse verdadeiramente a produzir-se, o sr. Ramalho Ortigão teria perdido não só o direito de ser estimado como portuguez, senão tambem o de ser honrado como escriptor.

É particularmente contra a opinião unanime do paiz que estabeleceu um parallelo entre Catão e Herculano, porque não houvesse outro homem em Portugal a quem esse parallelo podesse ser applicado, que o sr. Ramalho Ortigão vibra a sua aspera ironia mordente e caustica.

Elle acha que esse parallelo, que não tem no seu conceito senão um unico ponto de contacto, a affinidade do rancor que ambos alimentaram, o primeiro contra a dissolução da Roma antiga, seduzida pelas caricias sensuaes da musa hellenica, o segundo contra a venalidade inconsciente do velho Portugal, reju-

venescido como Fausto e fascinado pelas bellas promessas seductoras de Mephistopheles, disfarçado successivamente com os nomes de Politica, Progresso, etc.; — o sr. Ramalho Ortigão entende que esse parallelo, que despertou a sua colera, reverte em menoscabo para a memoria de Herculano.

O espirituoso critico permitte de boa sombra que Herculano seja um erudito, um eminente escriptor, um poderoso temperamento litterario, tudo excepto Marcus Porcius.

Catão, diz o sr. Ramalho Ortigão e asseveram os biographos, não abandonou nunca os negocios da Republica, *como um corajoso athleta que, ainda depois da victoria, continua os exercicios e só descança na morte.*

Alexandre Herculano, acrescenta, descançou em vida, abandonando a arena em perfeita robustez e em plena força.

Ha, porém, uma ligeira observação a fazer, depois do que o sr. Ramalho Ortigão póde impunemente continuar a discutir a gloria do auctor da *Historia de Portugal.*

Catão floresceu duzentos trinta e dois annos antes da era christã; elle foi como que a encarnação de uma idéa, o symbolo vivo de uma raça; a mão que rege os destinos dos povos conferira-lhe a missão de luctar em prol dos costumes austeros e indomaveis dos romanos contra a influencia invasora dos Scipiões. Á frente da Grecia triumphante, depois da segunda guerra punica, saíu essa colossal figura de plebeu, talhada pela estatura dos gigantes e educada na aprendizagem rude do lavor manual.

Roma, agitada pelas luctas que lhe revolviam o solo convulsionado, ouviu subjugada e fremente de um va-

go terror a funesta: COETERUM CENSEO CARTHAGINEM ESSE DELEDTAM, que trovejou ameaçadora sobre uma raça que se decompunha, como trovejára sobre os muros derruidos de Jerusalem a linguagem biblica dos prophetas.

Herculano, que adquirira a dolorosa convicção da decadencia da sua época, dezenove seculos depois do nascimento de Christo, comprehendeu que não podia um só homem emprehender a tarefa de regenerar um povo, quando esse povo, que deixára apagar-se no altar civico o lume da fé, responderia apenas ás suas inuteis tentativas, que se perderiam no vacuo, como um grão de areia no vasto oceano, pelo desdem banal dos que, não sabendo acalentar uma idéa generosa, suffocam-n'a á nascença com o toxico do ridiculo.

Herculano preferiu, por conseguinte, recolher-se ao silencio austero das consciencias impeccaveis.

As horas que Catão roubava á agricultura para votal-as á Republica, empregava-as o solitario de Valle de Lobos lapidando muitas paginas doutrinarias que ainda agora permanecem ineditas.

Elle quizera exercer na sua época a mais util de todas as orientações mentaes. Por espaço de longos annos enterrou-se nas cryptas do passado, revolveu os fosseis das bibliothecas pulverulentas, investigou, analysou, comparou e trouxe para a luz da publicidade o fructo da sua laboriosa colheita: a *Historia de Portugal* e a *Historia da Inquisição*.

No momento, porém, em que essa grande alma melancolica e reservada, porventura demasiadamente susceptivel, como as creanças e os virtuosos, aguardava convictamente a apotheose que premeia os trium-

phadores, o clero, no seu legitimo direito de espoliado de uma legenda rendosa, preparou-lhe o calvario que espera os martyres!...

Qualquer homem de uma tempera menos orgulhosa teria rebentado com a sua *griffe* de leão os ratinhos de sacristia que intentavam mordel-o. Herculano, que sentiu pungir-lhe no intimo essa aggressão malevola e verdadeiramente attentatoria, fugiu para o seu valle e foi pedir á grande alma da natureza o olvido de uma celebridade que a injustiça dos homens lhe tornára odiosa.

Se, mais tarde, quando os poderes publicos foram procurar o historiador eminente escondido na simplicidade obscura do lavrador de Valle de Lobos, para offerecer-lhe as maiores distincções que uma nação póde conceder aos seus eleitos, Herculano tivesse trocado a sua japona de briche e o seu chapéu aldeão pelos arminhos do pariato ou pela corôa ducal, o silencio em que elle se envolvera obstinadamente até então, como uma virgem calumniada envolve o seu pudor castissimo no véu do claustro, perderia n'esse instante a sua grandeza epica.

Era forçoso, no entanto, que Herculano explicasse ao paiz o motivo por que não podia acceitar as dadivas da sua munificencia. Essas respostas, dictadas sempre pela mais digna e pela mais eloquente expressão de um espirito superior, pareceram ao sr. Ramalho Ortigão *falsa modestia*(!) Elle escreve a tal respeito: —*N'estes casos, publicar a offerta é uma maneira orgulhosa de levantar a dadiva. A modestia é muda.*

O sr. Ramalho Ortigão deduz do parallelo entre o Catão de Plutarcho e o Catão de Valle de Lobos, como já disse, uma inferioridade para Alexandre Herculano.

Eu noto, pelo contrario, no confronto d'esses dois grandes homens collocados a tantos seculos de distancia um do outro, a maior e a mais indiscutivel de todas as superioridades para Herculano.

O Catão romano escondia no vigor indomavel do plebeu, sustentado a pão de rala e agua-pé, na inflexibilidade irascivel do censor, cuja eloquencia rude abalava Roma, no gesto accusador do Edil apontando á indignação das turbas o luxo insolente das patricias hellenisadas, a cupidez sordida, a velhice desregrada e a tyrannia descaroavel que o instiga a espancar os seus escravos depois de exploral-os por meio de transacções ignobeis, segundo affirma Plutarcho.

A vida de Alexandre Herculano, o maior prosador que tem enaltecido a lingua portugueza, é uma pagina immaculada.

Nenhum facto d'essa existencia brilhante e simples, celebre e ao mesmo tempo modestissima, deslustra o fulgor do seu maravilhoso talento.

Taciturno, reservado, acrimonioso, por vezes, perfumavam comtudo a grande alma de Herculano as mais delicadas, as mais dôces e as mais santas affeições.

Portanto, servindo-me da linguagem do sr. Ramalho Ortigão, ás acclamações enthusiasticas que n'estes ultimos dias têem saudado em Herculano *o maior cidadão portuguez, o Catão d'este seculo,* eu sinto o dever de ajuntar uma palavra: — applaudo!

# O AÇOR

## (Lenda hespanhola)

—Conta, velho, conta... O fogo crepita na lareira, a neve cae aos flocos, e quando corre a noite sombria e o vento esfusia pelos montes, os phantasmas do passado desfilam diante dos nossos olhos, arrastando lugubres mortalhas... Conta, conta...

Dizia-se isto em um grupo de peregrinos, assentados á lareira de uma cabana, cerca de Jaffa, a um velho de aspecto veneravel e longas barbas brancas.

O velho começou assim:

—Visitastes alguma vez a pittoresca Catalunha? Tivestes já a dita de contemplar os formosos cambiantes d'aquelle céu, o florido manto de esmeraldas que se desenrola sobre a face da terra? Ah!... talvez me cegue o amor patrio, mas para mim não ha em todo o universo montanhas que se comparem aquellas montanhas, cidades que possam igualar-se-lhe, nem hori-

sontes como os que se rasgam atravez das suas amplas florestas!... Oh! minha abençoada Catalunha! Oh! ditoso paiz, onde as virtudes brotam espontaneamente das almas, como as flores que despontam incultas do seio da terra!...

O velho calou-se e ficou por muito tempo com o olhar perdido no espaço, como que fitando uma visão querida e saudosa.

— A historia! A historia! pediu em côro o auditorio.

O velho passou a mão pela testa e continuou com profunda tristeza:

— Haverá ceara que não produza a zizania?

A Catalunha, a nobre Catalunha, patria de tantos heroes, nem por isso deixou de alimentar aos seus peitos creaturas perfidas e vis!...

É uma historia bem recente a que vou contar.

Recente?... Perdão, estamos em 1102, já lá vão bons vinte annos. Hontem, hoje!... dois atomos na onda fugitiva da vida!...

Entre S. Celoni, a antiga serra dos romanos, e uma estalagem situada a meio das brenhas, e que é conhecida pelo nome de Hostalrich, ha um sitio delicioso e que talvez não tenha rival na terra.

Gargantas de rochedos enormes e valles amenos, vasta espessura de arvores seculares e uma pradaria immensa esmaltada de flores; jorros de agua que se precipitam entre rolos de espuma, e arroios que serpenteiam de manso; feras que acordam os echos da matta com os seus rugidos; blocos rolando no vertice dos despenhadeiros; ovelhas que balam, insectos que zumbem, zephiros que suspiram, tudo ali se reune n'um grande quadro formosissimo que tem por moldu-

ra o céu azul. Quadro onde se fundem todos os matizes, onde se agrupam e destacam todos os cambiantes, onde vibram todas as harmonias da natureza livre e magestosa.

Descia a tarde, triste e sombria: o azul cinzento do céu parecia confundir-se com o azul ferrete do Tordera.

Eu estava apascentando o meu rebanho quando me chegou aos ouvidos um grande estrepito; instantes depois atravessava a ponte de pedra que corta o rio, cerca de S. Celoni, uma alegre cavalgada.

Era nada menos do que Romão Beranguer e Beranguer Romão, os dois condes de Barcelona, os dois illustres irmãos que tinham repartido entre si o poder supremo, encaminhando-se atravez da emmaranhada floresta a Gerona, e amenisando ao mesmo tempo o enfado da jornada com o nobre passatempo da caça.

Ambos eram moços, bellos e pareciam felizes.

Ai! se o tempo é um atomo, o que será a felicidade do homem?...

De subito, o narrador interrompeu-se.

—O que tem, irmão? perguntou dirigindo-se a outro velho que estava apartado do circulo, occulto n'um angulo escuro da cabana, e cuja repentina commoção attraíra o olhar do auditorio.

—É mudo! responderam todos.

—O infeliz, acrescentou um, velho e doente como está, nem sequer tem voz para implorar a caridade publica!

—Oh! Deus!... bradou com singular inflexão o narrador.

Depois proseguiu:

—Tinha eu ali ao pé de mim um cordeirinho bran-

co como um floco de neve. O conde Romão, *Cabeça de estopa*, e seu irmão Beranguer, apartando-se do seu sequito, abeiraram-se açodados, mas o cavallo do segundo tropeçou no meu cordeirinho e o cavalleiro, indignado e furioso, atravessou o innocente animal com o ferro da sua espada.

O cordeirinho cravou em mim um olhar moribundo; dei um grito e corri a amparal-o nos braços; não sei como o respeito teve mão na queixa repassada de amargor .que me acudiu á flor dos labios. Sentei-me na margem do rio, procurando a melhor maneira de estancar o sangue que rebentava da ferida. Seguiu-se um rapido dialogo entre os dois irmãos.

— Bonita façanha!... observou o conde Romão.

— Todo aquelle que me offender morrerá assim ás minhas mãos! replicou Beranguer.

— Porque me olhas d'essa maneira? Offendi-te?

— Talvez...

— Não condescendi eu com todas as tuas exigencias? Não fiz todos os esforços para duplicar a parte que te coube na herança de nosso pae?

Beranguer não respondeu.

— Irmão, acrescentou Romão com melancolia, começo a comprehender que é a minha felicidade que te pesa. Ha quinze dias, a datar do nascimento de meu filho, que te acho mais reservado e irritado!... Ah! irmão, irmão, disseram-me que conspiras!... Cuidado, não se converta em leão o manso cordeiro!...

Depois, como se quizesse cortar de prompto o penoso dialogo, voltou-se para mim e, na intenção de indemnisar-me, atirou-me com um annel de ouro.

Os dois irmãos afastaram-se, desapparecendo a ca-

valgada e esfumando-se nas sombras do crepusculo, por entre a espessura do arvoredo.

Não sei que relampago sinistro fuzilara no olhar que Beranguer cravou em seu irmão, ao vel-o reparar a maldade que praticára. Instinctivamente, deixei o meu rebanho entregue aos cuidados do pastor e segui de longe os passos dos dois irmãos.

—E o que é que viu? perguntaram em côro os peregrinos.

O velho deixou-se ficar calado por espaço de alguns minutos; depois continuou com inflexão mysteriosa:

—A noite ía pouco a pouco envolvendo a terra, escura e triste como tinha sido a tarde.

A comitiva dos caçadores esperava impaciente os condes, seus senhores, e sem saber porque, sentia-se acabrunhada e pensativa. Por fim, deliberaram ir buscal-os, dividiram-se em grupos e cortaram por caminhos diversos.

Um dos grupos chegou ao sitio conhecido hoje pelo nome da *Perxa del Astor*.

Ah! de que singulares meios se serve a Providencia para revelar ao mundo os crimes mais occultos!...

Viram então os caçadores, empoleirado no tronco de uma arvore, o açor que o conde Romão levava na mão.

O conde adorava o açor, e a ave de rapina correspondia-lhe com extremosa dedicação.

Vê se que até os animaes amam quando são amados! O sequito do conde, estupefacto com a extraordinaria circumstancia, absolutamente excepcional, da ave ter abandonado o dono, quiz trepar á arvore para apanhal-a. O açor, porém, esperou, e quando íam deitar-lhe a mão largou o vôo; acto continuo rastejou a

ponto de tocar na terra, elevando-se depois no espaço e descrevendo em torno dos caçadores giros prolongados e successivos, como que incitando-os a seguil-o. Estes, illuminados de certo por uma inspiração do céu, resolveram acompanhal o. O açor fendeu o espaço e foi abater o vôo na margem de um lago, que se ficou chamando o *Gorch del Conde*. Demora o lago ao sopé da ribeira de Esparra; domina-o um grande carvalho. A ave empoleirou-se em um ramo do carvalho e soltou pios lamentosos.

Oh! que noite de dôr aquella para a heroica Catalunha!...

A escuridão era completa: accenderam archotes e viram então um cadaver ensanguentado que fluctuava á tona d'agua.

Pobre creança, que encontraste ao pé do berço o tumulo do pae!

Desgraçada Mahalta, hontem noiva, hoje viuva!... Triste e infeliz Barcelona, que perdeste n'um momento o teu adorado conde!...

Beranguer appareceu do lado opposto dando gritos estridentes. Á vista do morto entregou-se aos desvarios da mais pungente dôr, commovendo todos que o rodeiavam.

A alegre cavalgada converteu-se em cortejo funebre, ouvindo-se gemidos em vez de gargalhadas.

Hontem e hoje! dôr, felicidade, um atomo e nada mais!

Seguiu o cortejo, conduzindo o cadaver para a formosa cidade que reflecte no espelho do rio as suas altivas torres. Acompanhava-o o açor, empoleirando-se nos troncos das arvores quando a comitiva parava e levantando o vôo quando proseguia no seu caminho, até que por

fim foi pousar no portal da cathedral de Gerona. Ali esteve todo o tempo que durou o enterro do conde e ali morreu quando terminou a ceremonia.

Que admira que os homens pranteassem o nobre conde, se até os passaros morreram de dôr?

Para commemorar esse facto, os geronenses mandaram esculpir um açor no portal onde pousou a ave á passagem do feretro, como exemplo aos seculos vindouros, que se houve, por desgraça da Catalunha, um homicida barbaro e duplamente criminoso, foi tal a dôr dos bons e leaes corações que até participaram d'ella as aves de rapina.

—Mas quem foi o homicida? perguntou o auditorio.

—Logo que chegou ás portas da cathedral o funebre cortejo, continuou o velho, saíu a recebel-o todo o cabido, e, com espanto geral, o chantre, em vez de entoar os responsos do uso, gritou com voz sonora e trovejante: «*Ubi est Abel frater tuus?*»

Correu por todo o povo, que se agglomerara pranteando o defunto conde, um estremecimento. A comitiva quiz impor silencio ao padre, que repetia com voz cada vez mais forte as mesmas sinistras palavras.

—Que milagre! exclamaram os peregrinos.

—Milagre?... Não! gritou o velho. O chantre era meu irmão; foi no seu peito que me acolhi cheio de assombro pelo crime que tinha visto perpetrar.

Depois d'estas palavras o velho levantou-se de golpe e correndo para o peregrino, occulto na penumbra, clamou com voz dominadora:

— *Ubi est Abel frater tuus?*

Os espectadores da terrivel scena agruparam-se horrorisados na extrema do quarto, deixando a sós,

frente a frente, accusado e accusador: aquelle pallido e aterrado, este ameaçador e terrivel.

Fez-se um instante de silencio, silencio tão profundo que se poderia ouvir as pulsações dos corações d'aquelles homens, que a chamma vacillante da lareira envolvia em reflexos sanguineos.

—De joelhos, conde Beranguer, de joelhos! disse por fim o velho com inflexão poderosa. A tua victima, ao dar-me o seu annel no momento supremo, parece que me legou o dever de vingal-a! Deixei o cajado para empunhar a espada, fiz resoar por toda a Catalunha a palavra *fratricida,* persegui-te no auge dos teus esplendores e das tuas pompas, fiz que se reunissem aquellas celebres côrtes que te arrancaram o poder, declarando-se protectoras do conde herdeiro; segui te por toda a parte e murmurei sem cessar aos teus ouvidos: *fratricida! fratricida!*

Lembras-te d'aquelle dia solemne em que um cavalleiro desconhecido te arrojou no meio da festa a luva, desafiando-te e dando-te por campo da lucta a côrte do rei D. Affonso de Castella? Ah! Deus foi justo! A minha pobre espada partiu em estilhaços a tua espada, vencedora até então, e tu, Caim, foste ali mesmo declarado homicida e traidor pelos juizes que presidiam ao combate, e tiveste que fugir de Hespanha, amortalhado no habito da penitencia; depois, o pungir do remorso ou a mão de Deus, arrancou-te a falla e ficaste vagabundo na terra, mudo, doente, pobre e desprezado!...

Tu, que desceste até ao crime para subir o ultimo degrau do poder, tu que tingistes as mãos no proprio sangue para que ninguem podesse partilhar comtigo o throno!...

Tu, Beranguer Romão, reduzido ao derradeiro expediente de estender a mão á caridade publica! Onde estão os aduladores que te inspiraram a infernal idéa de um tal crime?

Todos te abandonaram, todos!

Todos, excepto eu, instrumento da colera divina, representante da victima innocente; eu que te hei seguido passo a passo para poder dizer-te noite e dia: «*Ubi est Abel? Fratricida!... fratricida!...*»

De repente o velho calou-se.

Beranguer Romão, como fulminado por um raio, caíra redondo no chão, sem exhalar um grito. Volvidos a si do primeiro assombro, os peregrinos rodearam o corpo e examinaram-no; era cadaver. Recuaram atterrados e afastaram-se do morto.

A chamma da lareira arrancava das cinzas clarões lividos e phantasticos; a neve caía sempre; o vento assoprava por entre as brenhas e serranias, enchendo o espaço de clamores estridentes. A natureza completava assim, com a sua magestade funebre e sombria, o melancolico quadro.

O velho, depois de meditar, caíu de joelhos ao pé do cadaver; a sua physionomia, até ali sinistra e accusadora, illuminou-se, transluzindo uma compaixão misericordiosa e uma piedade infinita.

—Ministro da colera suprema, exclamou com voz suave, persegui-te no mundo; mas, em nome da tua victima, abandono a minha missão no limiar da eternidade e perdôo-te! A justiça dos homens está satisfeita, e oxalá que a lembrança d'este crime e dos seus terriveis effeitos suspenda de futuro as almas transviadas da senda do bem!...

Desgraçado Beranguer! que soffrer o teu!... O

Deus de justiça é tambem, como todos sabem, o Deus da clemencia!...

Prostremo-nos, irmãos, e rezemos, rezemos para que a sua alma purificada pelo arrependimento possa encontrar perdão.

Todos dobraram os joelhos e oraram com intimo recolhimento.

Ouviria Deus as suas orações?

Os peregrinos acreditaram-no, porque o vento cessou de ulular raivoso, como chacal faminto, a neve fundiu-se, soprou uma viração suave, impregnada de aromas silvestres, e um raio do sol nascente, filtrando-se pelas fendas da porta, encheu de luz a cabana...

# UM POETA BRAZILEIRO

*O estylo é o homem,* escreveu um naturalista francez; e mal pensava elle que especie de uso, impertinente e immoderado, a geração futura reservava á phrase, um poucochinho pedante, que se lhe soltara da penna circumspecta e dogmatica!...

O que Buffon disse no seculo XVIII, em relação á theoria do estylo, que é das mais complexas e interessantes, embora das que menos preoccupem a moderna philosophia, poderia applicar-se, variando a formula, com respeito ás diversas litteraturas, estudadas no ponto de vista da sua affinidade correlativa com as respectivas nações que representam.

A inventiva inexgotavel, a *verve* brilhante e feliz, a phantasia uberrima, a actividade creadora do povo francez, exemplifica, evidentemente, a sua larga acção fecunda em todos os ramos da litteratura gauleza: no romance, no poema, na historia, no drama, nos livros

de propaganda eclectica e nos doutrinarios, de sciencias e philosophia.

O grosso da população germanica, metaphisica, scismadora e melancolica, como as florestas seculares onde o sol enfresta, a medo, um pallido raio obliquo, apparece-nos rigorosamente photographada, melhor do que nenhuma outra, nas maximas substanciosas de Schopenhauer; na musica — que é tambem uma fórma litteraria — selvatica e extravagante de Wagner; na critica severa de Wolfgang; nas concepções olympicas de Gœthe; nos desenhos, á Salvador Rosa, de Schiller; na ironia amarga de Heine e n'esses diffusos e nebulosos pensadores, que se chamam Schelling, Hegel, Strauss, Klopstock — o espiritualista, — Kant, Buchner e Fichte.

*O oblomovismo* dos subditos do czar, *knout* autocrata que retalha, partindo-o em dois, o tronco herculeo d'essa forte e soberba raça, deixando a um lado o predominio arrogante do *senhor*, e do outro a tristeza desolada, a pobreza vil e sordida do servo, na alma do qual repousa, morto, apparentemente e libertado de facto pelo decreto de Alexandre II, o *moujik*, — vivo, porém, vivo e invariavelmente escravo dos preconceitos, embora convertido, á fé do nihilismo, em conspirador que será por ventura ámanhã...?

Todos os fundos traços caracteristicos da physionomia d'esse povo, raramente dotado, que no meio do *far niente* das raças meridionaes tem impetos de leão e ferocidades tigrinas — que o diga o pallido e sangrento espectro da mallograda Polonia!... — reflectem na sua litteratura, que teve por inspiradora Catharina II, a musa que traçava com a mesma penna de bico de diamante o *ukases* czarino e o poema lyrico!...

Sem irmos procurar mais longe exemplos que nos desviariam do plano assignalado a esta breve noticia bibliographica, deter-nos-hemos um instante analisando o laço estreito, a união intima, a homogeneidade absoluta que existe entre os costumes, tendencias e natureza americana e a sua litteratura, que ha muito affirmou, da maneira mais evidente e directa, as qualidades de independencia e virilidade que a collocam ao nivel das primeiras.

A influencia climaterica do torrão, calido e fecundo, onde pula em delirios de vegetação desordenada uma flora exuberante; a inspiração que jorra em caudaes de luz do ardente céu constellado, onde palpita, radioso e sereno, o *cruzeiro do sul;* os segredos que a viração, impregnada de mysterioso pollen, ebria dos cheiros acres e capitosos da floresta, murmura, lasciva, ao ouvido do poeta brazileiro — indolente por natureza e apaixonado por indole — transluzem claramente n'esses estranhos livros que se chamam: *Anchieta, As primaveras, As americanas, Guarany,* e identificam-se com o esplendor da fórma, que nos arrebata, e com as incorrecções, que, por vezes, e inesperadamente, nos surprehendem.

Parece que da mesma fórma que o sol, ao immergir no occidente, devora o cacto de petalas colossaes que abriu com os seus dedos de fogo, nos jubilos ridentes da madrugada, ou afoga em rios de lava uma profusão de arbustos enredados, confundidos, prodigos de flores e alheios ao cultivo artificioso; tambem o lume da inspiração consome o fragil envolucro que o contém, ou perturba e allucina o que devera ser tranquillo e harmonioso.

A poesia brazileira é fugaz como o meteoro; — sur-

ge, irradia e morre, deixando como elle um sulco de fogo.

Prova-o o mallogrado destino de Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Varella.

E — phenomeno curioso! — os predestinados do Novo Mundo que logram escapar á morte prematura, succumbem de ordinario aos golpes da morte intellectual! Poeta brazileiro que não pender do collo eburneo da musa á leiva da sepultura, mais dia menos dia enterra-se em vida na cova desflorida do commercio positivo, negativo á intervenção do Parnaso.

Paira a ameaça de um epilogo identico sobre a cabeça do poeta brazileiro que me propuz hoje apresentar aos leitores. No supedaneo do seu formoso livro como que se entrevê vagamente o *Lasciate* do Dante!... A vida pratica e utilitaria, que no commercio grosso do Brazil contrae responsabilidades indeclinaveis, intenta roubal-o á existencia ideal do artista.

Ah! se a litteratura portugueza soubesse, como sabe a litteratura brazileira, que especie de livro é o poema *Leonor* e que poeta — na acepção ampla do qualificativo — é o sr. Almeida Cunha, as letras portuguezas pedir-lhe-íam, como hão de pedir-lh'o as brazileiras, que por fórma alguma renegue o culto dos seus primeiros annos nem abandone o altar onde a gloria queimou para elle um grão de incenso odorifero e desfolhou uma das suas rosas de viço perennal.

Mas a juvenil America, ciosa dos seus filhos laureados, esgotou rapidamente a edição do poema do sr. Almeida Cunha e não deu tempo a que elle, fendendo o espaço, como as andorinhas, viesse do azul do céu e da immensidade do oceano annunciar-nos uma rosea e translucida primavera de fragrancias e cantares.

A protogonista do poema de Almeida Cunha é a Magdalena, antes do drama augusto do Calvario, ou a Margarida, depois do drama sentimental de Dumas filho.

Envolvem-n'a as seducções do mal, as attracções absorventes do abysmo; é decorativa, theatral e palavrosa, consoante o cliché de que é prova mais ou menos fiel.

O cantor americano, escolhendo para epigraphe do seu poema os versos adoraveis e profundamente humanitarios de Victor Hugo:

*O n'insultez jamais une femme qui tombe!*
*Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe?!*

e arrancando do amago da consciencia, luminosa e recta, o perdão misericordioso que offereceu á peccadora martyr, como agua lustral de um segundo baptismo, obedeceu incontestavelmente a um pensamento generoso e bom.

Poderia enganar-se nos processos; porém, a idéa dominante subsiste pura e digna de louvor.

O voto seguro do sacerdote magno acudiu desde logo a consagrar os singularissimos dotes do neophyto.

«Já duas vezes li o seu poema — escreveu o conselheiro José Feliciano de Castilho, em carta datada da Bahia de S. Vicente, em 1866 — é v. ex.ª uma das mais esplendidas estreias que tenho visto. Thomaz Ribeiro, cujo *D. Jayme* teve presente ao compol-o, não conquistou mais louros com a sua estreia do que com esta competem a v. ex.ª Ha ahi os elementos para um poeta de primeira ordem, e é v. ex.ª dos que bem podem bradar:

«*Est Deus in nobis; agitante calescimus illo.*»

Mais adiante, diz-lhe:

«Ha na sua *Leonor* mestria de enredo, altura de concepção, elegancia de phrase, arrojos de versificação, riqueza de imagens, harmonia (talvez até demasiada), variedade de tons e colorido, originalidade de descripções locaes, vernaculidade, vigor, sentimento... É um mimo a sua obra; e quando os Hercules assim, no berço, esmagam serpes, presagiam doze trabalhos monumentaes. Nós os esperamos: devenol-os.»

Não ha necessidade de affirmar, depois da palavra do mestre, que o poema afina pelo diapasão do juizo critico.

A scintillação de mosaicos e esmaltes rutilantes, como os dos quadros florentinos, a abundancia de imagens decorativas, acertam a prender-nos os olhos, no decorrer de oito cantos, ao tempo que o rythmo melodico, ferindo successivamente os tons graves do adagio, ou vibrando a nota aguda do allegro, acompanha, variando os acórdes, o thema original.

Por vezes, o estro accende-se em raptos, o verso cresce, ondula, alteia-se, e da lyra, suave e branda, do trovador fluminense brotam estrophes de fogo:

Debalde se furam montes
e a terra se vae trilhar;
debalde se arrojam fontes,
debalde se vence o ar!
debalde a chimica esplende,
e o telegrapho se entende
n'outros climas, n'outros céus!
homem! a ti proprio furtas!
és um condor d'azas curtas...
só Deus é grande, só Deus!

Nos esboços descriptivos accentua-se notavelmente o traço, firme e energico, do artista:

Oh! quem m'os déra pintados
por mão de artista gigante
os dois vultos estacados,
e logo após abraçados
no abraço mais delirante!

Quando o poeta, tremente,
um painel d'estes desdobra,
tem o estro quasi extincto...
procura o porto... e sossobra!

A nota elegiaca, que mais prompta lhe acode no calor da concepção, penetra-se, não raro, de um intenso colorido dramatico:

Deshonrada... pervertida...
perdida, meu Deus! perdida!...
ella — que era a minha vida,
ella — que era um seraphim!
E pude eu crel-a innocente...
e tive essa idéa em mim?!
Lyra — onde as tuas canções?
bôca — onde está teu carmim?!
onde esse rubor, que escalda
as faces da mais trigueira?
Ai!... que é da tua grinalda
de botões de larangeira?!...

Ás vezes, denunciam-lhe as hesitações da estreia a impropriedade de um vocabulo, o abuso de um adjectivo, ou um genero de metrificação *démodé*, como a dos *Versos a Elvira*, a pagina 129.

Porém, as bellezas contrabalançam prodigamente estes leves senões.

O sr. Almeida Cunha, ha tanto divorciado da poesia, não obstante haver ella correspondido effusiva aos seus juvenis amores, alimenta o projecto de dar a publico uma segunda edição do poema, correcta e ampliada.

Creia o poeta que Portugal receberá com alvoroço a visita da sua esplendida *Leonor*.

# LUIZ DE CAMÕES

**Ao dr. Rodrigues da Camara**

O seculo XVI, o herdeiro opulento da renascença, a quem perante o movimento evolutivo das gerações assistiu o encargo glorioso de perpetuar no marmore e no bronze das estatuas e nas estrophes da epopeia as figuras cyclopicas de Miguel Angelo, Dante, Rafael, Petrarcha, Ticiano e Benevenuto Cellini, o seculo XVI, cujo advento recebeu o baptismo luminoso d'esse Messias, dotado de extraordinarias faculdades creadoras, aureolado de um fulgido diadema constellado de soes, e a quem por conseguinte pertence a missão de apostolar o novo credo e de diffundir pelo mundo a religião dos deuses novos, parece renegar o culto, preferindo concentrar-se na solidão e no mutismo, obscuro e esteril.

Cedendo, porém, á força mysteriosa que preside á eterna harmonia universal, é esse mesmo seculo que,

inesperadamente, dá ao mundo dois poetas colossaes, Shakspeare e Camões. Mas, como que atemorisado e descontente da sua propria obra, intenta logo em seguida algemar os novos Prometheus a um rochedo escalvado e arido.

É por isso que ao diligenciarmos, palpitantes de assombro, arrancar ao passado essas duas gloriosas existencias para reconstruil-as e expol-as ás adorações dos posteros, encontramos sempre em vez da fulgurante claridade que irradiam os nimbos, uma nuvem sombria e densa cobrindo uma noite cerrada e triste.

A mesma vaga atmosphera, perturbada e indecisa, que envolve nas suas brumas o vulto genial de Shakspeare, véla tambem a figura de Luiz de Camões.

E no mesmo ponto de vista em que nos apparece o poeta do *Hamlet,* o immortal como lhe chamou Walter Scott, curvando-se no acto de rastejar as antecamaras pisadas pelos cortezãos soberbos e idiotas da beata Isabel, depara-se-nos o poeta dos *Luziadas,* beijando contricto a roupeta dos inquisidores e dispondo se a esphacelar o peito, como S. Jeronymo, comtanto que o não condemnem á clausura perpetua que amordaçou Damião de Goes.

*

Ao reinado de D. Manuel, brilhante e fugaz como o traço igneo da estrella cadente, succedera o reinado de D. João III avassallado ao mando da thiara.

D. João, que não partilhava nenhuma das finas predilecções intellectuaes de seu pae, herdara em compensação todas as estranhas contradicções do monarcha que com a mesma mão que referendára o decreto

da expulsão dos israelitas, arrancado ao noivo embelecado pela infante de Castella, a *amoravel* Isabel, que intercalava devotamente os beijos do thalamo com indulgencias offerecidas á conta de cada judeu homisiado, não duvidava bater palmas aos autos de Gil Vicente, representados no paço, atravez dos quaes desfilava uma legião de frades pantagruelicos e grotescos.

Ao sombrio e fanatico fundador da inquisição, que abysmou o reino na pavorosa allucinação do terror religioso, a mais completa negação do christianismo, seguiu-se o legendario e aventuroso paladino que acabou de mutilar Portugal exangue, arrojando-o aos areaes adustos de Alcacer Kebir.

Producto d'este meio, Luiz de Camões tinha forçosamente de soffrer-lhe as consequencias.

Portugal, que alvorecera timidamente para as letras nas trovas do Cancioneiro de D. Diniz, o rei lavrador, permanecia afastado da evolução litteraria e artistica que arrebatava nas suas ondulações prismaticas a Italia e a França.

Depois de D. Diniz e D. Henrique, o inspirado vidente do oceano, poucos nomes se nos deparam álem de Gil Vicente, o Plauto portuguez, João de Barros, Castanheda, Pedro de Magalhães Gandavo, Fernão Mendes e Bernardim Ribeiro, o amante mallogrado da *Menina e moça*.

A apparição de Luiz de Camões, cuja superioridade incontroversa resalta acima da sua e de todas as épocas, e que expunge de golpe um catalogo de mediocridades, como Sá de Miranda, Antonio Ferreira e José Agostinho de Macedo, que ousou discutir o talento de Camões pelas mesmas rasões que levaram

Voltaire a negar a superioridade de Shakspeare, esse inesperado e maravilhoso desabrochamento de um engenho preclaro, graças ao qual Portugal poderia a final erguer-se ao nivel dos grandes emporios glorificados pela lyra dos poetas e pela penna dos historiadores, tinha forçosamente de produzir, em relação á epoca em que se operava, uma revolução agitada de protestos indignados, fremente de revoltas latentes e de represalias atiçadas pelos jesuitas.

É por isso que a vida do poeta, a começar na sua partida para a India, em 1550, até á data da sua morte, a 10 de junho de 1580, não é mais do que um longo martyrologio, onde só raro e a furto entreluzem lampejos de breves jubilos, logo após extinctos.

É assim que depois da serena quietação do estudo, no convivio ideal dos seus dilectos classicos, que á sombra dôce e querida dos salgueiros e ao rumor cadenciado do Mondego lhe revelaram pela bôca de Homero e Virgilio, como o Tibur murmurou ao ouvido de Horacio a canção melodiosa da sereia, o segredo da correcção atheniense e do sonoro rythmo latino, vimol-o entrar no paço de D. João III (segundo dá testemunho o sr. visconde de Juromenha, contestando o facto outro biographo de Camões, o sr. Francisco Evaristo Leoni), e, como borboleta incauta, deixar-se queimar á luz dos formosos olhos de D. Catharina, dama da rainha.

D'esse amor romanesco, ácerca do qual nenhum documento authentico existe, a não ser os versos de Camões, onde elle vive mysteriosamente velado, como a hostia no sacrario, derivam, conforme reza a tradição, os principaes infortunios do poeta.

Verdadeira ou ficticia, Nathercia faz parte da ful-

gurante constellação a que pertencem os nomes prestigiosos de Vittoria Colonna, Laura, Fornarina, Beatriz e Leonor.

A inveja odienta dos que até então haviam choutado impunemente no Pegaso manco em demanda do Parnaso hypothetico, a sanha do clero irritado em virtude da influencia relativa exercida pelo poeta, o despeito aggressivo de Luiz Gonçalves da Camara, a indifferença do soberano que não se pejou de remunerar o auctor dos *Luziadas* com a tença annual de 15$000 réis, o jugo despotico do santo officio, que retalhou o poema, os recontros com os mouros, onde praticou gentilezas de valor, arrebatando-lhe uma bala o olho direito, seguindo-se o desterro inhospito de Macau e a volta a Lisboa, em 1570, ao cabo de longos annos pungidos de asperas saudades, e á qual elle trazia as primicias do exilio, os thesouros do seu genio assombroso accumulados nas paginas de um livro immortal, os *Luziadas*,—gloriosa odyssea dos novos argonautas, os portuguezes—que o poeta salvara milagrosamente do naufragio, em Macau, deslembrado de que outro naufragio inevitavel o aguardava em Lisboa, a Inquisição.

Tantas e tão acerbas luctas levaram de vencida o caracter energico de Camões e acabaram por inundar-lhe a alma de uma immensa tristeza, profunda e incuravel.

*

Á beira do catre onde agonisava o maior e o mais completo de todos os poetas portuguezes, aquelle que deveria encher o mundo com a fama das nossas heroicas emprezas maritimas, um unico homem chora e reza.

É Jau, o pária, o escravo, o cão fiel e manso que se deita aos pés do dono, mas que em presença d'aquelle moribundo, abandonado e esquecido, e perante a logica implacavel da historia, vale mais do que todos os reis da terra, por isso que personifica a dedicação humilde e misericordiosa do povo, e por isso que resume a unica, suprema e ultima affeição do poeta.

# A THEORIA DO VESTUARIO

Creio que prometti ás leitoras umas theoriasinhas de esthetica applicada, ou por outra, a exposição dos meus modestos pontos de vista femininos ácerca do que constitue a arte de saber vestir, da qual depende, mais do que muita gente presume, a inapreciavel sciencia de se fazer amar.

É principalmente pela *toilette* que uma senhora consegue fixar a attenção das pessoas que a vêem passar; é do seu vestuario, simples e elegante, da nitidez correcta de todos os detalhes que formam a parte integrante d'esse vestuario, do escrupuloso asseio da sua pelle assetinada e fresca, do cuidado em não deixar apparecer no cabello uma suspeita de caspa, dos seus dentes alvos e polidos, que destacam no escarlate dos beiços como um fio de perolas n'um *écrin* de velludo purpura, do aroma casto e repousado que a envolve, como as nuvens diaphanas atravez das quaes se avis-

tam, esvoaçando no azul, os cherubins alados, que provém a auctoridade suavissima e a fascinação suprema que ella exerce, não só nos entes que a amam, mas em todos aquelles que se lhe aproximam.

É para estas mulheres, excepcionalmente dotadas e correctamente vestidas, que os poetas inventaram as adorações infinitas: são estas mulheres que deixam nas existencias que atravessam um sulco luminoso; são estas que dão em troca do amor que inspiram a felicidade suprema, estranha ás inconstancias vulgares e superior ás vicissitudes do cansaço ou do desencantamento. proveniente da desillusão.

E todos estes dotes, apparentemente tão difficeis de obter, cifram-se em duas cousas muito simples, muito comprehensiveis e muito ao alcance de todos que se proponham alcançal-as. Chamam-se ellas—*bom senso* e *bom gosto*.

Estude-as a leitora nos seus complexos modos de ver, subordine-lhes o seu vestuario, os seus habitos, as suas maneiras e até a sua linguagem, e verá, verá que delicioso premio obtem das suas fadigas, verá como a existencia lhe parece mais leve, como tudo se reveste aos seus olhos de um encanto constantemente renovado, e como nos sorrisos e nos olhares affectivos dos seus amigos ha de espelhar-se em cada hora, mesmo n'aquella hora perfida dos *diabinhos azues,* em que zumbiam na sua cabecinha perturbada enxames de besouros negros, uma radiosa physionomia, scintillante de juventude, cheia da felicidade consciente e da tranquillidade inalteravel dos que sabem orientar a sua existencia pela existencia collectiva e identificar as tendencias psychologicas e phisiologicas do seu corpo e da sua alma a um ideal pratico, feito de sacrificios

austeros, de abnegações obscuras e de elegancia honesta.

De ordinario, a mulher mantem ácerca da configuração externa e interna da sua individualidade, e da missão que ella é chamada a exercer no meio social, a mais falsa e pueril de todas as comprehensões.

A educação deficiente e absurda que recebe nos collegios; as maximas idiotas ministradas pela convivencia banal das salas; o exemplo de umas amigas muito estupidas e muito vaidosas, que absorvem todas as faculdades pensantes dos seus intellectos no cultivo do namoro e do figurino; o lausperenne de interjeições admirativas e finezas assucaradas em que a envolvem os *badauds* ociosos, de risca apartada ao meio e collarinho decotado; a falta de uma elevada orientação moral e de uma intelligente disciplina material no seio das familias; a leitura perigosa do romance dissolvente, arrastam-n'a exactamente para o extremo opposto áquelle de que não devia sair nunca e fazem d'ella o ente mais infeliz, mais ludibriado, e ao mesmo tempo aquelle que menos póde entender e realizar as grandes e complexas aspirações de uma alma superior e digna.

Á excepção dos Estados Unidos, da Allemanha e da Suecia, a educação da mulher continua a ser em todos os paizes o problema insoluvel, descurado pelos legisladores e explorado pelas *bas bleues* de barrete phrygio, que, pretendendo discutil-o, não conseguem senão ridicularisal-o! E no entanto, é principalmente da educação da mulher, votada ao abandono pelos poderes constituidos, que depende em absoluto não só a felicidade do homem como o regimen interno das sociedades.

Analysemos hoje, leitora benevola, uma das mais frequentes origens do divorcio, esse moderno *phyllo-*

*xera* da familia, cuja responsabilidade nos cabe grande parte.

Em geral as mães, as velhas mães aposentadas, abdomen proeminente e collo flacido e nedio, respi taveis matronas que commungam todas as semana como as monjas ascetas, devoram bons jantares su culentos, mesclados de pitadas odoriferas e resona com grandes silvos agudos de clarim fanhoso; em g ral, essas excellentes burguezas, ao ministrarem a sua filhas os conselhos que sugaram no leite materno, propondo-se enumerar os varios symptomas caracte risticos mediante os quaes se apresentam á imagina ção esses dois inimigos irreconciliaveis, o *Peccado* e *Virtude,* exprimem-se, pouco mais ou menos, da se guinte maneira:

—Minha filha, o peccado, esse velho peccado truculento que povoava as insomnias dos cenobitas, revestindo-se de uma belleza perfida e de uma seducção lubrica; esse monstro que ousou tentar Jesus, o divino visionario, e que teve o descaro de introduzir-se nas cellas dos claustros, elle, o impuro das orgias pantagruelicas, elle, o nefando, o scelerado, o reprobo; queres tu saber, filha, onde elle se occulta? Na tua mocidade, na tua belleza, nas tuas *toilettes,* nos sorrisos da tua bôca vermelha e humida, no fulgor dos teus olhos provocantes, nos teus hombros torneados e brancos.

Filha, o peccado é a formosura.

A virtude, porém, a virtude evangelisada pelo nosso confessor, a virtude que canonisa as santas e divinisa as esposas, a virtude, oh! essa é feia, velha, tropega, desdentada, mal lavada e mal vestida; a virtude, filha, sou eu!

É pois sob o aspecto de uma fortaleza inexpugnavel, de uma especie de masthodonte mascarado de mulher, de uma creatura feia e forte, sem nenhuma das graças do seu sexo, que transmitte o decalogo hereditario, perpetuado de geração em geração, com a voz trovejante e guttural de um capitão de milicias, que a virtude, a casta, a dôce, a poetica aureola da mulher, se revela aos ouvidos inexperientes e aos corações incautos das filhas, — esposas e mães no futuro.

Preconcebida a necessidade fatal de se fazer feia para ganhar as dragonas de virtuosa, a menina que durante as successivas tentativas de obter marido e no decurso da engenhosa tactica da *flirtation* esgotou todas as variadas formulas da arte de agradar, mais ou menos falseiada nas suas applicações, e todas as minudencias da garridice, por um commum accordo, tacitamente contraído na copia servil do exemplo anteriormente apresentado, resolve, depois de alcançar a méta das suas ambições e de possuir um marido authentico, esgotar, no mesmo progressivo andamento, todas as variadas formulas do desmazelo!

Elle pertence-lhe, elle não póde, por mais que faça, pertencer a outra, elle jurou amal-a eternamente e alienou ali, em presença de Deus, do padre, das testemunhas e do mundo inteiro, a sua liberdade varonil e independente, que se lhe enrosca aos pés com a dôce mansidão ineffavel dos leões domesticados.

E' evidente que ella poderá dispor do seu homem, encadeiado ao seu destino pela braga indissoluvel do matrimonio, governal-o com um gesto, captival-o com um sorriso e ao pôr-lhe na testa, ampla e serena, um beijo dôce como um favo de mel distillado no calice

de uma rosa, tel-o-ha escravo submisso das suas phantasias e caprichos.

Tomando como norma de vida o canto de sereia da lua de mel, executado a *duo* e simultaneamente inspirado pelo amor d'elle e pela vaidade d'ella, esquecendo, se acaso alguma vez a leu, a phrase subtilmente maliciosa de madame de Girardin: *Quel dommage que l'homme qui nous épouse devienne fatalement notre mari!* a esposa persuade-se firmemente que não tem a menor necessidade de agradar ao marido, sob o ponto de vista da *toilette,* que póde impunemente apparecer-lhe na mais humilhante de todas as situações para uma mulher, isto é, desgadelhada, em chinelos, com uma golla suja e um chambre amarrotado, sendo esse chambre, essa golla e esses chinelos, consoante a maxima materna, o mais seguro baluarte da sua virtude.

Desgraçadamente, porém, mas pela mais logica das deducções, o marido não partilha as mesmas idéas; a virtude de sua mulher, mal vestida e mal penteada, afigura-lhe incommoda e repulsiva; asphyxia-o como um ambiente viciado onde falta a quantidade de oxygenio indispensavel aos orgãos respiratorios; a mãe de seus filhos parece-lhe inferior á sua cosinheira, e superior a ella, no asseio, na elegancia, no vestuario e na linguagem, que reflecte, como um espelho reproduz uma imagem, as tendencias e os habitos exteriores, todas as mulheres que encontra, e que, pelo facto de não serem suas, o arrastam a confrontos terrives e a pensamentos criminosos.

Desde então o *ménage,* que poderia ser para elle um suave paraizo caricioso, onde lhe fosse dado repousar das fadigas da vida, das luctas crueis, dos combates com

a fortuna cega e tantas vezes hostil, afugenta-o, assusta-o, e quando de relance atravessa a casa, com tanto amor iniciada, depositaria de tantos jubilos, de tantos sonhos, de tantas esperanças frustradas, como um forasteiro atravessa uma cidade estranha, o que elle experimenta é o rancor surdo contra essa mulher que mentiu á sua espectativa e o remorso de ter ido pedir a outra a felicidade que ella não soube ou não quiz darlhe.

# CALDERON DE LA BARCA

O talento d'este poeta, grande e celebrado entre os maiores, é tanto mais singular quanto é certo que a orientação mental de Calderon não propendeu exclusivamente para as lettras, isto n'uma época em que ellas brilhavam de todos os fulgores legados pela Renascença, a nova aurora vaticinada pelo Dante e evocada á voz impetuosa de Miguel Angelo e ao impulso melodico de Sanzio,—mas dividiu igualmente a sua extraordinaria actividade n'uma esphera pratica de occupações variadas e por vezes incompativeis.

Calderon, a exemplo de Luiz de Camões, foi soldado, foi espadachim, percebeu uma tença real e foi alem d'isso padre-capellão de Filippe IV.

E é exactamente no turbilhão d'esta existencia agitada e complexa que o genio de Calderon desabrocha exuberante, como uma bella flor dos tropicos.

Aos treze annos o poeta escreve uma comedia, *El*

*carro del cielo,* e consegue attraír para essa primeira tentativa a attenção de Lope de la Vega.

Obedecendo á correlação mysteriosa que faz dos poetas, como diz Taine, uma familia ideal perpetuadora de uma herança commum, Calderon apparece na litteratura hespanhola no momento em que Lope de la Vega declina.

A Hespanha exclusivamente monarchica e catholica dos seculos XVI e XVII, que eclipsava o crescente no Lepanto, que estendia o seu dominio á Africa e combatia o elemento protestante na Allemanha, em França e em Inglaterra, expulsando, como filhos espurios, os judeus e os mouros, acrysolando a fé na chamma das fogueiras do santo officio e nas lanças das cruzadas que lhe absorviam o ouro arrancado ás entranhas virgens da America; a Hespanha, exhausta pela violencia da lucta e pela intensidade da paixão, concentrava as derradeiras forças n'essa legião brilhante de pintores e poetas, n'essa ala namorada de paladinos convictos que dobravam o joelho diante da igreja e do throno, celebrando com a palheta e com a lyra a patria e o rei. A esse grupo pertenceram Velasquez, Herrera, Alonzo Cano, Murillo, Zurbaran, Morales, Cervantes, Tirso de Molina, Rojas, Leon, Castro, Moreto, Alarcon, e superior a todos, Lope de la Vega e Calderon de la Barca.

Lope de la Vega e Calderon synthetisam o mysticismo ardente e eminentemente castelhano d'essa especie de D. Quixotes medievaes, que envolviam o catholicismo na poesia idealmente voluptuosa de Thereza de Jesus.

Ninguem todavia soube, como Calderon, dar uma fórma tangivel a essa indeterminada aspiração poetica

e romanesca que constitue o fundo do caracter peninsular, ninguem alcançou, como elle, fixar em traços vivamente accentuados o typo do *hidalgo* do seculo XVI, que não conhece no grande universo senão tres cousas: o seu Deus, o seu rei e a sua dama.

O merito transcendente da obra de Calderon de la Barca, agitada de um largo sopro cavalheiroso, esse vasto reportorio de comedias cheias de vida e de observação, que valeu ao auctor as homenagens da posteridade e as glorificações da patria, não reside na pintura fiel de sentimentos e caracteres, que singularisou o theatro de Molière, ou no vigor de concepção, que immortalisou o theatro de Shakspeare, mas muito especialmente em ser esse theatro a expressão nitida e profundamente caracteristica de uma época e do temperamento de um povo.

O theatro de Calderon é uma escola de galanteria honesta. Uma simples formula moralista: «Sê homem de honra e cavalheiro cortez», bastou ao insigne poeta para entretecer um collar de peças formosissimas, onde a par do enredo imaginoso e fertil em lances commoventes, admiramos a linguagem colorida, bordada de recamos e remodelada no mais puro estylo castelhano.

O humorismo analytico de Calderon não exclue o lyrismo delicado que rescendem muitas scenas do seu theatro.

Na comedia *Marianna* escuta-se como que o *ave* da natureza saudando a formosa.

«Arroios, escreve o poeta, sêde para ella espelhos, correi, correi! Aves, saudae o seu rosto, voae, voae! Flores tapetae-lhe o chão, desabrochae, desabrochae!»

Infelizmente, o grande genio dramatico de Calderon nem sempre triumpha da obscuridade gongorica que pesa sobre o seu bello estylo harmonioso, tornando-o incomprehensivel mesmo para os hespanhoes.

Assevera a tradição que D. Pedro Calderon de la Barca escreveu cento e vinte peças, afóra os *Autos sacramentaes,* que representam outras tantas.

Em todas as suas comedias, é o proprio auctor que espirituosamente o declara, ha inevitavelmente um *caballero* disfarçado e uma dama velada.

O amor de capa e espada passa romanescamente atravez d'esse theatro immortal.

*La vida es sueño,* um drama esplendido e profundamente philosophico, é por ventura aquelle que mais irradiou a gloria do poeta no apreço de todas as nações e no culto de todos os espiritos.

D. Pedro Calderon de la Barca viveu oitenta annos e jaz sepultado na igreja de S. Salvador de Madrid, na capella de D. Diogo de Gevara, á mão esquerda, entrando-se pela porta principal.

A Hespanha, solemnisando o segundo centenario de Calderon, orgulho da nação que o poeta eternisou no seu theatro inimitavel, demonstrou mais uma vez á Europa que ao marchar á frente das hostes modernas em demanda do problema futuro que a attrae com os seus fulgores longiquos, nem por isso deixa de saudar o passado que a engrandeceu na obra genial de um grande poeta.

# WILLIAM SHAKSPEARE

A HENRIQUE DE ALBUQUERQUE

No Pantheon dos Illustres que illuminam a posteridade com a irradiação do seu nimbo immortal, se ha vulto que pelas condições excepcionaes do meio em que se moveu, pelas contradicções obscuras da sua existencia de homem e pela affirmação poderosa da sua individualidade de artista, composta de todos os fulgores que deslumbram e simultaneamente sombria e terrificadora como o antigo cahos, repilla tacitamente os processos da critica positiva e investigadora, é Shakspeare. E no entanto, raros têem como elle, do fundo apagado e remoto do seculo XVI, attraido com tão obstinada insistencia o olhar curioso dos estudiosos. O primeiro de todos foi Voltaire.

Ameaçado no pleno dominio da sua realeza, intolerante e absoluta, que lançava á conta de diminuição no erario proprio, largamente provido, a riqueza alheia, ferido na esphera do seu irreprehensivel estylo clas-

sico, onde a linha brilhante do espirito não alterava nunca a *pose* do aprumo palaciano, surprehendido e intrigado pelo verbo de fogo que brotava, como a cratera de ignorado vulcão, de uma mesquinha aldeia ingleza, Stratford-on-Avon, no Warwickshire, Voltaire, solidario do juizo da antiguidade, sentindo instinctivamente, como ella, que a inveja, á similhança do raio, não lasca nunca senão o tronco secular ou a montanha sobranceira, mas alimentando na imperfeita argila humana o lume sagrado do bello e não podendo fugir á potente influencia dominadora do Titan, decidiu, como habil estrategico, offerecer, do zenith da sua gloria de vivo, a mão ao morto que ousava disputar-lh'a e resolveu explicar á França que especie de homem era aquelle que de 1589 a 1614 contára os annos pelas peças e alcançára em cada uma d'ellas uma victoria definitiva!

Conseguiu esse estylista mordaz e vigoroso fixar na tela da sua critica elucidativa algum dos traços caracteristicos do complexo perfil artistico que o assombrara? E se o fez, poderia e saberia a França do seculo XVIII comprehender o que a Inglaterra do seculo XVI suspeitara apenas, isto é que poetas como Dante, Gœthe e Shakspeare têem sempre de reinar soberanamente na esphera da sua arte, que é para elles a Niobe amantissima, nutrindo os filhos com o leite uberrimo da maternidade legitima e caindo pétrificada quando lhe pendem dos braços á valla commum?

O estudo das linguas estrangeiras era ainda pomo vedado para a França quando o oraculo da *Henriada* deixou caír da fina bôca epigrammatica a phrase incisiva: «*un barbare de génie*». Os contemporaneos applaudiram-n'a e os nervos irasciveis de Voltaire re-

pousaram tranquillos. E no entanto, no ouvido aristocratico do creador do *Dictionnaire philosophique* e do *Appel á toutes les nations de l'Europe des jugèments d'un écrivain anglais,* publicado em 1761, que, criticando ferozmente Shakspeare, negando a profunda lição moral e a paixão grandiosa dos seus dramas, ousava pedir severas contas da ausencia do que Voltaire chamava *elegancia litteraria,* n'esse ouvido implacavel vibrava ainda o estylo rude do seu biographado, a torrencial eloquencia, desafogada e livre, de Molière, completamente estranha a finas delicadezas de cortezão!

Ainda mais, a paternidade do drama de Voltaire *A morte de Cesar,* pertencendo evidentemente ao *Julio Cesar* do poeta inglez, desmentia o desdem altivo do rhetorico da *Encyclopedia,* que, collocando o *Catão* de Addisson em confronto com o *Hamlet* de Shakspeare, preferia o primeiro!... O gosto superficial da época, que acceitava todos os *postiches* de brilho faustoso e nenhuma das fortes evoluções renovadoras, repetiu, como um ecco passivo, a formula consagrada!

No ambiente auri-rosado dos *boudoirs,* impregnado de *musc,* onde em molles estofos de velludo e setins macios desappareciam enroscadas as faceis marquezinhas, cheias de sentimentalismo bucolico e de *fard,* e os abbades de Gondi, polvilhados, dôces e futeis como os madrigaes, languidamente recitados ao ouvido das bellas, não podiam penetrar, nem seriam nunca entendidos, o heroico e apaixonado Romeo, Othello, o ciume devastador, Hamlet, a scismadora alma, mortalmente ferida pela duvida, Macbeth, o remorso vivo, Lear, a loucura dilacerante, Coriolano e Julio Cesar, a tragica serenidade antiga, realçadas pela fide-

lidade historica. Outro grande poeta parou tambem, extatico e pensativo, diante do vulto colossal de William Shakspeare, foi Gœthe.

Porém, o assombro do creador do *Fausto,* em vez de manifestar-se na critica aggressiva de Voltaire, entoou radiante o *ave* da apotheose.

Depois d'elle, Diderot, o iniciador fecundo do drama francez, o unico talvez que saberia medir, n'um rapido olhar synthetico, a grandeza mysteriosa do *poeta da lingua de mel,* que reunia á selvagem impetuosidade de Sophocles, a paixão humana, revelando-se nos seus mais reconditos segredos: Schiller, Walter Scott, que referindo-se a Shakspeare e á côrte arrogante de Izabel mal podia conceber que a fronte radiante do immortal houvesse de curvar-se diante dos mortaes; Letourneur, Guizot, Victor Hugo, Villemain e outros têem emprehendido estudal-o, entendel-o e penetrar no dominio da sua existencia real, que se apaga por vezes totalmente na bruma do passado e termina na mesma hora, eternamente fatal, em que a Hespanha perdeu Cervantes.

Ninguem conheceu nunca o coração do homem como Shakspeare e Balzac, escreve Taine no seu livro, *Idéal dans l'art.* E entretanto, que antithese, verdadeiramente surprehendente, offerece o ponto de partida d'esses dois gigantes, o grande romancista psychologico e o poderoso dramaturgo realista!...

Balzac recebe em cheio, ao entrar na vida, a projecção de dois seculos que se encontram; um que termina, illuminando a terra no seu occaso, o outro que sae do berço, irradiando esperanças e jubilos como uma aurora.

O collegio de Vendôme abre-lhe as portas, a Sor-

bonne conta-o no numero dos seus eleitos, os salões disputam-no, o *fauboury* das duquezas adora-o, a fama acaricia-o e o artista prodigioso de *César Birotteau,* do *Père Goriot* e de *Eugénie Grandet,* descobrindo na *Comedia Humana* a plena solução do seu destino, conquista sem violencia a posição culminante devida ao seu largo engenho creador.

Shakspeare, ao contrario, saindo da ultima camada do povo, na época remota da sua inferioridade intellectual, encontra no limiar da existencia a pobreza: os magros seios da miseria que, segundo a arrojada affirmativa de Cherbuliez, côam ás arterias um leite sadio e robusto, distillavam-lhe tambem os seus corrosivos amargos; a cabeça, ardente e sonhadora, do poeta descança na pedra angular do exilio; nenhum curso superior existe que possa saciar-lhe a sede de aprender que elle sentia, como Gœthe, devorar-lhe as entranhas. Só fragmentos incompletos da historia patria, velhos romances legendarios e diffusas chronicas de Hollinshed respondem ao seu appello investigador!

As exigencias imperiosas do destino e a fascinadora attracção do theatro impõem-lhe o officio de comediante, que o seculo XVI rebaixava ao nivel de todas as degradações sociaes. Menos feliz do que Molière, que recebia na generosa protecção de Luiz XIV um escudo para oppor aos golpes do infortunio, repelle-o o indifferentismo glacial da austera e puritana Izabel!

A soberana, que, consoante os usos do tempo, deletreava a lingua grega, distillava aguas de cheiro, estudava os casuistas e agrupava no seu luzido cortejo os pagens, metamorphoseados em Dryades, e os cria-

dos em Satyros; a mesma Izabel que aos cincoenta annos de idade recebia, com um magnanimo sorriso agradecido, a enorme setta de ouro que um Cupido de barbas, enviado extraordinario do maire e dos aldermans, vinha, na occasião da rainha atravessar Norwich, collocar sob a égide invencivel dos seus encantos, não se julgava obrigada a dispensar o menor testemunho de sympathia ao primeiro poeta da Inglaterra!!

Na collecção dos sonetos de Shakspeare *(The passionate pilgrim),* febrilmente compostos, com a seiva vigorosa da juventude e com a facilidade opulenta que nos seus largos vôos irrequietos mal consente que a penna a acompanhe, transparecem claramente a melancolia, o desalento, as revoltas d'esse fogoso coração comprimido e como que asphyxiado na libré humilhante do jogral!

A arvore da Renascença, plantada em Italia pelos pulsos cyclopicos de Miguel Angelo, Raphael, Dante e Tasso, fructeava em França e principiava a frondejar timidamente no sombrio torrão da Gran Bretanha, quando William Shakspeare nasceu. Pouco depois, ao brinde harmonioso das musas, levantado em taça eburnea pelas duas formosas cidades, França e Italia, respondiam Hespanha e Inglaterra patenteando o seu theatro, transfigurado ao contacto renovador de dois revolucionarios incruentos, Lopo de la Vega e Shakspeare.

A côrte dos Médicis, alliada á França, começava a operar os seus resultados proficuos.

A religião da Arte attraía sacerdotes e inspirava apostolos.

Uma multidão numerosa e avida enchia todas as

noites o theatro e applaudia ruidosamente Shakspeare, embora não lhe reconhecesse fóra d'elle a indisputavel soberania.

Poesia, dizia Gœthe, é libertação.

Para a grande alma de Shakspeare, idealista como a de Shelley, a poesia significou mais do que uma determinada evolução da Arte, — foi o divino sacrario harmonioso, refugio supremo do sonhador, e onde a musa candida e namorada que concebeu, em momento de inspiração sobrehumana, as tres legendarias mulheres, Julietta, Ophelia e Desdemona, desdobrava as niveas azas resplandecentes!...

As palavras mysteriosas que Shakspeare põe na bôca de Hamlet synthetisam porventura a missão do poeta na terra e deixam-nos entrever, n'uma rapida visão deslumbrante, as profundidades luminosas d'esse espirito immortal!

«*How like an angel! in apprehension, how like a god! the beauty of the world!*»

# NICOLAU LENAU

## I

É originalissima a figura d'este poeta, qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos para examinar-lhe as prendas raras do talento, as alternativas extravagantes do caracter, as intermittencias do espirito trabalhado pela meditação e simultaneamente cristalisado e obscurecido pela nevrose.

Nicolau Lenau é, depois de Gœthe, e por ventura antes de Heine, o maior poeta da Allemanha.

Gœthe personifica, como o *Moysés* de Vigni, a força, a independencia, a magestade olympica na solidão incommensuravel.

Heine é a suprema expressão da ironia, o riso amargo e escarnecedor, temperado de uma indefinivel melancolia.

Nicolau Lenau é o sentimento estreme, a commoção intensa, o naturalismo bebido nos seios turgidos da mãe commum, — a Natureza.

Ninguem melhor do que elle soube comprehender e pintar os amplos horisontes esfumados, as paisagens luminosas, a musica sonora do campo cantada pelas arvores em surdina, suspirada pelas sombras tremulas do crepusculo nos fundos lagos dormentes e psalmeada pelo outono no seu derradeiro e extremo adeus!...

A poesia de Lenau, nervosa, perturbada e doentia, como a musica de Chopin, tem no entanto a nivea transparencia e o rythmo melodico que são o caracteristico da sua superioridade e o segredo da fascinação que exerceram na Allemanha esses formosissimos *lierders* que se chamam: *Liebesklange* e *Schilflieder*.

As crenças de Nicolau Lenau obedeciam, como as inspirações do seu estro, ás mais desencontradas e oppostas influencias. Os sentimentos impetuosos que lhe agitavam o coração, as phantasias que lhe voavam pela mente como fogos fatuos, quebravam-se de encontro ao granito da sua organisação, rigida e selvagem a par de versatil e apaixonada.

Nenhum laço conseguiu prendel-o verdadeiramente senão a ternura religiosa que votava a sua mãe.

A mesma penna idyllica que entretecia roseas grinaldas em torno da cabeça encantadora de Sophia, immergia de subito, como a penna fatal de Spinosa, n'um oceano de insondaveis amarguras!...

Então, o que o poeta experimentava não era a nostalgia do azul de Gautier, não era a desesperança convencional de Fichte, não era o sombrio humorismo de Baudelaire e Pöe, não era *la gentilezza del morir* de Jacopo Ortis, o

*Arcano é tutto,*
*Fuor che il nostro dolor,*

dos desilludidos de áquem e além dos Alpes; não era o aphorismo que a misanthropia de um principe indio dictou ha cerca de vinte e quatro seculos, e ao qual se antepõe victoriosa a eloquencia do Achilles da *Odyssea*.

Exclama o heroe para o seu amigo Ulysses, quando percorriam ambos a candente estrada do inferno:

«*Não tentes consolar-me da morte, nobre amigo; preferiria assoldadar-me mercenario e cavar a terra de um lavrador de baixa esphera, a ser o primeiro na mansão das sombras.*»

O que não é mais do que a maxima do *Ecclesiastes*, superiormente interpretada por Homero:

«*Mais vale um cão vivo do que um leão morto.*»

Não brotavam, em resumo, dos seus versos febris vãos protestos declamatorios.

Convulsionava-se-lhe o estylo, alteiava-se, rompia em tempestade abrazada de electricas faiscas, obumbrada de nuvens, onde, se o propheta não recebia, como nos pincaros vulcanicos do Sinai, as tábuas da lei, fallava no entanto uma estranha e mysteriosa linguagem, feita de fel e lagrimas, pungida de agonias e desalentos!...

«Tenho no coração uma chaga profunda, diz o poeta a sua mãe; — não deixará ella de sangrar até ao derradeiro instante; — sinto que cada vez mais no intimo me devora a existencia, que não tardará a extinguir-se!...»

A singular antithese que perturbava a unidade e offuscava a harmonia da concepção, transmittia-se tambem ás convicções do homem.

Nicolau Lenau era em muita maneira a *natureza ondeante* do que falla Montaigne.

Entregando-se exclusivamente á composição do seu

poema *Fausto,* o estudo complexo, a analyse psychologica da paixão humana, as largas divagações scientificas e os estreitos contactos com os effeitos visiveis de causas occultas e mysteriosas, identificaram-o naturalmente com a grande alma universal, — a Natureza. O poeta fez-se ultra-pantheista.

Pouco depois, tomado de assombro perante um dos mais extraordinarios vultos do seculo XV, e delineando o poema *Savonarola,* deixou-se arrastar pela eloquencia dominadora do austero dominicano e ao clarão da fogueira que devorou o fanatico monge, transfigurou-se!

«Mandei de presente o demonio do pantheismo ao paiz d'onde veio, — o inferno, escrevia Nicolau Lenau» já christão convicto e penetrado de ardente mysticismo, ao seu amigo Kerner, em 1837. «Da analyse minuciosa a que sujeitei o meu coração, resultou verme obrigado a expulsar da sua intimidade muitos canalhas.»

Mais tarde, o plano dos *Albigeois* aluio o christianismo de Lenau, a ponto de inspirar apprehensões ao orthodoxo Kerner.

Por ultimo, o fatal e lendario D. João, idolo fascinador de todos os grandes poetas, conduziu-o repentinamente ao extremo opposto.

O espirito de Nicolau Lenau, hesitando sempre mais ou menos na sua orientação, avido de uma verdade nunca revelada, aprisionado, como um passaro selvagem, n'uma gaiola de arame, oscillante e como que transviado nos dedalos sombrios da metaphysica, desnuda por vezes o cahos allucinador em que se debate.

A poesia *Tarde de outono,* grito lancinante e dolorosamente interrogador, revela-nos essa terrivel crise.

## II

O poeta nasceu na Hungria, o paiz das cabeças ardentes, dos vinhos generosos e dos corações apaixonados. O sol de agosto, o alegre sol fecundo da sua aldeia natal, Csatad, cerca de Temesvar, aqueceu-lhe o berço.

«É tal o ardor do sol, diz-nos elle proprio, que é capaz de frigir ovos na areia.»

Nicolau Lenau nasceu no dia 13 de agosto de 1802.

A incoherencia, o fatal desequilibrio das faculdades do poeta, tinham por ventura a sua origem no casamento desigual dos paes.

A mãe de Nicolau dera na flor dos annos a mão de esposa a um official de cavallaria, já idoso. E todavia, fôra o amor que unira Thereza Maigraber a Francisco Niembsch von Strehlenau. Cedo ludibriou elle as promessas de que enflorára o thalamo.

Strehlenau trouxera dos bivacs habitos de bohemio e a vulgar inconstancia que vibrou golpe mortal ao coração da pobre noiva.

Nicolau bebeu nos germens da vida a morte das illusões de sua mãe, delidas em corrosivo pranto, e levantou do berço a melancolia que mais ou menos o acompanhou sempre. Em seguida perdeu o pae, á hora em que a sua infancia precisava amparar-se a um braço viril e forte. A mãe, que lhe déra todas as santas ternuras da sua alma, fez-lhe collar dos braços e vestiu-o de ardentes beijos: não se arreceiava ella dos perigos do futuro, das incertezas da sorte, dos precipicios do caminho, das consequencias que poderiam resultar de uma vontade impetuosa no pleno goso arbi-

trario dos seus caprichos e phantasias. De tão alto que o punha o seu coração, parecia-lhe invulneravel esse filho estremecido.

Porém, a funesta estrella do poeta não se desviava da sua orbita fixa, serena e implacavel.

Nicolau amava, com todos os supersticiosos enthusiasmos da sua exaltada imaginação, a dôce amiga condescendente que lhe adivinhava as vontades, que lhe antecipava os desejos, que applaudia os seus *dadas* como oraculos, que era meiga e paciente, cheia de abnegações e de sorrisos.

Por isso, mais tarde, o poeta, cravando os olhos da saudade n'essa luminosa figura da sua infancia que se não soubera robustecel-o para as luctas da vida lhe dera em troca thesouros de infinito amor, exclama regando de lagrimas as agras penedias do seu calvario:

«Só uma unica mulher conheço — a quem de bom grado confiaria as minhas secretas penas.— Ah! se me fôra dado, suspenso dos seus braços, soluçar e gemer!...— mas essa dorme ha muito sepultada debaixo da terra! — Ó mãe! volta, compadece-te das minhas agonias!...— Se o teu amor véla ainda alem da morte — e se tu pódes, como outr'ora, embalar teu filho!»

As reminiscencias maternas resumiam os unicos jubilos do poeta. Synthetisavam o eterno amor inalteravel e a infinita abnegação illimitada, ideal que só ás mães é dado realisar na terra.

Thereza casara pela segunda vez com um medico e fôra habitar com o filho nas visinhanças de Tokay.

Voaram então para Nicolau dois annos de serenos gosos e de translucidas miragens que o enfeitiçavam.

A nostalgica e atormentada poesia de Lenau, ainda

embryonaria, ficou devendo ás frescas paisagens de Tokay, emmolduradas de verdejantes pampanos, onde espumavam jorros de agua fertilisadora, iriados pela fulva claridade do sol, serpentiando entre os rumores festivos da lavoura, a sua alegre nota colorida.

Mas o futuro que de longe o chamava, o desfiladeiro que lhe era necessario transpor para alcançal-o, o estudo da philosophia que deveria emprestar-lhe azas para librar-se em regiões até então inaccessiveis, arrancaram-o, em 1819, aos braços carinhosos de Thereza e aos dias azues do valle, para conduzil-o a Vienna.

Acenaram-lhe um adeus sentido as arvores postadas ao longo da estrada; e os rios, confrangidos no seu leito de musgos, as vides, enlaçadas em banbolins, afloradas de tenros pimpolhos de um verde esmeraldino, os passaros, espreitando das balseiras, as cearas, ondulantes e crespas, pareciam segredar-lhe na sua voz vegetal que mais valera para a felicidade do poeta a simpleza ignorante d'ellas do que a complicada sciencia que elle ía buscar longe, a troco da paz do espirito.

Se a palavra do seu destino se lhe houvesse então revelado e Nicolau voltasse á tranquilla e obscura existencia de Tokay, a Allemanha perderia um dos seus maiores poetas, mas o desgraçado teria esmagado a tempo o demonio zombeteiro que tomava para ludibrial-o aspectos seductores...

Á medida que se adiantava no estudo, desciam dos altos céus mysteriosos, que o poeta interrogava, os mais nebulosos sonhos, as mais irrealisaveis chimeras, todas as fluctuações de um espirito allucinado que ao mergulhar no oceano do pensamento debalde procura salvar as ondas e alcançar a praia!...

Perturbavam-lhe o cerebro esses avidos hospedes turbulentos, baralhavam-lhe as idéas, subiam-lhe á cabeça como um velho Borgonha e absorviam-lhe a vida!

Refugiava-se então em espirito no risonho valle de Tokay, onde cantava uma divina musica, idealmente melodiosa, a candida alma que elle ali deixára, porque não houvesse senão sua mãe e o florido abrigo da sua infancia que lh'a soubessem entender.

## III

Como Corot, Lenau penetrara-se do sentimento do campo: surprehendera-lhe os calmos aspectos repousados, os murmurios indecisos, as rapidas mutações e as estridentes symphonias, que mais tarde reproduziu em versos admiraveis.

O poema *Miscka,* o voluptuoso idyllio das tsardas hungaras, fremente das canções dos ciganos e dos beijos do noivado, mesclado, a espaços, de funestos presagios, que destacam, com o forte relevo da antithese, do fundo luxuriante da paisagem, é como que um fragmento da patria dos magyares engastado no ouro estreme da mais formosa poesia.

Klopstock e Hœlty foram os poetas que verdadeiramente impressionaram Lenau e determinaram as suas primeiras tentativas, sem que todavia esse talento originalissimo se dobrasse a imital-os.

Em casa de Kerner, amigo dedicado de Nicolau Lenau, depois de Grün, que foi mais tarde o seu biographo, travou o poeta conhecimento com Emma Niendorf.

Emma, natureza impressionavel, tomou-se da mais devota admiração pelo talento juvenil que lhe apresentaram. Consagrou-lhe, posteriormente, um livro curio-

sissimo, enriquecido de documentos valiosos: *Lenau in Schwaben.*

«O coração pulsava-me, como na espectativa dos jubilos da noite do Natal, quando desci á sala onde devia encontrar o senhor de Niembsch (Lenau), escreve, vibrante de enthusiasmo, a admiradora do poeta. Elle appareceu de repente e eu fitei timidamente a sua bella cabeça povoada de pensamentos... É mais baixo do que eu imaginara. É pallido e sombrio. A paixão e a meditação sulcaram-lhe de rugas a fronte nobre e soberana... Os seus olhos melancolicos, onde brilha a chamma do espirito, descem até ao amago dos corações. Que maravilhoso olhar!... É um dom magnetico!... Fallou pouco. As suas palavras vagarosas recebem da pronuncia austriaca um estranho encanto, sem que todavia deixem de recordar-nos a Hungria, berço do poeta.»

A verdade, porém, embora pese á leitora, que entrevia o poeta formosissimo por entre os esfumados do parcial lapis de Emma, é que Nicolau Lenau era um homemzinho magro, pallido, ascetico, de feições pronunciadas, olhos grandes, palavra arrastada e gesto brusco e expressivo; simultaneamente taciturno, phantastico e nervoso como uma mulher; capaz de desmaiar se o picasse o espinho de uma rosa; imaginação cambiante, que ora roçava pelas estrellas, ora brincava puerilmente com as creanças ou com os gatos, como Baudelaire; temperamento feito de relampagos e de nuvens, dotado de faculdades psychologicas aptas para ser o maior entre todos os desgraçados.

A existencia errante do poeta guiou-lhe os passos para Baltimore, no meiado de outubro de 1832.

O positivismo mercantil da America figurou-se-lhe a negação da existencia intellectual.

«A America é o verdadeiro paiz da decadencia,— escrevia Lenau aos seus amigos ausentes, — o crepusculo da humanidade. O Atlantico é o isolador do espirito.»

Foi d'essa operosa evolução determinada ao aspecto do utilitarismo, condemnado pela phantasia delicada de Lenau, que levantaram vôo dois esplendidos poemas, dos que mais vivamente manifestam os dotes opulentos do auctor, o *Postilhão* e as *Atlanticas*.

Voltando á patria, a fama, que até então só de longe e a furto avistara, glorificou-lhe o nome.

Cercaram-o logo uma côrte de admiradores, um cenaculo de mulheres pedantes, no meio das quaes destacava a figura intelligente de Emma Niendorf.

## IV

Conta-se que, em Pesth, os magyares passam muitas vezes a noite inteira nos cafés, ouvindo cantar as tsiganas. Assentados defronte de uma garrafa do bom vinho hungaro, que scintilla em phosphorescencias louras, embebedam-se simultaneamente com as arias do paiz natal e com as vaporisações alcoolicas. A musica, essa estranha musica inimitavel, penetrada de uma ampla sonoridade melancolica e asperamente cortada, a espaços, pelos agudos silvos estridentes dos clarins e pelas tintilações argentinas das panderetas, ondula no espaço, aquece-o, illumina-o e communica a sua intensa exaltação caracteristica ao cerebro d'esses Falstaffs do Danubio, d'esses infatigaveis bebedores, intre-

pidos e rubros como os gordos hollandezes de Van Ostade.

«As gotas de vinho têem vibrações,
Os olhares das mulheres cantam!»

Como diz Lenau.

A bandeja das tsiganas vôa de mão em mão; a prata, o ouro e as joias chovem de todos os lados. A musica prosegue no seu crescendo phantastico e unico; a exaltação freme em todos os peitos; faisca, como um fulvo relampago carregado de electricidade, em todos os olhos; a cidade em peso dança, grita, chora, delira...

E a vertiginosa e allucinadora trova das tsardas dispara sobre os bebedores a sua girandola de notas, embriaga-os, inspira-os, renova-lhes a vida, cristalisando-lhes a faculdade de sentir; alimenta-os intellectualmente, como o tabaco alimenta os bohemios, como o *far niente* sustenta os *lazzaronis:* é uma febre, uma sobre-excitação, uma loucura sem precedentes que só termina no momento fatal em que os magyares saem da taberna com a cabeça em fogo e a algibeira vasia.

A existencia do poeta, cuja original physionomia tenho tentado esboçar, offerece grandes pontos de contacto com essa crise allucinadora: impetos apaixonados, tristezas nostalgicas e hypocondriacas, sonhos tormentosos, realidades pungitivas, exaltação, desespero amargo, despenhando-se de chofre no vortice sombrio da loucura...

O *eterno feminino,* que desde os lendarios amores mythologicos de Orpheu e Eurydice até aos prosaicos amores naturalistas das *Nanas,* ha de sempre exercer no mundo o seu despotico e suavisador predominio, se-

gredou um dia ao ouvido de Nicolau Lenau a linguagem melodiosa, palpitante de estranhas fascinações e de attracções perigosas, que a bôca vermelha e fresca de Eva murmurou ao ouvido curioso de Adão.

Nicolau Lenau tinha de pagar o feudo imposto pela natureza á fragil argila humana e pagou-o a preço do seu eterno repouso.

O poeta, subtraindo-se, apparentemente, ao destino que o arrastara para a vida errante e nomada, demorou-se em Suabia cerca de um anno.

O quadro risonho d'essas florentes paisagens, a doce intimidade da familia Kerner, a suave confiança da amisade, aqueceram-lhe o enregelado coração.

O seu olhar entristecido illuminou-se, os seus labios contraídos sorriram, as suas mãos estreitaram pela vez primeira a mão alva e delicada da juvenil artista que os seus amigos lhe pediam que desposasse.

O jubilo de Kerner não conhecia limites.

A familia d'esse bom e dedicado amigo reputava o casamento um facto consummado.

Lenau parecia tambem reconciliado com a felicidade e deixava que os seus amigos construissem os dourados castellos phantasticos, que o seu mau anjo desmoronaria em breve.

«Amo verdadeiramente essa menina, escrevia Nicolau a um amigo, no principio do anno de 1832, todavia o que predomina no recondito de meu ser é a tristeza; o amor punge-me como um cilicio!»

Uma viagem, rapidamente delineada e logo em seguida emprehendida, desatou de subito o laço que parecia dever ser indissoluvel!

Emma Niendorf veiu substituir essa fugitiva imagem, vaporosa e fugaz como as visões dos sonhos!

Mas a affeição tranquilla e platonica, como os castos amores de S. Francisco de Salles e Maria de Chanttal, rhetorica e abstracta, como a paixão ideal de Vitoria Colonna e Miguel Angelo, não podia prender nos seus frageis laços a selvatica e ambiciosa alma do poeta.

Ella necessitava de um amor immenso, sobrehumano, que a arrebatasse nas suas azas de fogo para os inaccessiveis céus, embora a precipitasse depois em insondaveis abysmos.

Um amor similhante ao de Byron e Shelley, devorador como a lava dos vulcões, terrivel como a maldição dos reprobos!

Esse tragico amor, que orphanou duas innocentes creanças e maculou um lar até então honrado e feliz, foi talvez o primeiro e o unico da sua tempestuosa vida.

No livro a que já me referi, *Lenau in Schwaben,* Emma occulta delicadamente o nome da infeliz mulher que o inspirou, e só a medo, e como que forçada pela logica dos acontecimentos, levanta uma ponta do véu que esconde esse pungitivo drama.

Anastacio Grün, menos discreto, escreve o nome da amante de Lenau, Sophia de..., e revela-a sob o aspecto de uma fina e excepcional organisação, superiormente dotada.

Nicolau Lenau conheceu Sophia por intermedio do marido, intimo amigo do poeta, e, endoidado pelos filtros venenosos da paixão contrariada, cego, arrastado pela fatalidade da sua estrella, arrancou-lh'a dos braços e do berço dos filhos.

Esses amores, que tão largo ascendente exerceram sobre a existencia do poeta, são o ponto de partida de

um cyclo de poemas admiraveis, conhecidos sob o titulo de *Liebesklänge (No Rheno)*.

Intraduziveis, como os *lieder* de Heine, apparentemente tão singelos, mas de uma tão resistente difficuldade para quantos intentam arrancar-lhe o segredo da fórma, os versos de Nicolau Lenau são as maravilhosas esphinges da poesia hungara, que permanecem inaccessiveis e incomprehendidas, guardando fielmente, atravez dos annos e das evoluções litterarias, a chave diamantina do seu mysterioso thesouro.

O Rheno, o severo rio de margens alcandoradas, sobre as quaes pousam, como enormes passaros de plumagem cinzenta, os velhos palacios acastellados, foi o berço onde embalaram a sua doida paixão romanesca os dois amantes.

No poema *Desejo,* Nicolau e Sophia navegam em pleno rio. As ondas, coroadas de argentea espuma, fustigam o barco, o vento muge, o horisonte tolda-se de nuvens; porém, acima dos elementos que se revoltam contemplam elles o paraiso que se entreabre.

N'esses pequenos versos que se esquivam ao imperio da rima, rythmicos e melodiosos, como a ondulação das vagas, contando cinco ou seis syllabas, interrompidos de subito por um verso de quatro syllabas, ternamente sentido como um beijo, cada palavra é uma imagem e uma caricia. É simultaneamente grande e simples como as sonoras symphonias de Beethoven.

Trasladamos para aqui a traducção franceza do poema *Kommen und Scheiden,* embora não seja ella senão uma pallida cópia das bellezas do original.

«Sitôt qu'elle arrivait, je sentais une joie
Comme au retour de mai, quand la forêt verdoie.

Elle parlait, mou cœur s'enivrait de sa voix,
Comme du premier chant du printemps dans les bois.

Et quand elle partait, c'était une tristesse,
Comme si j'avais vu s'envoler ma jeunesse.»

## V

Os jubilos violentos d'esse amor culpado apagaram-se de subito, como o meteoro que accende o seu rastro de luz e immerge rapidamente na curva do horisonte, obumbrada de nuvens.

A sociedade, com as suas indeclinaveis exigencias, e a opinião publica, com as suas implacaveis intolerancias, arrebataram um dia o poeta ao enlevo fallaz que tomára posse de todas as suas faculdades e chamaram-n'o á compenetração dos graves deveres que ultrajara.

A nostalgia da familia, da casta esposa legitima, da honesta e pura atmosphera que respirara no lar materno, das santas alegrias que proveem da consciencia que nos applaude e da estima alheia que nos recompensa, a saudade d'esse paraizo perdido que elle avistara um dia, mas de que fôra irremediavelmente banido, pungia-o com os agudos cravos do remorso.

A melancolia de Lenau revestiu-se de uma intensidade doentia; o seu caracter, cambiante e desigual, entrou no periodo agudo da misanthropia. Evitava os amigos, viajava indeterminadamente, inconscientemente, fugindo de si proprio, como o Ashaverus da lenda, e caindo sempre na triste e desesperante realidade da sua situação.

A philosophia subjectiva tomou então posse do seu agitado cerebro, desfolhando-lhe a flor azul do ideal e enchendo-o de syllogismos, de vagas abstracções, de nebulosas theorias, de sombras densas que o entenebreciam e desvairavam...

Sophia era sempre a musa dos seus ardentes devaneios, mas começara tambem a ser a imagem visivel do seu implacavel remorso.

A morte do conde Alexandre de Wurtemberg, que Lenau amava ternamente, causou-lhe uma dôr profunda.

A saude do poeta alterou-se, o seu temperamento, accessivel a crises nervosas, vibrou como um fragil instrumento ferido pelos dedos gigantescos de um titan.

Percorrendo, ao acaso, as ruas de Stuttgart, cravou os olhos automaticamente em uma palavra gravada no portal de uma velha casa abandonada: — *Linquenda.*

Desde então repetia com a pungitiva inflexão do desalento: *Linquenda! linquenda!*

Os seus pensamentos immergiam lentamente no cahos sombrio da desesperação, os seus versos tinham, como os de Byron, gritos de revolta, gemidos convulsivos, exprobrações violentas.

## VI

No mez de julho de 1844 Lenau partiu para Bade, acompanhando uma familia de Stuttgart.

Testemunhara elle o desejo de consagrar aos amigos enfermos a sua lethargica ociosidade; porém, as fluctuações indecisas da vontade periclitante e o desequilibrio que reinava nas funcções organicas do seu cerebro, atraiçoaram-lhe mais uma vez os bons desejos.

Apenas chegou a Bade esqueceu a promessa que fizera.

A mulher do doente escrevia pouco tempo depois á senhora Niendorf: «Estamos sós e abandonados; o amigo Niembsch fugiu-nos; Bade absorve em tanta maneira a sua attenção, que mesmo quando apparece em nossa casa, o que raras vezes succede, mostra-se

distrahido e tem tanta pressa em ausentar-se que a sua visita entristece-nos ainda mais do que nos alegra.»

Não eram, entretanto, os passatempos da *villegiatura* nem as attracções absorventes da roleta que captivavam o poeta.

A sua apparente ingratidão explicava-se pelo motivo mais estranho e menos verosimil,— Lenau ía casar-se.

Foi o romancista Berthold Auerbach que communicou um dia a inesperada noticia aos amigos do poeta.

«Niembsch, disse-lhes elle, está apaixonado. Se não se realisar o casamento, não sei o que succederá. Confiou-me tudo...

«O que me pareceu verdadeiramente singular, é que aquelle homem, tão prodigiosamente dotado, que dispõe opulentamente de todos os thesouros da eloquencia, não tivesse para pintar o seu amor senão estas simples palavras: *Bruder, das is a Madel!* (Que mulher, meu amigo!)

O coração affluia-lhe em doidas expansões irreprimiveis, mas as palavras eram invariavelmente as mesmas: *Aber, das is a Madel!*

«É bem certo que as paixões são sempre profundamente singelas, como a natureza de que se aproximam; um aldeão do Bosque Negro teria dito o mesmo: «*Das is a Madel.*» (1)

A noiva de Lenau chamava-se Maria, como a heroina do seu poema *Fausto*. Era natural de Francfort.

«Descendia da pura raça germanica, — escreve Lenau — tinha a graça suave e a casta pureza das madonas.»

Nicolau amou-a perdidamente, com o ardor inflam-

(1) Madame Niendorf, *Lenau in Shwaben.*

mavel da sua tempestuosa alma; rejuvenesceu, vestiu-se como um *badaud* e todas as noites passeiava gloriosamente a sua felicidade no perystillo da *Conversação*, illuminado pela scintillação das luzes, embriagado de musica e do voluptuoso aroma dos laranjaes em flor.

A obscura escolhida do seu coração, cuja austera mocidade fôra inteiramente votada á missão de enfermeira do pae agonisante, caminhava deslumbrada para esse radioso futuro inesperado, para esse amor glorioso como um diadema de imperatriz.

Nicolau não comia, não dormia, fallava só e cambaleava na rua como um ebrio. Á crise febril do jubilo illimitado, succedera a do soffrimento incomportavel.

O poeta fechava-se no quarto e perdia as noites a tocar violoncello; a sua alma voava pelas cordas do violoncello, orvalhava-as de lagrimas, aquecia-as, communicava-lhes a exaltada eloquencia da paixão, a doce e ideal ternura dos beijos castos, o rumor das confidencias trocadas a meia voz, em surdina...

Quando a manhã inundava o quarto com os seus jorros de luz diamantina, a sobreexcitação do poeta attingia o periodo culminante da nevrose.

O artista inimitavel tinha o seu auditorio fiel e attento; reuniam-se todas as noites debaixo das janellas de Lenau grupos numerosos, que escutavam maravilhados essa estranha musica, desordenada e allucinadora. Depois de celebrar um contracto com o seu editor, o barão Cotta, que lhe assegurou em troca da venda de todas as suas obras uma somma de vinte mil florins, Nicolau partiu de subito para Vienna.

Impunha-se-lhe fatalmente esse amor adulterino, que lhe dera as supremas commoções do goso e os suppliciantes martyrios do remorso.

A mulher que lhe votara doze annos da sua vida, que lhe sacrificara a honra de esposa e a consciencia de mãe, abandonando descaroavelmente, para o seguir, os filhos das suas entranhas, ignorava a sua projectada união e podia de um instante para o outro frustral-a.

Lenau não admittia, nem sequer hypotheticamente, a possibilidade de ver desvanecer-se, como um sonho vão, esse futuro que lhe sorria ineffaveis promessas e a que elle devia a revoada das suas juvenis illusões, das suas luminosas esperanças esponsalicias, penetradas dos castos jubilos, legitimos e abençoados.

Resolveu, pois, procurar Sophia e confessar-lhe a verdade.

A entrevista teve os lances despedaçadores das grandes angustias tragicas.

— Um de nós ha de necessariamente enlouquecer, exclamou a infeliz abandonada, longe de prever o alcance da sua lugubre prophecia.

No dia 15 de setembro de 1844 Lenau deixou Vienna e seguiu em viagem, cortada de funestos presagios, pelo Danubio até desembarcar em Stuttgart.

A saude do poeta declinou assustadoramente ; a dilatação das pupillas e a contracção dos nervos accusavam um desequilibrio organico, latente e incuravel.

Oito dias antes do praso fixado para o casamento, Nicolau caíu prostrado por um ataque de paralysia parcial.

Tentou luctar, ergueu-se, como que galvanisado pela electrica tensão dos nervos, leu, com impetos de admiração convulsiva, o novo volume dos *Lieder* de Heine, que acabava de sair a publico, acariciou ainda, com as mãos tremulas de paralitico, os louros cabellos da sua estremecida noiva...

Porém, tres dias depois, no momento em que Emma

de Niendorf, a ideal amiga do poeta, subia a escada de Lenau, Reinbeck saíu-lhe ao encontro e disse-lhe:

—Desgraça irreparavel; Niembsch endoideceu!

A loucura explosira em um paroxismo medonho.

Quatro homens não conseguiam subjugal-o.

No dia 22 de outubro o hospital dos alienados fechava as suas lugubres portas, geladas e pavorosas como as lousas dos tumulos, sobre o grande poeta vienense.

N'essa mesma noite subia á scena no theatro de Stuttgart o conhecido drama de Scribe:— *Une chaine,* que é a historia romanesca dos amores de Lenau e Sophia.

A estrella fatal do poeta não o abandonara e infiltrava ainda os seus funestos lampejos na escura noite que o envolvia.

No limiar do quarto-sepultura onde jazia o desgraçado, o destino deveria escrever a palavra que tão vivamente o impressionara: — *Linquenda,* adeus supremo ao amor, á felicidade, á fama, á patria, *linquenda! linquenda!*

Depois de Gœthe, Heine e Lenau, a poesia allemã permaneceu silenciosa, como que pungida de nostalgicas saudades.

O Danubio enrola e desenrola as suas cristalinas ondas, azues como as petalas dos myosotis, as florestas entrelaçam os seus vigorosos troncos onde borbulha a seiva constantemente renovada; porém, os rouxinoes emmudeceram e em vez dos *Intermezzos* de Heine e dos *Liebesklange* de Lenau, enche os eccos a voz sonora e trovejante dos Krupps de Bismarck.

FIM

# INDICE

Carta prefacio ..... 5
Entre parenthesis ..... 13
A leitura de um drama ..... 15
Amor de filha ..... 21
Theatro italiano ..... 101
Causas e effeitos ..... 107
Giacinta Pezzana ..... 113
Maria Antonieta ..... 119
Joanna, Joanninha e Joannica ..... 135
Opera comica franceza ..... 139
Hernani ..... 143
Sarah Bernhardt ..... 151
O matrimonio, impressões de leitura ..... 157
Costumes madrilenos ..... 164
Nas praias ..... 171
Conflicto na côrte ..... 179
No presbiterio e no templo ..... 183
Reminiscencias do Olympo ..... 189
Guia das mães e das amas ..... 195
Margarida ..... 199
A actriz ..... 207
O filho natural ..... 221
Faltara-lhes o berço ..... 225
As minhas conversas com a leitora ..... 235
As farpas ..... 241
O dia primeiro de dezembro ..... 251
Alexandre Herculano ..... 255
O Açor ..... 263
Um poeta brazileiro ..... 273
Luiz de Camões ..... 281
A theoria do vestuario ..... 287
Calderon de la Barca ..... 295
William Shakspeare ..... 299
Nicolau Lenau ..... 307

# ERRATAS

Deixando ao criterio do leitor a correcção de muitos erros typographicos, indicamos-lhe os principaes que nos saltaram aos olhos:

| Pag. | Erros | Emendas |
|---|---|---|
| 68 | mez, e Henrique | mez; Henrique. |
| 71 | dilacera | dilacera, |
| 101 | pesados dramas de comedias dramas, diffusas e interminaveis | pesados dramas interminaveis, comedias dramas diffusas e metaphisicas |
| 110 | acrtiz | actriz |
| 110 | esguissados | esquissados |
| 113 | Luiz XIV | Luiz XIV, |
| 131 | histosica | historica |
| 131 | opulenta destinada | opulenta, destinada |
| 135 | França que | França, que |
| 135 | pastoril gorgeiado | pastoril, gorgeiado |
| 149 | Dona Sol como | Dona Sol, como |
| 163 | hieteria | heteria. |
| 200 | Cabeça ennastrados | Cabeça, ennastrados |
| 200 | quedava se | quedava-se |
| 202 | pondo se | pondo-se |
| 204 | Mephistoopheles | Mephistopheles |
| 206 | e o padre | e padre |
| 208 | recostava | recortava |
| 213 | lavandeiras | lavadeiras |
| 219 | atterrado | aterrado |
| 220 | beijou a | beijou-a |
| 264 | immensa esmaltada | immensa, esmaltada |
| 275 | tendencias e | e tendencias da |

PQ
9261
N74N6

Noronha Torrezão, Guiomar
Delphina de
No theatro e na sala

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 02 07 013 3